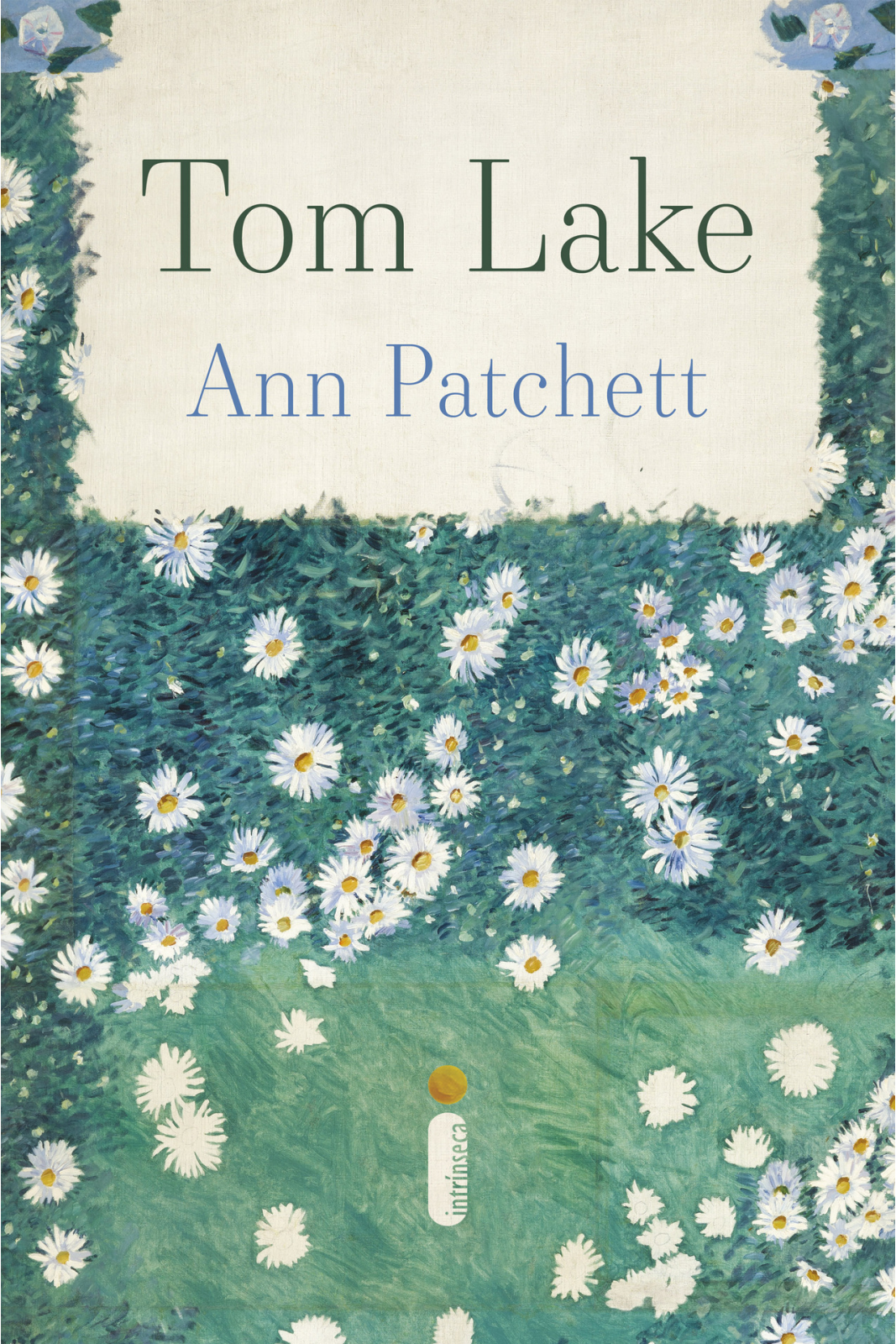


The book cover features a dense field of white daisies with yellow centers, set against a vibrant green background. The daisies are scattered throughout the lower two-thirds of the cover, with some appearing in the top corners. The overall style is painterly and textured.

Tom Lake

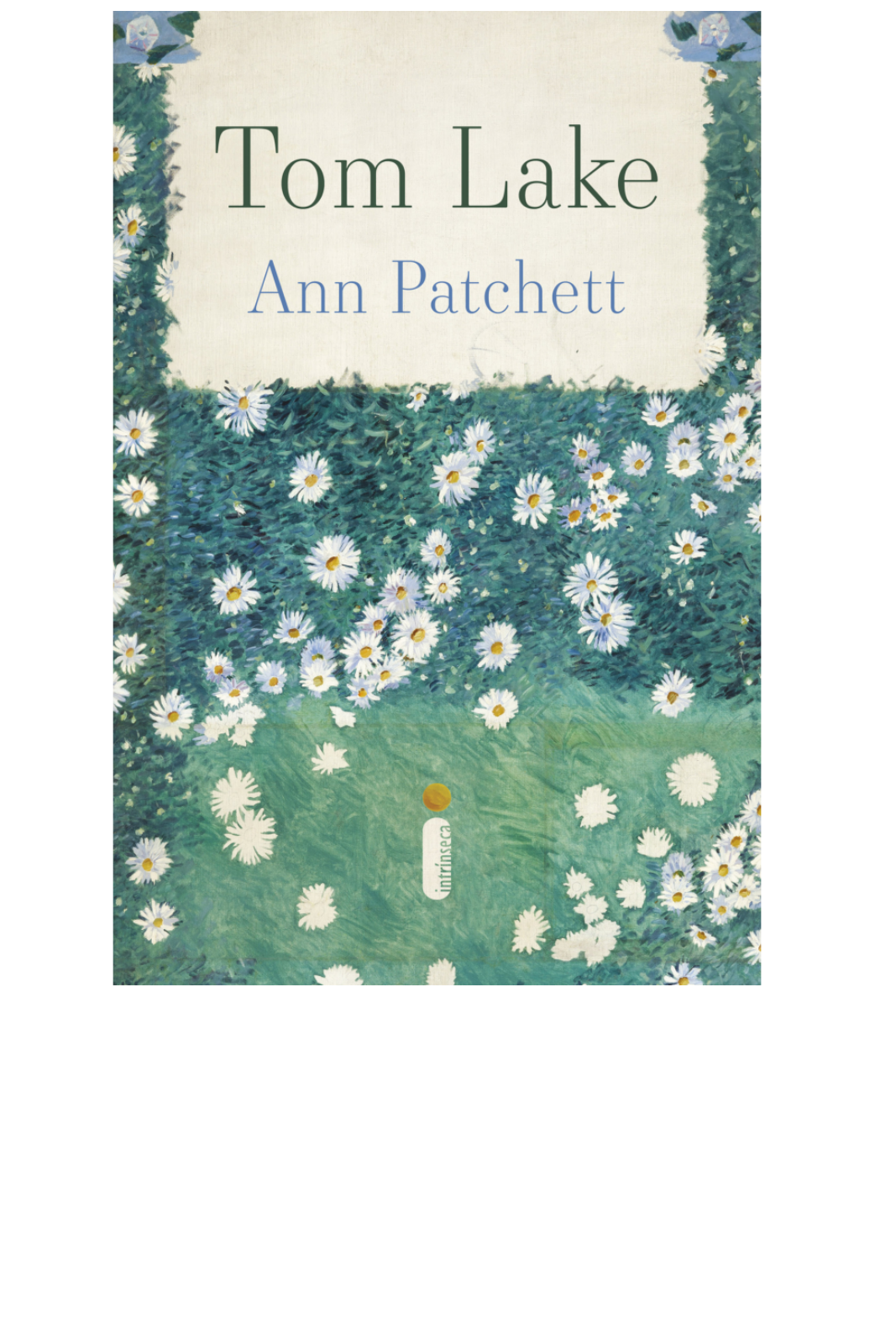
Ann Patchett



intrínseca

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

The book cover features a painting of a vast field of white daisies with yellow centers, set against a deep green background. The top portion of the cover is a light cream color, framed by a border of daisies. The title 'Tom Lake' is printed in a dark green, serif font, and the author's name 'Ann Patchett' is in a blue, serif font. A small orange circle is positioned above the publisher's logo.

Tom Lake

Ann Patchett

intrinseca

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Créditos](#)
4. [Mídias sociais](#)
5. [Sumário](#)
6. [Dedicatória](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Capítulo 11](#)
18. [Capítulo 12](#)
19. [Capítulo 13](#)
20. [Capítulo 14](#)
21. [Capítulo 15](#)
22. [Capítulo 16](#)
23. [Capítulo 17](#)
24. [Capítulo 18](#)
25. [Capítulo 19](#)
26. [Capítulo 20](#)
27. [Capítulo 21](#)
28. [Sobre a autora](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

Ann Patchett

Tom Lake

TRADUÇÃO DE CAMILA VON HOLDEFER



Copyright © 2023 by Ann Patchett
Venda proibida em Portugal.

TÍTULO ORIGINAL
Tom Lake

COPIDESQUE
Angelica Andrade

REVISÃO
Rayana Faria
Eduardo Carneiro

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
Henrique Diniz

DESIGN DE CAPA
Robin Bilardello

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Bed of Daisies, de Gustave Caillebotte, c. 1893 © Giverny, Museu do Impressionismo/ Fotografia:
François Doury

PRODUÇÃO DE E-BOOK
Victor Huguet

E-ISBN
978-85-510-1019-8

Edição digital: 2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 — Barra da Tijuca
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

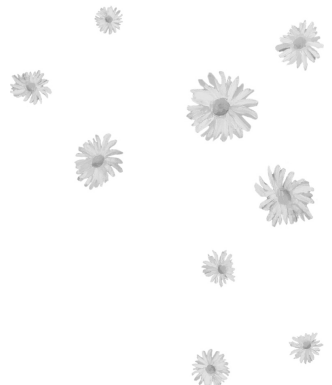
CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

Sobre a autora

Para Kate DiCamillo, que segurou a lanterna bem lá no alto



1

O fato de Veronica e eu termos recebido as chaves e sido avisadas de que deveríamos chegar cedo num sábado congelante de abril e destrancar a escola para as audições de *Nossa cidade*, de Thornton Wilder, era uma prova de quanto éramos entediantemente confiáveis. O diretor da peça, sr. Martin, era amigo da minha avó e corretor de seguros. Foi assim que fui arrastada para isso, por causa da minha avó, e Veronica foi arrastada porque fazíamos basicamente tudo juntas. Os cidadãos de New Hampshire não se cansavam de assistir a *Nossa cidade*. A peça representava para nós o que a Constituição ou o hino nacional representavam para outros norte-americanos. Ela nos comovia, nos fazia sentir especiais e notados. O sr. Martin previa um comparecimento em massa às audições, o que explicava por que precisávamos usar o ginásio da escola naquele dia. A produção do teatro comunitário não tinha nada a ver com nosso colégio, mas, como o sr. Martin era o corretor de seguros do diretor e muito provavelmente amigo dele, o pedido foi atendido. Nossa cidade era esse tipo de cidade.

Chegamos com nossos copos térmicos de café e livros enormes, *A incendiária* para Veronica e *Doutor Jivago* para mim. Eu gostava bastante da escola, mas detestava o ginásio e tudo que ele representava: esportes coletivos, apresentações de líderes de torcida, jogos perversos de *kickball*, as corridas em círculos quando estava frio demais para ficarmos do lado de fora, bailes solenes e cerimônias de formatura — mas naquela manhã de sábado o lugar estava vazio e estranhamente bonito. A luz do sol se derramava pelas janelas estreitas logo abaixo do teto. Acho que nunca havia reparado que o ginásio tinha janelas. O piso, as paredes e as arquibancadas eram todos feitos de ripas idênticas de madeira clara. O palco ficava em uma das extremidades, atrás da cesta de basquete, e as pesadas cortinas vermelhas estavam puxadas para o lado, revelando uma escuridão fosca. Seria ali que a ação aconteceria. Fomos instruídas a colocar uma mesa de almoço e cinco cadeiras dobráveis diante do

palco (“Perto, mas não perto demais”, dissera o sr. Martin), e então, a trinta metros de distância, debaixo da cesta de basquete oposta, tínhamos que colocar uma segunda mesa de almoço diante das portas que davam para o saguão. Essa segunda mesa era destinada para as inscrições, que eram tarefa nossa. Com muita dificuldade, tiramos as duas mesas de armar do almoxarifado. Levamos cadeiras dobráveis. Passaríamos a manhã toda explicando como preencher o formulário: *Nome, nome artístico (caso seja diferente), altura, cor do cabelo, idade (em categorias de 7 anos — assinale uma, por favor) e número de telefone*. Foi solicitado que os candidatos levassem uma fotografia e um currículo listando todos os papéis que já haviam representado antes. Tínhamos um copo cheio de canetas. Para pessoas que não apresentassem currículo, havia um espaço no qual poderiam escrever coisas, e Veronica levou uma Polaroid para fotografar quem não tivesse foto e em seguida prender a imagem com um clipe ao formulário. O sr. Martin tinha comentado que não deveríamos deixar ninguém constrangido por ter menos experiência, disse que “às vezes são diamantes brutos”.

Acontece que Veronica e eu não éramos garotas do teatro. Não haviam pedido que as garotas do teatro desempenhassem essa tarefa porque talvez elas quisessem tentar um papel. Éramos garotas comuns, que não tinham ideia de como fazer os adultos se sentirem julgados pela falta de experiência teatral. Assim que pegássemos a documentação das pessoas, tínhamos que entregar a elas as páginas que deveriam ler — que, o sr. Martin explicou, eram chamadas de “cenas” —, junto com um número impresso em um quadrado de papel, e então as direcionaríamos de volta ao saguão para que esperassem.

Quando as portas se abriram, às oito horas, tantas pessoas entraram que Veronica e eu tivemos que voltar correndo até a mesa para chegarmos antes da multidão. Assim que começou, já estávamos lotadas de trabalho.

— Isso — garanti a uma mulher e depois a outra. — Se você tentar o papel de sra. Gibbs, vai ser cotada também para o de sra. Webb.

O que eu não disse, embora estivesse ficando cada vez mais óbvio, é que, se a pessoa tentasse o papel de Emily, seria cotada também para o da mãe da Emily. Nas produções do ensino médio não era incomum alguém de 15 anos interpretar o pai ou a mãe de alguém de 17, mas no teatro comunitário era outra história. Naquela manhã os candidatos eram de todas as idades, não só velhotes querendo ser o Diretor de Cena, mas também gente que provavelmente estava na faculdade tentando os papéis de Emily e George. (As Emilys estavam maquiadas demais e vestidas como as garotas Amish que vendiam pãezinhos de canela na feira. Os Georges avaliavam disfarçadamente os outros Georges.) Crianças se aproximavam da mesa anunciando que iriam tentar o papel de Wally ou da Rebecca. Os pais deveriam estar em busca de uma creche, afinal que tipo de garoto de 10 anos anuncia durante o café da manhã que quer ser o Wally Webb?

— Se essa gente toda voltar e comprar um ingresso, vai ser um sucesso — comentou Veronica. — A produção inteira pode ir direto para a Broadway e a

gente ficaria rica.

— E por que *a gente* ficaria rica? — perguntei.

Veronica disse que estava sonhando alto.

O sr. Martin havia pensado em tudo, menos em pranchetas, o que acabou por se mostrar um verdadeiro erro. As pessoas estavam usando nossa mesa como apoio, o que criou um engarrafamento no fluxo. Eu tentava decidir se era mais deprimente ver as pessoas que conhecia ou as pessoas que não conhecia. Cheryl, que trabalhava no caixa do supermercado Major e devia ter a idade da minha mãe, segurava um currículo e uma fotografia nas mãos enluvadas. Se o sonho de Cheryl sempre fora se tornar atriz, eu nunca mais conseguiria ir ao mercado de novo, pensei. Também havia os bandos de esquisitões, homens e mulheres encapotados em casacos e cachecóis, olhando em torno do ginásio de um jeito que deixava evidente que nunca tinham estado ali antes. Achei igualmente triste pensar nessas pessoas dirigindo por sabe-se lá quanto tempo naquela manhã gélida, porque isso queria dizer que estavam dispostas a continuar dirigindo até aqui para os ensaios e as apresentações durante o verão.

— O mundo inteiro é um palco — disse Veronica, porque conseguia ler minha mente —, e todos os homens e mulheres só querem atuar.

Recebi um currículo e uma fotografia do pai da minha amiga Marcia, que ela pronunciava Mar-*d*-a. Tinha me sentado à mesa de jantar desse homem, andado no banco de trás da perua dele quando levava a família para tomar sorvete e dormido na caminha extra do quarto cor-de-rosa da filha dele. Fingi que não o conhecia porque achei que seria a atitude mais gentil a ser tomada.

— Laura — disse ele, sorrindo com todos os dentes. — Bom dia! Está meio lotado aqui.

Concordei, então entreguei o número dele e as cenas e disse a ele que voltasse ao saguão e esperasse ser chamado.

— Onde fica o banheiro? — perguntou ele.

Era superconstrangedor. Até mesmo os homens queriam saber onde ficava o banheiro. Queriam afogar os cabelos que tinham sido achatados pelas toucas. Queriam ler as respectivas falas em voz alta diante do espelho para ver como estavam. Falei que o banheiro que ficava perto do Centro de Comunicação e Linguagem estaria menos cheio.

— Vocês parecem ocupadas, meninas — disse minha avó.

Ela surgiu atrás de nós no momento em que o pai de Marcia se afastava.

— Quer um papel? — perguntou Veronica. — Conheço umas pessoas. Posso fazer de você uma estrela.

Veronica amava minha avó. Todo mundo amava.

— Só vim dar uma olhadinha.

Minha avó se virou e olhou na direção da mesa diante do palco para indicar que se sentaria com o sr. Martin e as pessoas do teatro. Ela era dona da Pontinhos, o ateliê de consertos de roupas da cidade, e havia se voluntariado para fazer o figurino, o que queria dizer que tinha me voluntariado para fazer o figurino também, já que eu trabalhava para ela depois da escola. Ela beijou

minha cabeça e cruzou a grande extensão da quadra de basquete vazia rumo àquela mesa distante.

As audições deveriam ter começado pontualmente às dez, mas, devido à situação das pranchetas, já passava das dez e meia. Assim que todos haviam se inscrito, Veronica disse que ia selecionar grupos pequenos de acordo com os números e os papéis a que aspiravam e então conduzi-los pelo corredor para que esperassem.

— Vou bancar o cão pastor — disse ela, levantando-se e afastando-se da mesa.

Eu ficaria à mesa e faria a inscrição dos retardatários. O sr. Martin e minha avó tomaram seus lugares junto a três outras pessoas à mesa diante do palco e no mesmo instante o ginásio, que reverberara a manhã inteira, ficou em silêncio. Veronica deveria acompanhar os aspirantes a atores e atrizes pelo corredor e escada acima, passando pelos bastidores e indo até a extremidade do palco, esperando que os respectivos nomes fossem chamados. As pessoas que iriam participar da audição não podiam assistir às outras audições, então eram instruídas a se retirar conforme terminavam, a menos que pedissem especificamente que ficassem. Todos os Diretores de Cena iriam primeiro (sendo o Diretor de Cena a maior e mais importante parte da peça), seguidos por todos os Georges e Emílys, depois os outros Webbs (o senhor e a senhora e Wally) e os outros Gibbs (o doutor e a senhora e Rebecca). Os papéis menores seriam atribuídos como prêmio de consolação. Ninguém sai de casa esperando conseguir o papel de policial Warren, mas se o papel oferecido fosse o do policial Warren o ator aceitava.

— Sr. Saxon — gritou o sr. Martin. — O senhor vai ler o início do segundo ato.

Todos os Diretores de Cena leriam esse mesmo trecho.

Fiquei surpresa de conseguir ouvir o arrastar suave dos pés do sr. Saxon cruzando o palco.

— Sou o primeiro?

O sr. Saxon não tinha se dado conta de que esse seria o resultado de se chegar em um ginásio de colégio meia hora antes de as portas se abrirem.

— O senhor é o primeiro — respondeu o sr. Martin. — Por favor, pode começar quando estiver pronto.

Então o sr. Saxon pigarreou e, depois de esperar um minuto a mais do que teria sido considerado simplesmente estranho, deu início.

— Três anos se passaram. Sim, o sol nasceu mais de mil vezes.

Continuei a encarar o saguão como havia feito a manhã toda, embora agora os dois conjuntos de portas duplas estivessem fechados. O sr. Martin, minha avó e as pessoas sentadas com eles estavam bem longe, de costas para mim, eu de costas para eles, e o coitado do sr. Saxon, que estava tendo uma morte horrível ali, sem dúvida olhava para o diretor e não para as costas de uma garota do ensino médio. Ainda assim, por educação, não me virei. Ele percorreu toda a página até o final.

— Eis! Dá para ouvir o das 5h45 para Boston — disse ele, por fim, com a voz inundada de alívio.

A leitura durou dois minutos, e me perguntei como alguém podia ter achado razoável ter escolhido uma passagem tão longa.

— Muito obrigado — disse o sr. Martin, com a voz desprovida de encorajamento.

Uma tristeza enorme brotou em mim. Se Veronica estivesse presente, teríamos jogado uma partida silenciosa de força e acrescentado um membro a cada palavra que o sr. Saxon pronunciasse de forma exageradamente lamentosa. Teríamos nos recusado a olhar uma para a outra com medo de cair na risada. Mas Veronica estava no corredor, e ninguém havia chegado atrasado, como tínhamos tanta certeza de que aconteceria. No fim das contas, todos os candidatos tiveram a mesma ideia: chegar pontualmente, fazer a inscrição e parar na fila como indicado — provando, assim, que eram bons em seguir instruções. O sr. Martin chamou o segundo homem para a audição, o sr. Parks.

— Devo começar pelo início da página, no lugar assinalado? — perguntou o sr. Parks.

— Seria ótimo — respondeu o sr. Martin.

— Três anos se passaram — começou o sr. Parks, e então esperou três anos para enfatizar esse ponto. — Sim. — Outra pausa. — O sol nasceu mais de mil vezes.

O sr. Parks estava interpretando para o Maine, não para New Hampshire. Se me virasse, sem dúvida teria visto um homem com um impermeável amarelo e uma lagosta debaixo do braço. Em silêncio, estendi a mão para a mochila pendurada na cadeira e tateei em busca do meu exemplar de *Doutor Jivago*. Esse sempre tinha sido o plano: eu iria ler enquanto eles faziam as audições, e, quando ficássemos entediadas, Veronica e eu iríamos trocar de lugar para ela conseguir ler também. O sr. Parks não estava nem perto do fim da página. O bom de *Doutor Jivago* era que a trama mostrava-se suficientemente complexa para exigir toda a atenção do meu cérebro. Não gostava muito do romance, mas queria saber o que ia acontecer com Lara. Ainda assim, lá pela sexta vez que um aspirante a Diretor de Cena anunciou que o sol havia nascido, me dei conta de que Pasternak não era páreo para a situação e virei a cadeira.

Um após outro, os Diretores de Cena saíam para o proscênio e começavam. A postura esquisita daqueles homens e a forma como o papel tremia nas mãos deles eram coisas que nenhuma garota de ensino médio deveria ver. Alguns tinham uma voz decente, mas se fossem derrubados da lateral de um barco cairiam feito âncoras. Zero fluutuabilidade. Outros tinham uma boa postura corporal, andando com uma das mãos enfiada no bolso, mas pronunciavam cada palavra foneticamente. A dicotomia era como o dia e a noite: uns tinham uma coisa e uns tinham outra, mas ninguém dominava as duas e vários não dominavam nenhuma. Juntos, os Diretores de Cena eram como um acidente automobilístico, um engavetamento de vários carros, e eu não conseguia desviar os olhos.

Apesar de não parecer, a primavera estava quase chegando a New Hampshire. Faltavam sete semanas para concluir meu primeiro ano, mas fiquei pensando que aquele era o primeiro dia da minha educação de verdade. Nenhum dos livros que eu tinha lido era tão importante quanto aquilo, nenhuma das provas de matemática ou dos trabalhos de história havia me ensinado a atuar, e por “atuar” não quero dizer no palco, quero dizer na vida. O que estava vendo era nada mais nada menos do que o modo de me apresentar ao mundo. Ver atores que haviam memorizado as respectivas falas e sido dirigidos durante meses era uma coisa, mas ver adultos pisando em falso e fracassando era totalmente diferente. A magia estava em identificar onde cada um havia errado. O sr. Anderson, um agente de crédito do Banco Liberty, levou um cachimbo, um adereço que poderia ter sido legal de segurar, mas que manteve cerrado entre os dentes. Uma pessoa não precisava atuar para saber que a habilidade de separar os maxilares é útil na fala, mas eu sabia disso e ele não. E então, no meio do discurso de dois minutos, ele dobrou o pedaço de papel que estava lendo, o deslizou para o bolso interno do paletó, sacou uma caixa de fósforos de madeira de outro bolso e acendeu o cachimbo. A bafurada necessária para fazer o fogo pegar no tabaco, a chamazinha cintilando no forninho, tudo fazia parte da audição. Depois ele pôs a caixa de fósforos e o fósforo usado de volta no bolso, retirou a página com o texto, desdobrou-a e retomou a atuação enquanto a fumaça adocicada do cachimbo espiralava em direção às vigas do teto e flutuava na minha direção.

O fato de o sr. Martin não ter simplesmente se levantado e dito deixem para lá, não tenho interesse em dirigir *Nossa cidade*, era uma prova de firmeza. Em vez disso, ele tossiu e agradeceu ao sr. Anderson pelo tempo dele. O sr. Anderson, assentindo gravemente, saiu.

Todo Diretor de Cena chegava com uma lição involuntária: clareza, intenção, simplicidade. Eles estavam me ensinando. Como todos os meus amigos, eu me perguntava o que iria fazer da vida. Na maior parte do tempo achava que seria professora de inglês, porque inglês era a melhor disciplina e a ideia de passar a vida lendo e fazendo outras pessoas lerem me atraía. Vivia anotando ideias para minha ementa na parte de trás do caderno espiralado, pensando em como iríamos começar a abordar *David Copperfield*, mas, mal me comprometi com a docência, desisti da ideia e resolvi solicitar uma inscrição junto ao Corpo da Paz. Amava livros, isso era óbvio, mas como poderia passar a vida em uma sala de aula sabendo que poços precisavam ser cavados e mosquiteiros precisavam ser distribuídos? O Corpo da Paz seria o caminho mais fácil para eu fazer algo verdadeiramente decente da vida. Decência, palavra usada para englobar cada aspecto de ser uma boa pessoa, influenciava um bocado minhas reflexões sobre o futuro. Ser veterinária era decente — todo mundo já quis ser veterinário em algum momento —, mas isso significava estudar química, e química me deixava nervosa.

Mas por que eu estava sempre em busca de romances ingleses de seiscentas páginas, ciências exatas e empregos que exigiriam vacinas contra a malária? Por

que não fazer algo em que já era boa? Todos os meus amigos achavam que eu devia assumir o ateliê de consertos de roupas da minha avó, porque, ao contrário deles, eu sabia costurar. As mães deles não sabiam. Quando fazia uma bainha ou apertava um cós, olhavam para mim como se eu fosse Prometeu descendo do Olimpo com o fogo roubado.

Caso haja dúvidas quanto à decência que existe no conserto de roupas, eu respondo: minha avó. Ela era tanto uma costureira quanto um poço de decência humana. Quando Veronica falou da calça jeans que evitei fosse parar no brechó ao afunilar o corte das pernas, ela disse: “Você salvou minha vida!” As pessoas gostavam que as roupas servissem, por isso fazer com que servissem era útil, decente. Minha avó — que sempre tinha uma fita métrica amarela pendurada no pescoço e uma almofada com alfinetes atada ao pulso com uma faixa elástica (eu chamava de pulseira de alfinetes) — me ensinou isso.

Ver aqueles homens recitando tão mal as mesmas frases enquanto poliam a lente dos óculos com lenços enormes me fez pensar muito na minha vida.

★ ★ ★

— Espera, espera, espera, você já quis ser veterinária? — Maisie balança a cabeça. — Você nunca quis ser veterinária. Nunca falou isso antes.

Maisie vai iniciar o terceiro ano na faculdade de veterinária no outono, se é que vai haver aulas no outono.

— Quis por um tempo. Você sabe como é quando estamos no ensino médio.

— Você queria ser pediatra no ensino médio — diz Nell à irmã, em minha defesa.

— Alguém pode me explicar o que tudo isso tem a ver com o Peter Duke? — pergunta Emily. — O que a costura tem a ver com o Duke?

Minhas meninas me pediram que começasse a história do início, mas não têm o menor interesse no início. Querem ouvir só o que importa para elas, com o resto suprimido para poupar tempo.

— Se acha que pode se sair melhor, conta a história você mesma — digo, me levantando, embora não em represália. Estico as mãos por cima da cabeça. — Vocês três podem contar a história uma para a outra.

Deus sabe que tenho muito trabalho para fazer por aqui.

— *Shhh* — faz Nell para as irmãs, dando palmadinhas no sofá. — Vem aqui — diz para mim. — Volta. Estamos ouvindo.

Nell sabe lidar com pessoas.

Emily, a mais velha, joga todo o volumoso cabelo escuro e sedoso sobre um ombro.

— Só achei que a história seria sobre o Duke. Foi só isso.

— Para de jogar o cabelo — reclama Maisie, irritada.

Maisie convenceu o pai a cortar o cabelo dela curtinho na primavera, mas sente falta das madeixas. A cachorrinha dela, Hazel, se põe de pé e gira três

vezes no sofá antes de se deixar cair numa bola confortável. Elas dizem que estão prontas.

As três têm 20 e poucos anos agora e, como são muito evoluídas e aparentemente liberais, não têm interesse algum numa história que não seja sobre um homem lindo e famoso. Mas ainda sou a mãe delas, e elas sabem que vão ter que me aturar para chegar até ele. Volto ao meu lugar no sofá e começo de novo, sabendo muito bem que as partes que esperam ouvir são aquelas que nunca vou contar.

— Duke — diz Emily. — Estamos prontas.

— Vou logo avisando, ele não aparece tão cedo.

★ ★ ★

— Acabaram os Diretores de Cena? — perguntou o sr. Martin, por fim, com a voz cansada.

A cabecinha linda de Veronica surgiu na borda da cortina.

— Acabaram — gritou, e os olhos dela encontraram os meus.

Ela escondeu a cabeça uma fração de segundo antes de começar a rir.

O sr. Martin pegou a garrafa térmica do chão e girou a tampa para abri-la enquanto os companheiros sussurravam entre si.

— Vamos continuar — disse ele.

Enquanto o Diretor de Cena é um personagem solitário, o George e a Emily são intrinsecamente ligados um ao outro e às respectivas famílias, então os Georges e as Emilys fariam as audições em pares. De novo, o sr. Martin havia escolhido falas do segundo ato, o que, na minha opinião (a garota de ensino médio nos fundos do ginásio estava cheia de opiniões), era a escolha óbvia. O primeiro diálogo breve revelava mais da Emily e o segundo revelava mais do George, a menos que se levasse em conta a capacidade da pessoa de ouvir, caso em que a primazia seria invertida.

Eu me perguntei se os pares tinham sido formados a cada duas pessoas paradas uma ao lado da outra na fila ou se Veronica estava fazendo alguma gracinha lá atrás, porque o primeiro George parecia ter uns 16 anos, enquanto a primeira Emily, não que eu soubesse, parecia vergada pelo peso dos 35. Havia rumores de que certas mulheres queriam interpretar a Emily para sempre. Percorriam New Hampshire de cidade em cidade, ano após ano, tentando conseguir o papel. Aquela Emily usava maria-chiquinha.

O sr. Martin perguntou se eles estavam prontos, e o George começou de imediato.

— Emily, por que está zangada comigo? — indagou ele.

Uma cópia do roteiro estava no meu colo.

Emily o encarou. Estava claramente zangada com o George, mas lutava para decidir se falava ou não. Então se virou e olhou para o sr. Martin. Protegeu os olhos com a mão do jeito que as pessoas fazem nos filmes quando conversam com os diretores na plateia, mas, como não havia luzes de palco a evitar, o

gesto não foi bem-sucedido.

— Eu não estava pronta — argumentou ela.

— Não se preocupe — disse o sr. Martin. — É só começar de novo.

Imaginei-o falando com as pessoas a respeito de seguros de carro, de seguros de vida, de como a seguradora estaria presente se a casa delas pegasse fogo. Aposto que ele tornava as coisas mais fáceis para elas.

— Emily, por que está zangada comigo? — perguntou George de novo.

Ela olhou para o George como se quisesse matá-lo, e então se voltou novamente para o sr. Martin.

— Ele não pode simplesmente *começar* assim. Tenho que estar pronta.

Eu não entendia o que estava acontecendo, mas então entendi: ela havia se perdido. Feito um cavalo que tropeça ao passar pela porteira. Não tinha nem começado e já estava tudo acabado.

— Podemos repetir — disse o sr. Martin. — Não tem problema.

— Tem, *sim*.

Ela iria chorar? Era o que estávamos esperando para ver.

O garoto era alto, com o cabelo castanho-claro tão bagunçado que, juro, parecia que ele próprio tinha cortado no escuro. A expressão no rosto dele me fez imaginar que estava refletindo sobre algum aspecto do beisebol e só naquele momento se deu conta da encrenca em que havia se metido.

— Sinto muitíssimo — disse George, exatamente como o George diria: arrependido, preocupado e um tantinho intimidado com a coisa toda.

Em resumo, esse cara estava seguindo com a audição, e a Emily também sabia disso.

— Quero voltar para a fila — pediu ela, hesitante. — Quero fazer a cena com outra pessoa.

— Tudo bem — disse o sr. Martin e, antes que ela tivesse se virado, gritou: — Precisamos de outra Emily.

Tínhamos milhares de Emilys. Bem mais Emilys do que Georges. Eu sabia disso por causa das inscrições. A Emily que saía cruzou com a Emily que entrava, uma garota uns quinze anos mais nova com cabelo loiro esvoaçante e brilhante. Ela deu uma reboladinha para balançar a bela saia. Foi assustador perceber como o tempo passa rápido. Eu sabia que a primeira não voltaria para a fila.

Mas daquele George eu gostei. Os Diretores de Cena tinham estabelecido um padrão muito baixo. Aquele George ficou por mais três rodadas, e toda vez fazia algo diferente, algo singular que era uma reação à Emily com a qual estava contracenando. Quando a Emily era esganiçada, ele era simples e direto. Quando a Emily era tímida, ele era discretamente protetor. A terceira começou a chorar — sabe-se lá como conseguiu isso tão rápido. De início eram só umas poucas lágrimas, realmente impressionante, mas então perdeu o controle e passou a berrar.

— George, *por favor*, não pense nisso. Não sei por que eu disse isso...

George sacou o lenço. Todos eles tinham um? Secou as lágrimas do rosto

dela, fazendo um único som tranquilizador que de alguma forma, como se por milagre, a tranquilizou. No fundo do ginásio, estremei.

Vários dos Georges que se seguiram leram as respectivas falas como se estivessem tentando obter o papel de Peter Pan. Quanto mais velhos, mais davam pulinhos em uma cena que não pedia pulinhos. As Emilys eram trêmulas, emotivas e parecia que queriam enfiar a vastidão da experiência humana em cada frase. Estavam *Iradas* e *Arrependidas* e *Muito comovidas*. Comecei a me perguntar se o trecho era mais difícil do que eu tinha imaginado.

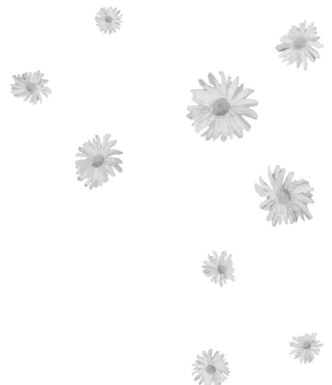
Lá do fundo do ginásio, eu queria gritar “Escuta o que você está dizendo. Escuta direitinho o que você está dizendo!”.

Um George medíocre podia ficar por três ou quatro Emilys porque era necessário, mas se fosse péssimo ficava apenas por uma. Os Diretores de Cena tinham me envergonhado, e os Georges, pelo menos depois do primeiro, me entediaram, mas as Emilys me irritaram profundamente. Elas estavam interpretando a aluna mais inteligente da turma do ensino médio como se fosse meio burra. Emily Webb fazia perguntas, falava a verdade e sabia o que queria, ao passo que aquelas Emilys ficavam segurando as saias de camponesa e miando feito gatinhos. Nenhuma delas se lembrava de como era ser a garota mais inteligente? Nenhuma garota de ensino médio viera tentar o papel, pelo menos nenhuma do meu colégio, provavelmente porque haveria muitos ensaios em noites que seriam mais bem aproveitadas fazendo o dever de casa, servindo mesas em troca de gorjetas ou saindo com os amigos. Nenhuma havia comparecido para defender nossa linhagem.

E então, quando a Emily e o George deixaram o palco, um pouco antes de a próxima Emily e o próximo George chegarem, virei a cadeira. Por um momento, disse a mim mesma que iria voltar para *Doutor Jivago*, mas em vez disso peguei um formulário de inscrição. Não era que eu quisesse ser atriz, era que sabia que podia fazer melhor do que aquilo. *Nome*, dizia o formulário. *Nome artístico (caso seja diferente)*. Escrevi meu nome: *Laura Kenison*. Além do endereço, do número de telefone e da data de nascimento, não tinha nada a oferecer, nenhum jeito de transformar meu emprego vespertino na Pontinhos em uma experiência no teatro. Ouvi a audição atrás de mim.

— Bom, até UM ano atrás eu GOSTAVA muitÍSSIMO de VOCÊ — cantava Emily.

Dobrei o formulário de inscrição e o pus no exemplar de Pasternak, então peguei uma folha nova e comecei do zero. Dessa vez grafei meu nome como L-A-R-A, excluindo o “u” que meus pais me deram ao nascer porque eu acreditava que a nova grafia fosse russa e mundana. Pensei que o sr. Martin estava certo. Pensei que eu poderia ser o diamante bruto.



2

—Você tinha um “u” no nome? — pergunta Emily, me olhando com ceticismo.

— Por dezesseis anos.

— Vocês sabiam que o nome dela tinha um “u”? — pergunta ela às irmãs, que balançam a cabeça, confusas com o que escondei.

Hazel, a cachorra, olha para mim.

— Não sabia que isso ia ser engraçado — comenta Maisie.

— Não fazia ideia — emenda Nell.

— Não é engraçado — rebato. — Vocês sabem disso. Não é uma história engraçada, tirando as partes que são.

— A vida — diz Nell, deixando a cabeça cair no meu ombro de um jeito que me comove. — Continua. Acho que o George gato vai voltar a aparecer.

★ ★ ★

Esprei o George e a Emily no palco terminarem a audição deles antes de eu ir até o saguão, com a inscrição na mão e a câmera Polaroid em volta do pescoço. De algum jeito tinha esquecido que ainda haveria muita gente esperando para tentar outros papéis: os Gibbs e Webbs. Homens, mulheres e crianças andavam para lá e para cá, murmurando em silêncio as palavras das páginas que seguravam. Eu tinha me tornado parte daquele grupo. Estava prestes a dizer ao George que ele havia me decepcionado porque só pensava em beisebol e não era mais o garoto que eu considerava meu amigo.

Um punhado de Georges e Emilys estava sentado no corredor que conduzia ao palco. Todos tinham uma cadeira, exceto Veronica e o primeiro George, o bom. Os dois estavam sentados juntos nos degraus, e ele a fazia rir — o que, posso garantir, não era a coisa mais difícil do mundo. O cabelo preto dela pendia sobre a bochecha corada, e me dei conta de que devíamos ter trocado de lugar fazia duas horas. Eu havia esquecido porque estivera estudando na

escola das audições de teatro, e ela havia esquecido porque estivera conversando com o George. Realmente não dava para ouvir o palco do corredor, motivo pelo qual ela ficou perto da porta, usando o romance grosso de Stephen King para mantê-la entreaberta. Fosse lá o que estivesse acontecendo, Veronica não deixou de prestar atenção no palco.

Quando olhou para cima e me viu ali com a câmera, ergueu uma belíssima sobrancelha. As sobrancelhas de Veronica eram grossas e pretas, e ela as modelava com pinça, moldando-as com delicadeza. Conseguiu transmitir mais informações com uma sobrancelha do que algumas pessoas com um microfone. Ela soube que eu faria a audição para Emily, e também que conseguiria o papel. Eu costumava dizer que Veronica nunca poderia jogar pôquer, porque os pensamentos cruzavam a testa dela feito fita de telégrafo. Ela se deu conta de que poderia ter feito a audição para Emily e ir para os ensaios com aquele cara. Poderiam ter praticado as falas no carro dele e mantido as mãos no alto ao final de cada apresentação, se curvando uma vez mais antes de a cortina se fechar. Veronica, porém, quase nunca saía à noite porque a mãe era enfermeira e trabalhava no horário noturno e o padrasto dera no pé havia muito tempo, então ela precisava cuidar dos irmãos. Nós duas tínhamos dois irmãos, mais uma coisa que tínhamos em comum, embora os meus fossem bem mais velhos e os dela — tecnicamente meios-irmãos —, pequenininhos. Se não fosse por esses irmãos, Veronica teria mesmo dado uma excelente Emily.

— Sério? — perguntou ela.

Assenti, estendendo a câmera. Ela ficou de pé e tirou a presilha do meu cabelo.

— Você vai ter que ficar por último — explicou ela. — Sem furar a fila. Se o Jimmy ainda estiver por aí, pode contracenar com você.

Jimmy me olhou bem nos olhos e esticou a mão. Nós apertamos a mão um do outro.

— Não tem outro lugar onde eu preferiria estar — disse ele.

Voltei pelo corredor e me sentei. Não queria que pensassem que eu estava recebendo tratamento preferencial, o que, é claro, era o caso. Não precisei sair correndo para o banheiro com Veronica para saber o que ela estava fazendo. O sr. Martin precisava encontrar uma Emily quando se visse sem opções. Todas as esperanças dele seriam postas em qualquer garota que viesse por último. Eu tinha assistido a mais de quatro horas de aulas de atuação avançada, o que não significava que soubesse atuar, mas com certeza sabia como não atuar. Tudo que tinha que fazer era dizer as falas e não me atrapalhar.

Quando o último par saiu e ficamos só eu, Veronica e Jimmy-George no corredor, pedi que ela trançasse meu cabelo.

Jimmy-George balançou a cabeça desaprovando, e Veronica concordou.

— Está mais bonito solto — disse ela.

Eu estava usando jeans e botas com cadarço e o velho moletom da universidade em que meu irmão Hardy estudava. Universidade de New Hampshire. Time de futebol americano. Vai, Wildcats.

— Você teria me falado, né? — disse Veronica. — Se tivesse planejado isso desde o início?

— Você sabe que não planejei nada.

Por que eu tinha a sensação de que estava abandonando Veronica?

Ela inclinou a cabeça do jeito que inclinamos ao escutar o barulho de uma porta se abrindo em algum lugar da casa, então me abraçou apertado.

— Arrebenta — sussurrou ela.

O ginásio voltou a ser o ginásio, o lugar de todas as humilhações: a corrida, o *kickball*, o baile, a peça. Queria dar aulas de inglês, entrar para o Corpo da Paz, salvar a vida de um cachorro, costurar um vestido. Atuar não estava na lista. Quando entreguei meu formulário para um dos homens que se levantou para pegá-lo, quase gritei de medo. Foi assim que os Diretores de Cena se sentiram? Foi por esse motivo que acenderam cachimbos e ficaram mexendo nos chapéus? Os Georges davam pulinhos, as Emilys torciam os dedos nos cabelos como se estivessem praticando com o bastão, tudo porque sabiam que iriam morrer ali. Minha avó estava assistindo, e eu sabia que ela devia estar com muito medo por mim. Fechei os olhos por um segundo, dizendo a mim mesma que tudo ia acabar bem depressa. Jimmy era o George e eu era a Emily, e sabíamos nossas falas de cor.

— Emily, por que está zangada comigo? — perguntou George.

— Não estou zangada com você — respondi.

Era uma simples conversa entre dois amigos de infância que estavam prestes a se apaixonar. Pronunciei as frases do modo como as ouvira na minha cabeça a manhã inteira, e, quando terminamos, o sr. Martin, minha avó e os três homens que estavam com eles se levantaram e aplaudiram.

★ ★ ★

Olho para o relógio. É fácil esquecer quanto está tarde, porque no verão o sol demora uma eternidade para se pôr.

— Vamos passar para um resumo agora — digo às garotas. — Chega de falar do ensino médio.

— E a peça? — pergunta Emily, com as lindas pernas em cima do encosto do sofá.

Ela nunca conseguiu se sentar como uma pessoa normal. Perdi essa batalha quando ela ainda era criança. Seja lá quem tenha instalado a bússola interior da garota pôs o ímã de cabeça para baixo.

— Vocês sabem tudo sobre a peça e, de qualquer forma, ela reaparece o tempo todo. Temos que resumir.

— O que aconteceu com a Veronica e o Jimmy-George? — pergunta Maisie. — Nunca ouvi nada sobre nenhum dos dois.

— Perdemos contato.

Maisie bufa.

— Não existe isso de perder contato. — Ela saca o celular do bolso do short

e o agita diante de mim como se fosse uma nova invenção. — Quais os sobrenomes deles?

Olho para ela e sorrio.

— Você pode pelo menos nos contar qual de vocês duas ficou com ele — pede Nell.

— Todo mundo ficou sozinho.

As garotas grunhem em uníssono. É o melhor truque delas.

Emily se estica e dá um puxão na minha camiseta.

— Conta alguma coisa.

Vamos estar de volta ao pomar daqui a algumas horas. Se elas não forem logo para a cama, vão estar imprestáveis amanhã, mas não digo nada. Tento falar o mínimo possível.

— A peça foi um grande sucesso. Programaram seis apresentações e estenderam para dez. Uma repórter veio de Concord e escreveu sobre a gente no *Monitor*.

Minha foto saiu na primeira página da seção de entretenimento. Minha avó comprou cinco exemplares. Depois que ela morreu, encontrei todos empilhados no fundo do baú de cobertores dela.

Nell pergunta quem interpretou o Diretor de Cena. Nell é atriz. Precisa visualizar a coisa toda na própria cabeça.

O Diretor de Cena. Houve tantos Diretores de Cena. Tenho que pensar um pouco. Os ruins estão tão vívidos na minha memória, mas quem conseguiu o papel? Ele era bom, eu me lembro disso. Tento visualizá-lo me acompanhando até o cemitério.

— O pai da Marcia! — grito, porque, mesmo que não me recorde do nome, vejo o rosto dele claro como o dia. O cérebro é uma coisa impressionante, o que estava esquecido de repente entra em foco sem você fazer absolutamente nada. — Ele tentou o papel de dr. Gibbs, mas era melhor do que os outros homens, então o sr. Martin o escalou para o papel do Diretor de Cena.

Ele não tinha húbris de achar que devia ganhar o papel principal, e foi isso que o tornou bom. Marcia se sentiu humilhada diante da ideia de que eu iria conviver com o pai dela. Ela me evitou durante todo o período de ensaios e durante a exibição da peça: não se sentava comigo no almoço, não olhava para mim, mas quando voltamos às aulas no outono do nosso último ano estávamos bem de novo.

— E o Jimmy foi o George? — pergunta Emily.

— Óbvio que o Jimmy foi o George — corta Maisie.

— Jimmy foi o George — confirmo.

— Ele era um George tão bom quanto o Duke? — pergunta Emily.

Ah, a expressão que ela assume quando diz o nome de Duke. Gostaria de ter condições de mentir sobre toda a história, o tempo inteiro, desde o comecinho.

— Duke nunca interpretou o George.

Maisie ergue uma das mãos em protesto.

— Quem ele era, então?

— Ele era o sr. Webb.

— Não — diz Nell. — Não. No Tom Lake? Duke era o George.

— Eu estava lá. Nenhuma de vocês tinha nascido.

— Mas nós três não podemos ter entendido errado — retruca Emily, como se a matemática delas fosse mais importante que minha experiência de vida.

— Vocês formaram essa memória porque se o Duke fosse o George e eu fosse a Emily, daria uma história melhor. Não significa que seja verdade.

Elas refletem por um minuto.

— Mas então ele interpretou seu pai — conclui Maisie.

Como se aproveitasse a deixa, o pai delas entra pela porta dos fundos, a calça cheia de palha. Hazel ergue a cabeça e late até Maisie silenciá-la. Hazel late quando qualquer homem chega.

— Trabalhadoras — cumprimenta ele, batendo palmas. — Vão para a cama.

— Papai, já somos grandinhas — diz Nell, a mais nova. — Você não pode mandar a gente para a cama.

Emily, nossa fazendeira, Emily, que planeja tomar conta de tudo isso quando ficarmos velhos, olha para o relógio.

— Mamãe estava prestes a fazer um resumo.

— Qual é a história? — pergunta ele, tirando as botas ao lado da porta como há anos venho pedindo que faça.

— O passado — respondo.

— Ah — diz ele, e tira os óculos. — Vou tomar um banho. Mas sem desculpas de manhã.

— Combinado — dizemos.

Então me esforço para passar pelas partes chatas da maneira mais rápida possível.

★ ★ ★

No último ano do ensino médio, me inscrevi no núcleo de teatro. Interpretei a protagonista em *O milagre de Ann Sullivan* com uma garota pequenininha do sétimo ano chamada Sissy, que precisava ser lembrada de não cortar a pele quando me mordessee. Nós nos pendurávamos uma na outra por todo o palco. O grande musical da primavera foi *Bye, Bye, Birdie*, e interpretei Rosie DeLeon. Ninguém diria que sou cantora, mas não passei vergonha. Entrei em Dartmouth e Penn sem auxílio financeiro. Fui para a Universidade de New Hampshire, onde o débito anual — incluídos as mensalidades, o dormitório, a alimentação, os livros e as taxas — chegou a pouco mais de dois mil e quinhentos dólares com a bolsa de estudos por mérito. Na faculdade, não cheguei mais perto de descobrir o que queria fazer da vida do que havia chegado no ensino médio. A Universidade de New Hampshire não oferecia design de moda, e eu ainda não tinha me inscrito em química. Deixava o

formulário de candidatura ao Corpo da Paz na escrivania. Minha avó tinha me dado sua amada Singer preta de presente de formatura. A máquina era uma veterana, então consegui economizar um pouco de dinheiro encurtando as saias de veludo das meninas da fraternidade. Os dias eram preenchidos com literatura inglesa, introdução à biologia e pilhas de costura. Eu caía no sono na biblioteca, a cabeça apoiada em um livro aberto. Nunca pensei em atuar.

Pelo menos até o terceiro ano, quando vi o anúncio de uma audição para *Nossa cidade* num quadro de avisos no centro estudantil. Eu tinha ido afixar meu próprio anúncio: *Pontinhos — consertos de roupas a jato*. Meu primeiro pensamento foi de que seria divertido inscrever pessoas na peça e o segundo, de que eu podia tentar o papel da Emily. Seria um prazer enorme dizer aquelas palavras de novo, e eu compreendia os parâmetros pelos quais a esfera social de alguém era ampliada pelo teatro. Mesmo como terceiranista, a maioria dos jovens que eu conhecia na faculdade eram os jovens com quem havia estudado no ensino médio.

Todo ano, havia mais ex-Emilys na Universidade de New Hampshire do que em qualquer outra universidade no país, todas nós achando que tínhamos arrasado no papel. O que eu não daria para estar na sala e ver as audições delas, mas dessa vez não tinha uma desculpa plausível. Esperei no corredor com meu número, usando o moletom do time da Universidade de New Hampshire do meu irmão para dar sorte.

Sorte era tudo.

Bill Ripley estava na plateia na noite da terceira apresentação. Era um homem alto com bochechas sempre coradas e uma mecha grisalha no cabelo escuro que lhe conferia um ar de seriedade. Ripley se sentou na terceira fileira com a irmã, o sobretudo de lã volumoso dobrado no colo porque não queria esperar na fila da chapelaria.

Eu o chamava de O Talentoso Ripley, porque uma vez tinha visto esse livro numa livraria e gostara do título. Considerava um elogio. Todo mundo na minha família se referia a ele como Ripley-Acredite-Se-Quiser. Os dois apelidos continham um elemento de verdade, que em nada tinha a ver com Ripley ser um possível sociopata, mas sim com a capacidade dele de se infiltrar na vida das pessoas e fazer parecer que aquele lugar sempre lhe pertenceu. A parte do acredite se quiser era óbvia.

As pessoas não são alvo de caça-talentos em Durham, New Hampshire, e Ripley não era um caça-talentos. A irmã dele morava em Boston, e Ripley estava na cidade por conta do aniversário dela. O que a garota queria, o que especificamente tinha pedido de presente, era que fossem de carro até Durham para que ele visse a sobrinha, a filha dela, Rae Ann, no papel de sra. Gibbs. A irmã de Ripley acreditava que a filha tinha talento e achava que o irmão, por consideração a ela, devia dar uma olhada.

Eu não conhecia a sobrinha de Ripley antes da peça, e mesmo depois de um bocado de ensaios e três apresentações ainda não diria que a conhecia. Ela interpretava minha sogra, mas, como todas as outras garotas naquela produção,

Rae Ann tinha tentado o papel de Emily, portanto não via com bons olhos meu sucesso. Ter recebido o papel de sra. Gibbs era um ponto a seu favor, e o fato de ser totalmente sem graça ao atuar dificilmente era culpa de Ann. É difícil para uma garota de 19 anos se sair bem como uma mãe de meia-idade fingindo alimentar as galinhas. Ripley deu uma colher de chá, mas nunca prestou muita atenção nela. Abraçou-a depois que as cortinas se fecharam e disse que ela estava magnífica, depois a mandou para a festa do elenco com a mãe, dizendo que se juntaria às duas num instante. Esperou no saguão com o sobretudo, e quando apareceu uma garota ele perguntou onde podia encontrar a Emily.

O ano de 1984 não foi nada parecido com o que Orwell tinha imaginado, e ainda assim era um mundo quase impossível de explicar. Um homem estranho de terno bateu na porta do camarim antes que eu conseguisse trocar de roupa, e, quando pus a cabeça para fora, disse que queria falar comigo e perguntou se seria possível irmos rapidinho a algum lugar silencioso. Concordei, feito uma criança recebendo instruções de um adulto, o que era o caso. Uma pequena sala de ensaios no fim do corredor na qual havia um piano, um sofá e duas cadeiras dobráveis. Sabia que ninguém entraria ali tão tarde da noite. Abri a porta e passei a mão pela parede fria de concreto, tateando em busca do interruptor. O que é que eu estava pensando? Não consigo me lembrar dessa parte.

Mas essa é uma história que tem a ver com sorte, pelo menos nos primeiros anos, e então minha sorte continuou em ação. Bill Ripley não tinha ido me estuprar ou esquentar. Ele se sentou em uma das cadeiras dobráveis, deixando o sofá para mim. Disse que era diretor. Estavam produzindo um novo filme, que tinha um papel para uma garota, um papel muito importante, de fato, mas ainda não haviam encontrado a pessoa certa. Estavam procurando fazia um bom tempo, mas sem sucesso.

Assenti, desejando ter deixado a porta aberta.

— Talvez você seja essa garota. — Ele me encarava fixamente e, como eu tinha acabado de sair do palco e não me sentia particularmente tímida, encarei-o de volta. — O que quero dizer é que tenho certeza de que você é ela. Preciso que vá a Los Angeles e faça um teste de elenco. Você faria isso?

— Nunca fui a Los Angeles — respondi, quando o que queria dizer era que minha família havia ido à Flórida uma vez nas férias da Páscoa quando eu tinha 10 anos e essa foi a única vez que entrei num avião.

Ele escreveu um número no verso de um cartão de visita e me disse que estava na casa da irmã em Boston e que eu deveria ligar para ele na manhã seguinte às nove horas.

— Tenho aula às nove.

Senti que começava a suar no longo vestido branco de Emily.

Ele olhou para o relógio.

— Vão começar a perguntar onde estou. — O homem ficou de pé e estendeu a mão, que eu apertei. — Vamos manter isso entre nós por enquanto.

— Claro — falei, me perguntando para quem que eu não deveria contar.

— Rae Ann é minha sobrinha.

Ele respondeu como se eu tivesse perguntado.

— Ah.

Rae Ann. Aquilo fez com que me sentisse melhor de alguma forma.

— Amanhã — disse ele.

— Amanhã — repeti, como se fosse um papagaio.

Não fiquei deitada de olhos abertos no dormitório aquela noite me perguntando se iria conseguir o papel. Eu me perguntei de quantas moedinhas precisaria para telefonar e falar com alguém em Boston durante o horário de pico. Onde iria arranjar moedinhas suficientes? Eu me perguntei quantas bairras de calça teria que fazer para conseguir comprar uma passagem para Los Angeles, e depois qual seria o custo do táxi do aeroporto até o hotel. Claro que conseguiram tudo isso para mim, ainda que não tão depressa quanto se poderia pensar. Bill Ripley organizou tudo, pelo menos durante um tempo. Hesitei tanto tentando decidir o que fazer da vida que ele chegou e tomou a decisão por mim. Eu seria atriz.

★ ★ ★

— Cadê a decência nisso?! — grita Nell, e todas nós começamos a rir.

As nossas três meninas estão em casa no momento. Emily voltou à fazenda depois de terminar a faculdade, enquanto Maisie e Nell, que ainda estudam, voltaram em março. Era uma primavera angustiante para o mundo, ainda que da janela da nossa cozinha ela se desenrolasse como qualquer outra na parte norte de Michigan: úmida, chuvosa e fria, seguida por uma nevasca tardia, um súbito intervalo cálido e então o espetáculo das árvores florescendo. Emily, Maisie e Nell ignoraram as árvores e escolheram consumir a própria sanidade com noticiários. Acabei pondo um fim à televisão ligada no fim do dia porque nenhum de nós conseguia dormir depois de assisti-la.

— Para todos os lados que se olha aí só se vê desespero e falta de esperança — falei. — Virem a cabeça na outra direção...

Apontei para a explosão de pétalas brancas do lado de fora da janela.

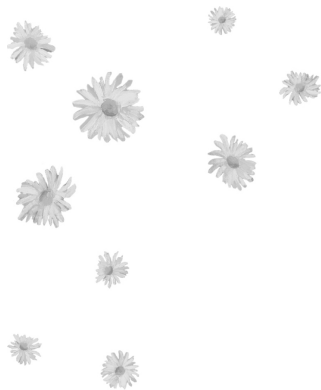
— Você não pode fingir que isso não está acontecendo — retrucou Maisie.

Não podia, e não finjo. Tampouco vou fingir que estarmos todas juntas não me enche de alegria. Entendo que essa alegria seja inadequada atualmente, mas a gente sente o que sente.

À medida que avançávamos para o verão e as flores viravam frutos, nossas circunstâncias passaram de *Aqui estão nossas filhas e estamos tão contentes por estarem em casa para Aqui estão nossas filhas, que passaram a infância colhendo cerejas e sabem como fazer o serviço quando apenas uma fração dos nossos trabalhadores regulares compareceram para a colheita anual.* O pai delas pensou que aquelas meninas espalhadas pelas cadeiras mexendo no celular formariam a equipe qualificada de que precisava.

— Fui para a faculdade para não ter que colher cerejas — disse Nell.

— A faculdade está fechada — respondeu Joe. — A faculdade não pode proteger você agora.



3

— Boa noite, boa noite, boa noite — cantarolam elas, trombando umas com as outras de propósito na escada.

As três parecem mais novas quando estão juntas. Regridem.

— A mamãe vai para a Califórnia, ser artista de cinema — diz Nell às irmãs.

— E ainda vamos estar trancadas na fazenda.

— Pelo menos alguém vai sair — emendou Emily.

Prometo contar isso para elas amanhã.

Maisie boceja, esticando as mãos para tocar o batente da porta, Hazel nos calcanhares dela. Hazel é algum tipo de terrier caramelo com uma pata dianteira torta e pelo bonito e irregular que se projeta em tufos. Maisie a adotou no abrigo municipal onde trabalhou durante o segundo semestre da faculdade de veterinária. Os funcionários identificavam as gaiolas com nomes simples — Opie, Sparky, Goober e Bear —, promessas subliminares de quanto esses cães seriam bons garotos e garotas. Hazel fora havia muito tempo posta numa gaiola numa ala cheia de brutamontes enormes que mordiscavam as barras de metal dia e noite na esperança de devorá-la, e Hazel, por sua vez, adquiriu tantos hábitos ruins que um dos funcionários rabiscou a palavra “bruxa” abaixo do nome dela com uma caneta marca-texto preta. Esses hábitos ruins, somados à pata manca e ao que parecia ser sarna, a tornaram inadotável e, depois de várias semanas no abrigo, Maisie viu a etiqueta na gaiola da “bruxa” Hazel indicando que o tempo dela havia acabado. Ela continuou voltando para passar biscoitos por entre as barras. Os últimos biscoitos.

— Cuidado com os dedos — dissera o supervisor, quando Maisie anunciou o plano de levar Hazel para casa no fim de semana.

Mas assim que enfiou a mão na gaiola, a cachorra começou a uivar, sem acreditar que a sorte lhe pudesse sorrir tão tarde numa vida desafortunada. Os estudantes eram advertidos sobre os perigos do sentimentalismo, mas naquele dia Maisie escolheu ignorar a lição, e a pequena terrier sarnenta sacudiu um

rabo agradecido junto a ela.

Emily retorna pela escada com um livro, algum manual sobre enxertia de galhos. Diz que ele a nocauteia, o que significa que dá sono. Emily mora na casinha na extremidade do pomar de macieiras ao norte. Ela pega uma lanterna no cesto ao lado da porta dos fundos, a cesta de lanternas e gorros, luvas e repelentes.

— Vou com você por uma parte do caminho — falo.

Ela ri. Volta e me dá um beijo. Emily me dá um beijo.

— Boa noite — diz ela.

Fico olhando da janela acima da pia até não conseguir mais enxergar o facho regular varrendo a estrada, então desligo todas as luzes e vou para o andar de cima.

O pai delas está em um sono profundo. Como não consegue me esperar, deixou o abajur na mesa de cabeceira aceso e afastou e dobrou as cobertas do meu lado da cama. Uma das mãos está no coração, como se a última coisa que tivesse feito fosse conferir para ver se ainda batia, e a outra está para fora da cama, os dedos quase roçando o piso. Nada é capaz de acordá-lo no verão. Depois do jantar, ele volta a sair para o celeiro, dizendo que tem só mais algumas coisas para terminar, e então acaba deixando para o dia seguinte. Imagino a fazenda como uma pista de dança gigantesca de parquê que ele equilibra na cabeça, com as árvores crescendo nos quadradinhos. As frutas que têm que ser colhidas, os galhos que têm que ser podados, o fertilizante e o pesticida (experimente ter uma plantação de cerejas sem eles), o celeiro repleto de máquinas avariadas junto com o novo trator pelo qual não podemos pagar e as cabras que pareceram uma ideia tão boa quando Benny veio com essa sugestão cinco anos atrás para controlar o capim e produzir queijo, os trabalhadores cujos filhos estão doentes e os trabalhadores que precisam de dinheiro para voltar para casa a fim de ver os filhos, e a casinha com goteiras no telhado e as pilhas de tonéis de plástico de dez quilos com a inscrição POMAR TRÊS IRMÃS na lateral, e eu, Emily, Maisie e Nell, tudo isso fica por conta dele. Tentamos ser úteis, mas é da cabeça dele que este lugar depende. Ele carrega tudo consigo para a cama à noite.

Visto a camisola e me deito na cama ao lado dele, envolvendo sua mão sobre o coração. *Viva para sempre*, digo a mim mesma.

★ ★ ★

Veronica não conseguiu ir para a Universidade de New Hampshire. Teve que ficar em casa porque não havia mais ninguém para cuidar dos meninos. O plano dela era cursar dois anos na faculdade comunitária e então transferir os créditos. Todo mundo tem planos, e quando nos formamos no ensino médio Veronica já não me contava os dela. Foi ela quem começou com Jimmy-George, e não me refiro a se sentar nos degraus no fim do corredor, conversando. Ele era mais velho do que a gente, tinha 22, embora ninguém

acreditasse nisso. Veronica pediu para ver a carteira de motorista dele quando ele contou, mas mesmo assim achava que o rapaz estava mentindo, assim como os caras nas lojas achavam que a identidade dele era falsa e vendiam a cerveja do mesmo jeito. Ele vivia a uma distância de duas cidades e estava fazendo o estágio de docência. Disse que, no primeiro dia de aula, as crianças riram quando ele escreveu o nome no quadro-negro. Jimmy-George seria professor de matemática do ensino médio, e isso o tornava um recurso valioso, porque ele fazia nossa lição de casa. Seis anos de diferença não seriam nada de mais adiante, mas naquela época era uma distância inimaginável. Não conseguíamos acreditar na nossa sorte quando ele se aproximou da gente, um adulto que interpretava uma criança no palco.

Veronica me contou o que sentia por ele, e, mais tarde, o que faziam. Duas noites por semana ele ia à casa dela depois do ensaio e de ela ter colocado os meninos para dormir. Jimmy se enroscava em volta dela na cama de solteiro para que pudessem dormir como pessoas casadas, depois acordava nas primeiras horas da manhã, dirigia de volta para o quarto que alugava e se arrumava para ir dar aula, tudo antes de a mãe dela ter terminado o turno no hospital. Veronica disse que os olhos dele nunca se desviavam dos dela. Disse que tinha certeza de que ninguém nunca havia olhado de verdade para ela antes, a vida inteira, e talvez fosse verdade, mas aquele também era simplesmente o jeito como Jimmy-George olhava para as pessoas. No palco, olhava para mim como se alguém tivesse deixado cair uma redoma gigante sobre nós e estivéssemos sozinhos no mundo. Foi ele quem me ensinou a não desviar o olhar.

— A gente devia fazer alguma coisa juntos — disse ele, certa noite depois do ensaio. — Sabe como é, ser o George e a Emily, tomar uma raspadinha de morango ou algo assim.

Mas éramos George, Emily e Veronica.

— Acho que não — respondi.

— Achei que você gostasse de atuar. Só estou falando de sermos mais convincentes.

Eu falei que achava que já éramos bons o bastante, quando o que devia ter dito era “Sai fora”. Ele chegava bem mais perto quando não estávamos no palco, quando não havia mais ninguém por perto.

Ele pôs um dedo na lateral do meu pescoço.

— Química. É isso que o George e a Emily têm — falou.

Eu não podia dizer que estivesse errado quanto a isso. Hesitei por alguns dias antes de entrar no carro dele, dizendo a mim mesma que essa coisa entre a gente era em nome do teatro. Certa noite, no estacionamento, passamos pelo sr. Martin, que estava parado embaixo de um poste vestindo um casaco de caça de lã e fumando um cigarro. Dava para ver que ele estava avaliando o potencial destrutivo.

— Quinze acabam virando vinte, sr. Haywood — comentou ele por fim, sem malícia nem repreensão na voz, como se quisesse apenas transmitir uma informação.

O sobrenome de Jimmy era Haywood.

Jimmy-George tirou a mão da minha cintura e riu, então ri também, ainda que não tivesse ideia do que o sr. Martin estava falando. Anos depois, voltei a ouvir a expressão em um set e aquilo fez total sentido. Era uma referência à idade de alguém menor e aos anos de cadeia a que o adulto está sujeito. O sr. Martin tinha ficado preocupado com a segurança de Jimmy Haywood.

Por um tempo, realmente ficamos apenas repassando as falas no banco de trás do carro dele, mas depois essas falas foram sendo suavemente pontuadas por beijos. Uma noite ele perguntou se eu conhecia um lugar onde pudéssemos nos esticar, algo que eu não tinha feito antes, algo que meu corpo desejava em perfeita sintonia, algo que Veronica disse que era incrível. Tinha a chave da Pontinhos, então destranquei a porta e o levei escada acima sem acender as luzes, passando pelas máquinas de costura e pelos suportes de linha, passando por mil botões e sabe-se lá quantos zíperes pendendo de alfinetes de segurança tamanho-família, até chegarmos a um sofá onde minha avó às vezes tirava uma soneca. Ninguém nos flagrou e, como Veronica era a única pessoa no mundo para quem eu teria contado, não contei para ninguém. Mas aquilo acabou com tudo: o ensaio, a peça, o ateliê da minha avó, onde eu tinha sido mais do que feliz, e a amizade com minha melhor amiga. Enquanto o professor de matemática puxava meu suéter por cima da cabeça, não levei em conta que Veronica ainda conseguia ler minha mente.

Queria ter perguntado para Jimmy por que tinha nos escolhido. Sei que ele próprio não era muito mais do que uma criança, mas, se meninas do ensino médio eram a praia dele, por que sentiu necessidade de dirigir por duas cidades para ver o que estava disponível? Havia quatro turmas de matemática com alunas que ele poderia escolher. Mas então é claro que me dei conta de que ele devia dormir com as alunas também. Era um rapaz bonito, craque em contato visual e atuava. Sem mentira, foi o melhor George que já vi. Essa poderia facilmente ter sido uma história sobre ter dormido com Jimmy-George Haywood, que depois se tornou um ator muito, muito famoso, embora eu tenha certeza de que ele se tornou professor de matemática em algum lugar de New Hampshire.

Eu me culpo pelo que aconteceu. Fui extremamente desleal com a pessoa que amava para estar com uma pessoa que não amava nem um pouquinho. Mas eu tinha 16 anos, e, tão certo quanto quinze iam virar vinte, 16 não tem nenhuma chance contra 22.

Talvez devesse ter contado essa parte da história para as minhas meninas, mas elas precisariam tê-la ouvido antes que completassem 16 anos para que a informação fosse de alguma utilidade.

★ ★ ★

No fim das contas Joe nos deixa dormir até mais tarde, ou Maisie, Nell e eu dormimos. Na extremidade mais distante do pomar, Emily tinha programado o

despertador para dar tempo de fazer café e preparar sanduíches de ovos antes de ela e o pai se encontrarem para trabalhar. Emily, 26 anos, estava no último ano do ensino médio quando começou a dizer que voltaria depois da faculdade para nos ajudar com a fazenda. Disse que quando estivéssemos prontos para nos aposentar ela iria administrar o lugar.

— Você pode fazer qualquer coisa nesse mundo — falei, encarnando minha avó. — Inclusive outra coisa.

— Pode querer fazer outra coisa — ecoou meu marido, mas o que queria dizer era “Sim”, “Por favor” e “Obrigado”.

A fazenda é ou o próprio paraíso do Éden ou um fardo esmagador de decepção e desespero em forma de frutas, dependendo do dia. Eu iria adorar deixar o Éden para a minha filha. As outras coisas, nem tanto.

— Isso não é uma monarquia — disse Maisie. — Não é como se você ganhasse a terra porque é a mais velha. E se eu quiser administrar a fazenda?

— Aí a gente administra juntas — respondeu Emily. — É mais fácil, de qualquer forma. Quer as maçãs ou as cerejas?

O futuro de Maisie jamais estaria nas frutas, mas isso não significava que ela iria deixar que a irmã vencesse. Ainda que hoje ninguém fosse acreditar, Emily já tinha sido o arauto do sofrimento para todos nós. Nell certamente não queria a fazenda. Pesquisava o preço das passagens para Nova York desde o sétimo ano. Das nossas três meninas, só Emily achava fascinante comparar o lucro das cerejas ácidas com o das doces. Estava atenta às árvores do modo como Maisie estava atenta aos animais e Nell estava atenta às pessoas. Mesmo quando criança, era quem notava os primeiros traços de fungos. Emily gostava de trabalhar ao ar livre, enquanto as irmãs estapeavam os mosquitos. Era boa com as mãos, ao passo que as outras duas se cortavam com as folhas. Gostava de se sentar diante da banca de frutas e conversar com as pessoas que paravam para comprar pêssegos e geleia. Maisie e Nell não chegavam nem perto da banca de frutas.

Na adolescência, entretanto, Emily tinha sido um monstro, uma jovem tão cheia de hormônios e raiva, que as duas irmãs mais novas decidiram que o mais fácil era serem boazinhas. Emily havia tocado o terror por todas elas juntas. Temíamos que a devoção ao pomar fosse uma penitência disfarçada pelo mau comportamento. Que ela estivesse tentando compensar tudo, e bem depois de termos deixado a mágoa de lado.

— Não precisa ter pressa — dizíamos quando ela falava da fazenda. — Você não tem que decidir agora.

Mas ela havia se decidido. Matriculou-se em horticultura na Universidade Estadual de Michigan. Matriculou-se numa especialização em gestão de agronegócios. O pai meneou a cabeça quando ela contou.

— Alguém está prestando atenção — disse ele.

Quando ando até o fim do corredor e encontro Maisie e Nell dormindo nas camas idênticas, vejo as duas como são e como eram: mulheres crescidas e garotinhas. A calefação soprava fraca pelas aberturas de ventilação do segundo

andar antes de atualizarmos o sistema de climatização, e toda manhã de inverno as duas imploravam para passar um único dia quentinhas na cama, e toda manhã eu as arrastava para fora, dizendo que usassem o edredom por cima da camisola e se vestissem diante do fogão. Alguns cômodos da casa são de 1800. Ficava quente apenas em alguns lugares. As meninas se referiam aos volumes de *Os pioneiros* como a história da vida das três.

No entanto, estamos no auge do verão agora — as janelas abertas, o quarto reluzente, e mesmo assim essas filhas, agora de 24 e 22 anos, continuam dormindo.

— Vocês prometeram ao pai de vocês — digo, porque é isso que funciona com as duas.

— Leva a Hazel para passear, por favor — diz Maisie com o rosto enfiado no travesseiro.

Quando faço o gesto de pegar a cachorrinha, que está debaixo do braço dela, Hazel me mostra os dentes, mesmo que não tenha intenção de me morder. Também quer um dia na cama. Eu a carrego porque a pata dianteira não funciona nas escadas. Coloco-a do lado de fora da porta da cozinha, ela se agacha ao lado do meu vaso de gerânios e depois sai trotando.

Emily tinha 14 anos quando me informou que Peter Duke era o pai dela. Havia passado semanas quebrando coisas e atirando-as pela casa, a cabeça curvada sob o peso da própria escuridão interna. Quando perguntei qual era o problema, ela disse *Nada* com o mesmo tom de voz com que diria *Vã se foder*.

Onde estava todo mundo? Era o início de março e o vento soprava a neve de lado enquanto eu me sentava ao lado da lareira com uma pilha de remendos a fazer. Às vezes me perguntava se as meninas arrancavam os botões das camisas com os dentes só para me manter ocupada. Pus as mãos no colo.

— De onde você tirou essa ideia?

Os olhos dela se arregalaram como se enfim estivesse plenamente desperta.

— Você nem sequer nega.

— Claro que nego. Só estou me perguntando o que poderia ter levado você a pensar isso.

— Porque é verdade.

— Emily, não é verdade.

— Como é que você sabe?

Não me lembro nem mesmo de olhar para minha mãe desse jeito, como se pudesse devorá-la até os ossos e em seguida limpar a boca cheia de sangue no cabelo dela. Emily estava genuinamente assustadora e, ao mesmo tempo, me dava vontade de rir pela completa maluquice de tudo aquilo. Medo e riso: as duas piores reações na ausência de lógica.

— Eu saberia porque teria estado lá.

— Mas você mentiria sobre isso. Você mente sobre tudo.

Fiz uma pausa para refletir que foi interpretada como culpa, mas a acusação era tão estranha que eu não conseguia ser ágil.

— Sobre o que eu menti?

— Sobre. Conhecer. Ele — disse ela, com uma pausa a cada palavra.
— Nunca menti sobre isso.
— Bom, você nunca fala disso.
— Não é a mesma coisa que mentir.
— Por que é que você não me conta?
— Porque não tem o que contar.
— Isso é mentira.
— Emily, não estou mentindo para você.
— Só me dá o telefone dele.
— Não tenho o telefone do Duke.
— Claro que tem! Você só quer me manter longe dele. Ele tem o direito de saber que tem uma filha.

Quantas filhas Duke não deve ter mundo afora? É de imaginar.

— *Seu pai* tem uma filha. Seu pai tem três filhas. Comigo. Sua mãe — falei.

Fui em frente, dizendo que ela deveria levar em consideração os sentimentos do pai que a concebeu, amou e criou antes de partir para a elaboração de uma nova narrativa de origem.

— Não fala *concebeu*. — Ela cobriu as orelhas com as mãos para bloquear minha voz. — Isso é nojento.

— Pense nisso por um minuto.

— Eu consigo encontrar ele sozinha.

Ela começou a chorar, e estava se esforçando muito para se segurar.

Eu me levantei para ir até ela, minha filha estava perdendo a cabeça.

— Fica sentada! — Ela estava gritando.

— Só me diz o que aconteceu.

— Não pertenço a este lugar! Maisie e Nell pertencem, você e o papai pertencem, mas eu não pertenço à *porra* do norte de Michigan. Devia estar com o Duke.

Ela irradiava fogo, feito a lareira cujas chamas irrompiam e crepitavam atrás de mim. A neve caía e cobria os campos. Eu queria tirar o suéter e envolvê-la. Eu queria rolá-la de um lado para outro até o fogo se extinguir.

— Querida, fiquei com o Duke durante um verão, anos e anos antes de você nascer. Não o conhecia muito bem naquela época e agora não sei nada dele. Ele não é seu pai.

— E o meu cabelo? Como é que você explica isso? — gritou.

Joe devia ter levado Nell para a aula de dança. Era lá que estavam. Talvez Maisie tivesse ido junto para dar uma volta. As meninas amavam estar no carro quando nevava.

— Seu cabelo?

— Me diz que eu não tenho o cabelo do Duke.

Ela ergueu uma mecha para eu ver, escuro, grosso e liso. Isso nunca tinha me ocorrido, mas a magnífica massa de cabelos dela não era totalmente diferente da de Duke.

— Seu cabelo é lindo e é seu, não do Duke. Nada na nossa vida pertence ao

Duke.

Essa cena continua eternamente, mas vou parar por aqui, é melhor que os detalhes se percam. A crença de Emily de que devia estar vivendo em Malibu com o astro de cinema que considerava seu pai se apoderou dela feito uma febre. Depois de dias e até mesmo semanas, essa febre baixaria, só para irromper mais uma vez nos períodos em que estávamos mais vulneráveis. Ela me dizia quanto estava de saco cheio da gente, que odiava ser adolescente, que odiava o próprio corpo, que não queria ficar presa num pomar de cerejas, que tinha as ideias mais elevadas do mundo. Mas ela não conseguia exprimir nada disso em palavras, nem mesmo palavras que poderia ter dito a si mesma. Só conseguia vivenciar a dor aflitiva das circunstâncias, infligi-la a nós, e então alegar que Duke era a única solução para essa dor. Ficamos tão possessos com essa história depois de um tempo que pensei em procurar o irmão de Duke, Sebastian, para pedir a Duke que enviasse uma espécie de documento de libertação, a foto autografada — “Para Emily, não sou seu pai. Com amor, Peter Duke”.

Joe lidou com a situação melhor do que eu, mas onde estava a novidade? Joe lidava com tudo melhor do que eu. Emily parecia ser capaz de, ao mesmo tempo, tratá-lo como pai e declarar sem parar que outra pessoa era o pai dela. Queria ambos. O sonho dela era ter dois pais e nenhuma mãe. De certa forma, Joe se culpava por toda a situação. E de uma forma menos extrema eu o culpava, porque tinha sido Joe quem contara sobre Duke para as meninas. Eu certamente não tinha nenhuma intenção de dizer que namorei um astro de cinema durante um verão quando tinha 20 e poucos anos, antes de ele se tornar um astro de cinema.

Foi antes ou depois de demolirmos a parede da cozinha para estimular o convívio familiar que Joe contou às meninas sobre Duke? Deve ter sido depois. Emily devia ter 12 anos, o que significava que Maisie e Nell tinham mais ou menos 10 e 8. Talvez fosse época de Natal. Sei que era inverno. Maisie havia desencavado *O rei da pipoca* do que chamávamos de cesto de filmes. Elas o tinham assistido sabe-se lá quantas vezes e era exatamente isso que tornava a experiência sedutora: a repetição, o prazer de antecipar o que vinha a seguir. Faziam coro às melhores falas — “Não tem MANTEIGA?” — e gargalhavam. Os invernos eram muito longos, e nos inclinávamos na direção do cesto de filmes e das estantes de livros baixas sob a janela para nos salvar. Sim, foi definitivamente depois da ampliação do cômodo, porque me lembro de estar de pé diante da pia comprida e branca lavando a louça enquanto as três trançavam o cabelo em uma única corda grossa. A conversa consistia em uma delas dizendo às outras duas para pararem quietas, e então outra reclamando que as demais estavam dando puxões e iriam estragar tudo. A trilha sonora do filme se tornou a trilha sonora delas, os violinos insistentes que ficavam meio compasso atrás do contralto suave de Duke. Boa parte da voz dele se perdia em meio ao som da água correndo na pia e às risadas das meninas, embora de vez em quando o ouvisse cantar a palavra “pipoca” de forma bastante distinta. Ele

tinha feito um bocado de filmes para a família depois da série policial, depois do filme de astronauta, antes de se reinventar como um “ator seríssimo”, embora o filme da pipoca já fosse velho na noite dessa exibição em particular e ele já fosse um “ator seríssimo”. Tínhamos perdido a caixinha de papelão da fita VHS. Esse era o único dos filmes para a família em que o fizeram cantar e dançar, e, embora nada disso fosse natural para ele, a imensidão do carisma bastava como disfarce.

Eu conhecia o filme tão bem quanto as meninas. Sabia que estávamos na cena em que ele dançava em uma pista coberta de grãos que não haviam estourado, dançava e escorregava, os braços girando descontrolados, quase caindo mas sem nunca cair, aquele físico perfeito avassalador em seu desembaraço. Costumava assistir a essa cena e me perguntar quantas vezes o tinham feito dançar em cima de pipocas. Quantos dias pediram que ele repetisse aquilo, a fim de que houvesse material suficiente para juntar as várias cenas? Naquela noite eu lutava para remover uma crosta de lasanha do fundo de uma assadeira. *Uma sujeirada assada e queimada*. Aquilo era uma propaganda do quê? Alguma ferramenta destinada a me libertar do trabalho. Não me virei para vê-lo de chapéu-coco e terno cinza-perolado. Estava olhando pela janela acima da pia. Não me virei na direção da voz dele, mas também não teria desviado o rosto se estivesse diante da televisão. Fazia anos que Duke era famoso, os mesmos anos que passamos separados. Se cada vislumbre ou som dele me enviasse numa peregrinação de nostalgia e censura, já teria enlouquecido muitos anos antes. Coexistíamos pacificamente, Duke e eu, ou eu coexistia.

Em meio a essa cena de tranças, esfregação de louça, filmes e danças, meu marido entrou em casa batendo a neve das botas. Parou atrás do sofá onde nossas três meninas estavam firmemente amarradas como uma só filha, Nell de frente para a tela e Maisie e Emily olhando para os lados, com as nuças se tocando. Estavam entusiasmadas com o que haviam feito, a ponta da trança presa por um elástico. Joe ficou ali de pé olhando para a tela junto com elas por um instante. Os grãos sob os pés de Duke tinham acabado de começar a estourar e ele pegava mãozadas de pipoca e as lançava no ar feito neve. Foi aí que Joe disse:

— Sabiam que a mãe de vocês namorava ele?

Imagine trançar a cauda de três ratos e então atirar um gato no meio deles. Acho que Joe não se deu conta de que a cabeça delas estava unida, ou não pensou que iriam começar todas a berrar e arranhar de forma tão violenta numa tentativa de se separar e chegar a mim. Acho que Joe não estava raciocinando direito. Tinha visto Duke dançando sobre pipocas tantas vezes quanto o restante de nós, mas por alguma razão naquela noite fez um comentário. Uma das meninas, aposto que Maisie, pensou em arrancar o elástico, e em questão de segundos estavam separadas, os cabelos longos feito escudos brilhantes. Eram barulhentas daquele jeito esganiçado das meninas, e Joe, como se para consertar a falta de atenção, pegou o controle remoto e pausou o filme, silenciando não as crianças, mas o assunto da discussão. Duke

ficou congelado na tela, o chapéu-coco quase escorregando do cabelo escuro e desarrumado, a boca aberta, os olhos semicerrados em um momento de falso êxtase sexual do qual eu não precisava. Emily disse que o papai estava inventando. Nell queria saber se Duke e eu tínhamos estudado juntos. Maisie perguntou quando ele iria nos visitar, e essa simples ideia iluminou as três por dentro, o astro de cinema favorito delas chegando em breve numa noite de inverno, mas por que razão o pai teria escolhido aquele momento para a grande revelação?

— Quando é que ele vem? — gritavam as três.

O que foi que Lear disse no final? “Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca.”

Parecia até que tínhamos cortado uma boa fatia de bolo de chocolate embebido em café *espresso* para cada filha e depois dado um passo para trás a fim de vê-las lambendo os pratos. Estavam incansáveis. Queriam saber como tudo tinha acontecido. Por que não me casei com Duke?

Naquela noite longínqua, nossas meninas ainda estavam a anos de distância de terem namorado. Tentei lembrar o que achava que namoros significavam quando tinha a idade delas: sorvete, cinema, caminhar da escola para casa, o medo e o desejo que cercavam o mistério dos beijos. Durante o festival de verão, Duke dormiu na minha cama porque eu tinha um quarto infinitamente superior — um closet, uma penteadeira, uma janela que dava para o lago e um banheirinho próprio com um chuveiro no qual mal cabíamos os dois juntos. Ficávamos deitados naquela cama de casal e traçávamos o contorno um do outro. Ficávamos deitados naquela cama. Quando a ambição nos vencia, jogávamos tênis ou nadávamos no lago. Ficávamos bêbados depois das apresentações, ou chapados. Comíamos pão pita que eu deixava na mesa de cabeceira para aquelas vezes que sentíamos muita fome e não conseguíamos pensar em nos levantar. Às vezes ele buscava café e levava para a cama, ou eu buscava. Estávamos ou no palco ou naquela cama, com cigarros esquecidos queimando até o filtro no cinzeiro. Estávamos namorando.

Minhas três menininhas me encaravam, paralisadas de expectativa. Era inverno, e tinham assistido a cada filme do cesto um milhão de vezes. Estavam chocadas com a ideia de que havia uma história na família que não conheciam.

— Fizemos uma peça juntos — expliquei.

Elas já sabiam que, durante um breve período, quando eu era jovem, quisera ser atriz. Também tínhamos uma VHS disso.

— Então você não *namorou* ele — corrigiu Emily. — Você conheceu ele.

Dei de ombros. Naquela altura, as meninas achavam que éramos tão velhos, o pai e eu, que não conseguíamos sequer nos lembrar da própria vida.

— Namoramos durante a peça.

Ele carregava meus livros. Andava comigo até em casa. A gente se beijava.

Quando finalmente voltaram para assistir ao final do filme, Duke já não era apenas o Rei da Pipoca. Era o homem que um dia tinha tomado sorvete com a mãe delas.

— Você não quer assistir com a gente? — perguntou Maisie.

— Já vi o filme — falei.

— Isso não faz nenhuma diferença — disse ela. — É bom.

— Talvez deixe ela chateada — sussurrou Emily, em um tom audível, embora tivesse sido Emily quem havia insistido para recolocarem o filme assim que acabou porque queria poder pensar no Duke como alguém que eu conhecia, tanto na primeira parte do filme quanto na última.

No começo, Duke é o Rei da Pipoca exilado que volta disfarçado para poder depor o intruso e reivindicar o lugar que lhe era de direito. Essa sempre me pareceu a parte mais ridícula da história, a ideia de que, apesar do boné de jornalista e da jaqueta esfarrapada, ninguém conseguiria reconhecer Duke.

Nell tirou os olhos da tela para ver como eu estava segurando as pontas. Moveu a boca para formar as palavras *amo você*, informação não destinada a outras pessoas.

Joe também disse isso quando, depois de mais e mais do mesmo, finalmente pusemos nossas filhas na cama com algum esforço.

— Talvez eu tenha que matar você só para me certificar de que isso nunca mais aconteça — falei para ele, puxando o suéter pela cabeça, aquele momento terrível em que a peça de roupa mais quente se vai.

— Acho que um erro dessa magnitude não pode ser cometido duas vezes.

— Melhor não pagar para ver.

Eu estava tremendo de frio, e ele me abraçou.

— Não fazia a mínima ideia de que elas iam ligar para isso. Ou pelo menos não achei que fossem ligar tanto assim.

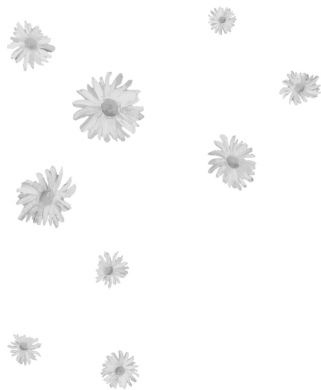
— Ou simplesmente não pensou. Só falou.

Dava para sentir o queixo dele assentindo contra o topo da minha cabeça.

— Foi isso mesmo.

A maré alta de Duke continuou pela casa durante semanas depois disso, e, embora tenha baixado devagar, nunca o fez por completo. As meninas passaram a gastar a mesada com revistas *People*, afinal Duke era uma figura fácil dos paparazzi: a abertura da temporada do Met, voltando da academia com uma bolsa de lona pendurada no ombro, com um maravilhoso vira-lata na praia, com uma atriz maravilhosa na praia. As meninas começaram a assistir à série policial dele, *Baluartes*, em reprises. Elas se devotaram aos filmes que já estavam no cesto porque me recusei a comprar mais. O favorito era uma refilmagem cretina de *A família Robinson* chamado *O pai Robinson*, que exibia um Duke quase sempre sem camisa em uma linda ilha deserta, com as calças justas rasgadas logo acima dos joelhos. A esposa alega que Duke, um arquiteto internacionalmente famoso, mal conhece os próprios filhos, e então ela fica em Zurique enquanto ele leva sozinho os quatro adoráveis pimpolhos em uma aventura num barco. Depois do ligeiro inconveniente de um naufrágio, ele constrói para a família um chalé nas árvores, com um escorregador que joga as valentes criancinhas na baía quando precisam de um banho. Um papagaio vermelho vivo de peito amarelo fica sentado no ombro de Duke enquanto ele abre cocos para o café da manhã, o bebê atado às costas com um sarongue.

Apesar da total falta de experiência, ele se revela um pai maravilhoso, ensinando os filhos a ler, a amar a terra e a dominar a carpintaria. A cena mais decepcionante é quando a esposa aparece para resgatá-los do paraíso. A decepção, as crianças aprendem desde cedo, é personificada pela mãe. Dois anos depois, Emily concluiu que Duke era o pai dela, Maisie concluiu que Emily estava possuída por satanás e Nell concluiu que queria ser uma atriz que nunca mais voltaria para casa, embora isso talvez fosse acontecer de alguma maneira. Graças à presença ubíqua dele no mundo, o homem com quem eu tinha passado um verão veio a residir na nossa casa, e mesmo assim eu pensava pouquíssimo nele.



4

A cabeça caramelo de Hazel brota da grama alta. Ela voltou para esperar Maisie, mas quando me vê decide que dou para o gasto. Enveredamos pela estrada de terra, passando pelo paredão de tsugas e pinheiros-brancos até o celeiro. As cerejeiras estão tão carregadas que não sei como vamos colher as frutas antes de apodrecerem. Quase todos os trailers de funcionários estão vazios, três famílias no lugar das dez ou doze habituais. Joe tinha dividido os hectares e designado trabalho para todos. Acenamos uns para os outros a uma boa distância. Deixo uma bandeja de sanduíches na mesa de seleção pela manhã e recolho a travessa vazia à noite. O namorado sempre prestativo de Emily, Benny Holzapfel, não está prestando para nada, já que está trabalhando dezesseis horas por dia na fazenda da própria família. Holzapfel — que significa “maçã silvestre”, aquele tipo azedo, ou as pessoas rabugentas que vivem em torno das maçãzinhas azedas — é um nome comercial, mas não combina com nossos amigos calorosos e generosos. Dá para passar anos em um apartamento em Nova York sem jamais conhecer as pessoas que vivem a dois passos de distância, mas é só morar num pomar em Michigan que qualquer um começa a usar a palavra *vizinho* para se referir a qualquer viva alma num raio de quilômetros. Você vai contar com essas pessoas e conhecer os filhos, a colheita, o maquinário e os cachorros delas. Os Whiting têm um pastor-alemão chamado Duquesa, embora pudesse facilmente se chamar Princesa ou Rainha. Apesar da aparência lupina, é uma garota meiga. Duquesa é conhecida por andar até nossa porta dos fundos no verão. Dou uma tigela de água e uns biscoitos e, depois de uma soneca nas lajes mornas, ela vai embora.

Depois do lago existe um lugar onde as duas fazendas se encontram, a nossa e a dos Holzapfel. Meu marido costumava brincar que um dia uma das nossas meninas se casaria com um Holzapfel, mas quando Benny começou a aparecer na nossa cozinha no último ano do ensino médio Joe parou de fazer a piada com medo de espantar o rapaz. Desde então tem sussurrado os sonhos dele

apenas para mim, no inverno, na nossa cama e tarde da noite: Emily e Benny iriam se casar e unir as fazendas. Iríamos consertar a casinha, construir uma varanda de verdade, uma cozinha nova e uma suíte, tudo em um único andar. Joe e eu nos mudaríamos para a casinha e daríamos a casa para Emily e Benny com a finalidade de que pudessem ter filhos ali, filhos que um dia poderiam se casar com os filhos dos Ott ou dos Whiting que moravam por perto, amealhando uma extensão de terra cada vez maior, porque mesmo que uma pessoa não consiga trabalhar na terra que tem, mesmo assim vai querer mais. Faz anos desde que Emily foi enfeitiçada por Duke e anos desde que o encantamento se quebrou e nossa filha retornou, e, apesar de a amarmos e confiarmos na nossa garota, nunca deixamos de fato de sentir medo dela. Emily diz que a fazenda é sua vida e obviamente vai ficar aqui. Diz isso com Benny parado ao lado dela na cozinha, os pés descalços, descascando milho para o jantar.

Benny pedalava uma bicicleta pela estradinha que liga nossas fazendas desde que era criança e, na época em que cursava o ensino médio, aparecia na nossa cozinha para falar com Joe dos projetos filantrópicos que tinha. Chamávamos Benny de O Homem do Futuro — maçãs tradicionais, maçãs de alta densidade, maçãs caras e exclusivas —, e ele fez uma apresentação no jantar a partir de cada panfleto enviado pelo Departamento Agrícola de Michigan. A tagarelice ininterrupta sobre maçãs servia basicamente para acalmar o nervosismo, porque era óbvio que ele tinha vindo ver Emily. Mesmo antes de ir para a faculdade, ele deixou claro que voltaria para trabalhar com os pais. Benny sabia que havia outras escolhas possíveis, só que a opção de que mais gostava era aquela em que ganhava a vida sobre os pneus da bicicleta e, aquela em que poderia incluir Emily se ela estivesse interessada.

No entanto, Emily sempre estivera interessada na fazenda e sempre estivera interessada em Benny, e com o tempo aqueles dois interesses aos poucos jogaram Duke para escanteio. Ou talvez não tivesse nada a ver com a fazenda, talvez ela simplesmente o tivesse superado. Voltava para casa de East Lansing a fim de ajudar na colheita todo verão. Disse que deveríamos pensar em construir uma câmara fria nossa para não ter que sublocar a refrigeração e que talvez pudéssemos construir uma câmara grande e dividir os custos com os vizinhos. O investimento seria amortizado quando começássemos a vender mais cerejas doces para a feira.

E onde estava Duke nesses planos todos?

Em lugar nenhum.

Hazel sobe a colina até o cemitério onde gerações da família do meu marido estão enterradas atrás de uma cerca baixa de ferro e por algum motivo sigo a cachorra. Uma vegetação suntuosa se entrelaça em todos os túmulos, e penso sobre quanto a tia de Joe cuidou meticulosamente das coisas aqui, mas este não é o verão de se capinar. O cemitério é o ponto mais elevado da propriedade e seria o lugar mais lógico para uma casa, pois dá vista para as árvores e o celeiro e alcança até a beira do lago, mas os primeiros colonos

cederam a melhor terra para os mortos, a primeiríssima deles uma menina de 2 anos chamada Mary. Um por um, todos a seguiram colina acima, até que vinte e nove deles se encontrassem repousando sob as lápides musguintas, e lá esperam que nos juntemos ao grupo. A vida era assim naquela época: você enterrava seus filhos, seu marido, seus pais bem ali na fazenda. Eles nunca tinham estado em nenhum outro lugar. Nunca tinham desejado estar em outro lugar.

Olho para o sopé da colina até conseguir enxergar Emily com o boné verde do estado de Michigan e, um instante depois, vejo Maisie e Nell caminhando até o celeiro. Hazel fareja o rastro longínquo de Maisie na brisa e dispara para agradecer à minha filha uma vez mais pela vida.

Muito tempo atrás, Benny Holzapfel tinha professado sua fé no envio das cerejas doces para a feira como parte da manutenção de um sistema saudável de fluxo de caixa. Ainda estava no segundo ano do ensino médio quando convenceu meu marido a extrair as ameixeiras na extremidade leste do pomar mais elevado e plantar dezesseis hectares de cerejas doces escuras. Eu não tinha sido a favor de aceitar o conselho de um vizinho de 15 anos na época. Falei que precisávamos de mais árvores do mesmo jeito que precisávamos de mais cabras, que também tinham sido ideia de Benny. Não é possível sacudir as cerejeiras mecanicamente. É preciso colhê-las com as mãos, e elas têm que ser arrancadas com perfeição, como se cada uma estivesse promovendo o turismo de Michigan. As ácidas são congeladas e fervidas para fazer suco ou geleia ou serem vendidas para tortas. Passam por secagem e são transformadas em passas de cereja robustas, e ninguém se importa com a aparência delas. O problema com as ácidas é que os distribuidores oferecem uma entrada na entrega e não pagam o restante até as terem vendido, e como as cerejas já estão congeladas ou secas não há a menor pressa. Você pode se matar de trabalhar para colher cerejas ácidas em julho e só ver o lucro em dezembro, ou em julho do ano seguinte. As cerejas doces, por sua vez, não servem para ser congeladas. No início do verão elas duram duas semanas no refrigerador e, no fim da estação, quando o açúcar está no ápice, o processo se acelera consideravelmente. Claro que as cerejas se transformam em marasquino, e algumas outras das doces terminam em iogurtes, mas a maioria nós vendemos por intermédio de uma cooperativa agrícola, e a cooperativa, por sua vez, as vende a mercearias e a comunidades que sustentam a agricultura. O dinheiro que ganhamos com essas belas cerejas pôs Nell na Universidade de Michigan e agora está pagando o curso de veterinária de Maisie.

Obrigada, Benny Holzapfel.

— Então o sr. Ripley pediu que você fizesse um teste para um filme.

Emily dá a deixa assim que nós quatro paramos em uma fileira de árvores colhendo cerejas, com os cestos pendendo do pescoço. Emily é alta como o pai, forte para erguer tonéis cheios o dia todo. Maisie é menor que a irmã mais velha, ainda que de forma alguma pequena, e os cachos lhe dão mais alguns centímetros. Nell é parecida comigo, ou Nell é parecida com a jovem que fui.

É como se o material genético do qual essas meninas foram feitas enfraquecesse a cada esforço, de modo que a filha mais velha é robusta, a do meio é de tamanho médio e a mais nova é um fiapinho. Podiam muito bem ser os três ursos. Afugento uma pequena lagarta verde.

— Por que é que estou contando essa parte?

— Porque você está juntando as peças para nos dar um panorama mais completo — explica Nell. — Contando tudo aquilo que escondeu da gente.

— Você tem que voltar e pegar um chapéu — digo para Nell.

Ela toca a parte de cima da cabeça, surpresa. Ainda estava meio dormindo quando saiu de casa.

— Vou buscar na primeira pausa.

★ ★ ★

O que Ripley queria comunicar naquela primeira ligação, que me custou sete dólares e oitenta e cinco centavos e me fez chegar atrasada para a aula de história dos Estados Unidos, era o temor de que a sobrinha descobrisse que ele me chamara para um teste.

— Minha irmã não está sabendo desse filme. Não vai ficar feliz se descobrir que o papel de alguém da idade da Rae Ann foi dado à garota que subiu no palco ao lado da Rae Ann.

Ele tinha me dado um papel? Não perguntei.

— Então, quando sair da cidade seria melhor dizer que teve uma emergência familiar, um enterro ou algo assim. Pode dizer que sua avó morreu.

A sensação foi de que ele tinha me espetado com um alfinete.

— Não vou dizer que minha avó morreu.

— Então pense em outra pessoa. — A voz de Ripley não conseguia ocultar o aborrecimento.

Ripley-Acredite-Se-Quiser pediu o telefone dos meus pais e eu dei, e, enquanto calculava quantas saias teria que costurar para pagar pela viagem, a produtora me comprou uma passagem. Eu tinha 20 anos, mas a assistente de Ripley combinou tudo com meus pais porque eu não tinha telefone. Meus pais supuseram que Ripley havia me falado sobre tudo que iria acontecer, mas Ripley não era um sujeito que lidava com itinerários. Quando liguei para minha avó e perguntei se podia pegar um dinheiro emprestado com ela, descobri que o problema já tinha sido resolvido. Minha família achou que era uma ideia maravilhosa a filha largar a faculdade no meio do semestre para ir à Califórnia com um homem que não conhecia. Eu mesma também achava ótimo, não porque sonhava em ser atriz — essa parte da equação ainda era confusa para mim —, mas porque sentia que finalmente tinha uma direção para seguir, e essa direção era a oeste. De todo modo, New Hampshire inteiro afunda no desespero em março, então não havia período melhor para ir. Assim que ficou sabendo da notícia, minha avó pôs a máquina de costura para trabalhar em ritmo acelerado, organizando o que chamou de meu enxoval de

mocinha: vestidos, saias e uma saída de praia para combinar com o maiô que encomendou da L.L. Bean. Ela evitou que eu chegasse a Los Angeles usando coturnos e meu casaco Loden verde-escuro com botões em formato de lança.

★ ★ ★

Os cestos ficam presos no nosso pescoço por tiras de lona e, quando estão cheios, os esvaziamos nos tonéis. Quando enchemos um bom número de tonéis, Joe os ergue até a plataforma do John Deere Gator e os leva até o celeiro.

— Então, Califórnia — diz Nell me cutucando.

Essa é a parte da história em que ela está interessada.

Fico com medo de que Nell esteja muito exposta ao sol, então lhe estendo meu chapéu, que ela recusa.

— É tarde demais para mim. Salve-se.

Coloco-o na cabeça dela.

Nell aceita porque, ao contrário das irmãs, não gosta de discutir.

— Quero saber da audição e quero saber do filme.

Ela acha que tenho algo a ensinar, mas não tenho. Nell não domina uma sala nem sobe em uma cadeira para cantar. Ela é aquela que observa. Tem o tipo de naturalidade que Ripley muitas vezes mostrou que eu tinha, uma capacidade de ser tão transparente que é impossível desviar o olhar. Vive trabalhando no próprio ofício. Mesmo colhendo cerejas, juro que consigo vê-la pensando em como outras pessoas poderiam colher cerejas. E essa é a diferença entre nós: eu era muito boa sendo eu mesma, ao passo que Nell é muito boa sendo qualquer pessoa.

— Não foi interessante — digo.

— Distrai a gente — diz Emily. — Estamos trabalhando.

Tento explicar.

— Aprendi a atuar com um corretor de seguros de New Hampshire quando estava no ensino médio. As outras pessoas estavam um tom acima, então me destaquei porque não subi o tom. O sr. Martin precisava de uma Emily porque as Emilys eram horríveis. Como eu não era horrível, me acharam boa o bastante. Acho que o Bill Ripley estava em uma situação parecida. Todas as atrizes que ele testou faziam um escarcéu quando estavam atuando, e ele precisava de alguém simples para o papel. Simplicidade era minha especialidade.

— Por que você está se diminuindo? — pergunta Emily, jogando uma cereja em mim. Maisie se inclina e vasculha a grama com as mãos e, quando acha a cereja, a põe na boca. Não desperdiçamos cerejas doces. — Se uma de nós dissesse isso, você nos daria um tapão na cabeça e nos faria dizer coisas positivas na frente do espelho.

— Fiz vocês dizerem coisas positivas uma vez, *uma vez*, e foi bom para vocês — argumentei.

— Podia ser bom para você também — retruca Emily.

— Eu não estou me depreciando. Estou dizendo que tinha um talento genuíno para ser eu mesma, e por algum tempo isso funcionou. Na verdade, provavelmente funcionou melhor no cinema do que no palco.

— Você fala como se a gente não tivesse visto o filme cem vezes — diz Nell. — Você estava muito bem.

Dou de ombros.

— É tipo conseguir cantar perfeitamente uma única música. É um bom truque, que só funciona até certo ponto.

★ ★ ★

Voltando a New Hampshire, a Bill Ripley sentado naquele teatro escuro da universidade ao lado da irmã. Ripley não era um novato, e quando me viu entendeu para o que estava olhando: uma garota bonita que não estava necessariamente interpretando um papel, mas que era a pessoa certa para o papel que estava interpretando. Ao contrário da sobrinha dele, eu sabia como não estragar tudo.

Quando desci do avião em Los Angeles, um homem extremamente bronzado de terno preto segurava um cartaz com meu nome. Ele pegou a bolsa de lona que eu segurava e me acompanhou até uma limusine de verdade estacionada em fila dupla diante do terminal. Quase caí para trás, como minha avó gostava de dizer. Se ele tivesse dado uma volta comigo pelo aeroporto e me deixado exatamente no mesmo lugar, e eu tivesse tomado um avião de volta para New Hampshire sem nem vislumbrar qualquer outra coisa da Califórnia, já teria valido a pena, porque um dia eu poderia contar para minhas filhas que tinha andado de limusine. Abaixei o vidro fumê, assim qualquer um que tentasse enxergar quem estava no banco de trás daquele carro veria que era eu, tomando um solzinho.

O hotel tinha uma piscina. Um cestinho no quarto continha frutas tão estranhas para mim que eu não sabia como comê-las. Um bilhete de Ripley dizia “Bem-vinda! Por favor, peça todas as refeições no hotel”, o que era bacana, mas não tão bacana quanto “Bem-vinda! Busco você para jantar às 19h”. O hambúrguer que pedi ao serviço de quarto foi trazido sob um domo prateado enorme que o garçom ergueu com um floreio. Até onde dava para notar, tudo na Califórnia parecia saído de um filme. Comi o hambúrguer de quinze dólares em uma cama branca e macia e repassei as falas. Na manhã seguinte, um motorista diferente em uma limusine diferente me levou até um estúdio na Warner Brothers. Pessoas ficaram me vestindo, despindo e vestindo de novo durante duas horas. Fiquei sentada em uma cadeira de barbeiro chique, enquanto um homem negro com uma camiseta cor-de-rosa que caía tão bem nele que tive certeza de que tinha sido feita sob medida tirava a maquiagem que eu fizera com tanto cuidado de manhã e pintava um rosto totalmente novo por cima do meu. Quando queria que eu levantasse o queixo ou virasse para a esquerda, ele erguia o dedo diante do meu rosto.

— Siga o meu dedo — dizia ele, e eu seguia. — Sobrancelhas? — perguntou para o homem sentado em uma cadeira de barbeiro ao lado da minha, que lia um roteiro.

O homem olhou para minha imagem no espelho e em seguida para o maquiador.

— Espera aí — respondeu ele.

Uma mulher com cabelos ralos e desbotados feito uma espiga de milho e sem sobrancelhas escovou meu cabelo, depois o pegou e o soltou nas mãos repetidas vezes.

— Olhem só isso — comentou ela com os colegas. — É perfeito para um comercial de xampu.

Eu me lembrei daquela cena em que a Dorothy e os amigos são aprontados antes de serem levados para conhecer o Mágico. *Bate, bate aqui, bate, bate ali, e umas palhas novinhas em folha. Assim mantemos você jovem e belo.*

Alegre terra de Oz.

Quando os esforços consideráveis deles chegaram ao fim e eu tinha sido transformada em uma pessoa parecida com minha prima de primeiro grau mais bonita, fui levada até o set, onde fiquei diante de um fundo branco. O homem que havia ficado sentado na cadeira de barbeiro ao lado tirou uma foto minha. Os elogios dele eram tão obsequiosos que primeiro fiquei envergonhada por mim mesma, e depois por ele. Surgiu outro homem com uma pequena câmera em um tripé e me fez dizer meu nome (Lara Kenison), o nome do filme (*Singularidade*) e o papel para o qual estava fazendo o teste (Lindsay). Quando terminou, me levaram para o espaço aberto do set onde Ripley esperava com toda a equipe.

★ ★ ★

As mãos de Nell se soltam dos galhos e ficam pendendo nas laterais do corpo. Mãos ociosas, começo a dizer — uma velha piadinha da família —, mas me contenho. Ela está parada do meu lado usando um vestido soltinho cheio de margaridas, um vestido com bolsos enormes que um dia fora meu, depois de Emily e então de Maisie. Os olhos de Nell cintilam de pavor.

— Você não estava com medo? — sussurra ela.

Maisie e Emily se detêm. As três me observam enquanto tento me lembrar. Isso foi muito tempo atrás. Olho em volta daquele espaço branco e amplo. Ripley está lá junto com uma atriz famosa que interpreta minha mãe e um ator menos famoso que interpreta o namorado dela. Pessoas com microfones em cabos e luzes gigantescas e câmeras em trilhos ajustam os ângulos dos equipamentos em silêncio. Os dois atores e eu estamos sentados a uma mesa que é para ser a mesa de uma sala de jantar, rindo porque é isso que a cena exige. Em todas as vezes que subi no palco, nunca me pediram que risse antes, e a risada vem fácil. Estava com muito medo no dia em que tentei o papel de Emily no ensino médio, mas ao procurar por aquele sentimento não o

encontro. Sei que tudo que preciso fazer é tentar não atuar, e isso é fácil porque não tenho a menor ideia de como se atua. Foi por esse motivo que Ripley me trouxe até a Califórnia.

— Não — digo às minhas filhas. — Não estava com medo.

★ ★ ★

Não sei de onde tirei a ideia de que se gostassem de mim eu iria simplesmente ficar na Califórnia e fazer o filme, mas, assim que o teste terminou, me puseram em um carro e me levaram de volta ao aeroporto com minha bolsa de lona, ainda que eu não tivesse feito as malas antes de sair do hotel. Peguei o voo noturno para Boston e uma van de transporte de volta a Durham. Daria tempo de dormir três horas antes da aula de sociologia.

Programei o despertador e me deitei na minha cama de solteiro pensando na limusine. Minha colega de quarto dormia profundamente, e eu não iria acordá-la para contar aquilo, mas a limusine era a parte que eu não conseguia esquecer.

Duas semanas depois, minha mãe ligou para o telefone do corredor e disse que precisavam de mim em Los Angeles.

— Consegui o papel?

Eu já tinha ficado mal por não ter conseguido. E já tinha superado.

— O sr. Ripley disse que precisa de um segundo teste.

— Para que gastar tanto dinheiro se eles já me viram?

— Acho que eles têm dinheiro — disse minha mãe.

E então voltei, dessa vez deslizando para o carro preto comprido como alguém que estava habituada àquilo — a primeira vez é um luxo, a segunda é um privilégio.

Na manhã seguinte, Ripley e o diretor de elenco me receberam na piscina de uma propriedade. Havia uma loira com um maiô de salva-vidas vermelho e branco em uma das espreguiçadeiras. Ela ergueu os olhos da revista e acenou, então acenei de volta. A água estava deslumbrante à luz do sol. Água-de-piscina-de-filme. Os funcionários do estúdio nadavam ali no horário de almoço, ou era naquele lugar que faziam os filmes em que as pessoas nadavam? Havia uma mulher com Ripley e o diretor de elenco, mais velha do que eu, mas não velha. Era toda sorrisos e gentileza: Como tinha sido o meu voo? Eu tinha comido algo no café da manhã? Dava para acreditar em um dia tão lindo?

— A gente precisa ver você nadando — disse Ripley.

— Sério?

Na hora me perguntei se a água estaria muito fria, porque essa é a primeira coisa que uma pessoa de New Hampshire pensa quando alguém começa a falar em nadar.

— Você sabe nadar?

Eu era jovem demais em todos os sentidos, e estava tentando entender aquilo.

— Claro que sei, mas não era mais fácil simplesmente ter me ligado e

perguntado?

O diretor de elenco riu e Ripley assentiu.

— Claro, mas precisamos ver você nadando. Algumas pessoas não ficam bem quando nadam. Outras ficam.

Tive vontade de dizer que havia sido monitora no acampamento Huckins nos dois últimos verões do ensino médio, que havia concluído o curso de salvavidas da Cruz Vermelha que incluía oitocentos metros de nado em um lago gelado. Dei aulas de segurança na água depois disso. Tinha o certificado, embora de alguma forma soubesse que eles não se importavam.

— Meu biquíni ficou no hotel.

A mulher que estava com eles, a que era um pouquinho mais velha do que eu, sorriu de novo.

— Temos vários biquínis. Vem, vou levar você até o vestiário — disse ela.

— Não precisa correr — disse Ripley. — A gente espera.

Claro, se uma garota leva você para um quarto e começa a dizer quanto esse biquíni vai ficar fofo, você aceita. Pensei no maiô azul-marinho robusto que minha avó havia comprado, guardado na sacola de lona no hotel, ainda com a etiqueta, e senti uma onda de raiva por ter me deixado ser tão enganada. Quando voltei para a piscina não disse uma palavra a nenhum deles. Fui até o trampolim, saltei com força e bem alto duas vezes e então rompi a água azul cintilante com as mãos. Dei três voltas com viradas olímpicas. Aqueles filhos da puta queriam ver se eu sabia nadar? Então eu iria mostrar para eles como se nadava.

Não me disseram que tinha conseguido o papel até eu estar de volta a New Hampshire, depois avisaram que eu precisava estar no set em quatro semanas. A passagem de avião para a minha terceira viagem era de primeira classe, algo que, até onde minha experiência alcançava, dava de mil a zero na limusine. Ganhei uma filiação ao sindicato dos atores e um pequeno apartamento mobiliado. Ripley comprou óculos escuros para mim e me orientou a usá-los sempre que estivesse ao ar livre para não ficar com pés de galinha. A garota que fora designada para me acompanhar até o vestiário se chamava Ashby, e era função dela me buscar de manhã e ficar de olho em mim no set. A função de Ashby era tornar as coisas novas e esquisitas vagamente normais, e ela era boa nisso. Ashby era aspirante a atriz.

Fosse qual fosse o talento que eu tinha para a transparência, para a pequenez, ele se mostrou adequado para a câmera, e canalizei a lembrança das sobranceiras extraordinárias de Veronica e em seguida fui elogiada pela sacada sutil. Sabia como sorrir só um pouco e desviar o olhar enquanto colocava o cabelo atrás da orelha. O diretor de fotografia não conseguia superar o fato de que minhas orelhas não eram furadas. Falou que aquilo era melhor do que ser virgem. Não expliquei que o único motivo de não ter furos era que a menina na minha frente na fila do shopping tinha desmaiado quando perfuraram o lóbulo dela com a pequena pistola e ninguém pensou em segurá-la. Você nunca sabe o que vai ajudar na caminhada: minha magia particular era ser de

New Hampshire e ter cabelos não tingidos e orelhas sem furos. Concordei em usar biquíni, mas não tiraria a parte de cima, e, embora entenda que essa pode ser uma combinação difícil de se encontrar, não era exatamente a mesma coisa que atuar.

Ripley me ajudou a assinar com um agente que era amigo dele, e o agente negociou um contrato de quarenta e cinco mil dólares, uma fortuna para uma garota que tinha recentemente se esforçado muito para arranjar uns trocados e poder usar o orelhão. Não muito tempo depois que cheguei, a estreia foi adiada porque a atriz famosa que interpretava minha mãe torceu o tornozelo quando fazia uma caminhada por uma trilha em Topanga Canyon. Disse que tinha visto uma cobra. Ashby me falou que se qualquer outra pessoa tivesse lesionado o tornozelo num estágio tão precoce da produção, teria sido substituída, mas a atriz famosa era basicamente o chamariz do filme. Faltavam só três semanas para acabar o semestre, então perguntei se podia voltar para a faculdade, mas todos concordaram que não. Se o tornozelo da atriz melhorasse de repente, não queriam ter que me esperar. As pessoas em Hollywood achavam, e talvez estivessem certas, que New Hampshire ficava perto da Mongólia. Para me consolar, meu agente me arranjou um comercial do refrigerante Dr Pepper Diet e um do Red Lobster. Eram o tipo de anúncio nacional para o qual atores de verdade teriam vendido a própria mãe. Bebi uma lata de Dr Pepper Diet, exibi os lóbulos das orelhas e abri uma conta num banco. Ripley me emprestou um carro, porque diretores têm carros extras — um pequeno MG conversível verde que era mais velho que eu. Se aquilo era trabalho, então eu tinha sido feita para ele.

O fato de a data de estreia continuar a ser adiada não era um problema para mim. Decidiram que precisavam de uma cena no inverno, um *flashback*, mas a atriz famosa já era tão famosa que se tornara impossível achar uma brecha na agenda que ela mantinha, e mesmo quando conseguia essa brecha e eles encontravam neve também tinham que encontrar mais dinheiro, porque a cena no inverno não estava no contrato dela. Isso os desnorteou por pelo menos mais um ano, talvez dois. Havia um problema com a pós-produção, e então uma pendência com a distribuição, nenhum dos quais me foi explicado. Não era parte do meu trabalho ficar por dentro da produção do filme, e eu não me importava com o atraso porque gostava de Los Angeles. Todo aquele sol combinava comigo. Meu agente me arranjou duas temporadas de uma *sítcom* nada memorável chamava *Os Finnegan*, além de mais alguns comerciais. Tinha trabalho, um lugar para morar. Eu ia a festas na praia e dava voltinhas com os caras que queriam ser astros de cinema. Saía para dançar. Deixei New Hampshire.

★ ★ ★

Nell se senta na grama.

— Não aguento mais isso — diz ela.

Emily se inclina e põe uma das mãos na cabeça da irmã.

— O quê?

— Tudo isso. Que alguém simplesmente tenha batido na sua porta e te dado um papel em um filme extraordinário e o fato de que você arranhou vários trabalhos mesmo antes de o filme sair. Você estava ganhando dinheiro mesmo sem fazer arte. Quer dizer, sei que você teve que nadar primeiro e que a experiência não foi o máximo, mas em algum momento você chegou sequer a querer isso?

O que eu queria? Voar de avião? Sair de New Hampshire. Eu me sento na grama ao lado da minha filha.

— Acho que sim. No momento em que a filmagem começou eu queria, mas não do jeito que você iria querer. Eu entendo você.

— Quero fazer um teste. Quero atuar. Quero cair fora deste raio de pomar. É como se o universo conspirasse para fazer de você uma atriz e como se o universo conspirasse para me fazer colher cerejas.

— Mas você faz isso muito bem — diz Maisie. — Tem uma técnica excelente.

É piegas e inútil dizer a uma pessoa que você daria de bom grado seu passado a ela porque o passado não é transferível, e de todo modo eu lhe daria apenas os dias bons. Olhando pelo ponto de vista de Nell, era difícil não achar que toda aquela sorte havia sido desperdiçada nas minhas mãos e que ela teria feito melhor proveito.

— A gente devia parar com isso. Existem vários outros assuntos de que a gente pode falar. Podemos não falar de nada especificamente. Ou podemos voltar para os podcasts por um tempo.

Poderíamos ouvir podcasts até morrer, e mesmo assim todo esse tempo não chegaria nem perto de dar conta das histórias que tínhamos para explorar.

— Você não pode parar — diz Emily. — Ainda nem chegamos na parte que interessa.

— A parte que interessa? — pergunto, embora saiba.

— Duke. O motivo de estar falando do passado é que em algum momento você vai chegar no Duke.

— Ele não é o motivo de ela estar falando do passado — retruca Maisie, soturna.

Nell descansa a cabeça nos joelhos.

— Pode continuar. Não estou encerrando a conversa. Estou emburrada. Tem uma diferença. Quero que você continue.

— Que continue ao mesmo tempo que reconhece que a vida é injusta e que devia ter sido você no filme, mesmo que faltasse mais de uma década para você nascer — diz Maisie.

Nell assente mais uma vez para os joelhos.

— Só vamos em frente, vai.

— Não tenho nenhum interesse em deixar você infeliz — digo.

A história teria que acabar em algum momento, e este não seria um mau

momento para pôr o ponto final.

— As circunstâncias da minha vida estão me deixando infeliz, não a história. Não é a mesma coisa, mesmo que pareça.

Nell desaba de volta na grama, abrindo os braços como uma estrela-do-mar, como uma garota que perdeu a esperança. Em um piscar de olhos, estamos todas deitadas na grama macia e verdíssima, olhando através dos galhos, das cerejas e das folhas para o céu de Michigan, as nuvenzinhas se chocando bem acima de nós. Quantos anos se passaram desde que nos deitamos juntas nesta grama, debaixo dessas árvores, nós quatro, discutindo quais das nuvens eram patinhos e quais eram coelhinhos?

— Você devia ter sido famosa — diz Nell, por fim. — Acho que é isso que acaba comigo.

Eu me apoio nos cotovelos, tirando um momento para admirar os raios de sol batendo no cabelo da minha filha.

— Famosa? É sério?

Elas agitam a grama muito de leve conforme assentem com a cabeça.

Ergo a mão, indicando a exuberância das árvores.

— Olhem para isso! Olhem para vocês três. Achem que minha vida teria sido mais bem aproveitada fazendo comerciais de sanduíches de lagosta?

Neste momento, Benny vem vindo depressa por entre as fileiras de árvores, pedalando a mesma bicicleta velha do ensino médio. Hazel soa o alarme, mas nos sentamos tarde demais. Ele nos viu em repouso.

Benny derrapa até frear.

— Estão dormindo? Ainda não são nem dez da manhã.

Todas sabemos que ele veio encontrar o pai da namorada, não a namorada. Quer pegar uma serra ou um carretel de arame emprestado, ou veio porque Joe o chamou e pediu ajuda para consertar alguma coisa que nenhuma de nós saberia consertar. Benny é magro porque não tira um tempo para comer, e o cabelo dele é um esfregão preso por um elástico porque ele não tira um tempo para cortar.

Aceno para o rapaz.

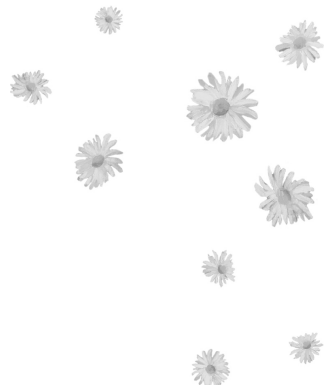
— Estamos pensando em como alcançar a paz mundial.

Ele desmonta da bicicleta para beijar Emily, e gostamos disso: Maisie, cujo namorado, que estuda com ela na faculdade de veterinária, está preso com a própria família no Oregon; Nell, que não tem namorado; e eu, que amo o amor.

— Não deixem o pai de vocês ver vocês assim — comenta Benny, se referindo ao fato de estarmos com sono no meio da manhã.

Ele não entende que é o peso do passado que nos prende ali, e antes de conseguirmos explicar já saiu pedalando de novo.

Devíamos nos levantar. Devíamos voltar para as árvores, mas não voltamos. Ficamos sentadas olhando Benny ir embora, com a cabeça ainda repleta de filmes.



5

Neste verão, que em alguns momentos pode ser confundido com o fim do mundo, somos aquelas que colhem a fruta, que enviam a fruta para o processador, que atamos os galhos e levamos as cabras para fora a fim de que possam comer capim. Trabalhamos desde a hora em que acordamos até fecharmos os olhos à noite. Às vezes uma de nós comenta quanto seria divertido assistir a um filme, mas isso nunca acontece. Caímos no sono com livros nas mãos. Caio no sono com uma agulha na mão, costurando máscaras faciais a partir de fronhas. E então, na manhã seguinte, a coisa toda recomeça e estamos de pé em meio às fileiras de árvores, contando histórias para fazer o tempo passar. Ah, a falta que sentimos das pessoas que trabalharam nesta fazenda ano após ano, geração após geração, os filhos que iam à escola com nossas filhas durante metade do ano, todo ano, desde que eram pequenininhos, sempre indo e voltando, até voltarem com os próprios filhos.

O futuro de Emily, aquele em que o pai e eu ficamos velhos e ela assume a fazenda, tinha se tornado realidade. As aulas de veterinária de Maisie na Universidade Estadual de Michigan são on-line, mas não há escassez de aplicação prática para o aprendizado dela neste fim de mundo. Ela atua em todas as frentes: administrando medicamento de desparasitação numa fazenda, castrando cabritos e cordeiros em outra e realizando uma série de exames físicos em Hazel. Vizinhos a um quilômetro de distância telefonam no meio da noite para perguntar se ela conseguiria virar um potro que está na posição errada, e ela o vira e depois faz o parto. “Sou melhor do que nada” diz ela ao entrar pela porta dos fundos na manhã seguinte, ensanguentada e cheirando a placenta.

Nell, porém, não tem essas oportunidades, nenhum equivalente a um potro na posição errada. Passou a última primavera colhendo cerejas e lendo peças no quarto de infância. Ela e as amigas da faculdade equilibram os notebooks sobre pilhas de livros e praticam monólogos umas para as outras. Como querem atuar

e aprender atuação de qualquer jeito, ela implora para ouvir minhas histórias, mesmo que estejam um bocado ultrapassadas. Mesmo que a deixem brutalmente deprimida.

— Como era? — pergunta ela de novo.

Era como ser uma folhinha num rio. Caí e fui levada pela correnteza.

Nell começa por mim.

— Então você deixou Los Angeles e foi para o Tom Lake — diz ela.

Estávamos de pé de novo, de volta ao trabalho.

— Fui para Nova York primeiro. Nova York e depois Tom Lake.

Emily balança a cabeça.

— Los Angeles, Tom Lake e daí Nova York.

Essas meninas têm tanta certeza a respeito de coisas que não sabem.

— New Hampshire, Califórnia, Nova York, Michigan, New Hampshire, Nova York, Michigan. Estou dizendo.

★ ★ ★

Quando haviam se passado três anos e o filme ainda não tinha sido concluído, me perguntei se não seria hora de parar de confiar no charme das minhas orelhas sem furos e ir fazer algumas aulas de atuação.

Ripley fez que não com a cabeça.

— Você vai se estragar — declarou ele.

Fazia um bom tempo que não nos víamos, e telefonei para ele em busca de conselhos. Estávamos sentados na beira da piscina atrás da casa dele, nossas espreguiçadeiras de teca protegidas por um guarda-sol vermelho gigantesco. Era uma terça-feira ou um sábado, março ou outubro. Esse era o problema com Los Angeles: eu nunca conseguia lembrar.

— Você está me dizendo que ninguém por aqui faz aulas de atuação?

— Você está fresca, não foi maculada. Esse é o seu segredo. As pessoas têm aulas de atuação para aprender a fazer o que você já está fazendo.

— Então estudando atuação eu vou macular minha imaculidade?

— Exato.

Ele estava bebendo Perrier com gelo triturado e limão. Uma mulher de origem hispânica saiu da casa e veio colocar uma tigela de quincãs na mesa entre nós dois, e logo em seguida deu meia-volta sem dizer uma palavra.

— Só quero... — comecei.

Mas não tinha a menor ideia do que queria. Tudo que sabia com certeza era que aquele dia estava quente e a piscina parecia um paraíso.

— O quê? — perguntou Ripley. — Ser estrela de cinema?

Sorri.

— Piscinas e estrelas de cinema.

Ripley sentia alguma responsabilidade por mim, acho, por ter me levado até ali para participar de um filme que estava parado dentro de uma lata. Ainda assim, pronunciou a frase seguinte com hesitação.

— Conheço um cara — disse ele. — Estão começando a montar uma produção de *Nossa cidade*.

Num piscar de olhos senti as palavras brotando em mim: os relógios tiquetaqueando, os girassóis e os vestidos recém-passados. Tudo aquilo sempre esteve ali, feito um animalzinho hibernando no meu peito. Não falei nada.

— Você podia tentar — comentou, deixando claro que minha decepção iminente não teria nada a ver com ele.

— Onde?

Estourei um quincã na boca do jeito que as garotas entediadas de Los Angeles fazem. O azedinho dele dava impressão de que eu estava sendo eletrocutada, mas não deixei nada transparecer. Talvez fosse uma atriz melhor do que pensava.

— Nova York. — Então, um quincã depois, acrescentou: — Broadway. Spalding Gray vai ser o Diretor de Cena.

★ ★ ★

— Não pode ser! — exclama Nell.

— Não consegui o papel.

— Você tentou *Nossa cidade* na Broadway com o Spalding Gray!

— Spalding Gray não estava lá quando fiz o teste, e não consegui o papel.

Emily ergue um galho e espia por baixo dele, tentando decidir se precisa ser amarrado.

— Estou começando a entender um negócio aqui — diz ela, e todas nós achamos que está falando da árvore. — Cada coisa leva à próxima coisa.

Maisie se detém e olha para a irmã.

— Isso se chama narrativa. Acho que não ensinam isso na escola de horticultura.

— Eu sei o que é *narrativa*, idiota, mas quando você vê tudo em partes assim, ponto a ponto, não sei, é diferente. — Emily olha para mim. — Sua avó pede que você cuide das inscrições das pessoas para a audição de uma peça e você termina protagonizando a peça, o que te dá coragem para fazer um teste para a mesma peça na faculdade, o que leva Ripley a te dar um papel no filme dele, mas o filme não sai, então você acaba em Nova York para fazer um teste para a peça de novo...

— Mas você não consegue o papel — conclui Maisie.

— Então vai para Michigan — continua Nell. — E aí chega até a gente.

— É só que eu achava que era uma história sobre o Duke — diz Emily, a trança escura descendo pelas costas, a aba do boné do estado de Michigan fazendo sombra sobre os olhos. — E depois achei que você estivesse fazendo a gente esperar por alguém que nem ia aparecer só para se divertir.

Ainda está lá, embora seja necessário ouvir com atenção para perceber: a última brasa sibilante da antiga raiva e do antigo desejo de Emily.

— É uma história sobre o Duke — digo.

Inalo profundamente o norte de Michigan no verão, o cheiro das árvores, dessas três meninas. Nunca vai haver nada igual.

— É e não é sobre o Duke — diz Nell.

— É isso — digo, assentindo. — Sim e não.

★ ★ ★

Fui para Nova York esperando vencer. Não havia nenhum George na audição. Um sujeito que fora designado para isso ficava sentado à esquerda da mesa do diretor e lia as falas de George, as da sra. Webb e as do Diretor de Cena. Quando me chamaram de volta no segundo dia, alguns outros atores vagavam nervosos por lá, mas não Spalding Gray. Repassamos as cenas juntos, para testar a química. Nunca tinha me sentido tão confortável, tão convicta de que era atriz. Da próxima vez que visse Ripley iria agradecer por me convencer a não ter aulas de atuação. Estava usando presilhas para manter o cabelo longe do rosto, de modo que o diretor de elenco pudesse ver minhas lindas orelhinhas. Estava usando o moletom da UNH. Quando fui embora no segundo dia, os cinco homens no estúdio das audições se levantaram para apertar minha mão. O último deles perguntou duas vezes o nome do hotel em que eu estava hospedada. Voltei ao quarto daquele hotel para esperar ao lado do telefone, e duas horas depois ele tocou. Um homem perguntava se eu podia encontrá-lo no Algonquin na tarde seguinte a fim de discutirmos a peça.

Eu disse que sim, com certeza. Perguntei o horário.

— O que você tem que lembrar é que tudo é confortável — disse ele, enquanto estávamos sentados a uma mesinha no canto do bar muito escuro. O nome dele era Charlie. Terno cinza, camisa branca, sem gravata. Eu me lembrei do terno da audição. Ele tinha um bom alfaiate. Apenas um centímetro do punho da camisa aparecia sob a manga do paletó. — Eles dizem que querem uma pessoa nova, mas que você é nova *demais*. Se o filme já tivesse sido lançado, você seria a escolhida. A propósito, Ripley diz que você está ótima nele. E não há dúvida de que foi magnífica na audição.

Eu tinha pensado em um breve discurso de agradecimento, no qual expressava meu entusiasmo e minha gratidão, mas tudo levava a crer que Charlie estava me dizendo que eu não precisaria desse discurso. Era isso mesmo? Eu me recusava a acreditar que a mensagem fosse clara. Então a garçonne veio até nossa mesa e eu travei na escolha da bebida: uma Coca me faria parecer jovem, mas um Jack e uma Coca me fariam parecer ainda mais jovem, um kir talvez me fizesse parecer uma atriz, mas talvez uma que estivesse se esforçando muito para não se importar. No pânico repentino, escolhi uma Perrier com gelo triturado e limão, que me fazia parecer californiana, a última coisa que queria parecer.

— O filme vai ter saído quando a peça estreiar — falei, em voz baixa.

Charlie deu de ombros, como quem diz “O que é que você sabe sobre datas de lançamento?”. Estava certo, óbvio. Foi quando pensei que queriam que eu

dormisse com ele. Charlie tinha me levado àquele bar escuro de hotel para falar sobre eu conseguir o papel principal numa peça da Broadway, que, embora sentisse muito, não iria conseguir me dar. Ou talvez conseguisse. Imaginei que a chave já estivesse no bolso dele. Repassei as opções depressa, uma sensação que não era muito diferente da sensação de pedir as bebidas: podia ficar indignada ou ofendida, ou podia simplesmente segui-lo até o elevador. No fim das contas, as pessoas daquele ramo não tinham todas que dormir com alguém em algum momento? Eu dormiria com ele se isso significasse ganhar o papel da Emily na Broadway para trabalhar ao lado de Spalding Gray?

Sim. Sim, eu dormiria.

— Escuta, você é ótima — disse ele, pousando as mãos na toalha de mesa branca bem na frente da vela bruxuleante. Eram mãos elegantes, sem aliança, então pelo menos eu seria poupada daquela culpa adicional. — Mas tem dinheiro demais envolvido. Você tem que conseguir vender ingressos.

— Spalding Gray vende ingressos.

— Bom, você tem que conseguir ajudar o sr. Gray.

Também pus as mãos na mesa. Mantive-as do meu lado da vela, mas achei que deixavam minha intenção perfeitamente clara, e não a de que pudesse parecer que eu estava organizando uma sessão espírita. Ele tinha o dobro da minha idade, mais ou menos. Olhei para ele do jeito como Jimmy-George costumava olhar para mim. Do jeito como costumava olhar para Veronica.

— Me diz o que preciso fazer.

Então Charlie riu, não uma risada nervosa, mas uma gargalhada estrondosa e inesperada. Naquele instante, a garçonete providencial voltou com a Coca Diet dele e minha Perrier. Ele enxugou os olhos com o polegar, e tomou um golinho do refrigerante para se acalmar.

— Conheço seu tio desde muito antes de você nascer — falou. — Sabia disso? Ripley e eu jogávamos *squash* na Associação Cristã de Moços em Hollywood Hills. Tem uma esquerda forte, aquele cara. Quase quebrou a merda do meu nariz uma vez.

— Ele sempre foi excelente no *squash*.

Por mais que fosse gentil da parte de Ripley salvaguardar minha honra na ausência dele, teria sido ainda mais gentil se ele tivesse se lembrado de me avisar sobre isso.

— Vou direto ao assunto. — Charlie deu batidinhas de leve na mesa e então afastou as mãos. — Trabalhei algumas vezes no Tom Lake. O diretor artístico é um velho amigo.

— Você tem um monte de velhos amigos — comentei, de forma idiota, porque, meu Deus, era muito idiota.

— Você conhece o Tom Lake?

Fiz que sim. Não conhecia.

— Vão produzir *Nossa cidade* este verão.

— Todo mundo vai, aparentemente.

— Acabaram de perder a Emily. Ela repassou as cenas com os outros atores,

mas então recebeu um telefonema do agente pedindo que fizesse as malas. É um filme grande, e o estúdio cobria a cláusula de cancelamento. Meu amigo me pediu que ficasse atento, já que estamos fazendo audições. Vão precisar de alguém que possa subir a bordo na hora.

— E essa seria eu.

Por que só depois lembrei que Perrier tinha gosto de sal?

— Acho que *é* você. Foi por isso que pedi que a gente se encontrasse. Me desculpe se dei a entender outra coisa. — Ele se permitiu uma última risadinha. — Esse ramo maluco! — Então afastou o sorriso do rosto com um gesto da mão. — Você teria que começar já. Seria possível? Tem mais algum projeto em andamento?

Fiz que não com a cabeça. Depois de ter bancado a fácil, perdi a chance de bancar a difícil.

— Vá para o Tom Lake no verão. Depois você me manda um cartão-postal agradecendo. Já estive em Michigan? Meu Deus, você não vai acreditar no quanto é lindo. Faça a peça. Assim que vir todas as pessoas que passaram por aquele lugar, vai se dar conta de que foi uma tremenda oportunidade. Todo mundo precisa de pelo menos uma temporada no festival de verão para aprender com eles, não importa quem seja. Faça a peça, e depois quem sabe? Os ensaios estão começando agora, e ainda falta pelo menos um ano. Claro que as Emilys desaparecem, ou recebem resenhas negativas e acabam tendo que ser substituídas. Mas você vai ser magnífica. E vai ser vista. Sempre tem çaçalentos do teatro lá. Aí seu filme vai sair. Quem sabe o que vem por aí?

Do jeito que ele falava, parecia que as coisas estavam dando certo para mim, no fim das contas. Iria interpretar a Emily no Tom Lake, um renomado festival de teatro de verão, e não tive que falar com ninguém de cima para conseguir o papel. Mais um dia de sorte.

Ele pagou a conta e perguntou se eu queria que chamasse um táxi para mim. Fiz que não.

— Volte para o hotel — disse ele. — Peça algo do serviço de quarto e espere ao lado do telefone. Vou pedir que liguem para você.

— Obrigada — falei.

— Você é muito boa, Lara. Sério, é mesmo. Acho que Michigan vai ser importante para você.

Sáímos para a Forty-Fourth Street, onde já escurecia. O trânsito estava parado e fiquei feliz por ter aberto mão da oferta de um táxi. Então, como era amigo do tio Ripley, Charlie beijou o topo da minha cabeça e disse boa-noite antes de virar na direção oposta.

★ ★ ★

Teria continuado, mas Joe chega com o Gator para coletar os tonéis.

— Me desculpem por interromper a festa. Mas vou precisar de pelo menos uma de vocês para ajudar no celeiro — pede ele.

As cerejas doces não aguentam o sol quando estão fora do pé. Colocamos as cerejas em campo, o que significa selecioná-las na esteira rolante e retirar qualquer unidade que esteja manchada ou rachada e em seguida enviá-las em tonéis para serem embaladas, com haste e tudo. Ele precisa de Emily, mas não vai dizer isso, temendo que pareça favoritismo. Joe juraria diante de um pelotão de fuzilamento que não tem uma filha favorita, mas, ainda que possa não haver uma favorita, uma delas é inquestionavelmente mais útil do que as outras duas. Emily é mais rápida do que o restante de nós juntas. Maisie confere o celular e diz que já está mesmo na hora de voltar para casa. Tem uma reunião com um dos professores, e o sinal do celular é melhor lá.

— Me leva — pede ela, e então muda dois tonéis de lugar para abrir espaço e poder subir na plataforma do Gator, o que nunca deixávamos as meninas fazerem quando eram pequenas.

Mesmo agora, quero dizer não.

— Vai devagar — digo a Emily quando ela sobe e se posiciona diante do volante, o pai deslizando para o lado dela.

— Não vou pôr em risco as cerejas — fala Emily.

Quando ela põe o utilitário em movimento, Hazel salta e Maisie a segura. Quem diria?

— Não conta nada de bom enquanto a gente estiver lá! — grita Maisie, tirando o chapéu da cabeça e atirando-o para mim.

— Não conta nada! — berra Emily.

— Em que parte está a história? — ouço Joe perguntar a Emily.

Emily diz:

— Michigan.

— Ah. A parte boa.

Fico olhando até chegarem ao topo da colina baixa, Maisie acenando como a Rainha das Cerejas no carro alegórico, Hazel segura sob o outro braço. Esta é outra coisa que perdemos este ano, o Festival da Cereja. As nossas meninas teriam ficado elegantes de tiara.

— Dois terços da minha plateia se foram, do nada — digo a Nell, enquanto acenamos um adeus.

— Três quartos, se contar com a cachorra — corrige ela.

— Eu devia mesmo contar a Hazel.

Restam vários tonéis vazios, e os deixaremos na grama assim que estiverem cheios. Emily vai voltar mais tarde com o trator para pegá-los.

Ficamos em silêncio durante um tempo. Estou cansada de falar, e das três Nell é a melhor quando se trata de ficar em silêncio. O negócio de colher cerejas é que só dá para olhar a árvore na qual se está trabalhando, e se tiver um pingo de noção vai olhar apenas para o galho no qual suas mãos estão. A escada está montada, esperando a gente limpar a copa. Não vamos olhar para o que parece ser um campo ininterrupto de pontos vermelhos, o sonho de pomar de um pontilhistas. Só imaginar todas as cerejas que ainda aguardavam para ser colhidas, dava vontade de voltar para casa e ir para a cama.

— Você não iria para a cama com ele de verdade — diz Nell, depois de um tempo.

Não é uma pergunta.

Mas estou aqui de novo, de volta à fazenda, e por um instante não faço ideia do que ela está falando.

— Com quem?

— O cara. Charlie.

Conseguir se passar por alguém mais jovem é um dom maravilhoso e efêmero. Já tive esse dom um dia. Podia me passar por alguém de 14 aos 24. Parte disso tem a ver com a maneira como você se apresenta, com o tom de voz, mas parte é pura fisionomia. Aos 22 ela é esguia e pequena, e, com o vestido soltinho desbotado que já havia pertencido a todas nós, poderia passar por alguém de 13 anos.

Balanço a cabeça.

— Não. Estava só atuando, ou não tinha a mínima ideia do que estava fazendo.

— Mas o que você teria feito se ele tivesse aceitado?

O rosto de Nell está inclinado e o sol ilumina os olhos dela, e os olhos dela são o sol.

— Teria saído correndo, e ele nunca teria me pegado porque tinha que ficar e pagar a conta.

Ela se volta para a árvore em frente, olhando-a com uma atenção feroz.

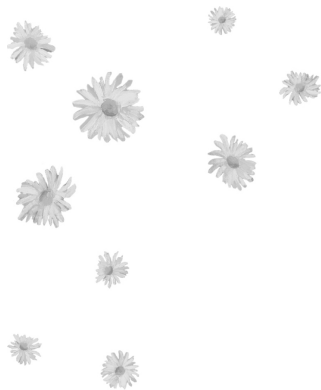
— Falamos dessas situações na escola o tempo todo, de como não importa quem você seja, sempre vai ter alguém com mais poder que você. Eles querem que a gente pense nisso, sabe? Que a gente analise todos os cenários antes de qualquer coisa acontecer, para estar preparada.

— Não aconteceu nada comigo — digo. Coisas aconteceram comigo, porém não naquele dia, e não assim. — E só para deixar claro, Charlie foi um príncipe.

Ela assente, mas ainda está olhando para as mãos.

— É apavorante — diz baixinho, e agora vejo lágrimas nos olhos da minha filha. — A ideia de que para fazer essa coisa que você quer muito, muito fazer, você tem que fazer exatamente algo que nunca iria querer fazer.

Queria poder dizer “Ah, meu bem, isso tudo ficou para trás. Essas são histórias muito antigas sobre coisas que não acontecem mais”, mas em vez disso eu a tomo nos braços. Quero afirmar que nunca ninguém vai machucá-la, que tudo vai dar certo, e que sempre, sempre vou estar aqui para protegê-la. Ninguém nos vê, exceto as andorinhas dando voltas lá no céu. Ela põe os braços em volta da minha cintura e ficamos ali, assim, projetando uma única sombra sobre a grama.



6

Meu plano depois de deixar Nova York era voltar a New Hampshire para ver minha avó, mas não havia tempo para isso. A Emily original — vocês não ouviram falar dela porque a fama foi breve e não deu em nada — já tinha ido embora. Voei até Detroit e embarquei em um avião comercial para Traverse City. O diretor executivo do Tom Lake dirigiu uma hora e meia no sentido norte para me buscar no aeroporto, o equivalente a quando Ripley enviou uma limusine para me buscar no aeroporto de Nova York.

— Foi extremamente gentil da sua parte — falei, forçando a bagagem no porta-malas.

— Não costumo buscar atores. Tive um exame de vista. — Ele abaixou rapidamente os óculos escuros para me mostrar as pupilas dilatadas. — Mas isso me dá oportunidade de deixar você a par das coisas.

Encarei-o, e então balancei um pouco a cabeça de um lado para outro.

— Você consegue enxergar?

— O suficiente.

Ele se chamava Eric e, depois dessa viagem de carro, nunca mais o vi. Só porque a companhia era icônica, não significava que não estivesse sempre à beira da falência. O trabalho de Eric era conseguir doações polpudas, acalmar os patronos que se sentiam ofendidos por um determinado espetáculo e garantir que as vendas de ingressos continuassem a pleno vapor. Numa temporada normal, os atores não eram problema dele, mas até aquele momento essa não tomara a forma de uma temporada normal. Emily tinha dado no pé e o Diretor de Cena, um ator talentoso que passara dez anos interpretando o inesquecível tio Wallace na televisão, havia passado de um bebum contumaz para um bebum alarmante. Alarmante porque o tio Wallace, que em outras circunstâncias era conhecido como Albert Long, era o nome decadente em destaque que as pessoas dirigiam de outros condados para ver.

— Não ter nenhuma Emily e ter um Diretor de Cena capenga não é um

bom começo — comentou Eric.

Respondi algo solidário, mas na realidade não estava escutando. Quem consegue ouvir reclamações sobre atores na presença de tantas cerejeiras, quilômetros e quilômetros delas em toda a sua exuberância cerimonial? Enquanto acelerávamos pelas estradas retas do interior na perua velha de Eric, eu queria gritar “Olha isso!”, mas ele com certeza já as tinha visto antes.

Ele me disse que eu ganharia o salário da antiga Emily e acomodações melhores. Tinha conseguido retirar o programa da gráfica aos quarenta e cinco do segundo tempo. Tinham feito menção ao filme que logo-ia-ser-lançado e às duas temporadas do seriado de televisão nada memorável.

— Se você conseguir pensar em mais alguma coisa, seria útil — disse ele.

Imaginei que meu comercial do Red Lobster (“Todo mundo AMA um banquete com camarão frito!”) não seria muito útil.

— Vou pensar.

— Gostamos de dar uma embelezada por aqui — disse ele, os olhos na estrada, mas não em nenhum dos lados da estrada, em que estava o que realmente importava.

Ele disse que esperava que eu passasse o verão lá. A outra Emily fora escalada para interpretar Mae em *Fool for Love* depois que a temporada de *Nossa cidade* terminasse.

— Poderíamos procurar outra atriz, mas se você pudesse fazer seria uma dor de cabeça a menos.

Apesar de nunca ter visto nem lido a peça, sempre tinha achado o título sagaz.

— Você não quer ver se consigo atuar primeiro?

Eric balançou a cabeça.

— Esse não é meu trabalho. Se você está no meu carro é porque outras pessoas acham que você consegue atuar. Está de bom tamanho para mim. Charlie disse que você foi excelente, aliás. Disse que queria escalar você para a produção com Spalding Gray, mas que os investidores não iam topar. Precisavam de um nome.

Era totalmente possível que Charlie estivesse de conversinha fiada para cima de Eric, ou que Eric estivesse de conversinha fiada para cima de mim, mas, se houvesse uma chance remota de aquilo ser verdade e de que eu realmente pudesse ter interpretado a Emily na Broadway sem ter tido que dormir com ninguém no Algonquin, minha vontade era de que ele encostasse o carro por um minuto para eu vomitar. Disse a Eric que ficaria durante o verão.

— O que tem nas caixas? — perguntei.

— Quais caixas?

Apontei, achando que a vista dele devia estar prejudicada de verdade. Enormes caixas de madeira tinham sido postas entre as árvores. Estavam por toda parte.

— Abelhas — respondeu Eric.

— Elas vêm em caixas?

Ele assentiu.

— Os fazendeiros alugam abelhas. Elas vêm num caminhão, e quando a polinização termina o caminhão volta e leva as caixas para outro lugar.

— Festival de verão — falei, e pela primeira vez desde que entrara no carro Eric riu.

O Tom Lake se revelou absurdamente bonito. Havia um gigantesco anfiteatro coberto fincado nos gramados ondulados. Os musicais aconteciam lá. Também havia um teatro estilo caixa preta quadrada no qual encenavam as peças habituais, como *Nossa cidade* e *Fool for Love*. Viam-se quadras de tênis com uma sede que servia chá gelado e sanduíches. Um punhado de casinhas adoráveis — algumas que tinham sido transformadas em escritórios da administração, algumas para hospedar atores, designers e técnicos e algumas para pessoas comuns passarem o verão — se espalhava pela costa de um tremendo lago. As árvores frutíferas estavam florescendo, as trilhas serpenteavam, as colinas se expandiam, como se alguém tivesse recortado fotos de uma pilha de revistas e depois colado as melhores das melhores em uma única página. Alguns quilômetros adiante havia uma pequena cidade cuja maior parte dos lucros anuais provinha dos turistas de veraneio que ficavam em um dos dois hotéis, jantavam e então passavam a manhã seguinte zanzando pelas lojinhas antes de aparecerem com os ingressos do teatro. Os mais ambiciosos iam assistir a uma apresentação e depois usavam um serviço de transporte para voltar. Usavam camisetas e bonés do Tom Lake e remavam canoas alugadas, passando pela plataforma de mergulho e cruzando o lago. A coisa toda era um ecossistema frágil, como cidadezinhas e companhias de teatro costumam ser, mas, pelo jeito, estava dando certo.

Eu estava com duas malas, e Eric carregou a mais pesada até meu quarto no alojamento da companhia, deixando a menor por minha conta. O nome da antiga Emily ainda estava na porta.

— Você não vai entender quanto isso é bacana até ter visto os outros quartos — comentou ele. — A gente precisa construir mais alojamentos. Essa é uma das sessenta e duas coisas para as quais estou levantando fundos.

O quarto era tão bacana quanto o melhor dormitório pode ser: uma cama de casal, um banheirinho próprio e uma janela que estava aberta e dava para o lago.

— Vou pedir que alguém traga a programação — disse Eric. — Acho que você vai ter que começar a todo o vapor.

Desfiz as malas assim que ele saiu, pendurando os vestidos e colocando os sapatos em uma fileira no chão do closet. Ajustei meu relógio de viagem e pus uma pequena pilha de livros na mesa de cabeceira. As garotas com quem havia estudado no ensino médio estavam casadas. Tinham pequenas casinhas em New Hampshire com televisões e conjuntos de estofados, garfos, facas e colheres, talvez um ou dois filhos. Durante aqueles anos, enquanto elas colocavam papel de parede no quarto das crianças, eu vivia em um apartamento mobiliado em Los Angeles, um lugar que tinha tudo — lençóis,

toalhas, escorredor de louças. Tinha dinheiro, mas nem ideia de como gastá-lo. Gostava da leveza da minha vida, da sensação de que podia partir no dia seguinte e ir para onde precisassem de mim: Nova York, Michigan. Sem contar minhas roupas de inverno, que ainda estavam no armário do quarto de hóspedes da casa da minha avó, meus bens materiais se resumiam aos conteúdos daquelas duas malas, mais ou menos. Eu não tinha conquistado nenhum sucesso real, mas cada uma daquelas meninas do colégio sabia da minha vida e, por mais que tivessem interpretado mal a história, desejava estar no meu lugar. No lugar delas, eu teria desejado o mesmo, porque aquele quarto banal com a vista nada banal no Meio-do-Nada, em Michigan, significava liberdade e possibilidades. Empurrei as malas vazias para baixo da cama com o pé, então fiquei parada na janela olhando, pensando quanto seria legal usar a palavra *exuberante* de novo depois de tanto tempo na Califórnia. A luz era tão mais suave ali, e ainda assim tão mais brilhante do que a de New Hampshire. Eu iria mandar um cartão-postal para Charlie e Ripley no dia seguinte. Diria aos dois quanto estava grata, quanto já amava o lugar.

Eric deixara a porta do quarto aberta atrás dele, talvez para que eu pudesse pegar uma brisa, e, quando me virei, um homem alto e esguio estava escorado na soleira. Ficara me observando enquanto eu olhava o lago.

— Bem grandioso, né? — comentou ele.

Minha cabeça fez aquele cálculo mental ágil que as mulheres têm que fazer quando veem a saída bloqueada por um homem desconhecido. Qual era a altura, caso tivesse que sair pela janela? Uma altura excessiva, achei.

Ele me olhou, entendeu e recuou para o corredor. Ergueu um pedaço de papel.

— Programação.

— Ah.

— Você pode sair, ou posso entrar, ou posso deixar a programação aqui no chão entre a gente. — Ele se inclinou um tantinho para representar essa intenção. Seus olhos eram escuros e grandes demais no rosto, o cabelo escuro comprido e puxado para trás das orelhas. Ele ficou muito ereto de repente, com o papel ainda na mão. Usava uma camiseta de linho e calça folgada muito comprida. — Se me convidar para entrar, conto uma história.

— Entra, então — falei. As alpargatas velhas dele estavam sujas e viradas sob os calcanhares. — Vou arriscar.

Ele sorriu.

— Ah, que bom, que bom. — Mas mal chegou a entrar no quarto. Deixou a porta bem aberta e se inclinou na parede ao lado dela, como se fosse exatamente o lugar em que deveria estar. — Quem buscou você no aeroporto?

— Eric.

Ele ficou confuso.

— Que Eric?

Não tinha perguntado o sobrenome dele, uma prova de que ficara tempo demais na Califórnia.

— Eric, o diretor executivo.

Ele pareceu impressionado.

— Nunca nem vi o diretor executivo. Acho que ele não falou nada do lago.

— Não.

— Ele não tinha como saber quanto é sortudo o cara que conta isso para uma pessoa que acabou de chegar. Os atores sabem da importância da sorte. Os diretores executivos sabem da importância das planilhas. As pessoas vão vir correndo atrás de você de tudo que é lado, querendo contar para você, mas fui eu quem chegou aqui primeiro, ou o primeiro depois do Eric, pelo menos.

— Você é ator?

Ele olhou para baixo: calças largas, alpargatas.

— Não é óbvio?

— Não, digo, claro, mas atores geralmente não entregam a programação.

Ninguém parecia se restringir às tarefas habituais naquele lugar.

— Entregam quando a missão é apresentada como um favor pessoal para o ocupadíssimo assistente de diretor de cena.

— Conferir a carne nova?

— Chamo isso de ter consideração. Além disso, queria ser a pessoa que contaria a história para você.

— Você contou a história para a última Emily?

— Infelizmente não. Alguém chegou primeiro, o que faz disso uma espécie de redenção.

— Bom, realmente não seria justo.

— O que não seria justo?

— Você contar a história para todas as Emilys.

Ele assentiu.

— Não tinha pensado por esse lado. Então, você viu o lago?

— Vi.

— E sabe como ele é chamado?

— Tom Lake. Mas é um palpite.

Ele sorriu de novo, exibindo dentes muito grandes e irregulares. Tinham me dito que dentes irregulares, como as orelhas sem furos, eram relíquias humanas valiosas de outros tempos.

— Excelente palpite! — Ele bateu palmas uma única vez. — O lago não tem um nome oficial, o nome que colocam em mapas e registros de lençóis freáticos, mas isso não interessa.

— Eu diria que não.

— O que você tem que saber é que toda essa terra um dia foi propriedade de uma família muito rica, algum tipo de Vanderbilt, mas não tenho certeza de qual tipo. Dinheiro de ferrovias, dinheiro de petrolíferas, dinheiro-dinheiro... Sabe como é.

Assenti de leve, embora não soubesse nem um pouquinho.

— Eles passavam os verões aqui, ou uma parte minúscula dos verões, a parte em que não estavam em um navio ou na Escócia. Tinham um castelo na

Escócia, o que não é tão impressionante quanto parece porque, sinceramente, na Escócia é impossível dar uma volta na quadra sem esbarrar num castelo. As várias crianças eram cuidadas por várias babás escocesas. Tenho que dizer que elas eram simpáticas. Babás escocesas têm uma reputação horrível.

— Têm.

Eu me sento no peitoril da janela, pensando que essa história pode ser das longas.

Ele parou.

— Você poderia não fazer isso, por favor?

— O quê?

— O peitoril. Não quando a janela está aberta.

— Sério?

— Já perdi uma Emily.

— Ela não caiu da janela.

Olhei para o chão, como se conferisse.

Ele balançou a cabeça e apontou para o canto do quarto.

— Aquela cadeira não é bacana?

Lamentava abrir mão da vista, mas ainda assim fui até a cadeira e puxei-a.

— Obrigado — disse ele.

— E quanto a você?

O quarto não tinha uma segunda cadeira, o peitoril estava fora de questão e eu não queria oferecer a cama para ele.

— Sou um bípede praticante. Fico melhor de pé.

— Certo.

— Onde eu estava mesmo?

— Babás escocesas.

Que sorriso enorme e bobalhão, pensei. Sorriso de um astro de cinema.

Ele parou de novo.

— Você é uma ouvinte maravilhosa.

— Obrigada. Ossos do ofício.

— Rá! Bom, isso me diz há quanto tempo você atua, se acha que atores são bons ouvintes.

— Babás escocesas — insisti.

Ele assentiu.

— Então a família teve um bando de garotas e aí Tom e outro garoto depois dele, mas a nossa história é sobre o Tom. Tom Alguma-Coisa, Tom Herdeiro-da-Aristocracia. Tom e a babá escocesa favorita dele estavam dando um passeio pela propriedade. Fazia um dia lindo, parecido com o de hoje, e Tom apontou para o topo da colina e perguntou à babá quem era o dono da casa. E a babá disse “Ô, Tom, o seu paai é o douno da casa”.

Falei que achava o sotaque de babá escocesa dele incrivelmente bom. Não que já tivesse conhecido uma babá escocesa de verdade.

— Obrigado — disse ele. — Então o jovem senhor Tom continua, quem é que é o dono das árvores no pomar, ele quer saber, e quem é que é o dono dos

caballos, e quem é que é o dono da colina, e quem é que é dono daquelas flores? Muito paciente, a babá dá a mesma resposta toda vez. “Seu paai, seu paai.” É um patriarcado, lamento dizer. A mãe não detém a posse de nada, nem dela mesma.

— Dá para entender.

— A essa altura o jovem senhor Tom está ficando sem munição para o inventário, mas ele gosta do jogo, então continua olhando em volta até por fim ter a ideia de perguntar sobre o lago. “Quem é que é o dono do lago?” E a babá, vamos chamar ela de Heather, não que a história tenha registrado o nome dela, mas parece educado dar um nome para ela, enfim, Heather por algum motivo diz: “Tom é o dono do lago.” “Eu?”, o pergunta garoto.

O estranho apoiado na parede do quarto deixou que uma fração de segundo de admiração tomasse conta do rosto dele, virando ele mesmo o jovem mestre Tom, mas então afastou aquilo depressa.

— O momento é muito comovente, e talvez Heather pense que cometeu um erro, mas, vamos ser sinceros, a porra do lugar inteiro é propriedade do pai e não tem nenhum motivo para que o menino não ganhe o lago. Então ele pergunta para ela como o lago se chama.

— Senti que ia chegar ponto — comentei.

— Tinha um apóstrofo naquela época, *Tom's Lake*, o Lago *do* Tom, mas o tempo condensa a experiência.

— Claro.

— O garoto fica radiante. Passa uns bons vinte minutos atirando pedras e gravetos na água e gritando o próprio nome. Depois de Heather finalmente despachá-lo de volta para casa e para uma soneca, conta a história às meninas da cozinha, e até a cozinheira-chefe acha a história encantadora. Diz que Heather devia contar à senhora, e então Heather conta, e a senhora ama a história e conta ao marido e ao bando de filhas, e, embora nunca tenha sido uma decisão formal, todo mundo concorda que dali em diante passa a ser o Lago do Tom.

Quando ele para a fim de se certificar de que ainda estou acompanhando, me dou conta de que não me disse seu nome. Só me disse o nome do lago.

— Agora eu sei — digo.

— Bom, tem um pequeno desenlace, se tiver mais um minuto.

— É você quem sabe quanto tempo eu tenho.

Ele estava com a programação na mão.

— Você é boa. Só deixa eu terminar. Tá. De algum jeito, o garoto nunca saca que toda aquela coisa do lago é uma palhaçada. Todo mundo tem um ponto cego, né? Aquele fragmento de informação incorreta da infância que misteriosamente nunca é atualizado, a pessoa que chega aos 35 acreditando que os unicórnios foram caçados até serem extintos.

— Espera, os unicórnios não foram caçados...

Ele sorriu para mim, inclinando a cabeça de lado como se dissesse que eu era adorável, ou seja, que devia ser adorada.

— Então o Tom cresce e encontra uma noiva, a irmã de um dos amigos

dele de Princeton, e acha que seria legal se casar aqui, para mostrar para ela o Lago do Tom. Todo mundo vem para cá: os familiares, os amigos, a equipe de apoio enorme, todo mundo no trem. Fazia anos que o Tom não visitava a casa, e o lugar estava ainda mais bonito do que ele se lembrava. Ele mal podia esperar para mostrar o lago para ela.

— Ela tem nome?

Ele se detém por um instante para pensar nisso.

— Não, mas para os propósitos dessa conversa vou chamá-la de Lara.

Aquela mesma expressão de ligeiro desconforto deve ter passado pelo meu rosto de novo, porque ele ergueu o papel na mão.

— Está na sua programação.

— E o seu nome?

— Peter Duke.

— Peter Duke — repito.

Uma sonoridade tão legal.

— Os dois estão andando de mãos dadas, e ele está falando da casa e das cerejeiras e de como vão passar pelo menos parte do verão aqui, então aponta para o lago, que, como você sem dúvida deve ter notado, é difícil de ignorar. “Lago do Tom”, fala ele, querendo dizer que tudo aquilo é dele, dele e da família dele, mas, no fim das contas, dele, porque ele é o filho mais velho, e portanto é em parte dela, mas claro que não é assim que ela entende. Ela fala: “Isso é tão fofo. Mas, sério, qual é o nome do lago?”, porque obviamente aquele não é o tanque de trutas da família. O lago tem quilômetros de comprimento. Não pertence a uma única pessoa. E no momento em que o Tom está prestes a se repetir, se detém. De repente, se lembra daquele dia com a Heather, que naquela altura tinha voltado à Escócia fazia muito tempo. Heather, a primeira mulher que ele amou, porque a mãe nunca estava de fato disponível. E, naquele momento, parado ali com a futura esposa, ele se dá conta de que o curso d’água que sempre ouviu ser chamado pelo nome dele não tinha o nome dele e não pertencia a ele. Pior ainda, Tom não tinha a mínima ideia de como o lago se chamava.

Volto à janela para olhar de novo o lago e o dia, a fim de imaginar os dois parando para ouvir essa conversa.

— Me diz que os dois não cancelaram o casamento por isso.

Eu não era uma pessoa particularmente romântica, mas ainda assim teria sido uma decepção.

Duke fez que não com a cabeça.

— Justo o contrário, na verdade. Algo extraordinário aconteceu, algo que selou o amor deles para sempre. Tom contou a verdade para Lara.

Dei um ganido involuntário. Fiz o som que cachorrinhos fazem quando você pis na pata deles por acidente.

— Ah, meu Deus, estava acreditando totalmente em você.

Nada no rosto dele o traía. As bochechas não coraram, os longos cílios pretos, tão ridículos num homem crescido, não tombaram.

— Ele disse para ela que não sabia o nome do lago, e que só naquele minuto tinha se dado conta desse fato, e também que a babá dele e, na verdade, a família inteira o tinham infantilizado, não com má intenção, mas como uma espécie de piada gentil que era emblemática tanto do amor dos dois quanto da maneira como ele tinha sido mimado a vida inteira. Tom falou para ela que não sabia o nome do lago.

— Eu acreditei em você esse tempo todo!

— Essa teria sido a revelação Sidarta Gautama dele, o momento em que o príncipe abandona a riqueza para ir viver entre os sofredores e os pobres para perseguir seu caminho espiritual, mas ele a amava demais.

— Para.

— E ele amava a casa. Sério, era louco pela casa. E pelo lugar na Escócia. E pelo triplex em Nova York.

— Então por que o lago é chamado de Tom?

— Não faço a menor ideia.

— Você não faz o George, faz?

Ele não parecia jovem o suficiente para o papel do George, mas achei bem provável que conseguisse interpretar as galinhas invisíveis se esse fosse o papel que lhe dessem.

Ele dirigiu a mim um cumprimento casual com dois dedos.

— Editor Webb, jornalista.

— Você é meu pai?

— Esperava que sua mãe contasse para você algum dia.

Ficamos olhando um para o outro até o quarto parecer muito pequeno. Fui eu quem desviou o olhar.

— Você tem uma hora — disse ele, erguendo uma segunda folha. — Tem um mapa aqui.

Ele deu um bom passo para a frente e colocou os papéis gentilmente na cama, como poderia ter me pegado e colocado gentilmente na cama.

★ ★ ★

Esta é uma história sobre Peter Duke, que acabou se tornando um ator famoso.

Esta é uma história sobre se apaixonar por Peter Duke, que não era nem um pouco famoso. É sobre se apaixonar de forma tão brutal por ele — do jeito como uma pessoa se apaixona aos 24 anos — que a sensação era a de pular de um telhado à meia-noite. Não havia nenhum jeito de prever a bagunça que isso viraria no fim nem tampouco pensei que deveria me preocupar.

Faz muito tempo estou em paz com Duke, o ator famoso, mas meus sentimentos pela pessoa que entrou no meu quarto naquele primeiro dia no Tom Lake são mais complicados. Fiz questão de nunca pensar nele de forma alguma, só que agora estou pensando.

Estou transformando uma parte da minha vida numa história para minhas filhas, e, mesmo que sejam mulheres crescidas e de mente aberta, digamos

apenas que deixo de fora qualquer menção à cama, até mesmo às duas folhas de papel que repousam em cima das cobertas.

— Sinto que estou quase tendo um choque anafilático — diz Maisie. — É sério. Minha garganta está se fechando.

Emily e Nell simplesmente olham para mim, com as gargantas já fechadas. Nós quatro estamos de volta às cerejeiras, onde a chuva cai de forma tão suave que nem sequer nos damos conta.

— Como é que você supera uma coisa assim? — pergunta Maisie.

O que ela quer dizer é que ainda não devo ter superado Duke e que nunca devo ter amado o pai delas tanto quanto amei Duke.

— Lembra quando imploravam para a gente levar vocês ao parque de diversões todo verão? — Quero tanto fazer com que compreendam isso. — Como as três não calavam a boca falando do parque? O parque! Ah, meu Deus, queria afogar todas num balde. Vocês pediam e choramingavam até a gente finalmente ceder. O pai de vocês e eu tentávamos fazer vocês irem ao salão comunitário ver as colchas e fazer carinho nos coelhos angorá, mas vocês queriam comer enroladinhos de salsicha apimentados e algodão-doce, e depois ir a um daqueles brinquedos horríveis que eram montados com uma chave dentada por três viciados em heroína, os brinquedos que davam a sensação de que a cabeça de vocês seria arrancada do pescoço por uma força centrífuga. Uma de vocês vomitaria nas outras duas no brinquedo, e então a segunda vomitaria em mim no estacionamento enquanto eu tentava limpar as duas e a terceira vomitaria no pescoço do papai no carro. E de manhã vocês estavam radiantes feito margaridas, implorando para voltar. Lembra disso?

— Eu amava o parque — comenta Maisie, as irmãs ainda mudas de maravilhamento.

Eu me viro para encarar minha filha do meio.

— Você quer ir agora?

— Talvez — responde ela, mas tem 24 anos, a idade que eu tinha no Tom Lake.

— Você diria que se divertir num brinquedo era melhor do que hoje ser veterinária? Que preferia ser chacoalhada numa coisa chamada Zíper a fazer o parto daquele potro no meio da noite?

Consigo argumentar com Maisie porque Maisie é racional e forte. Sempre vou ter medo de despertar a parte de Emily que está adormecida há tempos. Sempre vou ter medo de quebrar algo frágil e puro em Nell por acidente. Mas Maisie aguenta; ninguém jamais vai ter que se preocupar com Maisie.

— Não vejo por que você tem que abrir mão de uma coisa por outra — diz ela.

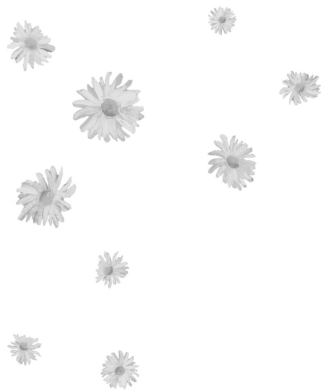
— Você não *tem*. Você *quer*. Acorda um dia e não quer mais ir ao parque de diversões. Na verdade, não consegue nem acreditar que fez isso.

Nell desvia o rosto. Emily está segurando a própria trança com as duas mãos. Não estão engolindo a lição.

— Não estamos falando de parque de diversões — diz Emily. — Estamos

falando do Duke. Acredito no Duke.

Queria dizer que ela acreditava no coelhinho da Páscoa também, mas não digo. Poderia dizer isso para Maisie, mas não para as outras duas.



7

Ainda bem que tive a presença de espírito de enfiar um frango na panela elétrica com algumas cebolas e cenouras hoje de manhã, e a horta da cozinha só precisa ser colhida, lavada e rearranjada para termos salada. Emily fez pão e torta e, depois de um dia de trabalho, pão e torta são de fato tudo que queremos. Lavamos as mãos, até os cotovelos, e jogamos água no rosto para diluir a pasta de suor, protetor solar e repelente. Às vezes nos achamos muito nojentos para nos sentarmos à mesa, então corremos para o andar de cima a fim de tomar um banho rápido, sem lembrar que não conseguimos nos manter acordados depois de um banho, não temos forças para voltar e comer. Por isso comemos primeiro, os cinco juntos, algo que eu teria jurado que, assim como a infância, pertencia ao passado — uma linda lembrança para sempre obsoleta, exceto por feriados e aniversários ocasionais —, mas estaria enganada, porque, veja só, aqui estamos nós, à mesa, falando sobre nosso dia em termos de quilos colhidos e fileiras limpas. Benny come com a gente nas noites de quarta-feira e Emily vai à casa dos Holzapfel aos domingos. Fora isso, decidiram comer com as respectivas famílias, pelo menos durante a colheita, e se encontrarem depois na cama que compartilham.

Nell muda o rumo da interminável conversa a respeito de drupas.

— Papai — diz ela, o garfo pairando sobre a alface —, o que você achava do Duke?

As irmãs a encaram. Olham para Nell e então para mim. Não tinham se dado conta de que podiam chamar o pai ao banco das testemunhas.

Joe tinha acabado de dar uma mordida em um pão com manteiga, e por esse motivo demora para responder.

— Que era um homem muito talentoso.

— Você gostava dele?

Dá para ver meu marido tentando se lembrar. Não é assim que funcionam os casamentos de longa data? Você pode desligar o som e ainda saber a resposta.

— Todo mundo gostava do Duke. Todo mundo, inclusive eu.

Os olhos dele voltam a vagar até o prato. Está faminto, e faz salada de batatas, o amor mais sincero do meu marido.

— Você “gostava” dele? — pergunta Emily. — Tem que ter mais coisa.

A fome de informação das meninas é voraz, ilimitada, e Nell acabara de cruzar o que supunham ser um limite proibido. Será que o pai delas gostava do namorado da mãe?

Joe sorri.

— Tá, uma coisinha a mais sobre o Duke. — Ele pensa e então surge com o detalhe necessário. — Ele sabia plantar bananeira.

Olho para meu marido, chocada.

— Ah, meu Deus, como eu fui me esquecer disso?

— Ele conseguia se segurar no assento de uma cadeira dobrável e subir reto como uma régua. Você estava conversando com ele e no instante seguinte ele estava totalmente de cabeça para baixo. Até flexionava a ponta do pé. Nunca tinha visto ninguém fazer isso antes e não vi ninguém fazer isso desde então. Duke era um atleta, sabe? Dá para ver pelos filmes dele.

Duke costumava dizer que plantar bananeira era melhor do que caféina para acordar, todo aquele sangue afluindo para o cérebro.

— Se não fosse pelo Sebastian, aposto que ele não teria sido ator de jeito nenhum — diz Joe. — Acho que teria virado algum tipo de esportista.

— Sebastian? — pergunta Maisie.

— O irmão do Duke — explica Emily.

— Como você sabe que Sebastian é o irmão dele? — pergunta Nell.

Estamos tão cansados, mas ainda assim aqui estamos nós, surpreendendo uns aos outros.

Emily lança um olhar demorado para a irmã, e então lembramos, é claro, que, mesmo que tenha superado sua condição, Emily ainda é a central de informações sobre Duke.

— Sebastian era jogador de tênis — diz Joe. — Ficou no ranking por algum tempo, não?

Assinto.

— Liga júnior.

— Espera — diz Nell para mim —, você conheceu o Sebastian?

— Conheci o Sebastian.

As meninas começam a falar todas ao mesmo tempo, mas Joe as ignora, balançando a cabeça com a lembrança.

— Ver quanto o Sebastian era bom e saber que não conseguiu virar profissional me fez pensar sobre quanto os profissionais devem ser bons. A única pessoa que conseguia dar uma canseira no Sebastian era o Duke, e o Duke nunca conseguia ganhar dele. Nunca. Lembra? — pergunta meu marido. — De quanto os dois se empenhavam?

Assinto. O que não me lembrava era de Joe ter visto os dois jogarem. Todo mundo ia ver os dois, o que era uma das inúmeras razões pelas quais Duke

odiava perder.

— Duke tinha um ótimo jogo, mas não era bom o suficiente para ganhar do irmão, e Sebastian não era bom o suficiente para ganhar, ah, sei lá, de quem quer que ganhasse dele. Todo mundo tem seu lugar na cadeia alimentar.

— Então o que Sebastian fazia se não era jogador de tênis? — pergunta Nell, mas não fica claro se a questão é dirigida a mim, a Joe ou a Emily.

— Era professor, não era? — diz Joe.

— De história — respondo.

Saint Sebastian, ou São Sebastião.

Joe assente de novo e sorri. Redirecionou o assunto da conversa com tanta habilidade que as meninas não tinham a mínima ideia do que ele tinha feito. Ele amarrota o guardanapo, pega os talheres e o prato.

— Bom homem. Bom homem. Agora, se me dão licença por um minuto, tenho algumas coisas para fazer no celeiro enquanto ainda está claro — diz Joe.

Não o lembramos de que toda noite ele diz isso. Não dizemos que já está cansado demais e que seja o que for que ache que precisa fazer pode esperar. Não dizemos porque ele não nos escuta.

Emily se afasta da mesa.

— Vou com você.

— Não seja boba. Sei como dar uma olhada nas cabras. — Ele põe a louça na pia. — Vocês têm uma história para ouvir.

★ ★ ★

Só havia uma leitura de roteiro na programação, e mesmo isso, acho, foi para o meu bem. Eles haviam ficado em banho-maria em Michigan à espera da nova Emily, então, quando cheguei, estavam todos prontos para trabalhar. Duke se levantou da cadeira assim que entrei na sala de ensaios e me guiou em torno da mesa como se aquilo fosse um coquetel.

— Emily, essa é sua mãe, a sra. Webb, e seu irmão Wally.

Ele se inclinou e deu uma beijoca na têmpora da mulher que interpretaria sua esposa. A sra. Webb era apagada e suave, com idade suficiente para ser minha mãe se minha mãe tivesse começado cedo, como teria sido o caso em Grover's Corner.

— Como vai? — disse Wally Webb, e ofereceu a mão.

Era uma verdadeira criança, 11 ou 12 anos talvez, com cabelo castanho liso e sardas, mas a menina que interpretava Rebecca Gibbs provavelmente tinha 16 anos e conseguira o papel por ser pequena. Conheci o dr. Gibbs, a sra. Gibbs e George. Os Georges estavam fadados a me decepcionar, e aquele não era exceção. Era um cara bonito com uma sequência de comerciais da Pizza Hut e um programa dominical matinal na Disney prestes a ser cancelado. Em vez de tentar sustentar meu olhar, ele se ergueu um tanto da cadeira e apertou um tanto minha mão.

O tio Wallace, porém, era outra história. Ele se pôs de pé num salto e

colocou as mãos nos meus ombros.

— Olha só para você! — exclamou. — Olha a nossa Emily! Graças a Deus você está aqui. Vou ter que te abraçar — disse ele, numa voz quase esgançada.

Abraçada pelo tio Wallace! Ah, mas eu o amava quando criança. O tutor brusco e terno da ninhada de órfãos da irmã. O solteirão despreocupado, impetuoso na meia-idade, que aceitara o desafio, deixando as crianças dos Estados Unidos se perguntando até que ponto a vida de cada uma delas poderia ser melhor se os pais simplesmente estivessem mortos.

O tio Wallace passava uma tintura no cabelo para mantê-lo próximo do ruivo, e o rosto tinha aquele aspecto ligeiramente repuxado para trás que eu passara a aceitar nas mulheres quando estava na Califórnia, mas ainda achava desconcertante nos homens. Ele me apertou contra si por um tempo meio longo demais.

— Essa é a décima primeira produção do tio Wallace como Diretor de Cena — explicou Duke. — Fez um sucesso tremendo numa apresentação num restaurante em Tempe.

— Consigo fazer isso até dormindo — disse o tio Wallace, dando uma piscadela para mim.

Eu teria rido se Duke não tivesse apertado meu braço, me puxando para conhecer o policial Warren e Howie Newsome e a sra. Soames. Os papéis menores foram para as pessoas da comunidade, estratégia que resultou em boa vontade e em oportunidades inesperadas para a arrecadação de fundos. Gostava de que Duke dedicasse o mesmo tempo me apresentando a um membro do elenco depois do outro. Com exceção do tio Wallace, nenhum de nós era famoso, no fim das contas. Estávamos ou em ascensão ou de saída. Nossa plateia para a leitura de roteiro era um grupo de suplentes e substitutos que se sentaram na outra extremidade da sala com suas canetas e roteiros. O verdadeiro diretor de cena, ao contrário do ator que interpretava o Diretor de Cena, se sentou com o assistente de diretor de cena. Dei um aceno geral para eles, que acenaram de volta.

— Devíamos começar — disse um dos homens à mesa, paciente.

— E *esse* é nosso estimado diretor, o sr. Nelson — apresentou Duke, estendendo a mão. — Nosso líder destemido. Ele é o sujeito que não tem por que estar aqui.

— Mas aqui estou — replicou o sr. Nelson.

— Não consigo me lembrar da última vez que trabalhei com um diretor de verdade — comentou o tio Wallace, se dirigindo a todos na sala. — Tem sempre um diretor, claro, ou alguém que alega ser o diretor mesmo que não tenha interesse nenhum na sua atuação. Mas não esse cara! Nelson é um homem de ideias, de sacadas. Eu achava que sabia tudo sobre o papel, mas ele expandiu meus horizontes, fui convidado a adentrar a verdadeira alma do Diretor de Cena. — O tio Wallace se virou na minha direção. — É como se fosse minha primeira vez.

George apanhou o roteiro e deu batidinhas com ele na beirada da mesa,

como se talvez estivesse pensando em ir embora.

— Bebida — sussurrou Duke, enquanto tomávamos nossos assentos à mesa.

— Infelizmente fiz meu magnífico discurso introdutório semana passada — disse Nelson para mim. — Discuti os temas que estamos destacando. Não quero fazer o restante da companhia ouvir duas vezes.

— A gente amou o discurso! — exclamou o tio Wallace. — Vamos ficar felizes de ouvir de novo.

Nelson balançou a cabeça.

— Vamos seguir em frente e repassar o texto. Lara, fico mais do que feliz em deixar você a par de tudo depois, se quiser. Me disseram que você sabe o que está fazendo.

Olhei para o diretor e sorri. Estava pronta.

Tinha 16 anos quando implantei *Nossa cidade* no cérebro, na época que meu cérebro era esponjoso, fresco e capaz de reter as coisas para sempre. Graças a todas aquelas noites no carro de Jimmy-George, era capaz de recitar as falas do George com a mesma facilidade com que recitava as da Emily, e, se não pensasse muito, provavelmente conseguiria fazer os outros papéis também. Talvez não tudo do Diretor de Cena, mas a maior parte. *Três anos se passaram. Sim, o sol nasceu mais de mil vezes.* Sem nem ter completado 25 anos ainda, essa seria minha terceira produção da peça. Mantinha o roteiro na mesa de cabeceira para ler quando acordasse no meio da noite. Declamava as falas no trânsito enquanto dirigia o MG de Ripley pela rodovia de Santa Monica para passar o dia na praia com amigos. Repassava as cenas na cabeça no avião indo para Nova York, no avião voltando para Michigan. Repetia as palavras como meninas católicas faziam com as contas do rosário, avançando pelas Ave-Marias até se tornarem memória muscular. Então era fácil para mim estar no Tom Lake, ser a Emily de novo, ser eu mesma. Tinha espaço suficiente no cérebro para pensar em trabalho e fantasiar com Duke ao mesmo tempo.

Fazia uma hora que a gente tinha se conhecido, e presumi que Duke seria um canastrão, mas seu editor Webb era perfeitamente contido, um homem digno e prático, mesmo quando tinha que dizer palavras como *bebida*. É difícil não fazer confusão com essas coisas, mas Duke tinha o talento nato de que Ripley teria gostado. Não só atuava com naturalidade, como também esteve presente durante toda a leitura, ao contrário do George, que conseguia se desligar no exato instante em que seus lábios paravam de se mover. Duke prestava atenção aos outros atores, e fiquei lisonjeada imaginando que prestava mais atenção em mim.

Se interpretar uma pessoa mais jovem era meu dom, Duke parecia mais velho do que realmente era. Tinha 28 naquele verão, mas, como meu pai, qualquer um teria pensado que tinha bem mais de 40. Ao longo da carreira, Duke interpretou gente mais velha, depois sujeitos da idade dele por um período, e então mais jovens, sempre com a mesma naturalidade. Nunca soube como ele conseguia.

Não me ocorrera, até começarmos a ler a cena do funeral, que eu tinha a

idade da Emily no terceiro ato e que não importava quanto parecesse jovem, eu ficaria velha demais para o papel porque o tempo era inevitável. Pensei em todas aquelas mulheres vestidas como meninas que tinham aparecido para a audição no meu colégio. Ninguém continua interpretando a Emily eternamente. Era isso que estava pensando na leitura, em como iria perdê-la.

Disse minhas falas sem nem abrir o roteiro. Achei que a sra. Gibbs e o sr. Webb fossem chorosos, mas a voz deles se manteve firme. Até mesmo o George, que não diz uma frase no terceiro ato, se virou a fim de olhar para mim. Se essa seria a minha última vez no papel, eu iria, como diria Veronica, arrebentar. Além disso, tinha uma esperança tênue de que se desse o melhor de mim no Tom Lake a notícia chegaria a Nova York e a Emily que haviam escolhido para a produção com Spalding Gray seria gentilmente afastada, e mesmo depois do Tom Lake eu teria a chance de interpretá-la mais uma vez.

Quando terminei, o sr. Nelson sorriu.

— Amigos, vamos dar um enorme suspiro de alívio. Teremos uma peça, no fim das contas.

Batemos palmas uns para os outros, e os suplentes e substitutos bateram palmas com a gente. As pessoas que tinham apertado minha mão três horas antes voltaram para me cumprimentar mais uma vez. Minha sogra, a sra. Gibbs, que estava especialmente bem no papel, me reteve um minuto a mais. Ela me contou que fora a Emily certa vez.

— Provavelmente antes de você nascer — disse ela. — Não era nada parecida com você. Você é uma daquelas Emilys de quem as pessoas vão falar por anos. Vão dizer “Vi Lara Kenison no Tom Lake quando ela era uma menina”, e ninguém vai acreditar.

★ ★ ★

O celular de Maisie toca. A regra da casa proíbe celulares à mesa, mas abrimos uma exceção para Maisie, que continua a receber ligações dos vizinhos pedindo ajuda, e abrimos uma exceção para Emily, de modo que Benny possa mandar mensagens e dizer a que horas vai chegar em casa, e então é claro que estendemos a exceção a Nell, pois por que deixaríamos as irmãs dela atenderem ao celular à mesa e a obrigaríamos a desligar o dela? Joe e eu desligamos o celular porque todo mundo com quem queremos falar está aqui.

— Claro — diz Maisie, entrando na cozinha enquanto ouvimos. — Não, não, não tem problema. A gente já terminou. Vou passar aí. — Ela encerra a ligação e olha para a gente. — Os Lewer têm uma bezerra com uma diarreia intratável.

— Você já pensou em tentar nos poupar enquanto a gente está comendo? — pergunta Nell.

— Poupar vocês significa pôr minha roupa na máquina de lavar e tomar um banho antes de entrar no nosso quarto. Não significa que não vou contar o que aconteceu. — Ela se vira para mim. — Pode fazer uma pausa na história? Não

quero perder a parte sobre o Sebastian.

Emily se levanta e deixa a mesa.

— Se vai pausar a história, vou para casa. Você acabou de me lembrar de que não lavo a roupa faz duas semanas.

— Então vou ajudar o papai. — Nell se levanta também.

— Boa noite, moçoilas — cantarolo. — Boa noite, moçoilas, boa noite.

— Mantém a Hazel aqui? — pergunta Maisie. — Não quero ela no meio da bagunça.

— Compreensível. As três podem ir. Eu limpo tudo.

Elas empilham a louça na pia e saem juntas, Maisie segurando a ponta da trança de Emily como um elefante usa a tromba para segurar o rabo de outro elefante. Nell desliza o dedo pelo passador do cinto de Maisie. Joe e eu costumávamos dizer que se um raio atingisse uma das garotas, as três acabariam em chamas.

— Por que você nunca contou para a gente que o Duke tinha um irmão? — pergunta Nell a Emily.

— Na época da minha vida em que fiquei sabendo do Sebastian, não estava falando com você — recorda-se Emily.

Hazel dispara pela porta quando ela está prestes a se fechar, e Maisie se vira e a empurra para dentro com gentileza.

— Fica, fica. Já vou voltar.

Mas Hazel não acredita. Quando as três se vão, ela arranha e chora até eu finalmente me abaixar e fazer carinho nas orelhas dela.

— Hazel — digo bem baixinho. — Hazel. Ela vai voltar. Vou ficar aqui até ela voltar. Hazel, escuta. Vou dizer algo importante, você tem que ser corajosa. — Então explico para a cachorra como disse a mim mesma durante tantos e tantos anos que minha carreira caiu por terra porque eu não era boa, mas agora estou começando a achar que tudo caiu por terra porque deixei de ser corajosa. — Se isso fosse um filme, estaria me afogando em arrependimento. Mas estou dizendo, Hazel, não sinto nada parecido com arrependimento. Sinto que acabei de escapar de ser atropelada por um trem.

★ ★ ★

A vida útil total do festival de verão é de quatro meses — quatro meses, do nascimento até a morte —, então o tempo parece passar mais rápido. Duke era a pessoa que eu conhecia melhor no Tom Lake. Tínhamos ficado sozinhos no meu quarto. Tinha visto ele atuar e ficado comovida e surpresa com o que era capaz de fazer. Ele tinha me visto atuar, e então esperou à porta enquanto os outros diziam boa-noite. A gente se conhecia havia apenas algumas horas, mas eram horas de festival-de-verão, o que no mundo exterior se converteria em bons seis meses.

— Prometi mostrar o lago para você — disse Duke.

— Prometeu?

— Sei que é muito para processar — falou Nelson, à porta —, sendo atirada no meio disso assim desse jeito. Me avise se eu puder ajudar. Não que você precise de ajuda.

Nelson tinha uma cabeleira espessa que devia ter sido loira um dia, quando ele era criança, e os olhos por trás dos óculos eram azuis e brilhantes. Diretores, via de regra, não comandavam as coisas com tanta simpatia, e eu estava interessada em saber se aquilo podia funcionar.

— Ela não precisa de ajuda — garantiu Duke. Duke, que tinha virado meu agente. — A menos que precise de ajuda para encontrar o lago.

— Acho que todos nós vamos nos lembrar do desastre-da-troca-de-Emilys como um golpe de sorte. — Nelson apertou minha mão de novo. — Meu número está na programação.

Agradei. Disse boa-noite.

— “Meu número está na programação” — repetiu Duke, assim que nos vimos bem longe do prédio. — Que truque mais batido.

Ele balançou a cabeça, decepcionado.

— Não — retruquei. — “Prometi mostrar o lago para você” é o truque mais batido.

Se a implicação era que o diretor estava me dando mole, eu não tinha me dado conta. Duke estava me dando mole, e isso era tudo que importava. O tio Wallace também havia deixado algo no ar ao dizer que tinha bem mais noção de onde o lago estava porque era o décimo quarto verão dele aqui.

— Deixa eu mostrar a merda do lago para ela — dissera ele.

O lago, que se estendia por mais de três quilômetros e tinha quase um de largura, estava bem na nossa frente.

— Nelson é famoso? — perguntei enquanto cruzávamos a grama colina abaixo na direção da água.

Duke esticou o pescoço até chegar a um comprimento surpreendente, e então inclinou a cabeça.

— Ele não é o Francis Ford Coppola, se é isso que você está perguntando.

— Não é isso que estou perguntando.

O dia estava começando a dar lugar à noite. Eu tinha acordado no quarto do hotel em Nova York naquela manhã.

— Bom, certo, se você não está perguntando se ele é um diretor de Hollywood muito famoso, se está disposta a diminuir as expectativas, então, sim, suponho que o Nelson seja famoso. Pelos padrões do Tom Lake ele é famoso.

— O que isso significa?

Duke tomou minha mão e começou a balançá-la, como se não quisesse parecer terno. Dava para sentir a corrente da vida dele fluindo para meus dedos e pelos meus braços e viajando até o músculo do meu coração.

— Nelson dirigiu várias peças para uma companhia de teatro consolidada em Chicago que não precisamos nomear, e no verão passado dirigiu em Sag Harbor e fez uma peça na Off Broadway. Algo de que você deve ter ouvido

falar.

Ele desviou o rosto e sussurrou o nome da peça na direção do lago, de modo que a brisa poderia levá-lo embora.

— Então o que ele está fazendo aqui?

Mesmo que ainda não tivesse estabelecido os parâmetros dos talentos ali reunidos, tinha conhecimento suficiente para saber que uma peça Off Broadway os excedia.

— É um mistério. Só está dirigindo uma peça, e, assim que estreiar, vai cair fora. Todo mundo está se esforçando um bocado para causar uma boa impressão na esperança de que ele leve a gente junto quando for. — Duke parou. — Não digo a gente. Digo eles. Não estou tentando causar uma boa impressão. O tio Wallace está tentando causar uma boa impressão. Existem rumores de que ele quer muito deixar o circuito de peças de teatro encenadas em restaurantes.

— Como uma pessoa causaria uma boa impressão ao Nelson?

Eu me perguntava se causaria uma boa impressão.

— Atuando, acho. Atuando bem. Mas não vá dizer isso para o tio Wallace. Ele vai ficar magoado.

O tio Wallace podia ser um bobo, mas certamente estava atuando bem. Com base na leitura preliminar, o classificaria como um excelente Diretor de Cena, não que Duke quisesse ouvir isso de mim. Duke, supus, astuta, preferia ouvir sobre Duke.

— Mas você está causando uma boa impressão, quer queira, quer não. Estava magnífico.

Foi um momento muito estranho, como se eu estivesse dizendo algo que ele nunca tinha ouvido antes. Ele parou e apoiou um cotovelo no meu ombro, puxando o cabelo para trás da orelha, onde era o lugar dele.

— Você só está dizendo isso por causa do lago e das flores das cerejeiras.

— Não. Você estava magnífico.

Então ele me deu um beijo, uma espécie de beijo de primeiro dia, muito doce e hesitante, do jeito que o George poderia ter dado um beijo na Emily se houvesse um beijo no roteiro. Não foi, porém, um beijo entre um editor e a filha dele.

— Obrigado — disse Duke.

— Obrigada — disse eu, ou pensei ter dito, então ele voltou a pegar minha mão.

Andamos pela trilha que acompanhava o lago por um tempo e então voltamos. Não tínhamos nem o tempo nem a ambição para dar toda a volta.

— Você nada? — perguntou ele.

— Como um peixinho.

— Então vamos nadar um dia desses.

Parei. Ele sabia o que eu queria antes mesmo de eu saber, porque, assim que disse isso, quis mais do que qualquer outra coisa ir nadar.

— Vamos agora — falei. — Vou dizer uma coisa, foi um dia do cão. Vamos

nadar.

Era verão no norte de Michigan. Ainda teria luz suficiente.

Ele me olhou.

— Agora estamos ocupados.

— Estamos?

Ele assentiu, tirando uma mecha de cabelo da minha testa com o dedo.

— Temos compromisso.

Parecia tanto uma frase da peça. Íamos voltar para meu quarto, e fingir o contrário teria sido atuação.

Ele sacou um pacote de Marlboro e me ofereceu um cigarro.

Balancei a cabeça.

— Não fumo.

— Tentaria?

— Fumar?

Ele assentiu.

— É algo que a gente podia fazer junto. Pensa só no quanto seria legal sair durante os intervalos e se sentar no gramado. A gente podia olhar para o lago e fumar.

Ele acendeu dois cigarros com um único fósforo, e então, expirando, me entregou um. Jimmy-George não chegava nem perto daquele cara. Ninguém se comparava àquele cara. Dei uma pequena tragada e tossi. Meu primeiro cigarro.

— Só umas baforadas, ou você vai ficar tonta — avisou ele. — Você tem que treinar os pulmões.

Estávamos andando de novo. Segurava um cigarro numa das mãos e a mão dele na outra. Não dava para imaginar a Emily fumando, e me perguntei se o diretor teria alguma objeção, embora eu certamente não fosse fumar quando a plateia chegasse. O jeito como as brasas brilhavam quando a gente inalava me fazia pensar em vaga-lumes. Quando Duke parou de novo, estávamos de volta à casa onde eu estava morando. Ele tomou o cigarro dos meus dedos e colocou os dois em um vaso de gerânios na varanda. Talvez eu estivesse um pouquinho tonta. Não tinha reparado nas flores quando entrei ou quando saí. Subir as escadas de mãos dadas parecia a coisa mais natural do mundo. Até onde eu sabia, ele tinha subido as escadas com a outra Emily também, a que durara só um dia. Ele podia estar me levando de volta para uma cama em que já dormira, e eu não dava a mínima, porque agora a cama era minha.

★ ★ ★

— Isso é esquisito — diz Joe, quando entra pela porta dos fundos.

A louça está lavada e estou no sofá costurando pedaços dos vestidos descartados das meninas, dos lençóis favoritos e do guardanapo de pano aleatório em quadradinhos para formar uma colcha enquanto Hazel dorme. Daqui a trinta anos vou ter quadrados suficientes para fazer uma colcha para

cada uma das nossas filhas.

— O que é esquisito?

— Só tem duas pessoas na casa.

— Cadê a Nell?

— Foi até a Emily. Acho que a Maisie ainda está tentando estancar a bezerra.

Pode não parecer uma proposta, e enfio a agulha em uma almofada em formato de tomate. Pessoas com filhos estão sintonizadas com as possibilidades sexuais inerentes a uma casa vazia. Durante anos tentamos marcar atividades para as três meninas no mesmo horário: a aula de balé semanal, a reunião do centro comunitário, a aula particular de álgebra. Uma mísera hora de ocupação simultânea era tudo que queríamos, mas, mesmo quando todas aquelas estrelas cintilantes se alinhavam, uma filha muitas vezes se recusava a sair. Sempre parecia haver uma que só queria se arrastar para meu colo por uma hora enquanto as outras duas estavam fora. E então eu a tomava nos braços. Não é algo que você esquece, mesmo que suas filhas tenham crescido e saído de casa há anos e de repente voltem para o lar.

— Achei que todas fossem voltar correndo por causa da história.

— Vamos retomar amanhã.

— Até que parte você foi?

O que vinha depois da primeira noite?

— Bom, estou no Tom Lake, fizemos a primeira leitura do roteiro, então acho que estamos nos aproximando da Pallas.

Joe balança a cabeça.

— Ah, a Pallas. Você não se pergunta o que aconteceu com ela? — Ele corta um pedaço da torta de morango que deixei no balcão. Queria que comesse tudo. Do jeito que fica magro no verão, deveria comer uma torta todos os dias. — Pallas e depois Sebastian.

— Nunca devia ter começado.

Ele olha para mim com aquele sorrisinho triste que tem.

— Como? Elas são implacáveis. Iam se sentar no seu peito até você contar tudo.

— E não é como se eu estivesse contando tudo, de alguma maneira. Não estou contando as partes boas.

Joe varre os farelos na pia, lava a faca.

— Ou seja, sexo.

Estou olhando para meu marido do outro lado da sala, um homem calmo que não é dado a criticar o passado, o que não significa que precise ouvir falar nele.

— Estou falando no linguajar de três meninas de 20 e poucos anos.

— Sexo bom de verdade?

Ainda está sorrindo quando vem e toma a almofada de alfinetes da minha mão.

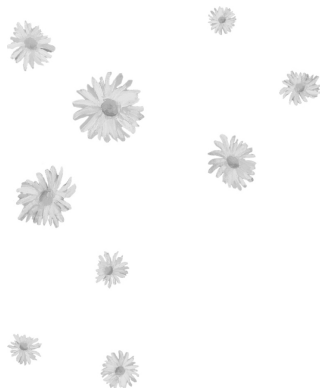
Dou de ombros.

- Quem é que consegue se lembrar?
- Você, provavelmente. Aposto que se lembra.
- Meu marido cheira muito de leve a feno de cabras.
- Me lembro do que aconteceu ontem, se tiver sorte.
- Não o estou enganando, mas também quero ser educada.
- Está muito cansada? — pergunta ele.
- Menos que você.

Faz tantos anos que o beijo. Faz tantos anos que não beijo outra alma, e há um conforto profundo e permanente nisso. Joe não é Duke. Joe nunca foi Duke, e eu nunca teria desejado que fosse. Do sofá, Hazel dá um rosnado baixo.

- E ela? — pergunta Joe.
- Ela não consegue subir escadas.
- Ele olha para a cachorra.
- Sério? Achei que a Maisie só gostasse de andar com ela no colo.
- Ela gosta.
- Você consegue esperar eu tomar um banho?
- Consigo.

Sigo-o escada acima. Deixamos as luzes acesas porque antes de nos darmos conta uma das meninas vai estar em casa.



8

É um tipo diferente de sono quando as meninas estão em casa. Mesmo depois de tantos anos, estou adormecida mas também à espera de ouvir a porta dos fundos se abrir e fechar. Nell chega primeiro, depois Maisie. Quando eram mais novas eu conseguia distinguir os passos, tarefa simplificada pelos latidos de Hazel. Acho estranho que Maisie e Nell continuem a dormir no mesmo cômodo agora que o quarto de Emily está disponível, mas as duas sempre gostaram de ficar juntas. Mesmo quando eram crianças, nenhuma parecia ansiar por um quarto só para si. Aos 13 anos, Emily pregou uma placa de ENTRADA PROIBIDA na porta do quarto dela (comprada na Ace Hardware e colocada não com fita ou tachinhas, mas com pregos), e mesmo isso não despertava o interesse das irmãs de entrar. Tantos anos depois do fim da fúria hormonal de Emily, Maisie e Nell ainda optam pelo conforto familiar das caminhas de solteiro.

Quando desço as escadas de manhã, encontro uma caixa de papelão cheia de ovos no balcão da cozinha, alguns da cor do café com leite e alguns no tom azulado do céu nublado. Fico feliz por não criarmos galinhas, porque me arrependo das cabras, e é por isso que ovos sempre são bem-vindos. Maisie e Nell se arrastam escada abaixo enquanto preparo rabanadas, Maisie segurando a cachorra contra o peito como um travesseiro. Pergunto se pagaram o serviço dela em ovos ontem à noite e ela assente e boceja.

— Tentaram me dar dinheiro.

— Dinheiro é legal — diz Nell, esfregando os olhos.

Nenhuma das nossas meninas tem dinheiro.

Maisie balança a cabeça.

— Não posso aceitar pagamento até ter me formado. E, de todo modo, o que uma pessoa devia cobrar por ajudar uma coitadinha de uma bezerra com caganeira no meio da noite?

— Três dúzias de ovos? — digo, tentando adivinhar.

— Mais ou menos.

Os animais não fazem muito sucesso por estas bandas. Assim como nossas cabras, uma vaca, um cavalo ou um bando de galinhas ocasionais representam a insanidade temporária de um produtor de frutas, a busca fantasiosa para tornar ainda mais árduo um trabalho árduo. Não seria divertido vender ovos na barraca de frutas? Queijo de cabra? Manteiga? Não é divertido, porém. Sabemos como cuidar das nossas árvores, mas os animais são um grande mistério para nós, e é por isso que o telefone de Maisie não para de tocar. Ninguém se importa que não tenha concluído a faculdade. Ela sabe mais do que eles, e eles precisam dela agora.

— A bezerra está bem? — pergunta a irmã.

Maisie assente de novo, me agradecendo quando coloco o café da manhã na mesa.

— Pus um tubo estomacal nela para os líquidos, e eles tinham uns comprimidos de sulfadimetoxina. Deu tudo certo.

Ela corta uma ponta da rabanada e a desliza para a cachorra.

Passo os dedos pelo cabelo cacheado da minha filha do meio antes de me sentar. Química não é nada para Maisie. Bezerras doentes não são nada. Ela nunca tem medo.

Maisie olha para a irmã como se só agora estivesse suficientemente acordada para enxergá-la.

— O que é que você acabou fazendo ontem à noite?

Nell passa um pedaço de rabanada em uma poça de calda.

— Fui à casinha. Benny disse que eu podia pegar o *Moby Dick* dele emprestado. Disse que quando eu acabar de ler, a pandemia vai ter terminado.

— Você foi à casinha para ler *Moby Dick*?

Maisie lê artigos de jornal sobre vacinação de pequenos animais, Emily lê artigos de jornal sobre controle de pragas e pesticidas e Nell lê romances e peças, cada uma delas maravilhada com as outras duas.

— Não — diz Nell. — Acabamos jogando *Imagem & Ação*.

Ela se detém porque há outra coisa que quer contar, mas está insegura. Nell é uma menina sem segredos. Olhar para o rosto dela é como ir ao cinema.

— E... — encorajo.

— Talvez não deva falar disso. Não disseram que eu não podia, então estou me perguntando se vocês já sabem e não me disseram.

Maisie e eu abaixamos os garfos.

— Digamos que a gente não saiba — falo.

— Digamos que a gente saiba — diz Maisie.

Nell dá outra mordida, avaliando as opções.

— Vocês sabem que eles vão se casar? — pergunta ela.

Maisie dá um tapa com a mão aberta na mesa, espirrando café e assustando a cachorra.

— Eles ficaram noivos?

Nell morde o lábio inferior.

— Vocês não sabiam.

— Não sabíamos — digo, e o que sinto, e estou envergonhada por causa disso, é uma ferroada muito antiga de exclusão.

Emily não veio a mim. Emily, que não tinha me contado quando menstruou e não tinha me contado quando decidiu ir para a Universidade Estadual de Michigan, não pensou em me contar que iria se casar com Benny, embora Emily, se estivesse à mesa, fosse dizer que era porque eu já sabia dessas coisas.

— Não acho que seja um *noivado* propriamente dito. Tipo, não era como se ela estivesse estendendo a mão para me mostrar um anel. Só estavam discutindo se deviam ou não tentar encaixar algum tipo de festa de casamento entre a estação das cerejas e a das maçãs. E só descobri porque em uma rodada a imagem que eu precisava desenhar era a de “votos de casamento”.

— Flagrados por causa de um jogo de *Imagem & Ação* — comenta Maisie.

Nell olha da irmã para mim.

— Não devia ter dito nada.

— Claro que devia. De que outro jeito a gente teria ficado sabendo? — pergunto, e consigo ouvir a petulância na minha voz.

— Eles sempre estiveram prestes a se casar — diz Maisie.

Nell assente.

— Quando eu era criança, achava que o Benny devia odiar os pais, porque ficava o tempo todo aqui.

A rabanada tinha esfriado, mas nos obrigamos a comê-la. Sabemos como a manhã vai ser se ficarmos com fome.

— Vamos lá — digo, recolhendo os pratos. — Vamos trabalhar. Aposto que o pai de vocês acha que ainda estamos na cama.

Nós nos lembramos dos chapéus. Quando saímos para assumir nosso lugar em meio às árvores, o dia está claro e luminoso. Vemos os seis membros da família Ramirez a distância e gritamos cumprimentos, e eles agitam os braços acima da cabeça em resposta. A família está segura e unida neste pomar de cerejeiras ao qual retorna ano após ano. Nossa família está segura e unida neste pomar de cerejeiras. Nossa filha mais velha vai se casar com o filho dos vizinhos, um garoto que ela ama, um garoto que nós amamos, e estou zangada com Duke, que, mesmo sem ter culpa, ou só por culpa da dukice dele sobre a qual não tem nenhum controle, rasga o tecido que me liga à minha filha. E embora ele tenha sido emendado, habilmente e diversas vezes, essa costura irregular que nos separa a impede de me contar que vai se casar. A cachorra dispara na frente, e Maisie corre no encalço dela enquanto Nell recua e toma minha mão.

— Quero ver se as margaridas desabrocharam — diz ela.

Subimos a pequena colina até o cemitério, onde, para minha surpresa, a grama alta está entremeada de flores — pétalas brancas, miolos de um amarelo vivo. Ela havia ligado para a loja de sementes e ração mais de um mês atrás e pedido que acrescentassem dois pacotes de sementes de margaridas na nossa

compra.

— Eu tinha acabado de vir aqui — digo, maravilhada com quanto tudo muda com a presença das margaridas.

No verão, as meninas gostam de trazer as cabras até o cemitério — os bichos fazem um trabalho magnífico aparando o mato entre os túmulos —, mas esse ano ninguém teve tempo, e agora a gente nunca mais vai fazer isso. O lugar está bonito demais. O ermo desmazelado e sombreado do cemitério sempre foi o lugar favorito de Emily na fazenda. Mesmo quando era menininha, ela gostava de roçar os dedos pelas lápides, as letras gastas até não sobrar quase nada, as pedras salpicadas de líquen. Eu me deitava na grama por entre os túmulos, grávida de Maisie, com a barriga tão grande que me perguntava se conseguiria ficar de pé de novo, e Emily ficava ziguezagueando para lá e para cá entre as placas de granito, se escondendo e então aparecendo de um salto para me fazer rir. Como qualquer outra mãe na história do mundo, me perguntava se conseguiria amar outra filha tanto quanto a amava.

— Olha, ela não está zangada com você — diz Nell. — Eles estavam pensando alto, só isso. Só aconteceu de eu estar à mesa enquanto estavam pensando alto.

Solto uma risada.

— Devia ter chamado você de Veronica.

— A Veronica do ensino médio?

— Ela sabia ler minha mente.

Nell sorri.

— Talvez comece um número de telepatia, se bem que acho que a sua é a única mente que consigo ler. Bom, a sua, a da Emily e a da Maisie. Não consigo ler a mente do papai.

— Me pergunto por que não — digo.

Veronica. Ela sempre teria 18 anos na minha mente. Ainda consigo vê-la nitidamente.

— Ele também é um ator muito bom. — Ela se inclina para roçar os dedos pelas margaridas. — Ficaria rica se soubesse quando vamos dar o fora daqui.

— Mas você não ama isso tudo um pouquinho? — pergunto.

Estou projetando, é claro. Sei disso.

— Se amo ficar presa com minha família na fazenda enquanto o mundo pega fogo? Não muito. Quer dizer, sei que a gente tem sorte. Sei que está sendo mais complicado para basicamente todas as outras pessoas, mas ainda assim é difícil. Você, o papai e a Emily moram aqui, e a Maisie tem as bezerras com caganeira, o que dá sentido à vida dela, mas para mim é basicamente colher cerejas.

Não posso fazer nada quanto ao mundo e às chamadas além de deixar máscaras grátis na banca de frutas, mas a parte de estarmos presos é pura alegria.

— Sinto muito.

Ela dá de ombros.

— Pelo menos temos o passado.

Nell e eu concordamos que vamos voltar no fim do dia e colher um buquê para a mesa, mas que agora devíamos ir trabalhar. Quando alcançamos Maisie, ela está com o cesto em volta do pescoço e o de Emily já está quase cheio, com uns bons quinze centímetros de cerejas no tonel.

— Você sabia que Benny e eu íamos nos casar — diz Emily, antes de eu conseguir sequer pegar o cesto.

Melhor assim, pois não sabia como começar a conversa. Ela inclina a cabeça para trás a fim de me ver por baixo da aba do boné, para que eu veja que ela está enfurecida de novo.

Lanço um olhar para Maisie, mas ela se mantém de costas para mim enquanto colhe cerejas com destreza. Percebo que o desvio para ver as margaridas no cemitério foi com o intuito de dar a Emily e Maisie um minuto para conversarem.

— Olha, estou encantada com isso. Você sabe que a gente ama o Benny.

Você sabe que a gente ama você.

— Não é como se a gente estivesse fazendo planos pelas suas costas — emenda Emily. — A gente só está conversando. Se essa não for uma boa hora para você...

— Não fala isso.

Ela semicerra os olhos até fechá-los.

— Não quero ter a sensação de que estou agindo do jeito errado antes mesmo de fazer alguma coisa.

— Emily.

Ponho os braços em volta dela de lado, os cestos ditando a forma do nosso abraço. Ela tenta se afastar, mas a detenho. Seguro-a, e então ela começa a chorar.

— Ah, Emmy. — Nell toca o ombro da irmã. — Ah, meu Deus, desculpa.

Emily balança a cabeça e cobre o rosto com as mãos.

— Alguém não dormiu o suficiente — comenta Maisie.

Era isso que eu costumava dizer às meninas quando choravam por qualquer coisa que queriam e não ganhavam — mais um algodão-doce, uma última voltinha no Zíper. A aparente injustiça da frase as enfurecia, mas, quando ficaram mais velhas e começaram a dizer aquilo umas para as outras, de repente se tornou hilário. Como era de esperar, os soluços do choro de Emily são interrompidos pelos soluços de uma risada. Ela puxa a camiseta para secar o rosto e assoar o nariz.

— Você é tão nojenta. Devia ser veterinária — diz Maisie.

Emily balança a cabeça.

— Não sei como fazer isso.

— Se casar?

— Não sei fazer *nada* disso. — Ela ergue o rosto para gritar em direção ao céu. — A gente vai ter colhido as cerejas a tempo? Vai ter alguém trabalhando na unidade de processamento? Tudo vai apodrecer num galpão? Aí o Benny diz que a gente simplesmente devia seguir em frente e se casar, eliminar pelo

menos *isso* da lista, e eu penso: *por que não?*. Se a gente se casar agora, não vai ter que convidar os vizinhos, os amigos da escola. A gente tem a desculpa perfeita. Pode ser só a gente e os Holzapfel. Podemos levar cobertores e nos sentar na grama na beira do lago. Posso usar algo que já tenha e não vou precisar gastar dinheiro, e a gente não vai ter que escrever cartões de agradecimento. — A brisa muda de direção de forma imperceptível por entre as folhas, e de repente ela está chorando de novo. Maisie ergue o jugo de drupas do pescoço da irmã e Emily esfrega os olhos com a base da mão. — Sempre que penso em me casar sinto que estou ficando maluca, e talvez seja porque *estou* ficando maluca, e aí penso no coitado do Benny preso a uma esposa louca e no fardo que vou ser para ele, e dois minutos depois não me sinto mais desse jeito, nem um pouco. Casar é uma bobagem, se querem saber. A instituição inteira é projetada para enlouquecer as mulheres. Não temos tempo nem dinheiro para esbanjar em uma fantasia de princesa que, para início de conversa, nunca nem sequer tive. Então por que não podemos simplesmente nos casar numa quinta-feira depois do almoço e então voltar ao trabalho? E pronto. Amo o Benny, vocês sabem que amo, e quero me casar com ele. Só não quero ser uma noiva.

Maisie, Nell e eu a encaramos, e embora sempre tenha dito que minhas filhas são capazes de uma perfeita comunhão de pensamento, dessa vez sou parte disso também. Emily solucionou o problema milenar.

— Você se libertou — diz Nell.

— Você é a porra de um gênio — diz Maisie, a voz suave de admiração.

Emily fica radiante diante da nossa adoração.

— O papai não sabe disso, sabe?

Fazemos que não com a cabeça.

— Esperem um pouco, tudo bem? Vou contar. Benny vai querer falar com ele. Eu quero falar com ele. O papai vai ficar magoado se achar que a gente bolou a coisa toda sem ele. Estamos juntas o tempo inteiro.

Quero dizer: “Emily! Essa tristeza diante da ideia da exclusão da qual você quer proteger seu querido pai, foi isso que senti a manhã toda. Mas estou nessa posição há tempo demais, entendo a diferença entre filhas e mães e filhas e pais. Prometemos esperar. Segredos às vezes são ferramentas necessárias para a paz.”

— Leve o tempo que quiser — digo.

— Vou dizer a ele — conclui ela, e então abre os braços para acolher nós três.

Quando isso termina, sentimos que vivemos o bastante para um dia inteiro. Fizemos o bastante. Agora deveríamos poder ir para casa, nos sentar na varanda ou na banheira e voltar para a cama com nossos livros, a cachorra e a costura, mas a verdade é que o sol está subindo e mal começamos a trabalhar. As cerejas doces têm que ser colhidas hoje e em todos os outros dias, até acabarem. Elas se acumulam no final. Quando todas as cerejas são colhidas, só dá tempo de podar as árvores, concluir a manutenção da fazenda e cuidar do equipamento antes de começarmos com as maçãs. E as peras. São só uns poucos hectares, mas ainda

assim temos peras, que precisam ser colhidas das árvores. Tudo precisa.

— Você chegou a pensar que iria se casar com o Duke? — pergunta Emily, levando o foco de volta para mim.

Dado que casamento é o tópico principal, tento lembrar. Já olhei para Duke adormecido na minha cama, os cigarros na mesa de cabeceira, o braço atirado por cima do meu peito, e pensei *sim, você, todas as manhãs, para sempre?*

— Não — digo.

— Mas você amava ele — retruca Emily.

— Isso é um sim — emenda Maisie.

Alguma vez me perguntei se meus pais foram apaixonados por outras pessoas, ou pensei neles como tendo uma vida antes que a vida deles me incluísse? Isso talvez aconteça porque minhas meninas são modernas, ou porque Duke é famoso, ou porque estamos atoladas de trabalho tendo apenas o passado como distração. Não faço a menor ideia.

— Então você fez a primeira leitura do roteiro e aí foi andar na orla do lago — lembra Nell.

— E você fumava! — exclama Maisie. — Você não tinha falado dos cigarros. Não acredito. Você mataria a gente se a gente fumasse.

Assinto, colhendo, colhendo, colhendo. Isso foi tudo que contei, e agora tenho a sensação de que caem em cima de mim como se estivessem, mais uma vez, se arrastando para meu colo, empurrando meu livro para o lado, pisoteando minha costura. “Mamãe, mamãe, mamãe”, choramingam.

O mais incrível foi quanto dormi bem — num novo estado, com um novo emprego e um homem nu que eu mal conhecia na minha cama — a noite toda, sem ter um único sonho. A janela não tinha cortinas, e quando abri os olhos para a luminosidade de Michigan me senti adulta de um jeito novo e pleno. Com certeza não fora adulta em New Hampshire, e em Los Angeles as pessoas ganhavam dinheiro me levando de um lado para outro, Ripley e Ashby, meu agente, um produtor. Mas eu chegara a Michigan totalmente sozinha, e àquela peça e àquela cama.

— Ei, você.

Dei batidinhas no centro do peito de Duke.

Ele manteve os olhos fechados, sorrindo enquanto me puxava para si.

— Ah, perfeito. Isso é perfeito. — Ele cheirou meu pescoço. — Estava torcendo para você ainda estar aqui.

— Onde mais eu estaria? É meu quarto.

— E foi legal da sua parte dividir comigo. Que horas são?

Eu me ergui o suficiente para enxergar o relógio de viagem que estava do lado de Duke na cama. O lado de Duke, meu lado.

— Oito e dezessete.

Ele bocejou como um leão, revelando os molares, as obturações.

— A gente começa às nove. — Ele tomou meu rosto nas mãos e me olhou com enorme seriedade. — Você, a grande estrela, não devia se atrasar no primeiro dia. Tem que ser disciplinada. Ou café da manhã ou sexo. Os dois não

dá. Você tem que escolher.

Estava fazendo boas escolhas naqueles dias, o que significa que, quando nos separamos, não restava nem sequer um minutinho para tomar café, e também não havia tempo para Duke voltar ao dormitório dele para se trocar.

— Me empresta alguma coisa — pediu ele.

Pensei no meu vestido favorito, um larguinho com margaridas e bolsos amplos que minha avó tinha feito a fim de que eu o levasse para Los Angeles.

— Você não pode usar minhas roupas.

Uma mulher pequena, um homem robusto, dava para pensar em tantas, tantas razões pelas quais aquilo era inadequado.

— Não vou para o ensaio vestindo algo que usei ontem.

Olhei para ele.

— Ninguém se lembra do que você usou ontem.

Ele atirou os lençóis para o lado e ficou de pé num salto. Duke, nu e com 28 anos, abriu a cômoda: calcinhas e sutiãs, meias e duas camisolas na primeira gaveta, camisetas, bermudas e dois trajes de banho na segunda.

— Sua organização é impecável.

— Põe sua roupa — retruquei. — A gente tem que ir.

Ele escolheu minha camiseta da Disney, aquela simples palavra numa escrita ascendente e cor-de-rosa contra um fundo branco brilhante. Quis ir à Disney quando estive em Los Angeles pela primeira vez, então Ashby me levará. Nós duas giramos em xicrinhas e tiramos uma foto com um rato gigante.

— Isso — disse ele, puxando-a pela cabeça como uma borboleta tentando se enfiar de volta dentro da crisálida fininha.

— Acho que... — comecei, mas já estava feito.

Ele tinha voltado a colocar a calça folgada, as alpargatas e a camiseta, que se esticava para não rasgar naqueles ombros largos e ossudos sobre os quais eu tinha dormido havia tão pouco tempo. Ele pegou minha escova de cabelo na cômoda e minha escova de dentes na pia.

— Você está usando minha escova de dentes?

Ele parou a escovação.

— Isso não é intimidade — disse ele, segurando a escova de dentes no alto, a espuma da pasta escorrendo para a mão.

E estava certo, claro. Estava certo até mesmo sobre a camiseta da Disney, que ficava bonitinha em mim, mas nele ficava ao mesmo tempo um escândalo e espetacular.

Andamos pelo corredor atrás de uma garota negra que vestia short e camisa dos escoteiros. Eu me lembrava dela da leitura do roteiro — do rosto, mas não do nome. Ou nem sequer do rosto — lembrava das pernas. Não era possível que existisse alguém com pernas tão absurdamente longas. A altura dela era mediana — ou seja, mais alta que eu e mais baixa que Duke —, mas toda a altura estava nas pernas.

Nell ergue a mão.

— O quê?

— Você está objetificando a garota.

— Objetificando a Pallas? O que estou fazendo de errado agora?

Maisie concorda.

— Ela é uma pessoa. Não um belo par de pernas.

— Se me der mais um minuto, pretendo deixar isso nítido.

— Mas você não pode simplesmente começar por uma parte do corpo.

— Você chegou a conhecer dançarinos? Já ouviu eles falando das pernas deles? Das pernas das outras pessoas?

Nell pensa por um instante.

— Faz sentido.

— De volta à história — diz Emily.

★ ★ ★

Pallas desceu a escada de três em três degraus e, quando chegou ao final, se virou.

— Estamos atrasados? — perguntou para Duke.

— Em cima da hora — respondeu ele.

E então ela me viu, um degrau atrás.

— Emily! — gritou.

— Pallas — disse Duke, estendendo a mão para ela como forma de apresentação.

Ela olhou para nós dois parados ali juntos.

— Sério? — disse ela para Duke. — Ela deve estar aqui faz o quê, vinte minutos? Você foi ao aeroporto e ficou vigiando o avião?

— Não gostei do meu quarto — respondeu ele, a voz estranhamente formal.

— Isso explica por que ele não tentou dormir comigo — comentou Pallas.

— Os dançarinos ficam no sótão. A vista é maravilhosa, mas o lugar é bem abafado.

— Vamos andando — disse Duke, acendendo o primeiro cigarro da manhã.

Eu estava tentando acompanhar. Meu quarto?

— Você é dançarina? — perguntei.

Óbvio que ela era dançarina.

Pallas estendeu a perna esquerda em um ângulo de noventa graus em relação ao corpo e se ergueu na planta do pé direito, com o pequeno tênis vermelho esticado na ponta.

— *Showboat* — comentou Duke.

— Não é *Showboat*, seu idiota, é *Cabaret*. Mas tenho aulas de atuação também. Nesse momento estou estudando a sua atuação.

— Pallas é sua substituta — explicou Duke.

Eu não tinha pensado nisso. É óbvio que já haveria uma substituta a postos.

— Então por que você não está fazendo a Emily? — perguntei.

— Porque aí iria me apresentar quatro vezes por semana em *Cabaret* e três vezes em *Nossa cidade*, e no fim do verão estaria morta. De qualquer forma, a ideia que o Tom Lake tem de um elenco racialmente progressista é me deixar ser a substituta, não a principal. É um grande passo para eles.

— Melhor não ficar doente — falou Duke para mim.

— A última Emily... — começou Pallas.

— A Emily afetada — sugeriu Duke.

Pallas assentiu.

— Aquela afetada caiu fora tão cedo que a companhia conseguiu arranjar uma bela nova Emily branca.

Ela ergueu uma das mãos aberta na minha direção.

— Nova e melhorada. — Duke pôs o braço em volta do meu ombro.

— *Muito* melhorada. — Pallas me lançou um sorriso. — E, de alguma forma, dá para imaginar? Um palco cheio de caucasianos e eu parada bem no meio parecendo totalmente solitária?

Duke baixou as sobancelhas, e também a voz.

— De quem é essa cidade, afinal?

— Não é a nossa cidade — respondeu Pallas, com um sorriso.

— Não acho que... — comecei a dizer.

Como eu iria terminar a frase?

— Se curte coisas um pouquinho mais esquisitas, também sou sua substituta em *Fool for Love*. Ah! E sou a substituta da sua mãe, o que é idiota. Sua mãe devia ter ficado com um suplente.

— Minha mãe?

Minha mãe em New Hampshire?

Duke recolheu o braço.

— Não sabia disso! Quer dizer que se a sra. Webb ficar doente você vai ser minha esposa? — O beijo que deu nela então tinha mais intenções do que o beijo que tinha dado na mulher que atualmente interpretava minha mãe. — Algum dia vamos ter que dizer para a Emily que ela é adotada.

— O que acontece se eu e a sra. Webb ficarmos as duas doentes na mesma noite?

A sra. Webb, minha mãe. Não me lembrava do nome dela.

— Então quem quer que esteja menos doente vai ter que dar a volta por cima e segurar as pontas — explicou Pallas. — Os dançarinos nunca param. Se vir um comunicado dizendo que uma dançarina caiu fora, pode apostar dinheiro que ela teve uma overdose de qualquer que seja o remédio para dor que deram a ela para que não parasse de dançar.

— O show realmente não pode parar — afirmou Duke.

Parei no caminho. Estávamos quase no teatro, atores vindo de todas as direções, substitutos e suplentes, todos com um café na mão. Abriria mão de muita coisa por um café.

— Vocês dois se conhecem?

Duke e Pallas olharam um para o outro.

— A gente se conhece? — perguntou ela.

— Não mais do que se conhece qualquer um.

— Mas não menos do que se conhece qualquer um — acrescentou Pallas.

— O jeito como vocês falam... — comentei.

Eu me virei de um para o outro. Os dois eram lindos, incomuns, superanimados, do jeito como atores e dançarinos são.

Pallas riu, os dentes tão perfeitos quanto os de Duke eram irregulares.

— Você acha? Talvez seja porque a gente veio do mesmo grupo de improvisação.

— O grande estado de Michigan — disse Duke.

Duke e Pallas se conheciam fazia uma semana, mas os dois eram de Michigan.

A pequena cidade de New Hampshire onde cresci era tão branca quanto Grover's Corner. Na minha turma da escola a única aluna negra era Aly, que entrou no nono ano. Nós a tratávamos como teríamos tratado uma alpaca, ou seja, com fascínio e solicitude, mas sem amizade verdadeira, então, mesmo que eu fosse capaz de fazer uma descrição completa do cabelo, das roupas e dos padrões de linguagem dela (dizia “refri” em vez de “refrigerante”), não fazia a menor ideia de por que a família de Aly tinha se mudado para lá ou de onde haviam vindo ou da razão pela qual foram embora de forma tão abrupta na metade do primeiro ano do ensino médio, mas isso provavelmente não era um mistério tão grande. A Universidade de New Hampshire era só levemente melhor que nosso colégio, e Hollywood era só levemente pior. A presença de um maquiador negro no meu primeiro teste se revelou algo incomum. Hollywood não ficava devendo nada a New Hampshire quando se tratava da diversidade racial.

Então segui a dançarina com a camiseta engraçadinha dos escoteiros na direção do prédio, correndo na frente para abrir a porta porque, do jeito como ela e Duke estavam conversando, teriam dado de cara nela. Eu teria um parceiro que crepitava mais que um fio desencapado e uma parceira que era negra. Estava ainda mais adulta do que poderia ter imaginado.

No fim das contas, o festival de verão no meio do nada, em Michigan, ganhava tanto da Universidade de New Hampshire quanto de um cenário de Hollywood quando o assunto era diversidade. O padrão era baixo, mas mesmo assim o Tom Lake saía ganhando. Enquanto nos apressávamos para os vários ensaios, quase parecíamos uma cidade estadunidense. A maioria dos atores vinha de Chicago ou Detroit, alguns de lugares distantes como D.C. e Pittsburg. As audições para o festival de verão — as audições das quais fora poupada — atraíam pessoas de conservatórios e de companhias de teatro regionais. As pessoas do teatro sempre estavam à procura de trabalho, e, ainda que talvez não escolhessem construir uma vida no Tom Lake, ficavam felizes de sair da cidade durante o verão. Gene, o diretor assistente de *Nossa cidade*, era negro. Gene conferiu se tínhamos os roteiros. Alguém precisava de um roteiro?

Auden, outro dos substitutos, também era negro. Era dançarino também, e ele e Pallas começaram a dançar no outro canto do palco, realizando movimentos intrincados e antiquados sem música. Olhavam apenas um para o outro e não pareciam se importar que estivessemos observando. Eu não sabia se estavam ensaiando para algo que não era *Cabaret* (que, eu tinha certeza, não incluía *swing*) ou matando tempo enquanto o tio Wallace não chegava.

Sabia, porém, que cair de cabeça em *Nossa cidade* sem um Diretor de Cena no primeiro dia de ensaio seria uma armadilha, e, depois de esperar por vinte minutos (durante os quais por fim nos sentamos no chão e ficamos vendo Pallas e o amigo dançarem, hipnotizados pelo ruído dos tênis), Nelson despachou Gene, o D. A., para descobrir que merda estava acontecendo.

— Ele pode ter se confundido com os horários — sugeriu Duke, mesmo que o cabeçalho da tabela de horários dissesse ENSAIOS COMEÇAM PONTUALMENTE ÀS 9H em uma fonte grande o bastante para parecer uma advertência.

O desejo coletivo das pessoas naquele teatro era de que a peça fosse bem-sucedida. Emily tinha escapulido. Emily tinha sido substituída. Novo dia, vamos pôr mãos à obra. O D. A. voltou, rápido demais, achei, e o diretor o encontrou no corredor para uma breve deliberação. O diretor, Nelson, já parecia cansado.

— Certo, gente — disse ele, batendo palmas duas vezes, mesmo que tivesse nossa total atenção. Pallas e o amigo soltaram as mãos um do outro. — A gente vai começar. Albert vai chegar em breve. Vamos seguir com o substituto. Quero um dia inteiro de trabalho. Lee?

Um homem com uma camisa polo azul-clara ergueu a mão, hesitante.

— Precisa de um roteiro? — perguntou Gene.

Estávamos todos olhando para ele.

— Eu... — começou ele, então parou e ergueu o roteiro.

— Ótimo — disse Nelson.

— Ainda não sei o papel.

— É cedo. Você consegue. Vamos torcer para que leia só por alguns minutos. Nada como a ideia de que o substituto está lendo suas falas para tirar um ator da cama.

Todo mundo riu educadamente, exceto o homem com camisa polo. Devíamos ficar sentados nas fileiras de cadeiras dos dois lados do palco sempre que não estivessemos em cena. Fomos nos sentar, deixando Lee sozinho. Quando chegasse o momento de um de nós falar à mesa da cozinha, junto à máquina de refrigerante, na farmácia ou no cemitério, no final, tínhamos que carregar as cadeiras pelo palco vazio e colocá-las em lugares marcados com fita adesiva no chão, mas agora estávamos sentados de ambos os lados, aguardando. Todos já tinham assumido os respectivos postos, então Nelson disse ao substituto que começasse.

Lee tinha cerca de 60 anos, cabelo grisalho, óculos de armação grossa. Tinha a pele queimada de sol o que dava a ele a aparência de um homem que levava a

camisa polo esportiva a sério. Quando a peça começa, o Diretor de Cena está sozinho.

— Esta é uma peça chamada *Nossa cidade* — diz ele. — Foi escrita por Thornton Wilder. — Então prossegue mencionando o nome do diretor, do produtor e dos atores nos papéis principais, mas Lee leu o roteiro exatamente como estava escrito. — Dirigido por A — disse ele. E em seguida: — Nela, vocês vão ver a senhorita C...

Eu já havia visto várias pessoas interpretarem o Diretor de Cena, mas nunca tinha visto nada parecido com aquilo. Quis voltar para New Hampshire e dizer àqueles homens com seus lenços e cachimbos que haviam feito um ótimo trabalho. Certamente Spalding Gray estava dizendo aquelas mesmas palavras em um ensaio naquele exato momento. Eu me esforcei para ouvir a voz dele, embora nunca a tivesse ouvido antes. Em Michigan, ficou claro que as palavras representavam um desafio penoso para Lee e que aquilo era uma alfinetada na confiança de cada pessoa na sala. Talvez eu não fosse a adulta que havia conquistado o papel principal em um festival de verão importante em Michigan; talvez fosse uma jovem sem talento que tivesse sido expulsa da sala porque estava ocupando muito espaço. “Mande ela para Michigan!” era o que tinham rabiscado nos blocos de notas durante minha audição. “Ela não vai saber a diferença.”

Duke, na cadeira ao lado, roçou um dedo de leve pela minha coxa enquanto olhava para a frente, deslizando pela bainha do meu vestido de margaridas como uma aranha em uma missão.

As coisas estavam prestes a melhorar em Los Angeles, era isso que Ripley havia tentado me dizer. Eu devia me manter firme, ser paciente. Tinha fracassado.

Era isso que um mau intérprete do Diretor de Cena podia fazer com uma sala.

Então, quando o tio Wallace miraculosamente apareceu, no final do último ato, o amei de novo do jeito como o amara quando criança: *Diante da tragédia, nosso tio chegou para nos salvar*. Que importância tinha para mim que ele estivesse com a aparência de uma cama desarrumada, ou que estivesse na linha tênue entre a ressaca e a bebedeira? Estava lá para nos conduzir ao segundo ato, e eu não teria mais que ouvir Lee de camisa polo me dizendo que o sol havia nascido mais de mil vezes.

— O despertador não tocou — anunciou o tio Wallace, aplaudindo generosamente o homem que o fizera parecer um Barrymore. — Mas estou aqui agora. Podemos começar.

★ ★ ★

— Você não está sendo extremamente dura com o Lee? — pergunta Emily. — Era o primeiro dia dele. Atuar não estava nos planos.

Nell concorda.

— Eu não iria querer fazer isso, e, de qualquer forma, não teriam contratado um substituto que fosse *tão* ruim. A gente sabe que o Nelson é inteligente demais para isso.

Já está quente. Já estou farta de cerejas.

— Engraçado você dizer isso, porque os substitutos eram ótimos, via de regra. A companhia era muito rigorosa quanto aos substitutos. Exceto o Lee. Lee era horrível.

— Por que contratariam alguém horrível para cobrir o papel principal? — pergunta Nell.

— Porque o Lee era dono de uma transportadora. A família dele tinha um casarão às margens do lago. Organizavam eventos de arrecadação de fundos, dinheiro de verdade, grandes doadores. Lee amava o teatro, Deus o abençoe por isso. Não queria ser ator, só queria ficar ali com a gente. Talvez isso fosse esquisito. Levava picolés e *prosecco* para os ensaios às vezes. Todos amavam ele.

— Então venderam o papel do substituto para ele? — pergunta Maisie.

— Essa seria uma forma grosseira de colocar a coisa. Venderam o papel para ele.

— Nelson?

— Não, não. Ele não escolheu nada nesse aspecto. Disso eu tenho certeza — respondo.

— Mas por que ele tinha que ser o Diretor de Cena? — pergunta Nell. Nell, que sente todas as injustiças no âmbito. — O Diretor de Cena é muito importante.

Joe e eu ensinamos nossas filhas a reconhecer tipos de ameixa, a tirar pedras dos cascos das cabras e a preparar a massa para cobrir uma torta, mas temo que não tenhamos ensinado nada sobre o mundo.

— Porque não circulamos por um coquetel dizendo às pessoas que vão ser as substitutas do policial Warren.

— Pelo menos ele não era inteligente o suficiente para ficar com medo de que o tio Wallace ficasse doente? — pergunta Maisie.

— Lee não tinha talento, mas não era burro. O tio Wallace esteve no Tom Lake por catorze verões consecutivos, e nunca perdeu uma apresentação. Aquele homem era como um dançarino. Nunca parava.

— Ele atuava bêbado? — pergunta Emily.

O bom e velho Albert Long tempestuoso, de rosto vermelho e cabelos vermelhos. Meu coração se encheu de um afeto inesperado diante da lembrança dele.

— Completamente embriagado. Consegui fazer isso funcionar.

— E quanto ao George? — pergunta Nell.

— George? O que é que tem ele?

— Era ruim?

— Não era memorável — respondo.

— Era tão ruim quanto o Lee? — pergunta Maisie.

— Ah, não, nem perto disso. Tenho certeza de que era bom. Só quero dizer

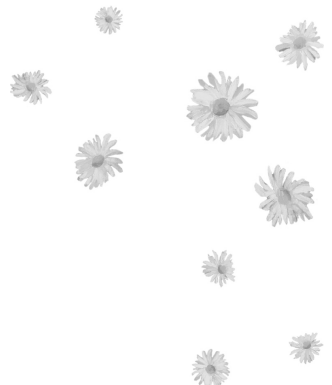
que não me lembro dele.

— O que isso significa? Que você não se lembra da atuação dele?

Nell teme que esta seja mais uma prova do meu declínio. Para minhas filhas, sou incrivelmente velha.

— Quero dizer que o rapaz que interpretava George não ficou marcado na memória — respondo, mas elas não entendem.

Duke está tão próximo quanto as cerejas ou as cerejeiras, da mesma forma que o tio Wallace, por razões que sem dúvida têm a ver com o modo como as coisas terminaram. Eu me lembro de Lee menos como uma pessoa e mais como uma história, mas do George não me lembro de forma alguma. Não há como explicar esta simples verdade sobre a vida: você vai esquecer boa parte dela. Sabe aquela coisa dolorosa que tem certeza de que nunca vai ser capaz de superar? Hoje você não sabe bem ao certo quando aconteceu, enquanto as partes emocionantes, as alegrias de fazer parar o coração, se fragmentaram e se dispersaram e se tornaram outra coisa. As lembranças são substituídas por alegrias diferentes e tristezas maiores, e, por mais incrível que possa parecer, essas coisas também são deixadas de lado, até que certa manhã você está colhendo cerejas com suas três filhas adultas e seu marido passa por perto no Gator e você tem certeza de que isso é tudo que sempre desejou no mundo.



9

Sim, era verdade que o tio Wallace era um bêbado, e seu substituto se escondia no canto mais distante do teatro onde nem os refletores conseguiam encontrá-lo, mas muitas outras coisas também eram verdade, como o fato de que Albert Long incorporava o Diretor de Cena de forma tão absoluta quanto no passado incorporara o tio solteirão. Duke podia até ter tirado sarro dele — peças de teatro em restaurantes, discursos bombásticos, comentários lascivos —, mas quando ele estava no palco não havia do que reclamar. O tio Wallace nunca tinha que consultar uma fala porque as falas estavam escritas dentro dele, assim como as da Emily estavam escritas em mim, a diferença era apenas que ele havia encontrado um papel para o qual nunca estaria velho demais. Quando, no terceiro ato, o tio Wallace me levou de volta para a cozinha da minha mãe, olhou para mim com tamanha compaixão que meus olhos arderam. E daí que cheirava a gim? E daí que saía para fumar um cigarro e ia caminhando por aí? O D. A. sempre conseguia encontrá-lo, levando-o de volta feito um cordeiro perdido. Ele era capaz de se concentrar no palco, então mesmo que as pessoas que o conheciam dissessem que estava diferente naquele ano, que estava muito pior, continuamos a apostar no fato de que ele nunca havia perdido uma apresentação. Por que o passado não seria também o futuro?

Depois do ensaio, Duke e eu nos espichamos na grama ao lado do lago, dividindo um cigarro e uma bebida.

— Todo fragmento de alegria que o homem consegue ter, ele extrai do álcool — comentou Duke, inclinando a garrafa para trás. — Já seria motivo suficiente para eu odiá-lo.

— Alguém me disse que ele interpretou Lear em outro festival de verão no fim da temporada, que está sempre tentando convencer alguém a produzir a peça aqui, mas não consegue fazer ninguém no Tom Lake se interessar por Shakespeare.

Duke ergueu uma sobrancelha.

— Foi ele quem contou isso para você.

— Talvez. — Dei outra tragada. Apenas uma semana, e já fumava consideravelmente melhor. — Acho que ele deve interpretar um Lear feroz, batendo os pés pelo palco e gritando. Seria de partir o coração no final.

Duke se sentou e me puxou para o colo dele.

— E você seria a pequena Cordélia, é isso que está pensando?

— Não me importaria.

— Larga o cigarro.

— Por quê?

— Porque você está morta. Você é a Cordélia e está morta, e vou mostrar como o tio Wallace interpreta Lear.

Amassei o cigarro na grama e morri bem ali nos braços dele. Duke segurou meu corpo sem vida contra o peito, me balançando suavemente enquanto a mão tentava se enfiar por baixo da minha camiseta.

— Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca — sussurrou ele, no meu cabelo, apertando meu peito esquerdo suavemente a cada declaração.

De verdade, era só o que bastava para voltarmos até o quarto.

Nossa cidade só tem um beijo, e não é entre a Emily e o George, mas entre a Emily e o pai, o jornalista. Ela dá uma beijoca na bochecha dele no primeiro ato. Além disso há um único momento erótico na peça, no segundo ato, logo antes de George e Emily se casarem. Emily implora ao pai para fugir com ela a fim de construírem uma vida juntos, só os dois.

— Você não lembra que dizia o tempo inteiro que eu era *sua* garotinha?! Devem existir muitos lugares para onde podemos ir.

Não sei dizer quantas vezes dei aquele beijo, disse aquelas palavras, e nunca pensei um segundo sobre nada disso.

Nelson interrompeu a cena. Nelson, que aparecia para trabalhar com uma camisa de colarinho e mangas arregaçadas e calças cáqui caras, enquanto o restante de nós vagava pelo palco com calças cortadas e camisetas da Phish.

— Peter, Lara — disse ele, calmamente. — Se puderem oferecer uma interpretação um pouquinho mais salutar, seria ótimo.

Todo mundo riu. O tio Wallace, esperando para oficializar a união — e quero dizer a união de George e Emily, não a união do editor e da filha —, pigarreou. Ninguém fingia que o lance entre mim e Duke não estava acontecendo. Só pediam que não nos empolgássemos tanto.

Cada dia no Tom Lake era como uma semana, cada semana era como um mês. Passávamos horas num teatro escuro, dizendo as mesmas coisas às mesmas pessoas várias vezes, à procura de jeitos de tornar o mundo um lugar novo. No ensino médio e na faculdade eu frequentara ensaios algumas vezes por semana, porém no Tom Lake os ensaios eram nossa vida. Onde parávamos e como parávamos e o modo como posicionávamos as cadeiras e nossa aparência sob a luz e como falávamos uns com os outros e ouvíamos, tudo isso contava. O tio Wallace estava certo a respeito de Nelson. Todo dia ele nos dirigia rumo a uma atuação melhor.

Nossos horários contavam com um tempo livre escasso e precioso, mas fazíamos excelente uso do que tínhamos. Vestíamos o traje de banho sob a roupa e corríamos para o lago em vez de almoçar. Com planejamento antecipado, podíamos sair do palco e estar quase nus e totalmente submersos em quatro minutos. Eu tinha levado duas roupas de banho, o maiô que minha avó encomendara da L.L. Bean e o biquíni que não devolvi para o figurino no dia em que fui instruída a nadar na piscina cenográfica. Nunca me perguntei qual dos dois deveria usar. Pallas ia ao lago com o parceiro de dança, Auden, e com o namorado descendente de coreanos de Auden, Charles, a quem chamávamos de W.H., porque nunca víamos um sem o outro. W.H. era outro dançarino, e também era suplente. A mãe Gibbs e a sra. Webb nadavam no lago, mas a sra. Webb não mergulhava a cabeça, nem Pallas. Elas nadavam como as mulheres nos filmes clássicos de Hollywood, sorrindo, com brilho labial. Certos dias Pallas usava até um chapéu. Apesar de a água ser fria, nenhum de nós ligava e todos nós gritávamos. Duke era sempre o primeiro a entrar. Talvez baste dizer isso a respeito de Duke: ele era eternamente o primeiro a entrar, dando longas braçadas até a plataforma enquanto o restante de nós avançava com dificuldade pela água na altura dos joelhos e então parava para observar o peixinho que tentava compreender o que eram nossos pés enormes.

— Cadê minha garota? — gritava ele. — Cadê minha aniversariante?

Essa era a frase favorita dele na peça, e tinha que dizê-la duas vezes no terceiro ato. Ele a dizia à noite quando dobrava o lençol e deslizava para a minha cama.

Nadei até Duke, passei os braços em volta do pescoço dele e as pernas em volta da cintura na parte funda do lago. Ele me ajudou.

— Vocês dois vão quebrar alguma coisa — comentou Pallas ao passar por nós. — As pessoas nas dez primeiras fileiras vão ter que limpar os óculos.

— Garota ciumenta — retrucou Duke.

Ela riu e deslizou para longe. Quando Duke começou a fingir que estava sendo devorado por um tubarão, me desenredei e nadei atrás de Pallas. Estava apaixonada pela peça e apaixonada pelo Tom Lake, e talvez estivesse apaixonada por Duke, e certamente estava apaixonada por Pallas, o biquíni vermelho dela tão insubstancial quanto o meu em cada centímetro.

— Você deve estar entediada até dizer chega de ter que ficar sentada aqui a manhã inteira — falei quando a alcancei.

Só nossas cabeças se projetavam para fora da água. O céu azul era o cenário dela e a luz do sol era a iluminação, e refletia nas argolas douradas nas orelhas de Pallas.

— Não tem nada de entediante nisso — respondeu ela. — Estou observando você.

Pensei naquelas audições no ensino médio e em como tinha formado uma ideia da Emily ao observar as pessoas interpretando-a da forma errada. Será que era tão diferente assim ver alguém interpretando-a do jeito certo? Isso se Pallas

de fato achava que eu a estava interpretando do jeito certo.

— Agora vou ficar ansiosa.

— Você é várias coisas, Emily Webb, mas ansiosa não é uma delas.

— Você parece uma pessoa bem relaxada.

Meus braços se moviam para lá e para cá pela superfície do lago.

Ela balançou a cabeça.

— Dançar e cantar tem tudo a ver com fazer das tripas coração para as pessoas pensarem que você caiu da cama dançando e cantando. Digo, atuar também é isso, mas é basicamente menos físico.

Duke e eu tínhamos perdido o café da manhã de novo. Estávamos aperfeiçoando a arte.

— Enfim, ser sua substituta está me ensinando algumas coisas — disse ela.

— Metade do dia estou interpretando uma garotinha interiorana numa cidade cheia de gente branca, e fazendo a coisa toda na minha cabeça, e então na outra metade do dia estou interpretando uma prostituta numa boate alemã e fazendo a coisa toda com o corpo. É por isso que gosto de nadar no meio-tempo. Ajuda na transição.

A água estava tão límpida que eu conseguia observar a mecânica graciosa das pernas dela se movendo.

— *Fool for Love* vai ser bem mais trabalhosa — comentei, embora ela fosse a substituta nessa também, de modo que já sabia disso.

— Ou bem mais divertida. Você e o Duke em *Fool for Love*. — Ela riu, dando uma volta delicada ao meu redor. — É um elenco de sorte, se é que já ouvi falar nisso. Eles vão ter que dar uma mangueirada no teatro. Ainda bem que você não vai ter que aturar aquele cretino do George de novo. Não é o cara que você iria querer que te jogasse na cama toda noite. — Ela cobriu os olhos com a mão e observou a mãe Gibbs sair do lago. — Está na hora? — gritou Pallas.

Mãe Gibbs balançou a cabeça.

— Quinze minutos — gritou a mulher de volta. — Quero me secar e pôr a calcinha e o sutiã.

Lee estava sentado numa toalha de praia do tamanho de uma de piquenique vendo a gente nadar.

— Então o que acontece se você acabar tendo que interpretar a Emily? — perguntei a ela.

Pallas me olhou com os olhos semicerrados.

— Você está tentando me contar alguma coisa?

— Não, não, nada a ver com isso. Só estou me perguntando como funciona.

— Na terça-feira à noite, *Nossa cidade*, na quarta-feira à noite, *Cabaret*, quinta-feira à noite, *Nossa cidade*, sexta-feira à noite, *Cabaret*, sábado, matinê de *Nossa cidade* com *Cabaret* à noite, domingo é *Cabaret* à noite, mas sem matinê de *Nossa cidade*, então tem uma folga. Na segunda-feira eu durmo.

— Isso é impossível.

Pallas discordava.

— É possível, não o ideal. Eu gostaria de interpretar Emily uma ou duas vezes, só se você tiver uma infecção urinária ou algo assim, mas apesar disso rezo pela sua saúde. — Ela havia voltado a olhar para a margem. — Sabe quem é aquele?

Mãe Gibbs tinha sumido, e no lugar dela havia um homem parado na beira da água agitando os braços acima da cabeça.

— *Peedee!* — gritou ele. — *Peedee!*

Olhei por cima do ombro para ver quem ele estava olhando: Duke na plataforma, molhado e cintilando feito um deus. Deveria haver um tridente dourado na mão dele, uma coroa de algas e de estrelas-do-mar no cabelo. Ele agitou os braços loucamente em resposta e então mergulhou no lago. Parecia saído direto de um filme, a elegância do mergulho dele e então do nado, impecável e ágil, sem os espirros para todos os lados de antes.

— Deve ser o traficante dele — disse Pallas. — A gente devia ir agora.

Sáímos, mas por um instante fiquei para trás chapinhando na água, observando todos os atores e dançarinos nadarem até a margem. Lee dobrou a toalha e saiu andando. Eu me perguntei se alguém já rezara pela minha saúde antes. Minha avó, provavelmente. Ela teria feito isso por mim.

★ ★ ★

— É o São Sebastião, né? — diz Emily.

Já voltou a ser Emily, totalmente restabelecida, extraindo cerejas duas vezes mais depressa que o restante de nós.

Assinto.

— Ele costumava dirigir até lá quando tinha uns dias de folga — digo.

Maisie olha para Emily.

— Como é que você sabia quem era?

— Gosto de ler entrevistas, só isso. Sebastian estava sempre lá. Não se lembram de quando o Duke ganhou o Oscar? A primeira palavra que saiu da boca dele foi *Sebastian*.

Nenhuma de nós se lembra disso, mas já estou há mais de uma década me convencendo de que a atenção que Emily dá aos detalhes da vida de Duke não é motivo de alarme.

— Mesmo que você saiba que ele era próximo do irmão, como sabe que o irmão foi ao Tom Lake? — pergunta Maisie, pressionando. — O intervalo tinha terminado, hora de voltar ao trabalho. Por que você simplesmente não acha que é o Gene, o D. A., chamando ele?

Emily suspira e fico com medo de que Maisie a pressione demais.

— Sebastian era o único que chamava ele de Peedee. Peter Duke. E Duke era o único que chamava ele de São Sebastião.

— A primeira parte está certa — digo. — Mas praticamente todo mundo que conhecia o Sebastian chamava ele de São Sebastião.

— Na cara dele? — pergunta Emily.

Faço que sim, vendo o rosto de Sebastian mentalmente, tão tranquilo quanto o de Duke era inquieto.

— Estou esperando pelo Sebastian desde que o papai contou que ele jogava tênis — diz Nell, como se Sebastian fosse um personagem que tivesse acabado de fazer sua entrada na peça. — Onde ele morava?

É para Emily que está perguntando, não para mim.

— Em 1988 ele ainda estaria em East Detroit.

— Espera — diz Maisie. Estava se lixando para o humor da irmã. — Em primeiro lugar, que raios é *East Detroit*? E, em segundo, existe uma biografia do Sebastian Duke e esqueci de pegar meu exemplar?

Maisie não tinha como saber os detalhes da vida de Sebastian e com certeza nunca tinha ouvido falar de East Detroit, dado que o lugar foi rebatizado em 1992, mas Emily sabe tudo, e expõe os fatos como uma historiadora: East Detroit mudou de nome quando Detroit propriamente dita estava indo pelo ralo; a Câmara Municipal de East Detroit tentou impulsionar o valor decrescente das propriedades mudando o nome para Eastpointe, o “e” mudo chique no final era um indicador de que as pessoas brancas viviam bem ali e que as pessoas negras viviam lá longe, do outro lado da Eight Mile. A obsessão de Emily por um astro de cinema deu esse conhecimento singular a ela. No papel de arquivista viva de Duke, também é arquivista da desaparecida East Detroit.

— Você ficava andando por aí com isso na cabeça todos esses anos e nunca contou para ninguém? — pergunta Maisie.

— Você ficaria surpresa de saber que essa é a primeira vez que isso vem à tona.

Mesmo que o rosto de Emily esteja impassível, acho que está contente porque enfim batemos na porta do vasto depósito de informações dela.

— O São Sebastião ainda era jogador de tênis na época?

Emily olha para mim.

— Vá em frente — digo.

— Tinha caído fora — conta Emily às irmãs. Nunca para de colher cerejas, as mãos no piloto automático. — Tinha chegado ao National Sixteen e ao Under in Kalamazoo. Jogou no circuito Future Challenger, mas não chegou ao nível profissional. Tênis custa muito dinheiro, e a família deles não tinha dinheiro. Mas ele ainda atuava como técnico na época. Duke costumava dizer que o Sebastian não poderia ter sido um bom técnico se não conseguisse transformar o próprio irmão num tenista decente, mas o Duke era muito bom, não era?

— Duke era um bom jogador de tênis — confirmo. — Só não era tão bom quanto o irmão. E o Sebastian era um ótimo técnico. Ele me ensinou a jogar.

— Você sabe jogar tênis? — pergunta Emily, surpresa, olhando para mim.

Estão todas surpresas.

— Joguei naquele verão. Pallas e eu jogamos. Às vezes jogávamos em dupla com os rapazes, mas era brincadeira.

O que Pallas e eu nunca fizemos foi jogar uma contra a outra, porque qual teria sido o sentido?

— Eram só os dois, né? — pergunta Nell. — Só os dois rapazes?

Emily faz que não com a cabeça.

— Tinham uma irmã mais nova.

— Não existia uma irmã — digo.

Só Duke e Sebastian, criados por lobos, mas mesmo enquanto digo isso minha mente vasculha o passado: madrugadas, intervalos de ensaios, flutuar na água de mãos dadas. O que é que Duke chegou a me dizer? Que estava com fome, que queria tirar meu biquíni no lago, que precisava de um drinque? Por mais que a sensação do cabelo de Peter Duke deslizando pelos meus dedos seja minha, os fatos da vida dele pertencem, de forma mais precisa, à minha filha.

— Sarah era a mais nova — diz Emily. — Morreu de sarcoma de Ewing quando tinha 4 anos.

Seria possível? Duke vivia dizendo que iria me levar para casa com ele, em East Detroit, para me mostrar de onde veio. É evidente que a fotografia da garotinha estaria no suporte da lareira na casa dos pais dele. Eu teria perguntado quem era.

— Sarah Duke — reitera Emily.

— Eu não sabia.

— Ele nunca falou dela.

— Mas você sabia — diz Maisie, porque estava começando a parecer que Emily conseguira o número de Duke, no fim das contas, e telefonara para ele do quarto dela quando tinha 14 anos.

— Algum jornalista apurou todas as informações nos registros públicos sobre a família dele. Acho que foi para a *Vanity Fair*. Enfim, o jornalista encontrou o atestado de óbito e sacou esse atestado do nada na entrevista, só para ver como ele reagiria. Aparentemente o Duke foi embora. Não terminou a entrevista, não fez as fotos.

“Que bom”, tenho vontade de dizer a ele. Eu, que não sabia nada e não tinha nada a dizer. Lembro-me muito nitidamente de quando Emily tinha 8 anos, Maisie, 6 e Nell, 4, as meninas maiores ficavam na escola o dia inteiro e Nell voltava da pré-escola para casa depois do almoço. Nunca vou esquecer a doçura daquelas horas em que estávamos só nós duas. O que teria sido a vida sem Nell? Em quem Emily e Maisie teriam confiado quando estivessem adultas? *Tivemos uma irmã mais nova.*

Nell põe a mão no meu ombro. Nell, que lê minha mente.

— De volta ao lago — diz ela. — Conta para a gente do Sebastian.

★ ★ ★

Não sabia que Duke tinha um irmão, e embora mais tarde tenha percebido alguma semelhança isso não ficou evidente de imediato. Quando estava perto o bastante para vê-lo de fato, não pensei *Deve ser o irmão do meu namorado*; pensei

Esse cara não é traficante de drogas. Ele estava conversando com Pallas, fazendo-a rir, e Duke exibia o maior dos sorrisos—Duke possível. Meu biquíni era de anarruga, azul e branco, com um botão pequenino e em formato de coração costurado entre os bojos com linha vermelha, um detalhe adorável e desnecessário que dizia quanto aquela coisa estúpida devia ter custado. Eu tremia de leve quando saí da água, mesmo que o dia estivesse quente. Pallas precisava ir ao ensaio de *Cabaret* e já estava tarde, mas esperou por mim. Tirou a toalha da cintura e a colocou nos meus ombros, como se soubesse que eu tinha esquecido a minha. Talvez soubesse. Estávamos tão nuas, as duas.

Duke pôs o braço em volta de mim.

— É ela! — exclamou ele. — Essa é a Emily. Emily, esse é o meu irmão, Sebastian.

— Lara.

Apertei a mão dele.

Sebastian sorriu.

— Ele esquece.

Sebastian era um homem, era essa a questão. Sebastian, mal e mal um ano mais velho do que ele, era um homem e Duke era um menino, e Pallas e eu éramos meninas.

Todos os outros já tinham saído. Pallas enfiou o vestido de verão pela cabeça e eu tentei puxar o short para cima, de repente invejando a mãe Gibbs e sua calcinha seca. Esfreguei depressa o tórax e o cabelo para poder devolver a toalha de Pallas.

— Eu poderia ter escolhido uma hora pior para vir? — perguntou Sebastian.

— Tá brincando? É a hora perfeita! — afirmou Duke, a voz exaltada. — Vamos trabalhar no terceiro ato depois do almoço. Você não vai acreditar em como ela é ótima.

— Você está no terceiro ato? — perguntou Sebastian a Pallas.

— Não nesse terceiro ato. Estou num terceiro ato diferente, e vou me atrasar ridiculamente se não for embora neste exato minuto.

Devolvi a toalha de praia listrada.

— Vai — falei.

Ela olhou para nós todos, deixando claro que queria ficar. Sorriu para Sebastian.

— Estou muito atrasada — disse Pallas, e então se virou e saiu correndo.

Estava de chinelos e com uma mochila pendurada no ombro. Disparou para o estúdio de ensaio enquanto nós três ficamos lá, observando-a ir embora.

— Meu Deus. Ela é corredora? — perguntou Sebastian.

Duke refletiu seriamente sobre a pergunta. Pallas era corredora?

— Eu diria que ela é tudo.

Subimos a colina de volta para o teatro, Duke resplandecendo de tanta felicidade. Segurava a camiseta e as alpargatas em uma das mãos e mantinha a outra nas costas do irmão. Como fora a viagem? Ele tinha almoçado? Sebastian

poderia dormir no quarto dele no dormitório, porque ele estava dividindo o meu comigo. Duke não tinha secado os pés, que haviam ficado cobertos de terra. Nunca levava toalha para o lago porque sempre usava a minha, mas hoje eu tinha esquecido de levar por algum motivo.

— Você está no terceiro ato? — perguntou Sebastian a Duke enquanto mantinha a porta do teatro aberta.

— Cadê minha garota? — gritou Duke enquanto adentrávamos a escuridão.

— Cadê minha aniversariante?

Nenhum de nós sabia que estávamos no começo de algo, mas foi ali que nós quatro tivemos início. Depois do ensaio, Duke levou o irmão para o quarto dele a fim de acomodá-lo, e pela primeira vez me ocorreu que eu não sabia onde ficava o quarto de Duke. Meu quarto era muito melhor — ele vivia me dizendo isso. Saí do teatro sozinha e pensei no que fazer para matar o tempo. Nunca tinha tempo. Devia escrever cartas, ou pelo menos cartões-postais, e informar a todos quanto as coisas estavam indo bem. Minha intenção era ir direto para o quarto, mas ouvi música vindo de uma janela aberta.

— Que graça tem. Ficar *sen-tado*. *Sozinho* no quarto? — perguntou o cantor. O piano que o acompanhava soava agudo e sem graça, bem como devia. As palavras eram menos uma pergunta do que uma diretriz. — Venha *para o ca-ba-ré*, velho amigo...

Entrei e me escorei na parede dos fundos da sala de ensaios.

Tinha saído de Grover's Corners, onde nos sentáramos em uma fileira de cadeiras no cemitério, olhando para a frente, e chegando ao Kit Kat Klub, onde as dançarinas montavam nas cadeiras com segundas intenções, paravam nas cadeiras inclinadas para a frente, oferecendo a bunda aos holofotes. Pallas se largou de costas no assento de uma, o topo da cabeça encostando no chão, as pernas se abrindo e fechando feito tesoura no alto ao ritmo da música. Ainda usava o biquíni vermelho, todas as dançarinas usavam alguma variação de roupas de banho, e todas pareciam vagamente obscenas longe do lago. De cabeça para baixo e de lado, cantavam, dançavam e se esfalfavam enquanto um homem em um piano vertical acompanhava, erguendo a mão para virar a página da partitura e voltando a tocar na mesma hora.

Seria fácil descrever Pallas como a pessoa mais linda e talentosa que eu já tinha visto, mas o Tom Lake transbordava de gente igual a ela. Suponho que uns poucos bonitinhos sem graça haviam se infiltrado aqui e ali, um deles sendo o garoto que interpretava o George, mas no geral os artistas tinham um magnetismo que não exigia absolutamente nenhuma prática — ou você tinha ou não tinha. Duke tinha um caminhar de magnetismo. Esse magnetismo transparecia quando ele dizia as falas mais bobas do editor Webb, ou fazia o pedido no café, ou me levava para a cama. Se Jimmy-George do ensino médio sabia como olhar para uma pessoa, Duke sabia como fazer uma pessoa olhar para ele. As garotas do Kit Kat também não eram incompetentes nesse departamento. Tinha ido ver minha amiga, mas quando me deparei com todo o grupo eu mal sabia onde pousar os olhos. Todas pareciam famintas. Passei de

Pallas para algumas outras que conheci no jantar ou no lago, para umas poucas que não conhecia, e por fim fui pousar em Sally Bowles, que ficou parada no meio do palco feito um diamante num anel. Sally Bowles, as pernas pendendo desavergonhadamente das costas da cadeira, estendia um convite ao cabaré que ninguém seria capaz de recusar.

Assim como eu tinha pensado que podia atuar, me vi desejando poder cantar e dançar. Queria subir numa das cadeiras do Kit Kat também, ser uma mulher em vez de uma menina.

Quando terminaram, Pallas usou a mesma toalha listrada para se secar de novo, rindo com as outras dançarinas enquanto colocava o vestido. Acenei para ela, que, quando me viu, sorriu como se eu fosse a pessoa que mais desejasse ver.

— Você veio! — exclamou ela.

— Quero ser sua substituta — falei.

Ela caiu sem fôlego na cadeira dobrável ao meu lado, se curvando para desafivelar os sapatos de salto alto.

— O que você sabe sobre o irmão?

— Algumas horas atrás eu nem sabia que ele tinha um irmão. É isso que sei sobre o irmão.

— Ele falou alguma coisa?

— Vai ficar aqui alguns dias.

— Ele falou alguma coisa de *mim*? — disse ela, o suor cintilando na testa, perto da raiz dos cabelos.

Pensei por um instante. O que Sebastian tinha dito?

— Ficou impressionado com sua corrida.

Ela sorriu.

— Gostei.

— Você quer o irmão do Duke?

— Ele não é dançarino, não é ator, não trabalha no teatro e tem ombros bem bonitos.

Imaginei que era isso que ela estava procurando.

★ ★ ★

— Entendo a Pallas — comenta Nell, do alto de sua experiência sem referências. — Ninguém devia namorar atores.

— Com exceção da mamãe — corrige Maisie.

Ela e eu pegamos a escada juntas e a carregamos pela fileira até a próxima árvore para que uma de nós possa subir e limpar a copa, e por uma de nós eu me refiro a Maisie. Maisie adora subir nas coisas. Vivíamos tirando-a das cortinas quando era pequena.

— Por que é que a mamãe devia namorar um ator? — pergunta Nell. — Não é como se tivesse terminado bem para ela.

— Não foi assim tão ruim — digo.

Foi assim tão ruim? Sim e não.

Emily ignora isso.

— Se a mamãe não tivesse namorado o Duke, do que a gente ia estar falando agora? Fungicidas?

— A gente voltaria a ouvir as notícias o dia todo — respondo.

Maisie balança a cabeça.

— Chega de notícias.

Nell concorda.

— A gente prefere falar do seu casamento a falar de uma pandemia global — diz ela a Emily.

O casamento de Emily. Não falei uma palavra a esse respeito com Joe.

— Bom, tem motivo suficiente para namorar um ator — diz Emily —, porque com toda a certeza não vamos falar do meu casamento.

É como se cada ação na minha vida tivesse sido planejada para os deleites desta tarde.

Nell tira o cesto do pescoço e atira as cerejas no tonel. Ela se permite um minuto para alongar os ombros antes de voltar a colocá-lo, então vira o rosto na direção do sol, fechando os olhos. Às vezes me pergunto se o trabalho não é demais para ela, embora ela preferisse morrer colhendo cerejas a ser a irmã mais fraca.

— Eu teria namorado o São Sebastião — afirma ela.

— Você está me dizendo que teria rejeitado o Duke, indiscutivelmente o melhor ator da geração dele e com certeza o mais famoso, para namorar o irmão que não conseguiu ser jogador de tênis? — diz Emily.

Maisie discorda:

— Ah, qual é, não é justo. É impossível ter sucesso como jogador de tênis, sem falar do fato de que o São Sebastião era um santo, sabe? É uma qualidade muito atraente num homem. E mesmo que o Duke fosse famoso, ele não tinha uma vida feliz.

— Você não sabe disso — retruca Emily, sem parar de colher.

Eu podia não saber muito sobre Duke, mas sabia que a vida dele não era feliz. Pus o braço em volta do ombro de Nell.

— Por mais insana que essa conversa seja, acho que você está fazendo a escolha certa. E, de qualquer forma, mesmo que o Sebastian não tenha se tornado profissional, ainda era um excelente tenista. Ele jogou com o McEnroe.

As três deixam cair as mãos e sei que finalmente disse algo interessante de verdade. Consigo ouvir Joe me dizendo para não as deixar empolgadas demais. Elas têm que continuar trabalhando.

— Ele ganhou? — A voz de Maisie é um sussurro, e a voz de Maisie nunca é um sussurro.

— Não. Mas era uma coisa de que se orgulhava, que tivesse chegado longe o bastante para estar na mesma quadra que McEnroe. Os dois tinham 17 anos. McEnroe era bambambã aos 17.

— Qual foi o placar?

Era um fragmento de informação para Emily acrescentar à coleção.

— Seis a dois, seis a zero.

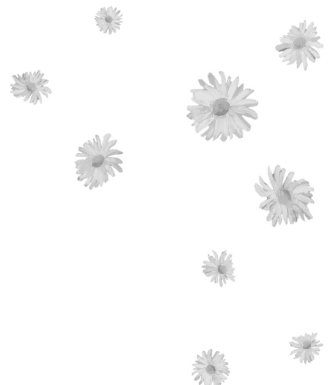
Nell cobre o rosto com as mãos e geme.

— Ah, São Sebastião! Não consigo suportar isso.

— Do que você está falando? Ele ficou feliz! — digo. — Sebastian nunca esperou ganhar.

— Ele esperou — retruca Nell. — Mesmo que nunca tenha admitido, achou que podia ganhar. Queria ganhar.

Talvez esteja certa. São Sebastião tinha 29 anos quando nos conhecemos, e foi Duke quem me contou a história sobre McEnroe. Aos 17 anos, Sebastian devia ter pensado em si mesmo como alguém que poderia vencer. A quantidade de coisas que eu não conseguia compreender naquela época era tão ilimitada quanto as estrelas no céu noturno.



10

Durante três estações do ano, São Sebastião era o técnico de tênis na University Liggett School, em Grosse Pointe Woods, onde ensinava história dos Estados Unidos e civilização mundial. No verão, trabalhava no Grosse Pointe Iate Clube em Grosse Pointe Shores, onde o fato de um dia ter enfrentado Johnny Mac fazia dele uma lenda. No iate clube, falavam daquela partida como se tivesse sido uma vitória, com o placar aumentando cada vez mais a favor de Sebastian ao longo do tempo. Quando Sebastian os corrigia, e sempre os corrigia, tomavam isso como mais uma prova da humildade dele e o amavam ainda mais. Ele jantava no bar do restaurante do clube, onde não tinha autorização para pedir bife ou bolinhos de caranguejo, e qualquer um que quisesse tagarelar a respeito da partida podia puxar uma cadeira e se juntar a ele. Jantar no restaurante do clube fazia parte do trabalho de Sebastian. Depois do expediente ele dirigia até em casa em East Detroit, e sempre que conseguia trabalhar dois turnos para poder tirar alguns dias de folga seguidos dirigia três horas até o Tom Lake para ver o irmão.

Eu adorava quando Sebastian estava com a gente. O Tom Lake tinha uma boa quadra na área mais afastada do anfiteatro, que estava sempre iluminada à noite. Pallas e eu arrastávamos cadeiras dobráveis de lona e nos sentávamos e assistíamos aos dois jogarem. Às vezes éramos as gandulas, Pallas do Sebastian e eu do Duke. Pallas e Sebastian viraram um casal logo depois de se conhecerem, porém se meu relacionamento com Duke era a referência do flerte, os dois tinham avançado com decoro vitoriano.

Como eram lindos aqueles irmãos sob os holofotes, os dois disparando pela quadra verde. Duke empregava duas vezes a energia de Sebastian, talvez três, acertando os saques, se lançando na direção de bolas que nunca conseguiria devolver, fazendo sons animalescos guturais que não eram estranhos para mim sempre que a raquete acertava. Tudo que Duke queria fazer quando Sebastian estava ali era jogar tênis, embora imaginasse que para o irmão isso transformasse

o Tom Lake numa extensão do próprio emprego.

— Ele não se cansa? — perguntei para Pallas, ambas as cabeças se movendo da direita para a esquerda enquanto acompanhávamos a bola amarela quicando.

Assim que Duke perdia o set, Pallas se punha de pé. Não jogara muitas vezes, mas tinha força para isso, graça. Eu, por minha vez, era inútil, ainda que Sebastian me convidasse para rebater algumas bolas no fim da noite, me elogiando cada vez que eu devolvia o saque fácil dele. Logo Duke ficava inquieto vendo as meninas brincarem e começava a fazer barulho dizendo que queria voltar para casa e tomar um drinque.

— Sebastian ama isso — disse Pallas, sem desviar os olhos dele, quando o que queria dizer era “Sebastian me ama”.

Ah, Pallas, pensei. É verão.

Mas não era isso que eu pensava sobre Duke. Duke se atirava inteiramente em tudo que fazia, em cada rebatida, no papel modesto do editor Webb, em mim, em nós. Tinha tanta certeza de nós que decidimos ir juntos para Los Angeles assim que o verão terminasse. Podíamos alugar um apartamento mobiliado no prédio em que eu tinha morado ou em um dos cem prédios iguais àquele. Eu havia falado com meu agente, que disse que não teria nenhum problema em encontrar trabalho para mim. Falei que ele com certeza conseguiria achar algo para Duke também. Escrevera duas vezes para Ripley falando dele, perguntando se tinha algum papel. Ninguém em Hollywood se parecia com Duke, e se alguém ostentava aquele traço particular de carisma, bom, eu nunca tinha visto.

Mas Sebastian era o ator quando se tratava das partidas — uma peça em três atos —, então era um técnico com o irmão competitivo, outro técnico com a peguete atlética e um terceiro técnico com a namorada desajeitada do irmão. Não deixava a gente ganhar, mas dava a impressão de que as coisas eram mais difíceis, correndo e se esticando quando não precisava fazer nada disso. Rebatia a bola de Duke com força, acertava a bola bem no meio da raquete de Pallas e praticamente me entregava a bola de bandeja. Aposto que fazia o mesmo com as esposas no iate clube, com os maridos delas e com as crianças a quem dava aulas na escola: potência de acordo com a necessidade. No fim da partida, a camisa dele estava seca, enquanto Duke tinha tirado a camiseta encharcada e a atirado num canto da cerca de arame. Sob as luzes fortes, eu conseguia ver as reentrâncias delicadas das costelas dele, como projetavam as menores sombras no tórax pálido.

Foi uma época muito corrida. Já havia começado a temporada de *Cabaret* no Tom Lake e *Nossa cidade* estava a uma semana de estrear. Os ensaios eram todos técnicos agora, com longos dias de dez horas de trabalho. Puseram uma pomada modeladora no cabelo de Duke e o pentearam para trás, de modo que parecia menos o protagonista de *Jesus Christ Superstar* e mais um jornalista respeitável em 1901. Ao mesmo tempo, tínhamos começado as leituras do roteiro de *Fool for Love* à noite e repassávamos as falas na cama. Duke já havia interpretado o Eddie uma vez no Detroit Rep. Seu Eddie era a razão pela qual

ele fora contratado pelo Tom Lake. Mesmo quando ficava lá deitado a meu lado, com a mão no meu quadril, dava para ver quanto seria assustadoramente bom no papel. Como me deixava emocionada pensar em sair direto de *Nossa cidade* para aquele quartinho de hotel decadente, indo do pai e da filha a quem imbuímos de um excesso de química para os dois meios-irmãos que já tinham química suficiente para pôr fogo num celeiro. Iríamos mostrar ao Tom Lake uma ou duas coisinhas sobre o que significava ser sombrio, complicado e adulto.

A gente comia, bebia e dormia nossa arte, atirava nossa arte no colchão. Atores e dançarinos, designers e técnicos de diferentes etnias, de diferentes estados e saídos de contextos radicalmente diferentes passeavam por uma utopia de cerejeiras nos momentos de folga do trabalho. Homens andavam de mãos dadas. Ninguém prestava atenção a Sebastian e Pallas. Michigan! Quem diria?

— Quero ver você me levar para casa em East Detroit no outono — disse Pallas, com a cabeça no colo de Sebastian.

Tínhamos acabado de sair do lago, e nós quatro estávamos deitados em uma velha manta de algodão que Sebastian havia trazido de casa. A linda cabeça de Duke estava no meu colo, o rosto pressionado contra minha barriga descoberta.

— Quero ver você me levar para casa em Lansing — replicou Sebastian.

Pallas balançou a cabeça.

— Não vou voltar para Lansing. Já disse para meus familiares que se quiserem me ver podem ir até Chicago.

Depois de concluir os estudos no conservatório, Pallas havia ficado em Chicago, embora achasse que o Tom Lake seria o trampolim para Nova York.

Duke estendeu um dedo e percorreu alguns centímetros da coxa de Pallas, e Sebastian se inclinou e afastou a mão do irmão.

— Chega para lá — disse para Pallas, dando tapinhas no quadril dela, e ela riu.

Pallas permaneceu onde estava, prensada entre os dois.

Duke ficava muito feliz quando Sebastian estava lá, todos nós ficávamos muito felizes, mas ainda assim as visitas de Sebastian perturbavam as coisas, quase como se a calma dele autorizasse Duke a ser mais pirado do que era normalmente, como uma criança que se jogaria da escada se soubesse que um adulto estaria lá para pegá-la. Duke se exibia para o irmão porque se exibir fazia parte da natureza dele, mas Sebastian o olhava quase como se estivesse aguardando que algo terrível acontecesse, o que me fez esperar por isso também. Sebastian tentava antecipar a piração de Duke na esperança de que pudesse driblá-la, e por piração não me refiro ao talento ou à excentricidade, mas a algo totalmente biruta. Quando Sebastian estava lá para ver aquilo, se tornava bem mais difícil para mim enxergar a coisa toda como Duke sendo simplesmente Duke.

Maisie ergue a mão.

— Me desculpa, tenho que interromper. Você não pode dizer *pirado*.

— E definitivamente não pode dizer *biruta* — emenda Nell. — A menos que esteja falando de meteorologia.

— Mas ele era pirado. Biruta. Era mesmo.

— Duke tinha que superar algumas coisas na vida, mas não era pirado — defendeu Emily, com firmeza.

Balanço a cabeça.

— Vou rejeitar seu argumento nessa.

— Não é que você não possa dizer que o *Duke* é pirado — explica Maisie.

— Quero dizer que você não pode mais usar essa palavra. É pejorativa.

— Sei que *pirado* é pejorativo. Quero que seja pejorativo, na medida em que não me refiro a um atributo positivo.

— Você tem que achar uma palavra melhor — disse Nell.

— Insano?

As três balançam a cabeça.

— Do que é permitido chamar ele, então?

Maisie solta um longo suspiro, o que significa que estou velha e que ela não consegue me explicar nada. Nell faz uma tentativa:

— Você poderia se referir ao que seja lá que estivesse errado com ele utilizando o diagnóstico: “Ele tinha esquizofrenia”, por exemplo. “Ele tinha transtorno bipolar.”

— Mas na real você não deveria falar do diagnóstico de outra pessoa — corrige Maisie. — A menos que ela autorize.

— Ele não era esquizofrênico *nem* bipolar! — exclama Emily, que está se preparando para duelar, dá para ver.

— De qualquer forma você não pode dizer que uma pessoa *é* esquizofrênica — informa Maisie à irmã. — Ele não se resumia a uma doença. Você não diria que ele “é câncer”.

— Eu diria — retruco.

— Para. — Emily não estava do lado de ninguém além do de Duke.

— Então vocês querem que eu fale do Duke para vocês sem mencionar que ele era pirado? Já estou deixando o sexo de fora. Não sei bem quanto vai sobrar da história.

Isso nos traz a um impasse. Elas querem muito ouvir sobre Duke fazendo sexo sem jamais ter que ouvir sobre mim fazendo sexo, o que tudo bem, porque não vou contar.

— Acho que tudo bem dizer doença mental — sugere Nell.

— Talvez — diz Maisie. — Se estivermos só nós quatro.

— Estamos num pomar de cerejeiras. — Emily ergue a voz. — Quem é que vai cancelar a gente? A cachorra?

— Talvez você devesse simplesmente nos contar o que aconteceu — diz Nell. — Só os fatos, sem incluir um julgamento.

Então relato o seguinte sem a inclusão de julgamentos:

— Eu acordava no meio da noite, via a cama vazia, descia as escadas e o encontrava na namoradeira no saguão da frente, escrevendo furiosamente num caderno, página atrás de página atrás de página de anotações sobre o editor Webb: a infância dele, a garota de quem gostava no ensino fundamental, as rotas de entrega do jornal, o ensino secundário, os anos da faculdade no curso de letras, o que os pais dele pensavam sobre o filho ir para a faculdade de letras, que os pais dele queriam que ficasse e trabalhasse na fazenda, o primeiro emprego como jornalista em Concord, os livros que lia, quando conheceu Myrtle, que depois se tornaria sua esposa, o nascimento da filha Emily, o nascimento do filho Wally. Estava no terceiro caderno. Achei os dois primeiros na mesa de cabeceira, a letra um minúsculo bloco manuscrito, tudo em maiúsculas. Fiquei com dor de cabeça tentando ler. Então achei os cadernos sobre o Eddie e *Fool for Love*.

“Ele se forçou a ficar acordado durante uma semana inteira porque ouviu dizer que isso deixava a pessoa mais chapada do que ficar chapada. Aí tentou dar um soco no Sebastian quando o Sebastian não entregou as chaves do carro para ele dirigir até a lanchonete vinte e quatro horas, na cidade, para comprar café. Mas ele não foi bem-sucedido ao tentar dar um soco no Sebastian, porque tudo que o Sebastian teve que fazer foi dar um passo para o lado e agarrar o Duke quando ele se lançou para a frente, como se aquilo fosse uma comédia sem graça que vinham ensaiando havia anos.

“Uma vez, nós quatro voltamos para o alojamento da companhia tarde da noite, depois de jogar tênis, e descobrimos que a porta da frente, que nunca ficava trancada, daquela vez estava. Enquanto três de nós discutíamos o melhor curso de ação, o Duke socou um dos pequenos painéis de vidro ao lado da porta. Não abriu uma artéria nem provocou um corte em um tendão, embora o Sebastian tenha levado meia hora para pinçar os cacos de vidro da mão do irmão e enfaixá-la. ‘São Sebastião, São Sebastião, São Sebastião’, o Duke repetia enquanto ficou observando o irmão trabalhar. Ele se recusou a ir para o hospital. ‘É assim que eles fazem nos filmes’, disse, contente com a própria firmeza. ‘Nos filmes os painéis de vidro são feitos de açúcar, seu cretino do caralho’, retrucou a Pallas, esperando com a gente, mesmo que tivéssemos voltado para casa porque ela estava cansada e queria dormir. Tínhamos que atuar de manhã. Ela tinha que dançar. ‘E o cara que soca o vidro sempre tira um tempinho para enrolar a mão numa toalha antes’, emendou o Sebastian. ‘E a porta nem sequer estava trancada’, falei, porque não estava. Tentei forçá-la e descobri que só estava emperrada. Duke achou essa última informação hilária.

“Ele apagou um cigarro no braço certa noite, olhando diretamente para mim enquanto fazia isso. Fiquei de pé num pulo e tirei o cigarro da mão dele. ‘Qual é o seu problema, cacete?’, gritei, e então corri escada abaixo para pegar gelo. Quando voltei para o quarto, dava para sentir o cheiro. ‘Me fala’, insisti, segurando o pano de prato na queimadura. Mas ele não me dizia.”

Benny está aqui, mesmo que não seja noite de quarta-feira. O braço dele está em volta da cintura de Emily. Ele e Joe devem ter tido a conversa mão-da-filha-em-casamento, porque lá vem Joe, logo atrás deles, sorrindo.

Emily olha para o namorado com horror.

— Você *me pediu* para ele?

— Eu implorei — corrige Benny.

— Ainda não chegaram a um acordo quanto aos detalhes do dote — diz Maisie.

Nell assente.

— O papai está insistindo para o Benny aceitar as cabras.

— Não vou aceitar as cabras — fala Benny.

— Isso é entre mim e seu pai — diz Joe.

Pego outro jogo americano, outro prato. Benny frequenta esta casa desde que me lembro, provando fantasias de Halloween, assistindo a filmes do cesto de filmes, nos convencendo a participar de outra rifa para o projeto filantrópico. Benny praticamente desapareceu da nossa vida no início da adolescência, mas esses anos foram seguidos pela adolescência tardia, quando Maisie se referia a ele como O Poste. Ele e Emily passaram a viver na casinha quando voltaram da faculdade, embora jurassem que era um arranjo platônico entre dois jovens agricultores desesperados para escapar dos pais. Fingimos acreditar, mas sabíamos que Emily e Benny vinham fazendo uso da casinha havia um bom tempo.

Nell vai até o aparador e pega os guardanapos de linho azul-claros que usamos no Dia de Ação de Graças, no Natal e no almoço de Páscoa. Joe se estica até a prateleira mais alta para pegar as taças boas, enchendo-as de vinho para que a gente possa brindar ao casamento.

— Benny e Emily, para sempre — dizemos, erguendo os cálices ao amor.

Os dois não sabem quando vão se casar, mas sabem que vão, e nós também sabemos. Qualquer um que olhasse pela janela pensaria que o casamento vai ser hoje à noite, bem aqui na cozinha.

— Dama de honra. — Emily aponta para Maisie. — Na verdade, você vai ser a única dama.

— E eu? — pergunta Nell.

— Celebrante — informa Emily.

Nell aperta um pano de prato junto ao coração.

— Sério? Vou casar você?

Ela se atira em Emily e passa os braços em volta da irmã.

— Você vai ter que ser ordenada via internet — explica Benny.

Maisie sorri, feliz de ver Nell escalada para um papel com falas.

— E nós dois? — Joe vem ficar a meu lado.

Emily balança a cabeça.

— Vocês já fizeram o trabalho de vocês. Agora acho que deviam simplesmente se sentar numa manta e curtir.

Joe e eu vamos curtir. Por razões que envolvem amor, estabilidade e

propriedade, ansiamos por esse dia. Achamos que o casamento vai ser bom para eles, todos nós. Benny está rindo, beijando a bochecha de Emily. Quando foi a última vez que olhei para Benny Holzapfel? Quando tinha 12 anos? Dezesseis? Na formatura da faculdade? Hoje à noite eu o enxergo. Benny, tão brilhante e cheio de ideias, Benny, atento a todos, Benny, que sorri para Emily mesmo quando ela está de costas, Benny, que, acabo de me dar conta, cresceu e ficou parecido com alguém com quem namorei.

Talvez tenha deixado tudo isso passar porque a semelhança é vaga, ou talvez tenha deixado passar porque daria um trabalho danado achar um homem menos parecido com Duke. Benny abriu a primeira conta-poupança com 23 anos. Traçou planos de vinte anos para o pomar da família e para este pomar aqui. Mas maldito seja se não há algo nele. Não é o tipo de semelhança que faria uma garota em um shopping correr para pegar um autógrafo, ou que faria uma velhinha no caixa da mercearia perguntar se alguém já disse que ele é parecido com Peter Duke. Isso não teria me ocorrido se não estivéssemos passando os dias imersas nessa história, mas agora que vi não consigo desver. Até mesmo o cabelo, que Benny usa num coque, é familiar para mim. E me pergunto se foi assim que Emily finalmente desistiu da obsessão por Duke quando estava no ensino médio: aprendeu a ver só um pouquinho do amado no menino da casa ao lado.

— Queria poder fazer uma festa na piscina — diz Joe para Benny. — Pelo menos convidar seus pais para virem aqui.

— Bom, a gente não pode — responde Emily. — Por mais que uma boa festa com os Holzapfel seja incrível, todo mundo tem muito trabalho.

Na verdade, é mais por causa da asma de Gretel Holzapfel. Kurt e Gretel tomam o cuidado de só ver pessoas do lado de fora e a distância. Pela manhã vou acordar cedo e preparar uma torta de maçã para Gretel e deixar na varanda dos fundos da casa da amiga. Isso vai fazê-la rir. Emily, a mais velha de três, está se casando com Benny, o mais novo de quatro. Os Holzapfel já tinham três filhos quando nos mudamos para a fazenda. Eu me lembro de Gretel vindo até a casa, no dia seguinte à nossa mudança, com uma torta de maçã e três pequenos Holzapfel marchando atrás dela. Dois anos depois, quando descobriu que estava grávida de Benny, ela se sentou à mesa da minha cozinha e chorou lágrimas grossas. “A gente tinha encerrado!”, disse ela. Haviām passado adiante as roupinhas de bebê fazia anos. Todos os filhos estavam finalmente na escola e Gretel tinha parte do dia para ela de novo. Mas então teria que voltar direto para a lixeirinha de fraldas e as doses de reforço das vacinas, com os seios vazando e o cheiro penetrante de vômito. Quando, quatro meses depois, descobri que estava grávida de Emily, Gretel disse que fiz isso apenas para fazer companhia a ela. É a essa época longínqua que nossos filhos remontam.

Os três Holzapfel mais velhos estão agora espalhados pelo mundo, uma filha dando aulas de inglês em Milwaukee, uma filha trabalhando como enfermeira em Petoskey e um filho na base dos Fuzileiros Navais em Camp Pendleton. Nenhum desses filhos crescidos tinha qualquer interesse na fazenda. O erro que

os Holzapfel cometeram na meia-idade solitária vai salvá-los. Talvez Benny pense que deve isso aos pais.

— Deve ter sido assim que a Inglaterra se sentiu quando Henrique II se casou com Leonor da Aquitânia — comenta Maisie.

Nell olha para Emily com horror.

— Você vai dar a *França* para ele?

— Fico com as cabras se ficar com a França — diz Benny.

— Nenhum de vocês tem medo de que eu saia correndo pela porta gritando? — pergunta Emily, vasculhando a geladeira à procura das embalagens de pizza que encomendei para a ocasião.

— A gente sempre sabe onde encontrar você — diz Maisie, ameaçadora.

— Quando Ricardo Coração de Leão nascer, vocês dois vão governar todo o norte de Michigan.

A história da monarquia inglesa é a diversão de inverno de Joe, e ele fica emocionado ao ver que as meninas estão ouvindo, da mesma forma que, imagino, eu iria me emocionar se soubessem costurar.

Emily e Benny viram a cabeça um para o outro. Não erguem os olhos. Maisie e Nell estão ocupadas com a salada, mas Joe vê e olha para mim, pensando a mesma coisa.

— Você está grávida?

Assim que as palavras saem da minha boca, desejo ter esperado até depois do jantar, desejo ter puxado Emily até a despensa e sussurrado a pergunta no ouvido dela, mas agora já foi, e então todos nos detemos, prendemos a respiração, as taças de vinho ainda ao alcance da mão.

O rubor sobe direto do coração de Emily, e mesmo que eu pudesse jurar que Benny estava parado do outro lado da mesa, ele está ali, com o braço em volta do ombro dela.

— Não — diz ele, pressionando o quadril de leve contra o dela.

Emily olha para Benny. Está em silêncio, mas também está fazendo uma pergunta, e, sem responder, ele está dizendo sim.

— Estamos prestes a nos casar e não estamos esperando um filho — explica Benny. Ele pega a taça de vinho de Emily. — A prova.

— Não estamos esperando um filho — reafirma Emily, e entendo que está nos dizendo que não vai haver bebês.

— Tem muito tempo para isso — comenta Joe.

A felicidade nos olhos dele faz os meus olhos se encherem de lágrimas, e para o bem dele torço que a gente deixe isso de lado, que a gente fale sobre o que quer que isso signifique em um outro dia, menos festivo, mas evitar a conversa não é uma especialidade da nossa família.

— Ou não — diz Emily.

— Ou não o quê? — pergunta Joe, provocando-a. — Não tem tempo suficiente? Esse vai ser um noivado longo?

Estão todos aguardando agora. Hazel está aguardando. Emily abre a boca, mas não sai nada.

— A gente não vai ter filhos — responde Benny.

Joe balança a cabeça.

— Você não sabe disso.

— Eu sei disso — afirma Emily.

Devíamos ter uma noite cujo foco não é o futuro ou o passado, uma noite para celebrar essas duas pessoas e mais nada, mas estragamos tudo.

— Você não quer ter filhos? — pergunto a ela.

Emily vira a taça de vinho. Ela a seca.

— Não sei se quero, mas com certeza não vou ter.

Estou fazendo colchas para nossas três filhas a partir de vestidos da minha avó, de vestidos da avó delas, dos meus vestidos e dos vestidos que usaram quando crianças. Comecei a coletar os tecidos quando eu era criança, porque mesmo naquela época sabia que um dia teria filhas e faria colchas para elas. Minhas filhas vão dar essas colchas para as filhas delas, e essas filhas vão dormir cobertas por elas. Um dia vão enrolar a própria prole no mesmo tecido, e tudo isso vai acontecer na fazenda.

— Sei que não foi assim que vocês planejaram as coisas — diz Emily. — Sei que não é o que vocês querem.

— Não tem a ver com o que a gente quer — digo, mas isso é mentira.

Essas crianças das quais nunca falamos? Nós as queremos muito. Ansiamos por elas.

— As colheitas eram perdidas uma vez a cada cinquenta anos — diz Benny, com a voz baixa porque todos nós estamos em silêncio. — As colheitas se perderam duas vezes desde que nasci. Os invernos estão mais amenos, o lago está mais quente, as árvores não ficam em dormência por tempo suficiente. Florescem cedo demais, o gelo mata os botões.

Joe ergue a mão.

— Por que está dizendo isso? O que você acha que não sabemos?

Mas Benny não para. A voz sai sem melodrama ou reivindicação e, ainda assim, ele continua falando.

— Cedo ou tarde a gente vai ter que parar de plantar cerejeiras.

— Não — diz Joe.

— Não suporto isso, sério — emenda Maisie.

— Não vai mais fazer frio suficiente para elas. Vamos ter que começar a pensar em uvas, morangos, aspargos.

— Então plante uvas — retruca Joe. — Isso não significa que não vai ter filhos.

— Meio que significa — interrompe Nell. — Uma vez que você pensa nisso.

— Você também? — pergunta Joe. — Vocês três fizeram um pacto?

— Não tenho a mínima ideia do que vou fazer — responde Nell. — Mas vou dizer uma coisa, eu penso nisso.

Maisie cruza os braços.

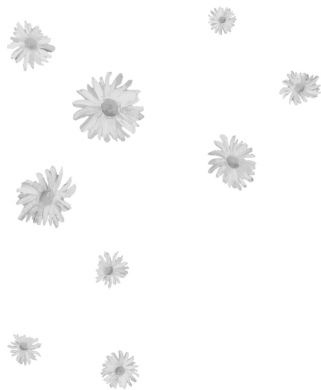
— Quem não pensa?

Emily se senta numa cadeira da cozinha e Benny fica parado ao lado, uma das mãos no ombro dela. Estamos todos tão cansados.

Emily pega um garfo e o equilibra sobre um dedo. Olha apenas para o garfo.

— Posso comer vegetais, andar de bicicleta e parar de usar sacolas de plástico, mas sei que só estou fazendo isso para me impedir de pirar. O planeta está fodido. Não tem nada que eu possa fazer quanto a isso. Mas vou dizer uma coisa, vou passar a vida tentando salvar esta fazenda. Se alguém já se perguntou por que estou aqui, é por isso.

Nell se estica por cima da mesa e pega a mão da irmã, e Joe, Joe, que nunca se afasta de nós, sai pela porta da cozinha. Fica parado na extremidade do jardim, de costas para a casa. Fica olhando para as árvores.



11

Quando fomos para a cama ontem à noite, Joe não quis conversar, e quando acordei de manhã ele já tinha saído. Está se perguntando se Maisie e Nell vão ter filhos, e se esses filhos que não vão crescer aqui algum dia vão querer assumir a fazenda. Está pensando no que vai acontecer com a fazenda sem outra geração da família para protegê-la depois de termos partido, depois de Emily e Benny terem partido. Está pensando nos incorporadores que farejam incansavelmente o perímetro da nossa terra, nos estranhos que batem na porta em fevereiro para perguntar se não preferiríamos passar o inverno na Flórida. São os inimigos das drupas. Só deixariam no solo árvores suficientes para justificar batizar o lugar de Cherry Hills ou Cherry Lane, depois iriam arrancar o restante e construir lindas casas de veraneio brancas com janelas panorâmicas e varandas inteiriças, lugares pelos quais nunca poderíamos pagar. Esse é o cenário bom. E o cenário ruim, aquele onde as árvores por fim morrem? Joe não está pensando nele, e sei disso porque também não estou pensando.

Quando Maisie e Nell descem as escadas para tomar café da manhã, percebo que ficaram encarando o teto do quarto a maior parte da noite, repassando os mesmos piores desfechos. Talvez devêssemos começar um número de telepatia familiar, ver se conseguimos sobreviver lendo a mente umas das outras. O celular de Maisie apita, e ela o tira do bolso e o encara por tanto tempo que Nell e eu aguardamos que nos conte o que houve.

— O que foi? — diz Nell, por fim.

— Alguém prendeu uma ninhada de gatinhos selvagens no celeiro e quer saber se posso passar lá para matar eles hoje à tarde.

Maisie põe a testa na mesa.

— Quem? — pergunto, e estendo a mão para o celular, mas ela o tira do meu alcance.

— A gente vai ter que voltar a ver essas pessoas — diz ela. — É melhor não saber.

— Deixa eles matarem os próprios gatinhos — sugere Nell, exausta.

É verdade: ignore os gatinhos, e você vai acordar de manhã e descobrir que os felinos superaram os roedores em número. Ainda assim, as pessoas precisam matar os próprios gatinhos. Você não pede que os vizinhos façam isso por você.

Maisie suspira.

— Não consigo pensar nisso agora.

A porta dos fundos se abre e Joe surge com uma aparência tão cansada que me pergunto se chegou a dormir. Em geral, ele nunca volta para casa logo após ter saído de manhã. Hazel ergue a cabeça e emite um único latido de reconhecimento.

— Vamos tirar o dia de folga — diz ele, fazendo as chaves no bolso tilintarem. — Vamos à praia.

Ficamos olhando para ele como se fosse alguém que nunca tínhamos visto.

— A gente não pode ir à praia — lembra Maisie. — Tem trabalho demais para fazer.

— Sempre tem trabalho demais, e decidi que não vamos trabalhar hoje. Já mandei Emily ir em casa para pegar o biquíni.

Continuamos sentadas. Nell acrescenta leite no café para esfriá-lo.

— Vamos lá. — Ele fica parado lá feito um professor que acabou de dizer “Turma dispensada”. Essa é a parte em que supostamente deveríamos voar porta afora.

— Vamos colher um pouco — digo, procurando um meio-termo. — Aí terminamos cedo e vamos à praia.

Joe balança a cabeça.

— A gente nunca termina cedo, caso você não tenha notado. É por isso que a gente tem que fazer isso de manhã, a primeira coisa. Vamos.

— É terça-feira — argumento. — Desde quando a gente tira folga na terça?

— É quinta-feira — corrige ele.

Quinta-feira? Eu me pergunto se isso pode ser verdade.

— *Você* vai à praia? — pergunta Nell ao pai.

Ela prova o café. Ainda muito quente.

— Vou dar uma olhada em algumas coisas e depois vou para lá.

— Então vamos trabalhar até você terminar e aí vamos todos juntos — digo.

Só estava querendo ajudar, afinal Joe não pode fazer tudo sozinho, mas minha sugestão o atinge.

— Alguém nesta família pode me escutar pelo menos uma vez? Acabei de passar por isso com a Emily. Ela está chorando. Está imprestável. Todas vocês estão cansadas e imprestáveis, e quero ir para a gente se divertir um pouco, cacete.

— “Para a gente se divertir um pouco, cacete”? — repete Maisie. — Ah, bom, falando assim... Vou matar os gatinhos e encontro vocês na praia.

— Gatinhos? — pergunta Joe.

— Nós vamos — digo a ele.

Ele se vira para olhar pela janela acima da pia.

— Vão agora. Não quero a Emily sozinha lá.

Esse é o empurrão de que precisávamos porque nenhum de nós quer que Emily fique sozinha na praia. Na tristeza, nos unimos. Na alegria, podemos tomar rumos diferentes, mas na tristeza preferimos dar as mãos. Subo para pegar o maiô, a toalha e o chapéu. Quando desço, Joe se foi e as meninas me dizem para ir na frente.

— Vamos arrumar tudo e fazer sanduíches — grita Nell quando saio pela porta. — Vamos logo depois de você.

Tomo a trilha dupla para sair do pomar em direção ao bosque até encontrar a menor das brechas entre as árvores, um caminho que sei que devo procurar só porque já vim por aqui mil vezes. É como entrar num livro, virar uma página e tudo mudar: ar fresco em vez de quente, escuro em vez de claro. Em vez de cerejeiras, tsugas, carvalhos-vermelhos e pinheiros-brancos de vinte e cinco metros de altura, e entre essas tsugas, esses carvalhos e esses pinheiros há pedras gigantescas vestidas com suéteres de musgo. As meninas adoravam se deitar naquelas pedras quando eram pequenas, encostar o rosto no verde fresco e felpudo e fingir que eram sereias arremessadas por uma onda enorme do mar. Espremiam as pernas e balançavam-nas como caudas tristes. Um século atrás, essas mesmas pedras deviam estar no pomar, e os ancestrais que estão enterrados no alto da colina sob as margaridas devem tê-las desenterrado e arrastado para cá. Já haviam cortado todos os carvalhos e pinheiros, os aplainado em tábuas e enviado ao mundo para serem remontados em casas e navios. Cansados como estavam, os ancestrais tiraram um tempo para arrancar os tocos e queimá-los. Depois plantaram cerejeiras nos campos. Talvez tivessem deixado o quilômetro de bosque que fica entre o pomar e a praia porque não tinham mais forças para derrubá-lo. Talvez os homens tenham vivido até os 50 anos antes que uma pedra, uma árvore ou um cavalo tombasse e os esmagasse. Talvez as mulheres morressem aos 45 anos dando à luz o oitavo ou nono ou décimo filho. Talvez nunca fossem à praia no verão, nem mesmo uma vez. Talvez colher cerejas seja de fato o menor dos problemas.

No limite do bosque, está a costa da Grand Traverse Bay, nosso braço do gigante agitado e azul-acinzentado que é o lago Michigan — a floresta escura, e depois três metros de praia arenosa e pedregosa, e depois a água que se estende eternamente; as árvores, e depois nossa filha mais velha sozinha na praia, abraçando os joelhos. Eu me sento ao lado dela, e Emily se inclina na minha direção e apoia a cabeça no meu ombro, o cabelo glorioso caindo no meu peito, e, pelo que parece ser muito tempo, observamos os biguás deslizando na água.

— Tudo devia continuar assim — diz ela.

Digo que também gostaria daquilo, embora saiba que ela se refere à temperatura do lago, mas eu me refiro a este verão, a todos em casa juntos. Por mais triste que esteja pelo sofrimento do mundo, desejo gravar este exato momento, Emily na praia nos meus braços.

— A gente não queria contar para vocês ontem à noite. Nem tenho certeza

se a gente iria contar para vocês. Muitas pessoas não têm filhos, sabia? Podia simplesmente ter esperado até passar a menopausa e depois dizer que tinha esquecido.

— Nunca se sabe. — Tento manter a voz neutra. — Você pode mudar de ideia depois.

Sinto a cabeça dela se movendo com tristeza contra meu pescoço.

— É ruim o suficiente ter que me preocupar com o que está acontecendo com a fazenda. Não consigo me imaginar me preocupando com o que vai acontecer com nossos filhos.

— Toda geração acredita que o mundo vai acabar.

Ela ergue a cabeça.

— É verdade? Você e o papai achavam que tudo iria acabar numa bola de fogo?

Ela está tão perto de mim. Consigo ver os mais tênues resquícios de sardas há muito desaparecidas na testa de Emily.

— Não. Disse isso para você se sentir melhor.

Joe e eu pensávamos nas peças para as quais queríamos conseguir ingressos, no preço do aluguel, se devíamos ou não sair para jantar, em quanto tempo teríamos dinheiro para ter um bebê. Não pensávamos que coisa alguma iria acabar, nada, jamais.

Emily volta a apoiar a cabeça no lugar confortável.

— Sei que parece que estou chateada porque Benny e eu não vamos ter filhos, mas nem sei o que isso significa, na verdade. Quero me casar com o Benny, mas se tenho um relógio biológico não entrou em funcionamento. Talvez as mulheres não tenham mais relógios biológicos.

— Não é como se a humanidade tivesse parado de ter filhos, sabe? Essas coisas ainda acontecem.

— Porque a humanidade não vive com o Benny Holzapfel, e se eu não vivesse com ele isso não seria menos verdade, só não teria que pensar nisso.

— Não podemos começar a listar todas as coisas deprimentes nas quais não pensamos, todas as coisas que aconteceram no mundo, coisas que estão acontecendo agora mesmo em Michigan, coisas que vão acontecer no futuro, ninguém suporta tudo isso.

— A Emily morreu no parto — diz minha filha.

— O quê?

— Morreu dando à luz. Eu me lembro de pensar nisso quando lemos a peça no ensino médio, como se fosse um mau presságio.

Batizamos nossa filha por causa da menina valente do primeiro ato, a menina mais inteligente da turma. Na época, não tínhamos pensado no terceiro ato.

Emily balança a cabeça.

— É só um comentário. Não acho que vou morrer no parto.

O que não significa que eu consiga tirar da cabeça a ideia da morte dela.

— Então são as cerejeiras mesmo?

Ela assente. Ainda não está olhando para mim.

— Vou te dizer uma coisa que provavelmente não devia.

— Seria um dia propício.

Ela respira fundo, me dando tempo suficiente de imaginar todas as coisas horríveis que poderiam ter acontecido com ela sem que eu soubesse.

— Nunca perdoei você e o papai por queimarem aquelas árvores.

— Quais árvores?

Tínhamos queimado um bocado de árvores ao longo dos anos.

— Acho que eu tinha 9 anos. Não sei, talvez fosse mais nova. Se já tinha acontecido antes, não me lembro. Acho que vocês costumavam queimar árvores quando estávamos na escola, ou então nos mandavam para a casa dos vizinhos, ou algo assim. O papai disse que eram velhas, que não davam mais frutas suficientes, então botou tudo abaixo. — Ela se vira para mim, as bochechas molhadas de lágrimas. — Olha só para mim! — Ela ri, esfregando o nariz. — Estudei horticultura e ainda não consigo falar disso. A gente *implorou* para ele não queimar. Falei que levaria baldes de água lá para fora. Porra. — Ela pressiona a ponta do nariz e faz uma pausa. — Queimei tantas árvores desde então, mas a primeira vez não suportei. Vocês botaram fogo como se fosse algum tipo de festa. “Vocês já não têm mais utilidade! Hora de morrer!” Os vizinhos estavam por perto, bebendo cidra. Tudo que queria fazer era salvar as árvores, mas não consegui. Tenho certeza de que vou me arrepender de não ter filhos. Sei que em vinte anos vou me sentir horrível por causa disso, mas agora tudo em que consigo pensar é nessas árvores que não vão dar conta e em como vamos arrancar e queimar tudo.

Os homens tinham vindo à tarde com uma retroescavadeira 4WD. Cravaram os dentes no chão e depois destruíram as árvores, içando-as a fim de sacudir a terra antes de empilhá-las para queimar. Quando o trabalho terminou, já estava quase escuro e acendemos o fogo. Agora lembro, nossas meninas gritando como se o plano fosse atirá-las nas chamas também. Simplesmente não se lembravam ou de fato nunca tinham estado lá antes? Aquelas fogueiras eram enormes e eu ficava preocupada com a possibilidade de não conseguir segurá-las, afinal nossas três meninas gostavam de correr. Tinha que mantê-las seguras. Talvez as tivéssemos mandado para outro lugar antes disso. Talvez aquele tenha sido o momento em que decidimos que já tinham idade suficiente para participar. Árvores velhas têm que ser arrancadas, mas não precisávamos transformar isso numa festa. Havíamos dito às meninas que as árvores eram nossa vida, explicado como eram boas para nós e como cuidavam de nós porque cuidávamos delas. O ar da noite estava azedo naquela noite de outono, mas um por um tiramos os casacos. As chamas subiam seis metros acima da pilha de galhos, lançando faíscas laranja-incandescentes em direção às estrelas. Joe não podia sair, ele e os vizinhos tinham que garantir que o fogo não fugisse do controle, então por fim empurrei as meninas para dentro da perua e dirigi até que aquilo terminasse, até que elas chorassem, chutassem e se debatessem no banco de trás do carro por tanto tempo que ficassem exauridas e pegassem

no sono contra a vontade. Quando chegamos em casa, Joe tirou Maisie do carro e eu peguei Nell, mas Emily estava acordada. Naquela noite, ela disse que nos odiava, que sempre tinha nos odiado e que sempre nos odiaria.

Hazel sai correndo do bosque e, na mesma hora, começa a cavar freneticamente um buraco na areia ao lado de Emily. Cava e cava, então enfia a cabeça no buraco que fez para ver se cabe, em seguida tira a cabeça e cava um pouco mais.

— Chegamos. — Nell se atira ao nosso lado. — Nosso dia de folga.

— Deixa eu tentar arruinar ele para você.

Emily seca o rosto com uma toalha.

— O que é que sua cachorra está procurando? — pergunto a Maisie.

Quando Hazel para de cavar e ergue os olhos, a cachorra cor de areia está coberta de areia.

— Um tesouro — explica Maisie.

— Se for para a gente ficar deprimida e chorar, é melhor fazer isso no lago.

Nell fica de pé para tirar a camiseta e o short. As meninas já vieram com o biquíni debaixo da roupa. Tiro meu maiô da bolsa, olhando para um lado e para outro da praia.

— A gente pode segurar toalhas — sugere Maisie. — Fazer uma cabaninha de toalhas.

Eu recuso, tirando as roupas onde estou e lutando para entrar no maiô. Elas já me viram nua e eu já as vi nuas, mesmo que tenham esquecido. Elas me seguem até a água, gritando por causa do frio.

— Você disse que o lago estava ficando *mais quente* — berra Maisie. — Se já não resta mais nenhuma esperança, a gente devia pelo menos conseguir nadar decentemente.

Nós quatro nadamos com determinação e vigor. Não temos uma plataforma de mergulho, não temos destino algum; com um pouco de orientação, poderíamos nadar até Wisconsin. Mergulho e abro os olhos. É como se alguém comprasse todos os diamantes da Tiffany, os esmagasse até virarem pó e depois espalhasse esse pó na água para que fosse peneirado de modo uniforme, filtrado pelos fragmentos de luz que penetram nas profundezas. Nadamos por uma eternidade, as pernas de sereia brilhantes das minhas filhas se agitando em direção a águas mais profundas. Fico abaixo da superfície, maravilhada com o tempo que meus pulmões aguentam.

“Nadar é como um botão de reiniciar”, costumava dizer Pallas. “Nadar faz o dia recomeçar.”

Nadamos, nadamos e nadamos, e quando ficamos exaustas nos viramos e voltamos para a margem. Duquesa, a pastor-alemão, está ali agora, depois de amarfanhar uma das nossas toalhas em uma cama insatisfatória enquanto Hazel fica de olho nos sanduíches de queijo e mostarda que Maisie preparou. Sacudimos as toalhas que sobraram e nos sentamos juntas.

— Fala do dia mais feliz da sua vida — pede Nell.

— Você e você e você — digo, olhando para cada uma delas, os biquínis

pingando e os cabelos molhados e emaranhados.

— Não, sério — diz Emily. — Você tem que pensar no contexto da história. Qual foi o dia mais feliz da sua vida no Tom Lake?

— O dia mais feliz daquele verão não foi no Tom Lake.

Elas consideram aquilo uma variante aceitável, contanto que seja o dia mais feliz dentro daquele período limitado de tempo.

— Tem uma pequena preparação antes de chegar ao dia em si — digo.

— Certas cenas requerem uma preparação.

Nell cobre o rosto com o chapéu.

Duquesa emite um suspiro de tédio inexprimível e então se levanta para ir embora.

— Sério? — diz Maisie à cachorra.

Duquesa vai até o lago, arfando na água antes de se virar para atravessar a praia estreita. Gritamos para que volte, mas ela não nos dá ouvidos. Segue a trilha até o bosque e desaparece.

★ ★ ★

Depois da noite de estreia, o trabalho do diretor estava feito, diferente do teatro comunitário e diferente da faculdade. Mas o Tom Lake era um teatro profissional, o que significava que Nelson faria uma reverência depois da primeira apresentação e partiria para o próximo emprego pela manhã. Ficávamos imaginando o que seria aquele próximo emprego, mas, até onde eu sabia, ninguém tinha perguntado. Foi por isso que um dia fiquei por ali no intervalo de almoço, logo antes da estreia, quando todos os outros correram até o lago para nadar. Queria descobrir para onde Nelson estava indo. Ele era mais novo que vários dos atores na peça, mas nunca foi um de nós. Nunca ia ao lago. Era o adulto e nós éramos as crianças que saíam correndo para nadar.

— Traverse City — disse ele quando perguntei. — Já foi lá?

— Peguei meu voo no aeroporto de lá — respondi.

— Aeroportos não contam. Traverse City é muito bonita, não que isso diga muita coisa. Tudo por aqui é muito bonito.

Estava sentado sozinho na primeira fileira do teatro com o caderno e um saco com o almoço. Ele me ofereceu metade do sanduíche de atum, o que foi extremamente generoso. Não me lembrava da última vez que havia almoçado.

As flores tinham caído das árvores e os frutos não haviam surgido por completo, as caixas com abelhas tinham sido levadas para o próximo trabalho, e ainda assim tudo estava lindo.

— O que você vai dirigir em Traverse City?

— Nada. — Ele abriu uma garrafa grande de água com gás, então olhou em volta como se esperasse encontrar um copo. — Não tem copo.

— Não tem problema.

— Se importa de dividir? — perguntou ele. Quando fiz que não com a cabeça, Nelson tomou um gole da garrafa e a estendeu para mim. — Tenho

uma tia e um tio que moram lá e prometi fazer uma visita e ser de alguma ajuda. Faz alguns anos que digo que vou fazer isso, mas sempre fico adiando.

— Por causa das peças?

— Coisas boas demais para deixar passar continuavam aparecendo, e eu estaria do lado errado do país. Então quando o pessoal do Tom Lake pediu que eu dirigisse a peça, pensei: *Isso resolve o problema*. Finalmente vou estar no lugar certo. É uma resposta longa para uma pergunta breve: assim que estrearmos, vou passar o resto do verão em Traverse City.

— De que tipo de ajuda eles precisam?

— Precisam de todo tipo de ajuda, mas minha prioridade imediata é organizar as finanças deles.

— Você é bom nisso?

Gostaria de ser boa em algo tão útil quanto a contabilidade. Cheguei bem perto de confessar que sabia costurar.

Ele deu de ombros.

— Não diria “bom”. Só diria que sou melhor nisso do que eles.

Perguntei o que o tio e a tia de Nelson faziam da vida enquanto comia o sanduíche e bebia a água com gás dele.

— São produtores de cereja. Você já esteve em uma fazenda de cerejas em Michigan?

Fiz que não.

Uma luzinha se acendeu no rosto de Nelson, a mesma luzinha silenciosa que os atores viam sempre que faziam algo certo.

— Você devia ir ver.

— A fazenda de cerejas?

Fiquei pensando naquele primeiro trajeto de carro do aeroporto e em como quis ir para o meio da estrada e dar um giro lento. Parecia que aquilo tinha acontecido anos atrás.

— Você tem carro? — perguntou Nelson.

— Pallas tem.

Sebastian tinha aparecido para ficar alguns dias, e se Pallas quisesse ir a algum lugar Sebastian a levaria. Pallas me emprestaria o carro.

Nelson abriu o caderno e começou a desenhar um mapa: as estradas, os quilômetros, o nome das fazendas pelas quais passaria e o nome da estrada em que eu deveria dobrar.

— Vá amanhã — disse ele. — Vá para o almoço e te mostro o lugar. Você pode nadar no lago se quiser.

O dia seguinte era segunda-feira, nosso dia de folga. A noite de estreia era na quinta. Eu iria ver a fazenda de cerejas da família do diretor.

O tio Wallace estava murmurando quando voltou do almoço, e todos os outros riam. Quem conseguiria focar em outro ensaio? Nem mesmo a calma inabalável de Nelson conseguiu fazer com que nos concentrássemos. O tio Wallace andava em círculos pelo palco, os movimentos erráticos como os de um esquilo. George esqueceu as falas e depois olhou para mim como se

lembrar delas fosse meu trabalho. A coisa toda foi um desastre, o que significava boa sorte. Sebastian vinha mais vezes agora que *Cabaret* tinha estreado. Alegava que estava prestes a perder o emprego, mas acho que dizia isso para impressionar Pallas. Ninguém o demitiria. Assim que os ensaios terminavam, Duke e eu tirávamos o figurino às pressas para ir atrás dele.

— Você não estava no lago — disse Duke, tirando os grampos dos cabelos enquanto andava. Colocou-os no bolso. — Até mergulhei e tateei o fundo. Você não estava em lugar nenhum.

— Fiquei conversando com o Nelson. Perguntei o que ele vai fazer depois.

Provavelmente eu parecia feliz, porque Duke parou de repente e cruzou os braços no peito.

— Ele ofereceu um papel para você?

Ah, Duke dos olhos escuros enormes e cílios pretos grossos. Duke, que tinha tomado sol demais mesmo que houvessem nos dito para não fazer isso porque daria mais trabalho para o pessoal da maquiagem.

— Nada tão glamoroso.

— Então qual é a do sorriso?

— A família dele tem uma fazenda de cerejas em Traverse City. Ele me convidou para ir ver a fazenda amanhã.

— Claro que convidou.

Eu ri.

— Estou animada! Você nunca quis ver uma fazenda de cerejas?

— Eu sou de Michigan.

Por algum motivo não tinha pensado que havia cerejas em East Detroit.

— Bom, sou de New Hampshire e estou indo.

— Como você vai para lá?

Sabia o que ele estava pensando. Não me queria no carro com Nelson. Não era impossível decifrar os homens.

— Pallas vai me emprestar o carro.

Não tinha certeza disso, mas quanto mais falava, mais parecia verdade.

Ele ficou me olhando por mais um instante e então finalmente sorriu. Talvez estivesse feliz por minha felicidade. Talvez ainda esperasse que Nelson desse um papel para ele em outra peça depois. Talvez simplesmente quisesse ficar de olho em mim.

— Se vai ser assim tão divertido, deveríamos ir todos juntos, nós quatro. Não tem problema para você e para o Nelson, né? Se não for um encontro?

Revirei os olhos diante da estupidez de tudo aquilo.

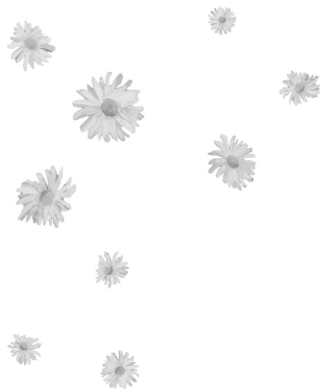
— Não é um encontro.

E não era. Mas isso não queria dizer que eu podia aparecer com mais três pessoas.

— Ótimo! — gritou Duke. — Então está combinado. Vamos sair de manhã para ver a fazenda de cerejas do diretor.

— A fazenda de cerejas! — grita Emily, e Maisie e Nell erguem os punhos no ar.

Elas já conhecem partes dessa história, e essa é uma delas. As histórias conhecidas sempre vão ser as favoritas.



12

Havia chovido a manhã inteira, mas quando terminamos o café da manhã o sol já saía. Sebastian disse que era ele quem deveria dirigir até Traverse City. O Plymouth tinha um banco traseiro enorme, então nos amontoamos no carro, os garotos na frente, as garotas atrás. Abaixamos os vidros, acenando um adeus para todos por quem passávamos. Adeus, Tom Lake! Desde a nossa chegada, nenhum de nós havia ido além da cafeteria da cidade, nenhum de nós exceto Sebastian, que tinha uma vida inteira sobre a qual não sentíamos a menor curiosidade. Barracas de frutas ladeavam toda a estrada, e queria que ele parasse para eu ter como levar um presente para a tia e o tio de Nelson, uma torta ou flores, algo além de três hóspedes não convidados.

— Essas pessoas têm um *pomar*! — gritou Duke, o vento entrando no carro e carregando a voz dele para longe. — Todas essas coisas nas barracas de frutas são as coisas que eles estão tentando vender.

— Que graça tem. Ficar *sentado*. *Sozinho* no *quarto* — cantou Pallas, distraída.

Pude ver os olhos de Sebastian pousarem nela pelo espelho retrovisor. O som da voz dela o chamava como um sino.

— Você devia ter sido a Sally Bowles — falei, porque mesmo que aquela garota de aparência alemã que interpretava a Sally fosse até que extraordinária, não tinha dúvidas de que Pallas teria sido melhor.

Metade do rosto de Pallas estava escondido por trás dos óculos escuros enormes estilo Jackie Onassis. Sabe-se lá para onde estava olhando.

— Eu devia ter sido um monte de coisas — disse ela.

— Eu podia ter sido um concorrente — retrucou Duke, com o sotaque de Brando.

Era divertido estar no carro, divertido estar junto com eles, indo para algum lugar que não fosse um ensaio. Vi um antiquário mais adiante e me inclinei para a frente a fim de dar uma batidinha no ombro de Sebastian.

— Para, por favor.

— Não! — gritou Duke. — Antiquários são piores que barracas de frutas. Estão cheios de coisas que crianças crescidas tiveram que vender quando os pais morreram para colocar a fazenda à venda.

— Você continua torrando o saco com isso — comentou Pallas.

Sebastian parou o carro.

Duke se virou para Pallas, inclinando-se sobre o assento.

— Não deixa ela sair.

Mas eu já tinha saído. Havia sido convidada para almoçar pelo nosso diretor e em hipótese alguma chegaria sem um presente. Bem perto da porta, em cima de uma vitrine de vidro, doze guardanapos de linho com bordados nas bordas esperavam por mim em um cesto. Eram de um azul pálido o suficiente para ser quase branco, bem passados. Não conhecia quase nada quando era jovem, mas conhecia o papel de Emily e conhecia tecidos. Aqueles guardanapos eram bons. Conteí-os devagar, procurando por manchas, mas não encontrei nenhuma. Como um bônus, eram caros, e aquilo me agradou mais do que qualquer outra coisa.

— Você deve ter vindo à procura deles — falou a mulher na caixa registradora quando os entreguei.

Dois minutos depois, estava de volta ao carro.

— Deixa eu ver!

Pallas estendeu as mãos. Sebastian se virou no assento para olhar.

— Guardanapos! — gritou Duke. — Devem ter visto você chegando. Guardanapos são para turistas. Primeiro tentam empurrar um trator para você, então trazem os guardanapos.

Ele agarrou a cabeça enquanto Pallas erguia um único guardanapo contra a luz.

— Não consigo pensar em nada mais gentil do que esses guardanapos — disse ela.

Sebastian esperou até os guardanapos voltarem para a sacola para que não voassem todos com o vento assim que pegássemos a estrada de novo. Pallas cantou um único verso de musicais ao longo do caminho para adivinharmos qual era. (“Porque é *JUUUNHO*. Junho-junho-junho.”) Duke recitou frases de diálogos para adivinharmos a peça. (“Sempre diga a verdade, George; é a coisa mais fácil de se lembrar.”) Ele era craque na memorização. Acreditava poder memorizar qualquer papel que quisesse, tanto pela disciplina quanto para ter certeza de que sempre estaria pronto.

— Você nunca sabe quando uma porta vai se abrir — disse ele.

— Qual é o seu talento secreto? — gritei para Sebastian.

— Dirigir! — gritou ele em resposta, apoiando o cotovelo na janela aberta.

Quando chegamos a Traverse City, o céu estava limpo. A chuva havia desistido e seguido para o Canadá. Duke leu as instruções de Nelson em voz alta — uma série complicada de retornos mal assinalados em rodovias cheias de curvas. Finalmente vimos, bem adiante, uma pequena placa em que estava

escrito NELSON pregada em um poste ao lado da estrada.

— Ele batizou a fazenda com o próprio nome?

— É a fazenda do tio e da tia dele — expliquei. — O sobrenome deles é Nelson.

Duke meteu a cabeça para fora do carro como um cachorro.

— Então posso batizar minha fazenda de “Área do Duke”?

— Dukado — sugeri Sebastian.

A estrada esburacada estava repleta de água da chuva. Cada folha e talo de grama brilhavam. Assim que fizemos a curva, ficamos quietos. O bosque imponente à esquerda, a casa de madeira branca com venezianas azuis à frente, as suaves colinas de árvores frutíferas à direita que se espalhavam na parte de trás da casa, além do alcance da vista — tudo parecia um bordado feito por uma garota do século XVIII.

— Eles têm um celeiro — sussurrou Pallas.

Não era como se eu tivesse crescido em Los Angeles. Vira um bocado de fazendas na minha época, mas nunca um lugar que fizesse o aperto no meu peito afrouxar. A ordem nas fileiras de árvores e o verde-escuro da grama exuberante abaixo delas me acalmavam como se alguém tocasse minha testa.

Sebastian estacionou o carro junto ao Chevrolet cinza que sabíamos ser dos Nelson. Então a porta de tela da casa se abriu, e Nelson saiu para a varanda e acenou.

— Vá até lá dizer que você nos convidou — disse Duke baixinho, olhando para a frente.

Balancei a cabeça.

— Nem a pau.

— Ele não nos convidou? — Pallas ergueu os óculos escuros.

— A Emily nos convidou — retrucou Duke.

Podia ter enrolado a alça da bolsa no pescoço de Duke, mas Nelson veio até o carro sorrindo.

— Vocês nos encontraram! — disse ele. — Essas estradas podem ser traiçoeiras.

— Você desenhou um bom mapa.

Eu segurava a sacola com leveza. Os guardanapos não pesavam nada. De repente pensei quanto teria sido bacana levar um presente para Nelson também, por tudo que ele havia feito por nós, mas não tinha a mínima ideia do que dar.

Sebastian estendeu a mão e se apresentou.

— Você é o jogador de tênis — disse Nelson, sorrindo. — O outro Duke. Vi você nos ensaios.

— Acho que a gente pode ter vindo de penetra — comentou Sebastian.

Nelson riu.

— Não tem festa nenhuma para entrar de penetra, ou sempre tem uma festa, dependendo do ponto de vista. Gente de fazenda ama companhia. Quanto mais gente aparece, melhor.

Pallas foi direto até Nelson e o beijou na bochecha como se fossem melhores amigos. Beijou nosso diretor, que, de camiseta azul e jeans, não se parecia em nada com a pessoa que vinha nos dizendo onde parar e como falar havia mais de um mês. Não tinha certeza de já ter visto Nelson ao ar livre antes.

Duke estava dando o giro lento que eu quisera dar ao chegar a Traverse City, e quando parou olhou para Nelson.

— Sou de Michigan — disse ele.

— Eu também — emendou Nelson.

— Mas não sou desse Michigan.

Nelson assentiu.

— Esta fazenda é do meu tio. Trabalhava aqui no verão quando era adolescente. Pegava o ônibus para vir quando a escola liberava e meus pais vinham de Grand Rapids no fim da estação para me buscar. Eu achava o dia 15 de agosto o mais triste do ano.

— Aposto que era.

Duke lançou um olhar para as cerejeiras.

— É como o Tom Lake — comentou Sebastian, querendo dizer que não estávamos exatamente vindo de Flint, e sim que estávamos trocando beleza por beleza.

— Só tenho elogios ao Tom Lake — disse Nelson. — Mas é diferente daqui.

Foi isso que Duke quis dizer. Mesmo com todo o esplendor do Tom Lake, aquilo era superior numa ordem de magnitude. Nelson se virou e nos guiou degraus acima e casa adentro.

★ ★ ★

— Espera — interrompe Emily, erguendo uma das sobrancelhas. — Você está dizendo que o Duke veio à nossa casa? Você trouxe ele para casa?

— Não era nossa casa na época, mas, sim, ele veio aqui.

— O dia mais feliz da sua vida foi o dia em que o Duke veio à nossa casa?

— Você poderia simplesmente calar a boca e ouvir a história? — sugere Maisie.

— Por que você não me contou isso?

— Talvez — começa Nell, escolhendo criteriosamente as palavras — você fosse uma maníaca que estava apaixonada por um astro de cinema e a mamãe não quisesse jogar lenha na fogueira.

— Não estava *apaixonada* pelo Duke — corrige Emily. — Achei que ele fosse meu pai.

— Tã. Seu pai. Perdão. — Maisie põe a toalha no rosto. — Por favor, continua.

— Nenhuma de vocês acha que ela devia ter nos contado isso antes? — retruca Emily, olhando para nós três, incrédula.

— Estou começando a achar que não devia ter contado isso para vocês agora.

Eu me pergunto se o vermelho nas bochechas de Emily é do sol ou de raiva.

— Simplesmente não consigo acreditar...

— Por favor! — grita Nell. — Por favor! A mamãe está prestes a entrar na nossa casa pela primeiríssima vez, e é o dia mais feliz da vida dela. Essa pode não ser uma história sobre você por dois minutos?

— O dia mais feliz do verão de 1988 — reitero. — Não o dia mais feliz da minha vida. Nem de longe.

— Tudo que estou dizendo é que acho que saber disso teria me ajudado — diz Emily.

Sob a toalha, Maisie balança a cabeça.

— Nossa, não teria ajudado você em nada.

★ ★ ★

A comprida mesa de carvalho na cozinha tinha sido posta para quatro pessoas, mas a tia de Nelson, Maisie, já estava tirando mais jogos americanos da gaveta. Era uma mulher alta, com cabelo curto e cacheado, uma risada gigantesca e pés gigantescos que mantinha em tênis Keds azuis.

— É a primeira vez na vida que recebemos uma estrela de cinema para o almoço — disse ela. — Você vai ter que me desculpar se eu disser algo idiota.

Por tudo que é mais sagrado, ela parecia estar olhando para mim.

— Eu?

— Uma tremenda estrela — afirmou Nelson. — Assim que o filme sair.

— Joe não para de falar de quanto você é boa — comentou a tia Maisie. — Joe disse que você é a melhor atriz com a qual já trabalhou, e você sabe que ele já trabalhou com várias que eram boas. Vamos lá ver você na quinta-feira! Noite de estreia! E o tio Wallace, não acredito que vamos ver o tio Wallace.

— O tio Wallace é realmente uma figuraça — disse Duke.

Estendi a sacola, e ela pareceu muito surpresa.

— Você não precisava trazer nada para mim — falou Maisie.

Ela pôs a sacola na mesa e desdobrou um guardanapo. Um prazer muito genuíno iluminou-lhe o rosto. Dava para imaginar que fazia um tempinho desde que alguém trouxera algo tão pouco prático e bonito. Ela correu os dedos pelo bordado.

— Ah, Lara, olha só para isso — disse Maisie, baixinho.

★ ★ ★

Maisie, olha, as vasilhas brancas continuam na pia, toda a fileira de potes, inclusive os de café e arroz. Quebrei o de açúcar no ano em que nos mudamos para a casa. Minhas mãos estavam molhadas quando o peguei, e ele escorregou e caiu no chão. Fiquei ali

chorando sem parar, até que o Joe me disse que era só um pote e que isso não tinha importância. Mas eram seus. Tudo era seu. Tinha esquecido como a cozinha era pequena antes de demolirmos a parede dos fundos. Você a teria adorado do jeito como está agora. Posso ficar na pia e ficar de olho em Joe lá fora, preparar o jantar e conversar com as meninas. Há muito espaço. No primeiro dia em que visitei a casa, a cozinha era pequena e estávamos todos amontoados. Olha como éramos todos lindos, Maisie. Você acredita nisso? Olha como éramos jovens.

★ ★ ★

— Maisie, este é o Peter Duke — apresentou Joe. — Ele é o editor Webb na peça. E está é a Pallas Clarke, a substituta do papel da Lara. Pallas também está em *Cabaret*, ela é a mais ocupada aqui. E esse é o Sebastian Duke. Irmão do Peter.

— Qual é o seu papel? — perguntou ela a Sebastian, apertando a mão dele.

— Interpreto o irmão — respondeu Sebastian.

— Você não acreditaria quanto ele é bom nisso — emendou Duke.

Maisie riu.

— Você vai me contar tudo — disse ela a Sebastian. — Vamos nos sentar e você pode me contar como é ser o irmão de um homem famoso.

E Duke, que sabia que estava destinado a ser um homem famoso, sorriu.

Joe foi despachado para o pomar de modo a encontrar o tio, mas assim que se virou para sair o tio entrou pela porta da cozinha. O marido de Maisie se chamava Ken. Ken e Maisie Nelson. O sobrinho, Joe. Um buquê de dalias cor-de-rosa e amarelas estava em um copo verde na mesa. Não sabia como teria comida suficiente para todo mundo, mas Maisie nos serviu com fartura. Talvez tenhamos comido o jantar deles também: frango frito, biscoitos, feijão-manteiga, milho cortado da espiga e maçãs assadas. Comemos feito crianças, ávidos e despreocupados, e Maisie agiu como se nada no mundo a deixasse tão feliz.

— Quando era criança, costumava ficar deitado na cama imaginando como seriam as outras famílias — começou Duke, assim que a torta foi servida, torta de cereja, a favorita, disse ele a Maisie. — Visualizava as casas, a mobília e o que comiam e como falavam uns com os outros, e o que sempre visualizava era isso. — Ele se virou para Joe. — Parece que passei a infância inteira imaginando sua família.

Joe sorriu.

— Você estava imaginando esse ramo específico da minha família.

— Eu também — disse Pallas, abaixando o garfo. — Desde que entrei pela porta fiquei tentando me lembrar do que esse lugar me recordava, e é isso. É aqui que queria viver quando era criança.

— Ficariamos contentes de ter você aqui — disse Ken.

— Só que na minha fantasia a família era negra — continuou Pallas. — Tirando isso, é uma atmosfera bem parecida.

Pallas e eu tentamos ajudar com a louça depois do almoço, mas Maisie nos enxotou de lá.

— Deixa o Joe mostrar o lugar para vocês. Voltem depois e nos ajudem a colher cerejas. É aí que vamos colocar vocês para trabalhar.

A cozinha era pequena, então saímos, porque é óbvio que o trabalho não era mesmo nosso. Maisie cuidava de uma horta no quintal, com zínias, dalias, dedaleiras e púrpuras. As abelhas faziam tanto estardalhaço que a princípio pensamos que o barulho devia vir de algum outro lugar.

— No meu sonho de infância perfeita não havia abelhas — disse Pallas, e Sebastian a transferiu para o outro lado a fim de ficar entre ela e os insetos ameaçadores.

Joe andava na nossa frente, apontando para as árvores.

— Essas são ginjaas.

— Ácidas ou doces? — perguntou Pallas.

— Ácidas — respondeu ele. — Cerejas de torta. São quase sempre vendidas congeladas. A torta de hoje foi feita com as cerejas congeladas no ano passado. Podem levar algumas se quiserem.

Mas não tínhamos um congelador para manter as cerejas refrigeradas, nem um forno para assar uma torta.

— E essas?

Ela apontou para um grupo bem diferente de árvores do outro lado da estrada.

— Ameixas — disse ele, balançando a cabeça. — As ameixas são um desastre. Vamos ter que tirar elas daqui.

— Como ameixas podem ser um desastre? — perguntei.

— A Gerber disse para os agricultores que queria mais ameixas para comida de bebê, mas, quando os agricultores plantaram as árvores e colheram as ameixas, a Gerber disse que não queria mais ameixas.

— As pessoas não podem simplesmente comer as ameixas? — perguntou Pallas.

— Eu como. Você provavelmente não comeria. Ninguém compra um saco de Stanleys numa barraca de frutas.

Não fazia a menor ideia de que Stanley era uma variedade de ameixa, ou de que uma ameixa virava comida de bebê enquanto outra se comia na pia. Não sabia que Napoleão era uma variedade de cereja. O que sabia era que nós quatro estávamos passeando por um pomar com nosso diretor, que, depois de quinta-feira, passaria o resto do verão aqui para cuidar das finanças da família. O espetáculo continuaria. Ele continuaria.

— Faz quanto tempo que sua família é dona deste lugar? — perguntou Sebastian.

— Há cinco gerações tem algum Nelson aqui. Ou odeia o lugar... meu pai odiava... ou são como o Ken e não conseguem se imaginar fazendo qualquer outra coisa. Tudo que o Ken sempre quis da vida foi a Maisie e a fazenda.

— Então quem é o próximo? Eles têm filhos?

Joe se aproximou e arrancou uma erva daninha que estava perto do tronco de uma árvore e a jogou na estrada.

— Essa é a questão. A filha deles, Alice, mora em Phoenix. Alice está fora. Tem marido e filhos. Estão estabelecidos lá, gostam do calor. Acho que ela nem sequer come cerejas. Meu primo Kenny é engenheiro florestal na Union Pacific. Todo mundo espera que o Kenny salve a pátria, mas ninguém tem total certeza de que ele vai fazer isso, nem o próprio Kenny. Talvez não exista nada para ser salvo, de qualquer forma.

Pallas caminhava à nossa frente com um short amarelo. Ela se virou para nos encarar e começou a andar para trás.

— Eles estão falidos?

— Basicamente. Esse negócio opera com uma margem muito pequena. Se a colheita for ruim num ano, você irá à falência, ou se a colheita for boa, o que significa que a colheita de todo mundo vai ser boa, os preços vão despencar e você irá à falência. A Gerber diz para plantar cinquenta hectares de ameixeiras, então você investe todo o seu capital em ameixeiras...

— ...e de repente a Gerber não quer mais as ameixas — completou Sebastian.

— E você irá à falência.

— Isso é tão deprimente.

Eu parecia uma colegial petulante, mas o dia estava bonito demais para pensar que algo podia mudar. Cinco gerações de Nelson tinham vivido na fazenda. Com certeza a sexta geração também viveria ali.

— A agricultura é deprimente — disse Joe. — Mas assim que entra em você, não dá para largar.

— Plantação é a nova atuação — comentou Duke.

— Eles não podem vender parte da terra para pagar as dívidas? — sugeri, como se fosse um pensamento original.

Joe riu.

— Estou feliz que você não tenha dito isso durante o almoço. Maisie teria devolvido os guardanapos.

— Então ninguém vende terra.

— A terra é vendida quando as pessoas morrem e os filhos se recusam a voltar para casa e assumir o lugar. Caso contrário, você fica com a terra.

Duke pôs o braço em volta do meu ombro.

— Como você sabe — disse ele, em uma voz tão animada quanto conspiratória —, seu pomar de cerejeiras vai ser vendido para quitar suas dívidas; o leilão está marcado para o dia 22 de agosto, mas não se preocupe, minha querida, apenas durma em paz, existe uma saída. Eis o meu plano. Por favor, me escute.

Então Joe Nelson, que passara também a andar do meu lado, deslizou o braço pela minha cintura. O braço do diretor na minha cintura! Nada além de mim entre ele e Duke.

— Sua propriedade fica a vinte quilômetros da cidade — disse ele. — A

ferrovia corta toda ela. Bem, se o pomar de cerejeiras e as terras ao longo do rio fossem divididos em lotes para construção e alugados para casas de veraneio, você teria no mínimo uma renda anual de vinte e cinco mil rublos.

Pallas estava morrendo de rir.

— Vocês só *podem* estar de sacanagem. De onde foi que vocês saíram?

— Entendo o motivo de eu conhecer *O jardim das cerejeiras* — disse Joe a Duke. — Mas não entendo o motivo de você conhecer.

Para constar, nenhum dos dois havia, respectivamente, tirado o braço do meu ombro e da minha cintura.

— Gosto de Tchékhov — explicou Duke. — Todos os garotos de East Detroit gostam de Tchékhov.

— Verdade — confirmou Sebastian.

— E sempre quis interpretar o Lopakhin.

Lopakhin era o filho rico de um camponês que tinha intenção de se instalar no pomar de cerejeiras de Liubóv Andréievna, na família dela — dinheiro novo legitimado pela aristocracia miserável. Joe balançou a cabeça, me soltando para poder dar um passo atrás e olhar para Duke.

— Você é bonito demais para o Lopakhin.

Duke discordava.

— Está tudo na atuação — disse ele.

De repente me perguntei se a tarde tinha sido uma longa audição. Eu me perguntei se Joe podia levar Duke com ele no outono, colocá-lo no elenco de uma peça maior.

Borboletinhas laranja voejavam pelo ar à nossa frente, e uma delas pousou no meu pulso.

— Isso quer dizer que uma grande mudança vem aí — comentou Pallas.

Mesmo quando ergui o braço, ela continuou ali. Eu tinha esquecido quantas borboletas havia naquela época, quantas abelhas.

— O que tem ali? — perguntou Sebastian, olhando a colina à nossa frente.

De onde estávamos, conseguíamos distinguir apenas a cerca de ferro bonita. Joe não respondeu, só começou a andar naquela direção e nós o seguimos, exatamente como tínhamos feito o verão inteiro.

Era a primeira vez que via a fazenda, que via a casa de Nelson, que chamava Joe pelo primeiro nome. A primeira vez que via o cemitério com suas sombras benevolentes. A colina e a brisa e as sombras sempre deram a impressão de que lá em cima fazia dez graus a menos.

— Os Whiting ficam ao norte — disse Joe, apontando para uma fazenda a um quilômetro e meio de distância. — E do outro lado estão os Holzapfel. E aqui estão os Nelson.

Ele abriu as mãos para abarcar as gerações da família dele.

— Você nem precisa ir embora depois de morrer — afirmou Duke.

Talvez aquilo fosse parte da vida que ele tinha imaginado quando criança: inclusão eterna.

Olhamos para o lago e para as fileiras e fileiras de árvores. Olhamos para a

casa e para o jardim, que era apenas uma mancha de cor visto de onde estávamos.

— E aquela casinha? — perguntou Pallas.

— É um extra. Os trabalhadores ficam lá às vezes. Eu fico lá.

— Uma casa extra — repetiu Pallas, encantada, porque nenhum de nós conseguia imaginar como seria ter uma casa.

— É bem pequena — explicou Joe, como se estivesse constrangido.

Duke se deitou sobre um dos túmulos e fechou os olhos.

— Isso incomoda você? — perguntou ele.

Não sabia se estava falando com Joe ou com os residentes.

— Fique à vontade.

— Gostaria de vir aqui de novo. Posso? Tem algum lugarzinho vago?

— Acho que você teria que se casar com uma Nelson — disse Joe. — Alice seria velha demais para você.

— Sua prima já é casada — lembrou Duke. — E não quer sair de Phoenix. Eu não gostaria de destruir o casamento dela para me ver enfiado em Phoenix.

Ele sacou um cigarro da carteira e o colocou entre os lábios.

— Ei. — Sebastian cutucou o irmão com o tênis. Sebastian usava tênis de lona o tempo inteiro, como um tenista usaria. — Levanta.

Duke balançou a cabeça, pescando o isqueiro no bolso.

— Gostei daqui.

— Peedee — repreendeu Sebastian.

A voz não era brava, mas todos nós entendemos a seriedade. Duke ficou de pé e colocou o cigarro atrás da orelha. Pallas tirou algumas agulhas de pinheiro das costas dele.

— Tem mais uma coisa para mostrar a vocês — disse Joe. — Podem ficar a tarde inteira se quiserem, mas depois disso preciso voltar ao trabalho.

Nós o seguimos colina abaixo, Duke ficando para trás e fechando o portão.

— Isso não foi incrível? — sussurrou ele, se inclinando e chegando bem perto.

— Lindo.

Foi a palavra que usei o dia inteiro.

Voltamos por um caminho diferente, passamos por um longo trecho de macieiras e por um agrupamento menor de peras, Joe nos dizendo o nome de cada variedade e quais serviam para comer, quais serviam para ser processadas e quais árvores haviam deixado de ser úteis e precisavam ser arrancadas. Essa era outra coisa que planejava fazer se tivesse tempo. Estávamos de volta à estrada principal que acompanhava o bosque e, quando chegamos a um espaço entre as árvores que só ele havia visto, ele deu um passo à frente.

Nós o seguimos pelo bosque escuro.

— Olha só isso! — gritou Pallas, o pescoço esticado para ver o lugar em que as folhas recortavam a luz do sol.

— Continuem andando — instruiu Joe.

Passamos pelas tsugas, pelos pinheiros-brancos e pelos carvalhos-vermelhos que nunca tinham sido derrubados ou queimados, passamos pelas pedras gigantescas com suéteres de musgo. Dava para sentir o cheiro das cerejeiras, depois do musgo, depois da água, e então o bosque se abriu inesperadamente e nos deixou sair numa praia da Grand Traverse Bay do lago Michigan. Ele tinha nos levado à borda do mundo.

★ ★ ★

— Quanta coisa eu perdi? — pergunta Joe, assumindo seu lugar na toalha a meu lado.

Está usando a camisa de trabalho de algodão xadrez e jeans, além de botas com bicos de aço. O cabelo é basicamente o mesmo, assim como o sorriso. As costas são eretas, os olhos azuis ainda brilham por trás dos óculos. De todas as coisas na vida que mudaram, Joe foi o que menos mudou.

Nell se levanta para se sentar ao lado do pai e o abraça com os braços magros.

— Você acabou de ser libertado do manto da invisibilidade e agora se revelou o herói.

Joe balança a cabeça.

— Acredite em mim, uso um manto da invisibilidade por um bom tempo nessa história.

Admito que eu era lenta.

— Ela falou da parte em que levou um acompanhante no nosso primeiro encontro? — pergunta ele para Nell. — Levou o acompanhante dela, o irmão do acompanhante e a namorada do irmão do acompanhante.

— Você nunca deu a entender que o convite era um encontro.

— Porque você estava saindo com o Duke. Eu só estava sondando para ver se tinha alguma chance.

— Muito sutil — digo.

— Estava fazendo uma aposta a longo prazo — conclui Joe.

Nell, enfiada debaixo do braço do pai, olha para ele.

— Você estava apaixonado por ela na época, não estava?

É uma pergunta que nunca fiz.

Joe não é homem de mentir, mesmo quando a mentira poderia ser classificada como inofensiva ou educada. Dá para vê-lo vasculhando a memória. Ele me amava naquela época? Faz tanto tempo.

— Gosto da ideia — diz ele, por fim —, mas, provavelmente, não. Acho que não poderia me apaixonar por uma pessoa que estava tão claramente apaixonada por outra. Isso seria autodestrutivo, e eu não era do tipo autodestrutivo.

— Eu não estava apaixonada pelo Duke — corrijo.

Joe faz um som ridículo, uma erupção de risada e incredulidade.

Nell mantém a atenção no pai enquanto faz um esforço para suavizar o

golpe.

— Então você não estava exatamente apaixonado por ela, mas gostava muito dela e achava que era uma atriz maravilhosa.

— Sua mãe foi a melhor atriz que já dirigiu — diz Joe. — Se tivesse decidido que era isso que queria fazer da vida, teria sido brilhante.

— Teria, seria, poderia — digo, me recostando na areia, embora seja verdade que a opinião dele me comove.

— Ninguém era melhor — afirma Joe.

— Bom, na verdade uma pessoa era melhor.

— Essa era a sua opinião.

Abro um olho e o encaro. Uso meus poderes incríveis de telepatia para mandá-lo calar a boca, e ele se cala.

Nell apoia o queixo no joelho.

— O que não entendo... — começa ela.

— Lá vem — diz Joe.

— O que não entendo — repete nossa filha, olhando para o pai — é como alguém pode crescer em Michigan, amar o teatro, se tornar um diretor famoso e então largar tudo isso para voltar e cultivar cerejas.

— Também me perguntei isso — diz Maisie.

Está coçando a barriga da cachorra com as duas mãos, e Hazel estica as quatro patas o máximo que consegue.

— É bom ver elas voltando a atenção para você, só para variar — comento.

— Em primeiro lugar, você cresceu numa fazenda de cerejas em Michigan e quer ser atriz — diz ele para Nell.

— Que escolha eu tinha? Você lia Tchêkhov para a gente antes de dormir — argumenta ela. — Nada de histórias da carochinha para as meninas Nelson.

— Em segundo lugar — continua Joe, ignorando-a —, as cerejeiras vêm equipadas com cordões invisíveis. Quando você acha que está livre, começam a te puxar de volta.

— Emily herdou o cordão da cerejeira, não eu — diz Nell.

Emily assente.

— Obrigada por isso.

— Tem mais sanduíches?

Maisie vasculha a bolsa e entrega um para ele. Somos fãs de queijo e mostarda, todos nós.

— Tive duas vidas — diz Joe, desembulhando o almoço. — Talvez mais de duas. Fiz tudo que queria. Quem é que pode dizer isso?

Ergo a mão.

— Então o que aconteceu com o Duke? — pergunta Emily.

Olhamos para ela. Nós quatro estamos sempre nos virando em sincronia para olhá-la, como se fôssemos um só.

— Você sabe o que aconteceu com o Duke — respondo.

— Não me refiro ao que *aconteceu* com o Duke. Me refiro ao que aconteceu com ele naquele dia, naquele verão.

— Duke gostou mais do que qualquer um da fazenda — fala Joe, contente de voltar ao assunto, contente de pensar em qualquer pessoa que não nele mesmo, contente de ter um sanduíche. — E com isso quero dizer que gostou deste lugar mais do que qualquer um que já veio visitar. Duke teria desistido de atuar para colher cerejas, pelo menos naquele dia ele teria. Se o Ken tivesse oferecido um emprego para ele, ele teria aceitado. Lembro-me dele correndo para cima e para baixo na praia como uma criança. Ficou maluco. Aquela foi a primeira vez que vi o Duke plantando bananeira.

— É mesmo? — pergunto.

Ele costumava fazer isso na cadeira no nosso quarto.

— Mas quando as coisas mudaram? Foi no dia em que você trouxe ele para o pomar? — pergunta Emily para mim. — O dia mais feliz da sua vida?

— Vamos parar com o dia-mais-feliz-da-minha-vida. Vocês três se recusam a entender o que estou dizendo — digo.

Dá para ver que Emily está ao mesmo tempo ficando irritada e fazendo um esforço para não ficar. Estamos tendo um bom dia até então, de uma doçura verdadeira, e ambas queremos que continue assim.

— Você aparece na fazenda com o Duke, o Sebastian e a Pallas e volta com o papai. Alguma coisa deve ter acontecido.

Joe olha para mim como se ele mesmo tivesse perdido alguma informação crucial.

— Apareci com o Duke e fui embora com o Duke. Não fui embora com seu pai.

— Tá, então talvez não naquele dia, mas em algum ponto você fez isso. Estava com o Duke e depois estava com o papai.

Balanço a cabeça. A capacidade de uma filha de interpretar mal as coisas é ilimitada, mesmo quando não é mais criança.

— Não deixei o Duke para ficar com seu pai. Seu pai e eu nunca ficamos juntos no Tom Lake.

Agora Maisie também nos observa com os olhos semicerrados.

— Mas você e o papai se conheceram no Tom Lake. Se apaixonaram no Tom Lake.

— Nós nos conhecemos no Tom Lake e não nos apaixonamos, e então nos encontramos de novo mais tarde e nos apaixonamos — explica Joe. Ele olha para mim. — Sinto que preciso de um advogado.

Porque agora sentimos a mudança de Lara, Joe, Maisie e Nell de um lado e Emily do outro para Lara, Joe de um lado e Emily, Maisie e Nell do outro. O júri não acredita em nós.

— Vocês se apaixonaram no Tom Lake — afirma Nell, disso ela tem certeza. — Essa sempre foi a história.

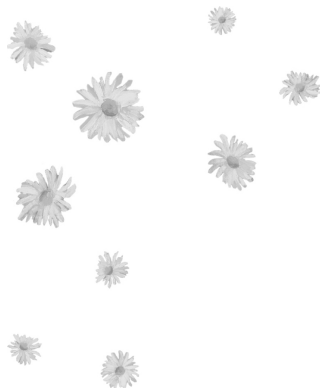
— Nunca foi a história! — retruco. — Pode ser a história que vocês contaram para vocês mesmas, mas não foi a história que contamos.

Ao longo dos anos, disse a elas que havia namorado Duke no Tom Lake. Ao longo dos anos, contei que o pai delas e eu nos conhecemos no Tom Lake. O

que percebo agora, e Joe também, é que talvez nunca tenhamos dito mais do que isso. Ou talvez sejam filhas olhando para os pais, de modo que nossas vidas começaram no ponto em que elas começaram e tudo o mais foi colorido com giz de cera do jeito que quiseram.

— As quatro podem resolver esse assunto. Vou nadar.

Joe tira as botas, a camisa e os jeans. Tinha ido para casa e colocado o calção antes de vir à praia, provando de uma vez por todas que essas meninas são dele.



13

Duke estava em algum lugar. Estavam prendendo o cabelo dele, ou ele já tinha saído para ler os cadernos obsessivos do editor Webb, fumar um último cigarro e depois plantar bananeira. Dizia que isso clareava a mente dele antes de uma apresentação, e eu não duvidaria. Todos os atores estavam com o figurino, balançando os braços, vibrando em escalas. Só o tio Wallace e eu nos encontrávamos parados. Se não estávamos exatamente parados um ao lado do outro, estávamos bem próximos. Estávamos esperando para começar.

— Ainda fico com medo — disse o tio Wallace.

Ele estava olhando para a frente, a voz tão baixa que eu mal o ouvia. De qualquer forma, não acho que estivesse falando comigo. Os bastidores estavam escuros e as luzes da plateia, acesas. Da nossa posição, dava para ver as pessoas circulando, procurando os assentos. Sempre me lembravam galinhas, como se um caminhão tivesse parado diante da porta do teatro e largado quatrocentas galinhas na calçada. Elas bicavam e cacarejavam sem rumo, encontravam um lugar para se empoleirar, depois mudavam de ideia e saíam em busca de outro. *Nossa cidade* não tem abertura formal, então, quando o público entra no teatro a cortina está erguida, o pequeno cenário está ajeitado e logo o tio Wallace iria sair e esperar as galinhas se acomodarem, ainda que o próprio fato de ficar ali parado, o antigo astro da televisão tão amado, dificultasse consideravelmente o processo.

— Você é o Diretor de Cena e eu sou a Emily — sussurrei para ele.

Ele estendeu o braço e tomou minha mão na mão enorme e quente dele, e não dissemos mais nada. Essa sempre será minha lembrança de Albert Long, nós dois de mãos dadas no escuro até chegar o momento de ele começar.

Nada em relação a subir no palco como a Emily me deixava com medo, mas interpretar a Mae em *Fool for Love* me gelava a espinha. A expressão vinha de uma condição literal: toda vez que pronunciava a primeira fala da Mae, que nada mais era do que a palavra *não*, sem nenhum acréscimo, todo o sangue do

meu corpo subia para o coração em um ato de autopreservação. Meu coração precisava do sangue para sobreviver, então minhas extremidades exangues e minha espinha só podiam congelar. Medo seria outro nome para isso. Tinham me dito que a última Emily — aquela que desistira e abriu espaço para mim — havia precisado fazer um teste para os dois papéis. A Mae dela, de acordo com todos os relatos, era lancinante. Pallas fez o teste para ser substituta de ambos os papéis, e eu não tinha dúvida de que também era lancinante. Mas nunca me pediram que fizesse um teste para nada no Tom Lake. Eles me pediram que tapasse dois buracos na programação de verão. “Olha só como é boa!”, foi o que a chefia disse quando chegaram os primeiros ensaios de *Nossa cidade*, sem perceber que havia uma diferença entre uma Emily de primeira linha e uma atriz de primeira linha.

Havíamos começado os ensaios de *Fool for Love* uma semana antes da estreia de *Nossa cidade*, então naquele momento eu tinha uma noção do que Pallas quisera dizer. Durante o dia interpretava uma mulher adulta que estava destruída, lúcida e assustada, e depois, três noites por semana, era a Emily de novo. O resultado era uma grande ruptura, e não só porque os personagens eram totalmente diferentes, mas porque também minha *habilidade* era totalmente diferente. Não tenho certeza se Duke entendeu bem quanto eu era ruim. Ele tinha se aprofundado shakespearianamente na própria performance. Duke era o Eddie por completo, balançando sua corda, andando como se tivesse acabado de descer de um cavalo. Irradiava o talento e a intensidade dele em mim, mas isso não me fazia melhorar. O diretor, um entusiasta de Sam Shepard chamado Cory, via com muita clareza meus pontos fracos, assim como os outros dois atores da peça, mas ainda era muito cedo. Todos me consideravam talentosa, então talvez eu só fosse levar um minutinho para trocar de marcha. Mas não tinha outra marcha. Ripley me disse para não fazer aulas de atuação, só que me deu um papel em um filme no qual eu era essencialmente a Emily de novo, e um papel em uma série de comédia em que eu era essencialmente a Emily. Eu era a Emily até vendendo Dr Pepper Diet, porque era a única coisa que sabia interpretar. Tinha o alcance de uma tartaruguinha. Era excelente, desde que ninguém me tirasse dali.

Mas uma das melhores coisas de interpretar a Emily era que, pelo menos enquanto durasse a performance e por talvez uma ou duas horas antes e depois, ela era tudo em que eu pensava. Depois da noite de estreia, Joe tinha voltado para Traverse City em definitivo. Gene, o D. A., tornara-se responsável por nós, mas todo mundo sabia o que estava fazendo. Éramos cavalos bem ensinados: o portão se abria de supetão e vencíamos a corrida.

Cada vez mais eu percebia o tio Wallace lutando, não de um jeito que a plateia fosse notar, e, para dizer a verdade, o elenco talvez também não tivesse reparado. Ele nunca esquecia uma fala, mas com frequência perdia as marcações no chão por trinta centímetros ou mais e o operador do painel de luz precisava suar para manter a iluminação nele. A voz era boa, talvez faltasse apenas o impacto de sempre, mas estávamos todos com microfone, então não importava.

Na noite do desastre dele, eu o vi cerrando e descerrando os dentes, como se estivesse levando um choque elétrico. Até olhei para baixo, a fim de ver se ele estava pisando em alguma coisa. No segundo ato, logo antes de a Emily se casar com o George, quando Duke e eu estávamos no nosso momento — Duke me apertando demais; a mão de Duke na minha bunda de um jeito que não era visível para o público —, realmente achei que o tio Wallace fosse gritar.

Tentei encontrá-lo no segundo intervalo, mas ele não estava em lugar nenhum. Havia estado ali a postos e depois tinha desaparecido. Eu não podia perguntar para Duke, porque Duke continuava atuando entre os atos. Ele teria me respondido como editor Webb, e eu o teria matado, então deixei tudo aquilo de lado. Quis que Joe estivesse presente. De alguma forma, achava que recorrer a Gene seria denunciar o tio Wallace, dizer que havia algo de errado com o trabalho que ele estava fazendo, quando não era nada disso. Se Joe estivesse lá, eu poderia ter falado que estava preocupada, só isso, simplesmente preocupada, e ele teria procurado o tio Wallace e dado um jeito de acalmá-lo. Joe sem dúvida estava com a tia e o tio naquele momento. Aposto que já haviam jantado e lavado e guardado os pratos.

Quando veio o sinal para as pessoas retomarem os respectivos lugares, o tio Wallace reapareceu de forma tão misteriosa quanto havia sumido. Parecia melhor, mais corado. Dei um passo na direção dele, mas ele ergueu a mão e desviou o olhar. *Aqui não*, estava me dizendo, então ele sabia que eu o tinha visto. Assenti e recuei. Ele estava aguentando firme, e eu precisava deixar que fizesse isso. Ele era um profissional, o tio Wallace.

O terceiro ato de *Nossa cidade* começa depois da morte da Emily. Ela havia morrido dando à luz o segundo filho, embora ninguém mencionasse se o bebê havia morrido, ou se o sogro dela, o dr. Webb, fora o médico que prestara o atendimento. Os mortos de Grover's Corners ficavam sentados em fileiras retas ao longo do palco, e quando a Emily se juntou a eles não consegui deixar de pensar no cemitério na fazenda dos Nelson — a sombra, a brisa e as lápides nas quais os nomes haviam sido praticamente apagados. Duke tinha razão, o lugar emanava uma paz que fazia a pessoa querer ficar lá. Nunca havia pensado num cemitério daquele jeito antes, e aquilo me ajudou. Fiquei sentada ao lado da mãe Gibbs, e nós duas ficamos olhando para a frente, embora naquele momento eu estivesse me lembrando dela saindo do lago para vestir a calcinha.

O bacana de ter um roteiro inteiro tatuado dentro das suas paredes celulares é que você basicamente pode interpretar seu papel a despeito das circunstâncias. O tio Wallace e eu começamos o terceiro ato do jeito de sempre. Mas quando ele me levou de volta para a cozinha da minha mãe para que eu visse como a vida continuava às cegas, não se afastou como devia. Na verdade, ele me enfiou debaixo da axila como uma muleta. Era um homem grande, e eu sou pequena, mas aguentei o peso dele, seu suor frio ensopando a ombreira do meu vestido. Dissemos nossas falas com a mesma perfeição de sempre, porque quando nos viramos para voltar até o cemitério do outro lado do palco era na morte que pensávamos.

Por que nós dois fizemos aquilo? Por que simplesmente não ultrapassamos a fileira de cadeiras e continuamos andando? Em um teatro lotado com quatrocentas pessoas, uma pequena porcentagem do público com certeza era formada por médicos. Mas seguimos, parando em frente à minha cadeira vazia. Olhei para a mulher que interpretava a sra. Soames e murmurei a palavra *levanta*. Ela se levantou e se transferiu para uma cadeira no fundo. O que quer que estivesse acontecendo, estávamos juntos naquilo. Não o público, o público estava muito longe, mas todos os atores no palco estavam com a gente. Ajudei o tio Wallace a se sentar, e ele manteve o braço em volta de mim. Não era assim que a peça devia ser encenada, mas as pessoas me disseram depois que foi muito comovente, o Diretor de Cena sentado entre a gente, pronunciando suas últimas falas. E ele pronunciou as falas, até a última palavra, embora a corrente elétrica que tinha visto antes o fizesse prisioneiro naquele momento. Não me movi, nenhum de nós se moveu. Usamos toda a força da nossa vida para ouvir o que ele dizia, como se a pureza da nossa atenção o sustentasse. O tio Wallace falou das estrelas e de como a Terra estava se esforçando, se esforçando para se tornar alguma coisa e de como precisava descansar. Em toda a minha vida, nunca havia ouvido nada ser dito de forma tão bonita, e tinha certeza de que nunca mais ouviria. Assim que a cortina se fechou, ele se jogou no meu colo, precipitando uma interminável convulsão de sangue. O sangue jorrou da boca dele e se acumulou no tecido do meu vestido de noiva branco, espalhando-se e o encharcando. Eu não fazia ideia de como um homem podia perder tanto sangue e ainda continuar vivo. Fiz o possível para manter a cabeça dele erguida, enquanto o restante corria para chamar um médico no teatro.

Uma ambulância foi chamada, mas, mesmo que dirigissem a toda a velocidade, o hospital ainda estaria a quinze minutos de distância. O tio Wallace e eu ficamos sentados naquelas mesmas cadeiras com dois médicos diante de nós. Um tomava o pulso dele enquanto o outro fazia perguntas, mais para se sentirem úteis. O tio Wallace conseguia apontar seu nível de dor entre um jato de vômito e outro. Ele me segurava com as duas mãos ensanguentadas. Quando a ambulância chegou, falei que queria ir junto. O diretor de cena — ou seja, Pete, o verdadeiro diretor de cena do espetáculo — disse não, e os médicos disseram não, e os paramédicos disseram não, até o tio Wallace finalmente me soltar e o levarem embora. Todo o elenco continuava no palco, além da equipe técnica e dos auxiliares. Cat, a encarregada do figurino, tremia quando voltou ao camarim para me ajudar a me despir. Ela derramou água oxigenada no vestido. Tinha vários frascos e por fim tirou a mancha, embora ela cobrisse mais ou menos todo o vestido. Eu havia achado que aquilo nunca seria possível.

Mais tarde, as pessoas me falaram sobre quanto eu havia lidado bem com a situação, mas na minha memória não há nada além de vergonha. Eu tinha visto que ele estava afundando e o deixei cair. Ele disse as falas dele, eu disse as minhas. Não fiz nada para salvá-lo.

— E como você acha que podia ter salvado ele? — perguntou Duke na

cama naquela noite.

Eu tinha passado vinte minutos no chuveiro, a água tão quente quanto era capaz de suportar. Mesmo depois de tirar o figurino, tinha sangue pelo corpo inteiro. Esfreguei o sutiã e a calcinha com sabonete em barra.

— Podia ter tirado ele do palco e levado para o hospital.

— O que teria dado o quê, vinte minutos para ele? — As luzes estavam apagadas e a lua se refletia no lago. O luar se espalhava pelos lençóis brancos e limpos da cama. Finalmente havia lavado a roupa no dia anterior. — Ele não começou a vomitar sangue porque passou mais vinte minutos no palco quando não se sentia bem. Começou a vomitar sangue porque foi um bêbado inveterado por toda a vida adulta.

Balancei a cabeça, incapaz de ignorar minha responsabilidade.

— Devia ter feito ele parar. Ele não devia ter continuado.

— Ele não devia ter continuado, você tem razão nisso, mas foi decisão dele. Você não conseguiria tirar aquele homem do palco nem com um guindaste.

— Não faz isso — falei baixinho.

— Não tenho nada contra o tio Wallace — disse ele, beijando minha testa.

— Nada mesmo. Mas ele estava ensinando uma lição que você faria bem em aprender: você não pode salvar quem não quer salvar a si próprio.

E pensar nessa dura realidade, por qualquer que fosse o motivo, foi o que enfim me fez chorar.

No ensaio do dia seguinte, ninguém mencionou minha atuação deplorável. Pensavam que eu estava rígida e hesitante porque o tio Wallace tinha vomitado sangue em cima de mim na noite anterior, e não porque fosse rígida e hesitante o tempo inteiro. *Fool for Love* tem quatro personagens, mas, na realidade, só dois, Mae e Eddie. Eu e Duke. Pallas era minha substituta de novo, e um cara chamado Nico era o suplente de todos os três papéis masculinos. Eu queria nadar na hora do almoço. Queria ficar debaixo d'água o maior tempo possível. Cody, o diretor, foi junto com a gente, e desejei ter vestido aquele maiô. Ele nadou atrás de mim, me falando das outras Maes que tinha visto ao longo dos anos e como interpretaram o papel. Recitou diferentes falas nas vozes delas para que eu tivesse exemplos claros de como queria que eu soasse. Eu queria aprender, queria desesperadamente melhorar, mas só pensava em como Joe tinha sido um bom diretor. Quando terminamos de nadar e voltamos para o teatro, Cody disse que iria cancelar o ensaio pelo resto do dia.

— Só vai — disse ele. — Não estamos chegando a lugar algum.

Foi chocante para mim, extremamente constrangedor, e ainda assim fiquei grata.

Pallas me deu a chave do Honda dela, e passei no quarto para trocar de roupa. Ela não podia ir comigo porque era noite de *Cabaret*, e, ainda que pudesse ter sido legal o Duke se oferecer para ir junto, nós dois sabíamos que o tio Wallace não daria a mínima se o visse.

— O que nos traz de volta ao assunto “Lee” — diz Nell enquanto jantamos.

— Espera, quem é Lee mesmo? — pergunta Maisie.

— O substituto? — Emily põe uma colherada de vagem no prato. — O cara rico?

— O substituto despreparado e sem talento — esclarece Nell. — Ele é tipo um daqueles assassinos com machadinha escondidos no porão. Fiquei esperando ele ressurgir esse tempo todo.

— Tá falando sério? — diz Maisie. — O coitado do tio Wallace está no hospital depois de praticamente sangrar até a morte nos braços da nossa mãe e você está pensando no substituto?

— É algo em que se pensar — comenta Joe.

— Parem! — interrompe Emily. — Até onde a gente sabe, o tio Wallace está morto.

Joe e eu fazemos que não com a cabeça ao mesmo tempo.

— O que aconteceu com ele? — pergunta Maisie.

— Varizes esofágicas — respondo. — É uma ruptura na veia que passa pela base do esôfago. Sério, é algo que você não quer que aconteça.

— Como eles trataram isso? — pergunta Maisie, e sei que à noite, antes de dormir, ela vai pesquisar sobre varizes esofágicas para ver se podem surgir em cachorros, em porcos, em coelhos.

— Enfiaram uma coisa chamada sonda de Blakemore na garganta dele. Tem um balão na ponta. — Eu me detenho. — Esquece. Melhor não saber.

Emily abaixa o garfo.

— Não quis ser insensível — diz Nell. — Você sabe quanto fico contente que o tio Wallace tenha sobrevivido.

— Sobreviveu até o outono.

Só de dizer isso, preciso retomar o fôlego. Faz tantos anos! Querido, estúpido, intratável tio Wallace.

— Ele também tinha cirrose — adiciona Joe. — Não parou de beber.

— Puseram um balão no esôfago dele e ele continuou bebendo? — pergunta Emily.

Joe e eu assentimos, enquanto as meninas balançam a cabeça.

— Essa foi a última performance dele? Aquela noite com você? — pergunta Nell.

É engraçado como a gente nunca sabe. O tio Wallace não subiu no palco pensando que aquela seria a última noite. Quando minha última noite chegou, eu também não sabia, minha última interpretação da Emily, a última vez que nadei no lago.

— Acho que foi, no estado em que estava. Ele foi para casa depois que saiu do hospital, voltou para Chicago.

— Nell está certa — diz Emily. — Fala do Lee para a gente. Pode concluir a parte do tio Wallace depois, mas preciso de um tempo se quiser terminar o jantar.

Joe suspira e une as pontas dos dedos.

— Falar do tio Wallace sangrando no palco vai arruinar o jantar de vocês, mas falar do Lee vai arruinar o meu. — Ele olha para mim, mas dou de ombros. Sou eu quem mais fala por aqui. Se Joe vai ser forçado a se lembrar do Lee, que seja. — Tã. Em primeiro lugar, isso não era problema meu. Tinha levado a peça até a noite de estreia. Essa era a minha obrigação contratual. Lee era problema do Gene.

— O que é que aconteceu com o Gene? — pergunto.

— Programa de televisão para crianças — responde Joe. — Da última vez que tive notícias, ele tinha entrado para *Vila Sésamo*. Gene era um cara talentoso, o que não significava que estivesse pronto para o Lee. Ele foi procurar o Lee assim que a ambulância arrancou. Ainda estavam passando um pano no palco, e o Lee foi embora. Deviam ser onze horas da noite quando o Gene chegou na casa do Lee e começou a bater na porta.

— A única pessoa na companhia que foi embora do teatro foi o substituto — comenta Nell.

— Isso é um mau sinal — diz Maisie.

O pai delas assente.

— Gene não parou de bater. É disso que eu gostava nele. Parecia muito discreto, mas era obstinado. Estava lá fazia talvez quinze minutos, quando uma luz finalmente se acendeu no andar de cima.

— Diz que ele não mandou a mulher descer — falei.

Eu nunca tinha ouvido essa parte da história.

— Ele manda a mulher descer.

As meninas dão um gemido em uníssono.

— Ela abre a porta uns quinze centímetros, diz a Gene que está tarde e que o Lee foi para a cama. Está muito cansado depois da atuação.

— Ele *não estava* atuando! — diz Nell, soltando um gemido.

Percebo que o jantar dela vai ser arruinado também.

— Gene pede a ela, por favor, que acorde o Lee, fala que é importante, que um homem está muito doente. Ela quer saber se ele está morto, e quando Gene diz “Não, senhora...” — ele olha para mim de novo. — Qual era o sobrenome dele?

Não consigo lembrar, eu o bloqueei da mente. Joe assente.

— A senhora diz que se o tio Wallace não está morto, então o Gene deveria telefonar de manhã, depois das dez. Gene diz para ela que o Lee pode abrir a porta só depois das dez, porque ele não vai sair dali.

— Suponho que tem uma... — Emily se detém, procurando a palavra correta — ... uma *dinâmica* em ação aqui.

— Homem negro, mulher branca, casa enorme, meio da noite — diz Joe.

— Sim, tinha uma dinâmica. Na verdade, arriscaria dizer que foi a dinâmica que levou o Gene a seguir a carreira de diretor de marionetes. Mas nessa dinâmica chega o próprio Lee, de óculos, totalmente vestido, perguntando à mulher quem veio ver os dois tão tarde. *Ah, Gene, minha nossa, não sabia que era você*, então eles têm que passar por tudo isso.

Maisie empurra o prato.

— Lee manda a mulher de volta para a cama e sai para a varanda da frente, fechando a porta atrás dele. Gene diz para ele que ele vai ter que atuar como Diretor de Cena depois de amanhã. Lee pergunta se o tio Wallace morreu. Quando o Gene diz que não, o Lee relaxa totalmente. Dá um tapa no ombro do Gene. “Ele vai ficar bem”, diz. “Pode não parecer, mas confia em mim, conheço esse cara há bastante tempo. Ele sempre segue em frente. Se tiver que andar do hospital até aqui, vai andar. Não vai perder uma apresentação.”

Bato com a mão na mesa.

— Ele está perdendo a apresentação!

Digo isso como a pessoa em cima da qual ele sangrou, a pessoa que foi vê-lo no hospital.

Joe assente de novo, um prodígio de comedimento.

— Eles andam em círculos durante um tempo, o Gene explicando e o Lee questionando, até que o Gene, que não quer insinuar nada, finalmente é explícito: a companhia não vai permitir que o Albert Long retorne, e, como o substituto dele, cabe ao Lee fazer o papel na quinta-feira.

Então de repente eu me lembro. Joe me contou essa história eras atrás. Eu me lembro de tudo.

— Essa é a melhor parte!

— Lee só fica olhando para ele, até que diz: “Prefiro não fazer.” Então entra em casa e fecha a porta.

— Bartleby! — grita Nell. — Ele bartlebizou para cima do Gene.

As irmãs dela, ambas mulheres inteligentes, ficam olhando sem expressão.

— Bartleby, o Escrivão — explica Nell. — Herman Melville. Pesquisem.

— Como você se lembra dessas coisas? — pergunta Emily à irmã.

— Acreditem em mim. Não foi intencional da parte dele — continua Joe.

— Então o que aconteceu? — Nell mal consegue ficar na cadeira. — Quem fez o papel?

— Seu pai — digo, sorrindo.

— Você foi o Diretor de Cena?

Emily está incrédula. Todas estão. Acho que Joe seria a escolha óbvia, mas, se tivéssemos feito as três dar palpites, elas não teriam acertado nem se tentassem a noite toda.

— Gene dirigiu até aqui na manhã seguinte. Disse que eu precisava fazer o papel, o que significava dirigir até o Tom Lake e voltar três vezes por semana pelo resto da temporada. Coitado do Gene, quis socar a cara dele, mas ele não teve culpa.

— Por que você? — pergunta Maisie.

— Eu sabia o papel.

— Sabia todo o papel?

Nell está apaixonada pelo pai, o pai real que salvou a peça.

Joe coça a parte de trás da cabeça com ferocidade, do jeito que Hazel teria coçado a própria cabeça com a pata.

— Interpretei o papel na faculdade e depois num festival de verão nos arredores de Chicago.

— Você queria ser ator? — pergunta Emily.

— Quis durante uns dez minutos — responde ele.

— Então espera. — Nell olha para mim. — Você saiu com o George e depois namorou o editor Webb, e aí se casou com o Diretor de Cena.

— Nunca pensei nisso. — Olho para meu marido e sorrio. — Me casei com o Diretor de Cena.

★ ★ ★

O hospital era pequeno e alegre do jeito como os hospitais não são mais: tijolos vermelhos, gerânios vermelhos. Pedi o número do quarto de Albert Long e a mulher no balcão de informações não poderia ter ficado mais feliz em me responder. Encontrei o tio Wallace deitado de costas, dormindo profundamente, usando um capacete de futebol americano azul e amarelo da Universidade de Michigan. Não uma camiseta, um capacete. Um tubo vermelho e grosso saía da boca dele, e o tubo estava preso ao protetor facial. Pensei se teria sido um tumor cerebral que o fizera sangrar. Ou se tinham colocado o conteúdo do crânio em um capacete de futebol por segurança. Fui na ponta dos pés até a beirada da cama para ver se era mesmo ele.

— É perturbador — comentou a mulher na cama ao lado —, mas você se surpreenderia com quanto se acostuma rápido com isso.

De fato, era tão perturbador que eu não conseguira registrar a segunda ocupante do quarto, uma loira vestida com elegância segurando um exemplar aberto da *Architectural Digest*. A cama estava dobrada no ângulo de uma espreguiçadeira colocada ao lado de uma piscina.

— Olá! — cumprimentou ela, em um sussurro audível, e sorriu.

Usava batom. Parecia tão familiar que me perguntei se era atriz. Temos uma habilidade de nos reconhecer.

— Como ele está? — sussurrei de volta, sem ter plena certeza de que queria saber.

O tio Wallace era um homem menor em uma cama de hospital, em um capacete de Wolverine. Com uma aparência velha.

— Não sei. Ninguém neste lugar consegue me dizer muita coisa além de que não está morto.

O bipe constante do monitor cardíaco confirmava isso.

— Por que o capacete?

Ela meneou a cabeça como se quisesse dizer “Ah, isso”.

— Pelo que consegui entender, o tubo que sai da boca dele está conectado a um balão ao lado dele que impede o sangramento do esôfago. Eles têm que prender o tubo vermelho à máscara para manter tudo no lugar.

Assenti, colocando a mão no pulso dele. Não gostava de pensar em tubos e para onde iam. Ninguém gosta.

— Você estava na peça ontem à noite? — perguntou ela.

Assenti outra vez.

— Um dos médicos do hospital estava na plateia. Ele disse que foi um horror. Coitado do Albert. Meu nome é Elyse, aliás. — Ela deu um pequeno aceno. — Segunda esposa.

O tio Wallace era casado? Pela segunda vez?

— Não sabia que ele era casado — falei.

Então ela me reavaliou com um nível totalmente novo de seriedade.

— Vocês dois? Quantos anos você tem, 14?

Ergui as mãos.

— Não, não! Sou a Emily na peça. A gente trabalha junto, só isso.

Então ela fechou a revista e, por um instante, fechou os olhos.

— Perdão. Ele nem sempre faz as melhores escolhas. — Olhou para mim de novo. — O que não quer dizer que você não seria uma escolha encantadora. Só...

— Eu entendo — falei.

Não entendia, mas estava cansada.

— Ele tem uma esposa jovem agora, ou mais jovem que eu, mas de jeito nenhum tão jovem quanto você.

— Ela está vindo?

A segunda e a terceira esposas em um quarto de hospital, aquilo seria um acontecimento. Pelo que eu sabia, a primeira daria uma passada lá também.

— Estão em processo de separação, o Albert e a terceira esposa, e acho que foi por isso que ele me colocou como contato de emergência. Ou talvez o Tom Lake nunca atualize os formulários de admissão. De qualquer forma, me telefonaram, então eu vim.

— Você acha que as outras esposas sabem o que aconteceu?

Elyse deu de ombros, como se quisesse dizer que não era problema dela, o que, suponho, não era mesmo.

— Meu plano é tirar o Albert daqui assim que puder, levar de volta para Chicago e colocar ele num hospital decente. Não quero usar o estereótipo de Cidade do Interior, mas acho que vamos precisar de algo mais avançado do que um capacete de futebol americano.

— Muito bacana da sua parte.

Tudo que sabia sobre divórcio era o que tinha visto em filmes ou lido em romances. Não conseguia me lembrar de nenhum caso em que a segunda esposa aparece para tirar o ex-marido do hospital e levá-lo para casa.

Elyse virou de lado para observar a respiração difícil dele.

— Temos filhos. Estão com 20 e poucos anos, mas ainda são crianças, sabe? Amam o pai. Cresceram assistindo ao tio Wallace. Acham que ele é um pai fantástico porque interpretou um na televisão.

Por que eu tinha que saber daquilo? Por que tinha que saber algo? Porque tínhamos passado seis semanas tão próximos um do outro, dizendo exatamente as mesmas palavras dia após dia? Sabia quanto aquilo me fazia parecer ingênua,

ficar chocada com tudo. O tio Wallace não tinha filhos. Tinha os órfãos da irmã, e o Diretor de Cena, bom, o Diretor de Cena não tinha ninguém porque ele era essencialmente Deus. Perguntei a ela se podia fazer algo para ajudar.

— Talvez você pudesse arrumar as coisas dele no quarto. Isso seria útil.

— Claro, posso fazer isso.

Ela esticou as pernas e bocejou. Devia ter ido para lá de carro no meio da noite.

— Vou dizer que você veio quando ele acordar. Vou dizer que uma menina meiga da peça veio visitar ele. Qual é o seu nome mesmo?

Falei que era Emily.

★ ★ ★

— Quando ele morreu? — pergunta Emily.

Há tanta ternura na voz dela. Se tivéssemos contado essa história antes, Emily poderia ter crescido convicta de que o tio Wallace era o pai dela, mas isso, na verdade, poderia ter sido pior.

Olho para Joe.

— No outono? Talvez no inverno? Não consigo lembrar.

Maisie pega o celular e digita o nome dele.

— Em 28 de julho de 1988. — Lê os nomes das três esposas, dos dois filhos, os papéis principais que ele interpretou. — O ator será lembrado como o amado tio Wallace. A segunda mulher era Elyse Adler. Ela interpretou a namorada dele durante duas temporadas do programa.

Olho a pequena foto dela no celular.

— Ah, meu Deus.

Nell e Emily se inclinam para ver o rosto bonito dela.

— Então ele morreu só algumas semanas depois que fui ao hospital. — Tanta coisa acontecera naquele verão que na confusão acabei me esquecendo dele. — Quantos anos ele tinha?

Maisie leva um momento para rolar a tela, parando para admirar as outras duas esposas.

— Nasceu no dia 20 de janeiro de 1931, morreu em 28 de julho de 1988. Cinquenta e seis.

— O quê?

Ela ergue a tela para me mostrar. Ali está. Nenhuma foto dos filhos, só aqueles atores que interpretavam os pequenos órfãos nos braços dele.

— Ele tinha a minha idade — digo.

Emily balança a cabeça.

— Você tem 57.

Tenho 57. Tenho 24. Depois do jantar, as meninas saem com Hazel, alguns cobertores e um fardinho de cerveja. O plano delas é se sentar num campo longe dos amigos e assistir a *O homem prometido* assim que o último vaga-lume tremeluzindo na grama alta apagar as luzes. O filme é motivo de felicidade, não porque seja alegre — na verdade, eu me lembro dele como esmagadoramente triste —, mas porque as atividades não relacionadas ao trabalho são poucas e espaçadas nos últimos tempos. Benny vai encontrá-las lá. Nesta noite sem vento, os Ott amarraram um lençol enorme entre duas árvores e o esticaram. Eles têm um projetor de vídeo. Telefonam para perguntar se Joe e eu gostaríamos de ir, mas declino. Não fazem ideia de que estamos vivendo nossa própria versão do festival de cinema Peter Duke por aqui.

— Aquele?

Joe empilha as louças na pia assim que as meninas saem.

— Não gosto nem de pensar nele.

Abro a porta dos fundos e sacudo os jogos americanos, limpo a mesa com um pano.

— Mas é uma obra muito bonita. Com certeza a melhor do Duke.

As mangas do meu marido estão arregaçadas, e a água quente deixa os óculos dele embaçados. É tão fácil esquecer do que Joe é capaz, é tão fácil lembrar.

— Você se arrepende às vezes?

Ele ri.

— Poderíamos estar morando em Los Angeles agora.

— Você poderia estar na terceira esposa.

— Vem secar a louça.

Ele estende um pano na minha direção

Não é como se eu não entendesse. É exatamente o que as meninas vinham me dizendo: “Você se arrepende?”, “Você não queria?”. Mas Joe era melhor

do que eu. Às vezes me pergunto o que ele faria se tivesse ficado.

— Você era tão bom.

Ele balança a cabeça.

— Você *é* tão bom — corrige ele. — É isso que você deveria dizer.

— Era e é, as duas coisas são verdadeiras.

— Você está passando tempo demais no passado.

Ele me passa uma caçarola Pyrex pingando.

— Então me diz como sair dele.

Ele balança a cabeça de novo.

— O único jeito é atravessando.

— Você era um Diretor de Cena muito bom.

— Não era nenhum tio Wallace.

— Você era diferente, só isso. Tinha seu jeito. — É verdade que ninguém mais seria o Diretor de Cena para mim, o tio Wallace havia levado o papel com ele, mas Joe tinha um otimismo e uma saúde radiantes que nenhuma sombra acinzentada sob os olhos podia diminuir. Ninguém pensa no Diretor de Cena como um homem jovem, mas por que não poderia ser? Deus pode ser qualquer coisa. — Você era robusto.

— E você...

Ele se vira e olha para mim, um prato molhado nas mãos.

Começo a afastar os copos. Espero que termine o raciocínio, mas não surge nada.

— O que eu era?

— Você era a Emily. Podia ver você atuando eternamente e nunca ia entender como fazia aquilo. Acreditava em você o tempo inteiro em que estava no palco. Todo mundo acreditava.

Fico na ponta dos pés para beijá-lo e ele se inclina.

— Fizemos aquela peça juntos. É realmente um milagre quando você para e pensa.

— Aquelas viagens de ida e volta três vezes por semana. — Joe toma o pano de mim e seca as mãos. — Queria matar o tio Wallace por beber e queria matar o Lee por ser quem ele era.

— Então por que você fez isso? — pergunto. — Quer dizer, sei que o Gene confiava em você e que todos estavam ferrados, mas estávamos numa cidade de veraneio repleta de atores. Você não pode me dizer que ninguém no Tom Lake tinha interpretado o Diretor de Cena antes. Alguém podia ter dado um jeito. Você podia ter feito uma apresentação e daí ter obrigado o Gene a interpretar o papel.

— Esse era o plano.

— Qual era o plano?

— Disse para o Gene que faria só uma vez, duas no máximo. Disse que daria um tempo para ele encontrar alguém para o papel e depois cairia fora.

Toda a ajuda de que Ken e Maisie precisavam — os livros contábeis, as árvores, os impostos, a casa, cada parte daquilo — requeria a atenção dele.

Compreendo isso agora como nunca poderia ter compreendido no verão em que os conheci. Joe era um bote salva-vidas para resgatá-los. Não tinha cinco minutos para perder, muito menos três apresentações por semana.

— Então por que mudou de ideia?

Meu marido fica ali parado. Quantas performances houve entre o momento em que o tio Wallace caiu fora e o que eu caí fora? Quanto tempo Joe e eu estivemos juntos na peça, no fim das contas? Uma semana? Não chegou a duas.

— Por mim?

— Gostava de estar no palco com você.

— Você gostava de estar no palco comigo, mas não estava apaixonado por mim?

Ele fecha os olhos, sorrindo.

— Eu era jovem. Não lembro o que eu sentia.

— Você estava apaixonado por mim!

Ele dá de ombros.

— Talvez — diz Joe.

★ ★ ★

Descobri que o quarto do tio Wallace era um pequeno chalé atrás do alojamento da companhia onde a gente morava, um bangalô de contos de fadas feito para abrigar estrelas icônicas da televisão. Nunca o tinha visto antes, mas, bom, meu quarto dava para o lago. Se Duke estava dormindo comigo para conseguir acomodações mais refinadas, teria feito melhor em dormir com o tio Wallace. O chalé tinha uma lareira na sala com um sofá confortável de chita e uma televisão. Quem diria que essas desigualdades existiam no mundo? Uma pintura de um galgo de perfil estava pendurada acima da lareira. Havia uma banheira, uma cozinha minúscula e um pequeno terraço de pedra cercado de papoulas-vermelhas. Duke não tinha o menor interesse em ir ao hospital, mas não podia esperar para entrar no chalé.

A porta estava destrancada porque tudo no Tom Lake ficava destrancado. O lugar estava tão arrumado que meu primeiro pensamento foi de que a chefia já devia ter mandado alguém para cuidar das coisas. Depois de alguns minutos, porém, comecei a identificar o que era do tio Wallace: um exemplar de *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes* na mesa de cabeceira, um relógio de pulso ao lado. Ele carregava um relógio de bolso na peça. O *nécessaire* de couro preto estava na pia do banheiro. Duke vasculhou o conteúdo com um dedo e encontrou dois frascos interessantes.

— Põe de volta. Ele pode precisar deles — falei.

— Eu posso precisar deles. — Duke caiu de costas na cama, com os braços bem esticados, um frasco laranja de medicamentos em cada mão. — O tio Wallace está na terra dos remédios ilimitados agora.

Abri a gaveta da cômoda e encontrei as cuecas e as meias.

— Vem aqui.

Duke sacudia os frascos como se fossem maracas.

Fui em direção à cama, então me apoiei nas mãos e nos joelhos para olhar embaixo dela, onde encontrei duas malas vazias.

— Desde quando você não é nem um pouco divertida? — perguntou ele, erguendo a linda cabeça.

Por alguma razão, eu achava a situação séria. Será que eu tinha sido pelo menos um pouco divertida desde que o tio Wallace havia vomitado um balde de sangue no meu colo? Não, espera, desde antes disso? Desde que me dei conta de que não tinha talento para interpretar a Mae, mas que iria interpretá-la mesmo assim? Desde que percebi que logo estaria velha demais para interpretar a Emily, o único papel em que era boa?

— Minha nossa, você está chorando?

Duke largou os frascos de remédios e se sentou para pegar minha mão. Balancei a cabeça. Ele me pôs no colo e me beijou.

— Certo, grilo — disse ele. — Tenho um plano: primeiro vamos fumar um cigarro. Ah! Não me olha assim. Ele nunca vai voltar, então não vai ficar sabendo, sem contar que o próprio tio Wallace fumava uns e outros. Me escuta. Vamos fumar um cigarro e então vamos arrumar tudo nas malas. A julgar pelo estado do lugar, isso vai levar quatro minutos. Assim que a gente tiver guardado tudo, vamos colocar essa cama em uso de um jeito como nunca foi usada antes. Certo? — Ele me deu um apertão, seguido de um beijo mais intenso, e me colocou nos joelhos dele. — Não. Demora. Muito.

Duke acendeu dois cigarros e me deu um e, quando terminamos, ele se levantou de acordo com o plano. Abriu a primeira mala e pôs o livro e o relógio de cabeceira, ainda que, pelo que eu sabia, o relógio pertencesse ao Tom Lake. Ele enrolou o relógio num lenço Kleenex e o aconchegou no bolso lateral do *nécessaire* tão bem que achei que era uma compensação por ter tomado os remédios. Abri o armário e tirei os dois ternos, as camisas sociais, as calças casuais. Encontrei uma pilha bem organizada de notas de vinte na mesa de cabeceira e as coloquei no bolso do terno. Encontrei o pijama. Juro que era o mesmo pijama que ele usava na televisão, ou pelo menos do mesmo estilo, azul com listras brancas. Estava com esse pijama quando os órfãos levaram o café da manhã na cama para ele no Dia dos Pais. Estava com ele quando a garotinha o acordou no meio da noite, chorando por causa de um sonho com a mãe morta.

— Vem — disse Duke erguendo as cobertas, chegando para o lado e abrindo um espaço na cama para a garota.

Continuei com as gavetas da cômoda e Duke foi para a cozinha. Eu não teria pensado em conferir a cozinha. Então o ouvi assoviando, um assovio baixo e longo.

— Que foi?

O congelador estava repleto de vodca, soldados russos orgulhosos posicionados ombro a ombro ao lado da máquina de gelo. Fui até lá e parei ao lado dele para olhar. O ar frio era lindo.

— É aí que mora o problema — falei.

Duke espiou ali dentro.

— Sempre achei que ele fosse chegado a gim.

— Acho que é. Acho que é por isso que a vodca ainda está aqui.

Duke pegou uma garrafa aberta e tirou a tampa para beber. Fechou os olhos e estremeceu.

— Ao tio Wallace. *Za liubóv*. Ao amor — disse ele, e ergueu a garrafa congelada como um brinde ao tio Wallace, e então a estendeu para mim.

O dia estava quente, e toquei minha testa antes de levar a garrafa aos lábios.

Este seria um momento tão bom quanto qualquer outro para falar do álcool.

A relação de Duke com a bebida não era diferente da de ninguém no Tom Lake naquele verão. Beber era o que fazíamos para passar o tempo quando não estávamos no palco, e, embora ele fosse o primeiro a dizer que bebia mais do que a maioria (embora menos do que o tio Wallace), não corria o perigo iminente de romper nada no esôfago.

Só que *Fool for Love* desequilibrou a balança. *Fool for Love* podia facilmente se chamar *Fool for Tequila*, a garrafa sendo o adereço principal em grande parte da ação. A garrafa é do Eddie, e começa a peça cheia e termina vazia. O Eddie bebe muito; a Mae, que está sóbria, bebe uma boa parte; e os outros dois personagens, o Velhote e o Martin, bebem ambos um pouco. Duke acreditava que se as orientações de palco diziam que o personagem estava bebendo tequila, então era responsabilidade dele como ator beber tequila.

Eu era péssima bebendo.

— É porque você não pratica — disse Duke. — Olha como você já fuma melhor!

Todo mundo fumava nos ensaios. Dez da manhã, e eu já estava na metade do terceiro cigarro.

— O Eddie tem um problema — falou Duke para Cody no ensaio. — A Mae tem um problema. O Velhote tem um problema, mas também tem a própria garrafa.

O Velhote bebia uísque, embora tomasse uma dose de tequila em dado momento.

— E quanto a mim? — perguntou o cara que interpretava o Martin. — Tenho um problema?

O cara que interpretava o Martin era um Chippewa de Sault Sainte Marie chamado Homer. Estava tendo uma crise de riso.

— Você tem que encontrar a própria narrativa.

Duke estendeu a garrafa que comprara para o ensaio.

Cody estava perplexo. Seguia as orientações de palco de Sam Shepard como o Credo Niceno. Ficou ouvindo a maluquice de Duke sem entender direito como um grupo de atores era capaz de funcionar com tanta birita.

— Quer fazer isso nos ensaios também? — perguntou ele.

— Ensaiar significa se preparar para o papel — respondeu Duke. — Ninguém bebe a primeira garrafa de tequila em uma noite de estreia com

esperança de sobreviver. É o que venho dizendo para a Mae aqui. Você tem que se acostumar.

Queria que aquilo funcionasse. Teria feito qualquer coisa para ser boa no papel, para ser tão boa quanto Duke. Queria até mesmo agradar a Cody, a quem eu não suportava. Só não queria acordar e ir beber tequila.

Cody, mordiscando a ponta do lápis, estava intrigado.

— É verossimilhança.

— Não é verossimilhança. — Eu olhei para Duke como quem esperava que ele agisse de modo adulto, como Joe tinha sido o adulto. — Verossimilhança é alguma coisa *parecer* real. Verossimilhança significa pôr água da torneira numa garrafa de tequila vazia. — O problema de ser a única mulher numa peça em que os outros três personagens eram homens, o dramaturgo era homem e o diretor era homem, era que não importava o que eu dissesse, soava petulante, feminina. — É uma garrafa. Não é uma garrafa para o Eddie e outra para a Mae. Se você está bebendo até cair, então está relegando o restante de nós ao mesmo destino.

Homer deu de ombros e o Velhote, que era interpretado com grande autoridade por um ex-viciado chamado Sal, disse que estava dentro. O cenógrafo tinha que trazer uma garrafa de uísque para ele, de preferência Jim Beam.

— Acho que a gente não morre se tentar — disse Cody.

Àquela altura, ainda no início dos ensaios, Cody já me odiava.

Duke deu um tapa na mesa.

— Agora sim!

Olhei para Pallas, que estava sentada no canto rabiscando o roteiro.

— Me ajuda — falei, bem baixinho, quando ela ergueu os olhos.

Ela balançou a cabeça e sussurrou:

— Você perdeu.

A introdução de José Cuervo nos ensaios matinais me deixou ainda pior do que já era no papel, se algo do tipo fosse possível. Em vez de virá-lo e batê-lo, brincava com o copo e apertava os lábios. Por mais que tentasse relaxar, nunca deixei de parecer alguém que estava fingindo, porque estava fingindo. Pensava na performance noturna de *Nossa cidade*. Ninguém queria ver uma Emily bêbada.

Os homens, contudo, eram outra história. As três performances melhoraram radicalmente com o álcool. Eles floresceram. Estavam iluminados. Os três se enfureciam quando a fúria era exigida, e então recuavam para os silêncios melancólicos. Duke, que fora bom no papel o tempo inteiro, havia se tornado estrondoso. Estava mais alto, mais solto, mais forte. Estava perigosamente real. Ele laçou as colunas da cama, uma de cada vez. Ele me jogou no chão e me cobriu com o corpo. Dava para sentir a ereção pressionando minha perna através da calça jeans. Eu estava com a cabeça em outro lugar.

— *Tenta* beber — ordenou ele quando gritei de frustração.

Então tentei. Bebi uma fração do que os homens bebiam, e mesmo assim

vacilei e esqueci as falas. O Cuervo não tinha aqueles vermezinhas tristes enrolados no fundo da garrafa, mas eu pensava neles sempre que inclinava a garrafa para trás, a bile subindo pela garganta.

Ganhei uma única batalha naquela guerra, e pode muito bem ter sido a batalha que salvou todos nós. As orientações diziam uma garrafa de tequila, mas não diziam o tamanho. Duke jurava que era quase um litro. Eu disse meio litro.

— Meio litro? — perguntou Duke.

— Ou talvez trezentos mililitros — sugeri. — Arranja uma garrafa que dê para segurar.

Cody tomou meu partido para variar.

— Acho que meio litro faz sentido.

Duke começou uma pequena discussão e depois deixou passar. Um litro era difícil de controlar, mesmo que ele não admitisse. Eu não estava bebendo minha parte, então sobrava para ele dar conta do recado. Gostando ou não, a garrafa tinha que ficar vazia até o fim da apresentação.

Duke gostava de dizer que beber é como um músculo, e você tem que exercitar esse músculo. Ele tinha inúmeras teorias a respeito de como evitar as consequências de uma bebedeira, ainda que grande parte se resumisse a galões de água e três aspirinas profiláticas, que insistia em mastigar a fim de obter melhores resultados. Depois dos ensaios incandescentes, dava um longo mergulho e se recompunha para a performance noturna de *Nossa cidade*. Eu sempre ia com ele ao lago para ter certeza de que não iria se afogar, sem ter ideia do que faria caso isso acontecesse. Naquela época, meu biquíni nunca ficava totalmente seco. Sempre que o colocava, ainda estava úmido do mergulho anterior.

Não fazia a menor ideia de como Duke conseguia beber tanto e ser tão bom. Estava desesperada para ser boa, mas aquilo só me fez parecer desesperada.

★ ★ ★

Depois que terminamos de limpar a cozinha, Joe diz que vai dar uma olhada nas cabras e cuidar de mais algumas coisinhas no celeiro. Fala que vai ser só um minutinho e digo que tudo bem. Que, por favor, dê boa noite às cabras por mim. Depois de um período considerável de tempo, pego uma lanterna do cesto ao lado da porta e me dirijo para os Ott.

As folhas das cerejeiras estão prateadas à luz do luar, à luz da lanterna, os galhos curvados sob o peso das cerejas. Eles me lembram vacas desesperadas para ser ordenhadas. Tomo o caminho mais silencioso, não pela estrada, mas o que passa pelo pomar, sentindo que estou fazendo algo que não devia. Mas o quê? Indo ver um filme? Joe não se importaria. Joe teria vindo comigo se eu tivesse convidado, e as meninas abririam espaço alegremente para mim no cobertor. Mas quero ter um pensamento, uma iniciativa, uma lembrança que

não passe por ninguém. Quero ver um pouquinho do filme sozinha.

No sopé da colina, passo pelas pereiras, aquelas peras difíceis e que ninguém consegue amar. Os Ott têm cinco filhos, e, quando eram pequenas, cada uma das minhas meninas regulava com algum Ott, com quem brincava — festas do pijama aqui e lá, fogueiras e deveres de casa, tudo afetado pelas pereiras nodosas, no fim das contas. Uma a uma, nossas meninas se tornaram evasivas em relação aos Ott. Elas os amavam no verão, mas, à medida que os dias ficavam mais curtos e mais frios, começaram a cancelar os planos no último minuto e, no inverno, não queriam mais ver os Ott fora da escola. Eu podia ter suspeitado que algo estava errado na casa dos nossos vizinhos, não fosse o fato de que o desencanto da estação era uma via de mão dupla: as crianças Nelson não visitavam as crianças Ott e as crianças Ott não vinham ver as crianças Nelson quando o tempo esfriava. Um dia, busquei duas meninas dos Ott na escola e as trouxe para casa com a gente. Não lembro o motivo, mas não era uma situação incomum: nós buscávamos os filhos dos outros e eles buscavam as nossas. Talvez Patsy Ott fosse levar o menino mais velho para apertar o aparelho ortodôntico ou talvez duas das nossas filhas tivessem formado uma dupla num projeto de ciências, mas o fato é que quando chegou a hora de ir para casa as meninas dos Ott choraram. Não paravam de chorar.

— Que foi? — perguntei a elas. — Eu ando com vocês até lá.

Não iriam andar até lá e não iriam ser consoladas. Por fim, Maisie, que talvez tivesse 9 anos, me fez um sinal para segui-la até o banheiro. Fechou a porta em silêncio e se sentou na tampa do vaso sanitário, puxando os joelhos para diminuir de tamanho.

— Leva elas de carro — sussurrou ela.

— Levar elas de carro até a casa ao lado?

Ela olhou para mim, os olhos verdes enormes. Maisie estava quase chorando.

— Por quê? O que é que tem lá?

Algum tipo de pacto de silêncio estava envolvido em tudo isso. Nunca entendi bem essa parte. A coisa perigosa era infinitamente mais perigosa se você dissesse o nome dela. Mas Maisie estava enfrentando aquilo, e queria salvar as amigas.

— As pereiras — disse ela.

— O que tem as pereiras?

Ela fechou os olhos, balançando a cabeça em desespero.

— Não podemos passar por elas e não tem outro jeito de chegar lá.

Era verdade, as meninas não tinham autorização para andar pela estrada.

No verão, não havia problema com as pereiras. No verão, tudo que é hediondo em uma pereira está oculto por folhas e peras. Mas assim que esses disfarces caíam por terra não restava nada além de um hectare de psicopatas homicidas fortalecidas pela escuridão. Cruzar o desguarnecido pomar de pereiras à noite era desafiar a morte. Os galhos se projetavam como facas escuras: sequestradores de crianças, assassinos de crianças. Descobrimos que não eram só as crianças Nelson e as crianças Ott que acreditavam nisso das pereiras.

Quase todos que cresciam num pomar no condado de Grand Traverse tinham problemas com elas em algum momento, e então esqueciam, ou pior, lembravam e achavam graça. Reuni todas as crianças, as deles e as nossas, e expliquei que iríamos à sorveteria tomar uma casquinha. Dali a uma semana a sorveteria fecharia por causa do inverno, então precisávamos mandar para dentro todo creme gelado que conseguíssemos, mesmo que isso significasse estragar o apetite para o jantar. Quando estávamos todas grudentas e de barriga cheia, levei as crianças Ott para casa de carro de modo a preservar a dignidade delas.

— São as pereiras — sussurrei para a mãe delas quando as deixei lá.

Dava para ver a lembrança passando pelo rosto de Patsy Ott, *as pereiras*.

Naquela noite, Maisie anunciou seus planos de dormir na minha cama, entre mim e Joe, porque com certeza as árvores marchariam colina acima e quebrariam o vidro da janela dela com os galhos horríveis para levá-la embora. Assim que as luzes se apagaram, porém, ela se ergueu.

— Vão pegar a Nell! — gritou.

Joe, que tinha chegado atrasado para a história, a abraçou.

— Não vão pegar a Nell. Não se estão atrás de você — disse ele.

— Papai, são *árvores* — explicou ela, assustada. — Elas não sabem a diferença.

Então Joe se levantou e trouxe a irmã dela, que dormia profundamente. Abrimos espaço para nossas duas meninas mais novas na cama. Não pensamos em Emily, porque Emily tinha o próprio quarto e com certeza as pereiras não eram nem loucas de mexer com ela. Tudo isso retorna enquanto cruzo o pomar nesta noite, nós quatro na cama, como pegamos depressa no sono.

Quando alcanço o topo da colina, é Duke quem vejo, seu rosto enorme assomando como uma lua a distância. Do outro lado do campo dos Ott, os agricultores, suas famílias e os colhedores estão sentados longe uns dos outros, uma família num cobertor, talvez duas dúzias de cobertores espalhados por ali, com a luz de Duke se derramando sobre elas. Estou muito longe para ouvir o que ele diz, mas consigo distinguir a cadência triste na voz, que se mistura à trilha sonora, que se molda ao serrar noturno dos grilos. Ele é um astro de cinema, um ator. É incalculavelmente mais do que a pessoa que conheci, e é também essa pessoa.

Não me lembro exatamente de que parte do filme é aquela. Ele está encarando uma paisagem árida. Diz algo para a mulher ao lado sem se virar para ela. O cabelo comprido da atriz está voando e entra nos olhos dele. Assisti a *O homem prometido* há dez anos, quando estreou, e nunca mais quis rever. Não me lembro do nome do personagem, mas tudo que alguém precisa saber sobre o problema no qual está metido está ali na cara dele. Ele ama a esposa e as duas filhas lindas, disso tenho certeza. A família não sabe que ele perdeu o emprego. Não sabe quanto anda bebendo. Ele comete erros e depois rouba para encobri-los. A ação do filme se passa no breve espaço de tempo entre o momento em que as pessoas para quem Duke está trabalhando descobrem o que ele fez e o

momento em que a família também fica sabendo. O personagem está tentando dar aos entes queridos alguns dias perfeitos antes que tudo vá pelos ares, ou está tentando manter a negação o máximo possível. Mesmo tão longe, não suporto ver quanto ele está com medo. Essa sempre foi a magia de Duke: mesmo com toda a beleza e todo o charme, ele sempre consegue deixar o público ver quanto o personagem é pequeno e quanto está aterrorizado e profundamente apaixonado.

Nunca tínhamos tempo de ir ao cinema quando as meninas eram pequenas, ou não tínhamos tempo de assistir ao tipo de filme que exigia uma babá. O conceito de noite romântica ainda não havia chegado ao norte de Michigan, então os poucos filmes que vimos no cinema giravam em torno de cães cantores de desenho animado. Na época em que Emily estava no auge dos equívocos febris sobre a própria paternidade, insistiu em ver o novo filme de Duke e, como a classificação era para maiores de 16 anos, dissemos não. Todas as manhãs ela deixava uma resenha na mesa da cozinha, que imprimira e marcara para que eu soubesse que não era só o *melhor* filme de Duke, mas também um filme culturalmente importante. Ele já havia superado fazia muito tempo as passagens por seriados policiais e filmes para a família. Era um ator sério, e esse filme era um divisor de águas na carreira de Duke.

Falei para Emily que ela não ia.

— Como você pode me dizer para não ver um filme que você nem sabe sobre o que é?

— É por isso que existe um sistema de classificação, porque os pais não têm tempo para assistir a cada filme antes dos filhos.

— Não estou pedindo que você veja *cada* filme. Estou pedindo que veja um.

Volta e volta. Antes, eu me perguntava se era assim que os pais se sentiam tentando proteger as filhas contra Elvis. Duke estava em toda parte: a foto dele no jornal, a voz no rádio, as reprises na televisão, os filmes no cesto de filmes. Não sei por que tentei lutar contra a presença dele. Talvez devesse ter levado Emily ao cinema e comprado dois ingressos, porque não tinha ideia se queria evitar que ela visse um filme com classificação de 16 anos, se queria evitar que assistisse a outro filme de Duke ou se só queria impedir que ganhasse algo que desejava porque ela me torturava cada minuto do dia.

— Só vamos lá verificar se tudo bem ela assistir — sugeriu Joe, por fim, quando nós dois estávamos na cama. — Ir ver um filme não vai matar a gente.

— Esse filme?

Joe me aconchegou nos braços.

— Vimos *O pai Robinson* setecentas vezes e isso não nos matou. Pelo menos dizem que esse é bom.

Então dirigimos até Suttons Bay para uma matinê ao meio-dia de uma terça-feira, quando as meninas estavam na escola. Você pode fazer coisas assim quando é o dono da fazenda, e, de todo modo, era inverno. Achávamos que o maior risco era a possibilidade de trinta centímetros de neve despencarem enquanto estávamos lá dentro e enterrarem o carro. Nunca pensamos que o

filme iria nos destruir. Comecei a chorar no meio e continuei chorando até o fim. Joe me estendeu o lenço no escuro, mas depois o pegou de volta. Ficamos ali durante os créditos e a música de encerramento, tentando nos recompor antes de voltar para o sol ofuscante de inverno.

— Não esperava por isso — comentou Joe, usando uma pilha de guardanapos de papel fininhos que havia pegado no quiosque.

Ele deu metade para mim e sequei os olhos.

— Isso foi triste porque conhecíamos ele ou qualquer pessoa ficaria assim destruída?

— As duas coisas — disse ele.

O que eu sentira, parada do lado de fora do Cinema Bay, com o vento chicoteando o lago, era que tinha visto o fim de Duke, a vergonha e o fracasso dele, a desistência.

Mas óbvio que não foi isso, nem de longe. Era um filme, uma atuação incrivelmente convincente num filme. Duke não estava nem perto do fim. Era um ator no auge, e o fato de que podia me levar a acreditar nele sendo que eu não era nenhuma ingênua só provava quanto ele era bom. Foi esse o papel pelo qual ganhou o Oscar. Viola Davis abriu o envelope e disse o nome dele. Duke subiu a escada de dois em dois degraus e a abraçou, sussurrando algo no ouvido dela que a fez rir, e então se voltou para a plateia, segurando a estátua dourada sobre a cabeça.

— Sebastian! — gritou ele.

Eu me lembro disso agora.

Nunca contamos a Emily que vimos o filme. Mantivemos a resposta: era um filme com classificação de 16 anos e ela não podia ver. Então, quando conseguiu convencer os Holzapfel a levá-la e a Benny, dizendo que tinha nossa permissão, também não nos contou, pelo menos não por um bom tempo. Todos nós carregamos sozinhos a dor devastadora daquela atuação.

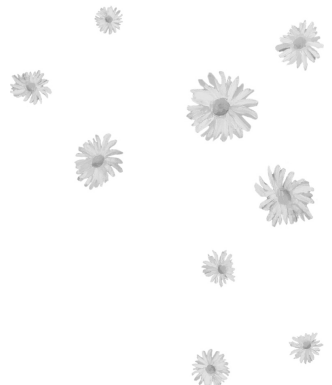
Eram tempos difíceis em Michigan, como em todo lugar. Os Ott haviam tido a maravilhosa ideia de organizar uma atividade em que as pessoas pudessem fazer algo juntas além de colher cerejas, mas em vez daquele filme podiam ter passado *O rei da pipoca*. Entendo que *O homem prometido* seja um filme melhor, mas *Taxi Driver* também é, *O franco-atirador*. Isso não significa que a gente queira assistir.

A mulher projetada no lençol vendeu *crack* para Duke. Ele perdeu o emprego, mas ainda tem a família. Ele é alcoólatra, mas ainda tem a família que o ama. E a família ficaria feliz em entrar no poço mais fundo e usar toda a força a fim de puxá-lo para cima. Mas ele não recorre à família. Vai até essa mulher. E, quando volta ao carro, percebemos que as coisas estão bem piores do que imaginávamos. Ele está com um cachimbo e o acende. Quando a chama se apaga, assistimos ao momento em que a droga faz efeito. A cor desaparece do rosto dele, o nariz e os olhos derretem, e então a expressão de alívio o invade, uma gratidão violenta, como se ele não tivesse certeza de que daquela vez isso aconteceria, mas aconteceu.

Quero que alguém me diga como aquilo é atuar. Quero que alguém me diga quantas pessoas havia no set e quantas pessoas compreendiam o que estava acontecendo. Tiveram que esperar o fim da tarde, quando a luz está perfeita, porque só podia haver uma tomada. Ele não podia repetir a cena. Eu me pergunto se Sebastian estava lá, mas não é possível que estivesse. Sebastian nunca teria deixado isso acontecer.

Tantos anos depois, sinto que fui eu quem deixou isso acontecer. Não me recusei a beber mesmo sabendo o que a bebida fazia com ele. Não derramei a tequila e a substituí por água. Não conduzi o tio Wallace para fora do palco. Isso não é nada além de autoexaltação boba, eu sei. Ainda assim, me arrependo de não ter tentado.

O ar noturno é doce e o calor do dia emana da grama. Quando não suporto mais olhar para o rosto de Duke, olho para o campo escuro, tentando encontrar quatro pessoas e uma cachorra pequena, mas não consigo encontrar quatro pessoas e uma cachorra pequena, porque são cinco. Joe está lá. Pela primeira vez, pôs as cabras para dormir e saiu do celeiro como planejado. Emily, Maisie, Nell, Benny e Joe, todos juntos, com Hazel vagando para farejar o piquenique das outras pessoas. Fico muito tempo na colina, olhando para eles em vez de olhar para a projeção do filme. Penso em descer para me juntar aos cinco, mas me lembro de como o filme termina e não quero ver aquilo. Não quero voltar para casa passando pelas pereiras quando tudo acabar, cada um de nós dissecando os méritos da atuação de Duke. Quero estar dormindo quando voltarem. Quero que todos mantenham a voz baixa, com medo de me acordar.



15

Não há ninguém por perto quando me levanto de manhã. Quando foi que isso aconteceu? Preparo vários sanduíches e os levo até o celeiro, e então me dirijo ao pomar, onde encontro as meninas já trabalhando. O trabalho é quase onipresente aqui.

— Bom dia — dizem elas, sem deixar de olhar para as próprias mãos.

Falamos de quantas fileiras pretendemos colher hoje. Falamos do clima. Emily diz que alguns vizinhos postaram que vão vender peixe à tarde e decidimos que peixe é a resposta de hoje à eterna questão do jantar. Ninguém fala nada do filme. Meu palpite é que não conseguem entender o que viram, ou talvez aquilo as tenha deixado muito tristes. Maisie voltou à casa dos Ott hoje de manhã porque a família acha que Happy, a velha cachorra caramelo da raça labrador, teve um derrame. Ela está andando em círculos, diz Maisie, com a cabeça inclinada e um olho fechado. Está vomitando, caindo.

— Ah, a Happy, não! — exclama Emily. — Ela ficou lá no cobertor com a gente ontem à noite.

— Não é um derrame — diz Maisie. — Pelo menos eu acho que não. Tenho quase certeza de que ela está com doença vestibular do cão idoso.

— Happy está tonta? — pergunto.

Maisie assente.

— Telefonei para o veterinário e vão prescrever uma receita. Ela deve ficar bem, a menos que eu esteja errada, aí provavelmente seria um tumor no cérebro.

— Você salvou a vida da Happy! — diz Nell.

As meninas conhecem Happy desde que era uma filhotinha. Nenhuma delas está interessada na possibilidade de um tumor no cérebro.

Joe chega no Gator para coletar a primeira rodada de tonéis. Ele solta um assovio diante da nossa produtividade.

— Não ficamos conversando tanto hoje de manhã — diz Nell.

— Ora, isso é novidade — devolve Joe. — Pensei que vocês estariam comentando sobre cada segundo do filme.

As três meninas olham para o pai, consternadas, e imagino que devem ter ficado acordadas metade da noite fazendo exatamente aquilo.

— Não posso culpar vocês — comenta ele, respondendo a algo que elas não confirmaram. — Eu mesmo me arrependi de ver de novo. — Ele olha para mim. — Foi tão triste assim da primeira vez?

— Foi — digo, e então me pergunto se ele sabia que eu estava lá.

Ajudo-o a colocar os tonéis na traseira do Gator, grata por usar nosso corpo de outro modo por um minuto, e então ele acena e se vai.

— O papai era um bom Diretor de Cena? — pergunta Nell, observando o Gator subir a colina.

— Excelente — digo.

Maisie encosta a escada e sobe para limpar a copa da árvore.

— Ele não é o que se chamaria de teatral. Para alguém que trabalhava no teatro — comenta ela.

— É o que fazia ele ser tão bom. Seu pai era um alívio. Nunca tentou atrair a atenção para si. Atuava como dirigia: estava lá para organizar as cenas e nos levar de um lugar para outro. Mas era muito estável, muito... — Faço uma pausa. — Qual é a palavra que quero?

— Confiável — sugere Nell.

Nunca uma palavra fora tão certa.

— Confiável.

— Mas deve ter sido estranho, estar no palco com o tio Wallace uma noite e com o papai duas noites depois. Eles deviam ser tão diferentes.

Estamos chegando ao fim da minha breve carreira de atriz, e ainda estou tentando me lembrar de como era atuar.

— Eram tão diferentes quanto giz e queijo, mas eram ambos certos para o papel. Eu ficava muito perto deles. É disso que me lembro. A plateia está muito distante, mas as pessoas com quem você contracena ficam perto. Dá para sentir o cheiro delas. O tio Wallace tinha cheiro de enxaguante bucal e de colônia Royall Lyme. Já o pai de vocês...

Qual era o cheiro de Joe? Não era nada parecido com enxaguante bucal e colônia.

— O papai tem cheiro disso. — Nell fecha os olhos por um instante, farejando a brisa.

— De quê? — pergunta Emily.

— Ele tem cheiro de pomar de cerejeiras — diz Maisie.

— Isso — digo.

Eu era jovem demais para entender isso na época. Ele tinha cheiro de pomar de cerejeiras.

Quando se tratava de acabar os ensaios mais cedo, Cody era o campeão incontestável. Talvez estivesse certo em deixar a gente ir. Afinal, o elenco inteiro tinha só quatro pessoas, em um ato, e, se essas pessoas estivessem todas bebendo tequila e se o diretor quisesse repassar uma cena pela segunda vez, muita massa cinzenta tinha que ser gasta mobilizando recursos. Nos dias em que apresentávamos *Nossa cidade* — na terça-feira, na quinta-feira e no sábado —, ele precisava ser especialmente cuidadoso a fim de manter a bebedeira sob controle. Outras pessoas sabiam o que estava acontecendo em *Fool for Love*, e, enquanto alguns atores podem ter achado nosso método corajoso e genial, a chefia nos encarava como a bomba-relógio que de fato éramos. Não podíamos nos descuidar, o que significava que Duke não podia se descuidar. Ele bebia sua quantidade de água diluviana e levava a aspirina direto do frasco para a boca. Mergulhava na garrafa de tequila, mergulhava no lago cintilante e depois nadava de volta, rompendo a superfície com toda a força que tinha.

Nunca sabíamos quando Sebastian estaria lá. Provavelmente Pallas sabia. Todo mundo queria jogar tênis no verão. O Grosse Pointe Iate Clube ficava bem no centro do lago St. Clair e a brisa soprava suave pelas quadras, forte o bastante para secar o suor da testa de um jogador, mas nunca forte o bastante para alterar a trajetória da bola. Sebastian programava cada hora dos fins de semana com antecedência, de modo que esses dias não contavam, mas, sempre que conseguia emendar um dia no outro, dirigia até lá para nos ver, ou dirigia até lá para vê-la. Nem acho que Duke tivesse muito mais a ver com aquilo. Sebastian devia ter saído da cama antes do amanhecer para chegar lá tão cedo numa manhã de terça-feira. Eu o vi sentado no fundo do teatro com Pallas, o braço em volta dela e a cabeça da namorada inclinada na direção dele, os dois nos observando beber, dar tapas e gritar um com o outro. Não me importava mais com o restante deles, mas odiava que Sebastian estivesse lá. Suspeitei que, naquele dia, Cody tivesse terminado o ensaio mais cedo por não aguentar mais me ver atuar, mas talvez tivesse algo a ver com Sebastian. Assim como Pallas, Cody tinha uma queda por homens bonitos e silenciosos que não fossem atores.

— São Sebastião! — berrou Duke quando viu o irmão. — Tênis!

— Está muito quente! — gritou Pallas, do conforto do ombro do namorado. — Quero ir nadar.

— Vi Sebastian primeiro. E você está de folga hoje à noite. Pode nadar quanto quiser.

Uma noite *Nossa cidade*, uma noite *Cabaret*. Nós trabalhávamos e Pallas trabalhava, e na segunda-feira estava todo mundo de folga. Então me ocorreu que Sebastian devia ter chegado na noite passada. Tinha vindo e não tinha nos avisado.

— Tá. — Sebastian se inclinou para dar um beijo em Pallas. — A gente joga uma partida.

Como ele suportava jogar tanto tênis? Estava quente e eu também queria nadar, mas, assim como Pallas, não cheguei a pensar que a gente podia

simplesmente ter ido sem eles. Se nossos namorados queriam jogar tênis, a gente se sentava na ponta da quadra e assistia. Cody acompanhou o primeiro set, mas Pallas e eu o ignoramos tão completamente que ele enfim disse algo sobre ter trabalho para fazer e foi embora. Duke estava em maus lençóis. Sebastian recuava da forma mais convincente possível, mas Duke errava os *lobs*. Todos os dias deviam ser assim para Sebastian — devolver bolas para engenheiros automotivos sem talento determinados a vencer. Duke parou abruptamente, a raquete baixada e a cabeça inclinada para trás. A bola amarela quicou duas vezes e depois rolou para longe.

— Peedee? — disse Sebastian.

Todos nós achamos que Duke estava prestes a começar a gritar, mas em vez disso ele saiu correndo pelo portão e vomitou na grama ao lado do caminho que levava à quadra.

Eu entendia. O calor do sol e a bola rápida deixavam qualquer um tonto. Fui até lá e parei ao lado dele. Estava ficando boa nisso.

Acontece que um mergulho vespertino e uma partida de tênis vespertina têm efeitos diferentes quando se passa a manhã bebendo tequila. Duke não sabia disso, mas aprendeu. Sebastian apareceu com uma garrafa de água e Duke lavou a boca e vomitou de novo, com as mãos apoiadas nos joelhos e o cabelo preto molhado e grudado nas laterais do rosto. Sebastian esperou mais um minuto antes de dar uma toalha para o irmão. Os profissionais do tênis tinham bolsas iguais às dos médicos.

— Vamos levar você de volta para o quarto — disse Sebastian.

Duke balançou a cabeça muito devagar a fim de não perder ainda mais o equilíbrio.

— Vou deitar um pouquinho — respondeu ele, querendo dizer que iria ficar no chão.

Achei que Sebastian contestaria, mas ele deu tapinhas nas costas do irmão e o levou de volta para a quadra, onde Duke se esticou em paralelo à linha divisória.

— Continuem jogando — disse ele, com a voz fraca e a mão desenhando um círculo no ar. — Não quero estragar a tarde de todo mundo.

— Tarde demais — disse Pallas.

— Quer jogar um set? — perguntou Sebastian a ela.

Ela fez que não, erguendo a perna para flexionar e esticar o pé.

— Tornozelo — lembrou ela.

Pallas havia tido uma crise de tendinite no tornozelo esquerdo e, quando não estava dançando, tentava deixá-lo em repouso. Estava sentada na quadra perto da cabeça de Duke, mas não estava nem aí para ele.

Sebastian virou a raquete na minha direção.

— Você está dentro.

Eu não tinha bebido muito, mas ficava tonta com pouquíssimo álcool. Apesar das previsões de Duke, meus músculos para a bebedeira continuavam fracos.

— Vamos para o lago — falei.

Duke estava cobrindo os olhos com o braço, a parte interna do pulso virada para o sol.

— Você não pode me tirar daqui e não pode me deixar aqui. Você também pode tirar uma lição disso.

Agora eu estava arrependida por ter expulsado Cody. Ele teria vendido a mãe para jogar uma partida de tênis com Sebastian. Perguntei como Duke estava se sentindo.

— Potencialmente melhor. Não melhor neste exato minuto, mas já vejo como isso vai ajudar muito a longo prazo.

— Ah, fantástico — comentou Pallas. — Agora você é bulímico, além de tudo.

— Fica quieta — sussurrou Duke.

— Vamos lá. — Sebastian me entregou a raquete. — A menos que você também tenha andado bebendo.

— Um pouquinho — admiti.

Duke balançou bem de leve a cabeça.

— Ela finge que bebe.

Meu amado, enjoado e estirado no chão, como tive vontade de chutá-lo. Não muito forte. Só uma vez. Disse a Sebastian que iria jogar.

Naquele dia, fui uma péssima namorada, uma péssima atriz e uma péssima bêbada, mas, por Deus, eu sabia jogar tênis. A magia que a tequila conferira às atuações de Duke, Homer e Sal veio a mim na quadra de tênis. Quem diria? Comecei devagar e fui construindo o jogo. Sabia que Sebastian provavelmente operava com dois por cento da capacidade, e não me importei. Estava confiante, solta. Entreguei tudo. Devolvi uma bola para o outro lado da quadra e consegui um ponto honesto. Pallas gritou meu nome. Duke virou de lado, cauteloso, e abriu um dos olhos. Eu me lembrei de mim naquela piscina cenográfica, com o biquíni que ainda usava. Eles queriam ver se eu sabia nadar.

— O grilo está no seu encalço, irmão — gritou Duke, tanto quanto conseguia gritar.

Eu corria, rebatia. Não me importava com a aparência. Eu dava um jeito de fazer a bola passar por cima da rede a cada jogada. O universo conspirou para me garantir uma única partida de tênis decente, e dei tudo de mim. Pude ver o brilho nos olhos de Sebastian mudando. Ele estava me levando a sério, não como adversária, mas como pessoa do outro lado da rede, e a atenção me animou. Ele gritava instruções, palavras de incentivo. Era um professor maravilhoso e estava fazendo o melhor que podia para me aprimorar. Pulei para rebater um saque além do meu alcance, pulei e avancei e fui derrubada por algo parecido com um tiro que eu não tinha ouvido. Esse foi exatamente meu pensamento. Não pensei que tinha caído, mas levado um tiro. Fiquei caída na superfície quente da quadra. Duke ainda estava lá, deitado a alguns metros de distância. Ele moveu os dedos na minha direção. Como tinha ficado deitado na quadra todo aquele tempo? O chão estava quente como uma assadeira saída

do forno.

— Você se acostuma — disse ele.

Sebastian estava agachado a meu lado, os olhos escuros cheios de preocupação. Durante todo o verão, eu tinha deixado conscientemente de notar a beleza dele, mas ter aquele rosto tão próximo do meu tornava aquilo inevitável.

— Ei — disse ele, pondo a mão no meu ombro com suavidade. — Só fica aí um segundinho para recuperar o fôlego.

— Estou bem. — Pisquei. Estava bem, mais surpresa do que machucada. — Não ralei os joelhos.

— Ela está bem? — perguntou Duke, erguendo-se por um instante apoiado no cotovelo, e se deixou cair de novo.

— Não sei ainda.

— Ela pode estar fingindo. Ela não gosta quando recebo muita atenção — falou Duke.

Pallas estava ali, com a mão no meu rosto, o rosto dela tão perto do meu.

— Você se machucou muito?

Tudo tinha parado e todo mundo estava olhando. Eu me senti tão boba. Tomei impulso para me sentar. De início oscilei, então ficar sentada pareceu menos ruim. Ainda assim, a questão era o que havia acontecido: a explosão dentro da minha panturrilha que muito claramente viera de fora da minha panturrilha não tinha sido solucionada.

— Alguém me deu um tiro? — perguntei para ela.

Pallas se balançou nos calcanhares.

— Ah, merda.

— Ah, merda, o quê?

— É o tendão de Aquiles dela — disse Pallas a Sebastian.

Sebastian apertou meu ombro. Ele não discordava.

★ ★ ★

— Você rompeu o tendão de Aquiles? — pergunta Maisie.

— Como a gente nunca ficou sabendo disso? — indaga Emily.

Eu me inclino e ergo a perna direita da calça, mostrando a fina linha branca que vai do calcanhar até o meio da panturrilha.

— Aparentemente melhoraram muito a técnica. Agora fazem só uma pequena incisão.

Maisie se inclina e passa a ponta do dedo pela cicatriz.

— Como nunca vi isso antes?

— Tenho essa cicatriz há muito mais tempo do que tenho qualquer uma de vocês.

— Como a Pallas e o Sebastian sabiam o que tinha acontecido? — pergunta Nell.

— Dançarinos e jogadores de tênis entendem de pernas. Se alguém cai e diz

que acha que levou um tiro, há grandes probabilidades de ter rompido o tendão de Aquiles.

— Parcial ou totalmente?

Maisie ainda está maravilhada com o capricho com que a mãe foi remendada.

— Ruptura total. Tudo ou nada.

— Você conseguia andar? — pergunta Emily.

Por que importa tanto a maneira como ela está olhando para mim neste instante? Como se eu estivesse deitada na quadra de tênis, de lado e curvada, e ela estivesse ali, com a mão no meu ombro.

Maisie balança a cabeça.

— Não dá para andar.

— Espera. Isso acontece com cachorros? — diz Nell.

— Acontece.

— Então você teve que voltar ao hospital. O tio Wallace estava lá? — pergunta Emily.

Balanço a cabeça, sorrindo.

— Elyse já tinha levado ele de volta para Chicago. Mas teria sido bacana, não é? O tio Wallace e eu em um quarto duplo.

— Pallas teve que fazer seu papel — diz Nell. — Teve que se apresentar naquela noite.

Céu de safira, nuvens de diamante, folhas de esmeralda, cerejas de rubi. A magia com que Nell compreende as coisas às vezes me deixa surpresa. As irmãs dela se viram e ficam encarando.

— Você está fazendo aquilo de novo — diz Emily.

— O quê?

— Está pensando na atuação, na substituta, e não na sua mãe deitada no chão com um tendão de Aquiles rompido.

— Você fez a mesma coisa com o tio Wallace — comenta Maisie.

Nell não morde a isca.

— Ela está numa quadra de tênis. Sebastian está lá. Não é como se ela estivesse caída de cara na lama.

Emily está irritada com Nell, o que é digno de nota porque nenhuma de nós fica irritada com Nell, a meiga, a pequena, a bebê.

— Mas por que você sempre se importa com os substitutos? Por que o mais importante da vida é se o espetáculo continua ou não?

Nell está parada a meu lado. Põe o braço em volta da minha cintura em solidariedade.

— Você não está entendendo. É aqui que tudo muda. É o início do segundo ato. Ela não consegue andar. Não consegue andar durante...

Ela para e olha para mim.

— Um bom tempo — completo, embora seja possível definir andar de diferentes maneiras. — Sem gesso, sem muletas, provavelmente levou seis meses.

— Então não é só a Emily que a Pallas vai interpretar. Ela vai interpretar a Mae também. Pallas vai terminar *Nossa cidade* e fazer toda a temporada de *Fool for Love*. Por que vocês não conseguem entender isso? — pergunta ela.

— A gente consegue entender isso — protesta Maisie. — Mas estamos mais preocupadas com a mamãe do que com a peça.

E, sem mais nem menos, Nell está chorando e então soluçando, uma forte tempestade que surgiu do nada. Ela dá as costas para Maisie e Emily, envergonhada, e pressiona o rosto contra meu esterno, com os dois braços me apertando agora. Não penso nem por um minuto que esteja chorando por causa das irmãs, embora com certeza parte dela esteja chorando por si mesma. Ela perdeu estes meses para a pandemia, vendo-se presa na fazenda sem ter ideia de quanto tempo ainda vai ter que ficar aqui. Está perdendo este tempo em que é bonita e jovem numa profissão que só se preocupa com a beleza e a juventude. Mas, na verdade, está chorando por mim. Enquanto as irmãs ficam paradas olhando, totalmente perplexas, Nell, a telepata, juntou todas as peças. Sabe que estou acabada.

★ ★ ★

Insisti em tentar ficar de pé, então Sebastian postou-se de um lado e Pallas do outro. Os dois me ergueram como uma marionete cujo fio fora cortado. Minha perna estava pura borracha, quase líquida.

— Preciso descansar um minuto — falei.

Sebastian balançou a cabeça.

— Você tem que ir ao hospital.

— Ela não precisa ir ao hospital — retrucou Duke, com a voz mais vigorosa agora. — Só tropeçou nos próprios pezinhos. Daqui a pouco ela melhora.

Ele tinha vomitado e eu tinha caído, e em um minuto tudo iria ficar bem.

Um minuto, um minuto, um minuto. Dava para sentir Pallas mudando de posição sob meu braço.

— Vamos colocar ela no chão — disse Pallas a Sebastian.

Então me sentaram de novo e ela se sentou do meu lado. Olhava intensamente para mim, mas continuou segurando minha mão.

— Queria que a gente tivesse mais tempo, mas não temos, então vou simplesmente falar: você não vai subir no palco hoje. Tenho que me preparar.

Emily. Tinha me esquecido dela.

Duke se sentou.

— O quê?

— Ela não consegue andar. — Pallas olhou para Duke como se eu tivesse levado um tiro e tivesse sido ele quem disparara. — Ela não vai conseguir andar. Já vi isso acontecer. — Pallas olhou para Sebastian e perguntou: — Você também?

Ele assentiu, o sol atrás da cabeça iluminando o cabelo preto.

Pallas tocou meu tornozelo com o dedo tão de leve que não consegui sentir.

— Não importa se for ao hospital neste exato instante ou se esperar três dias, estou dizendo a verdade. Você vai ao hospital e vão costurar seu tendão de volta no lugar. Quer você goste, quer não, juro que é isso que vai acontecer.

Duke ficou de pé, pendendo visivelmente para a esquerda enquanto ia até onde estávamos. Eu esperava que ele fizesse uma piada, que dissesse que Pallas estava tramando para conseguir meu papel, mas ele se inclinou e fez um carinho no topo da minha cabeça. Perguntou ao irmão se ele poderia me levar de carro até o hospital. Duke e Pallas não poderiam ir com a gente, claro. Tinham que se arrumar. Tinham que subir no palco dentro de algumas horas, os dois, o editor Webb e sua filha Emily.

Sebastian se inclinou e me pegou como se eu fosse uma toalha, uma bolsa de tênis, e, de novo, esperei Duke fazer uma piada, mas ele não fez. Talvez já fosse o editor Webb, talvez estivesse repassando suas anotações mentalmente, ou talvez estivesse preocupado comigo, acho que era possível, talvez não soubesse o que dizer. O estacionamento onde Sebastian tinha deixado o carro ficava bem distante da quadra de tênis, e então ele me carregou, passando pela trilha que dava no lago e pela que teria nos levado de volta ao teatro. Ele me carregou o caminho inteiro até o alojamento da companhia. Em outras circunstâncias, Duke teria me carregado? Não, Duke teria saído para pegar o carro. Esta era a diferença: um irmão levava a garota até o carro, ao passo que o outro trazia o carro até a garota. Ser carregada daquele jeito me causava uma sensação estranha. Passei os braços em volta do pescoço de Sebastian e agarrei meu pulso, tentando de alguma maneira me tornar mais leve. Dava para sentir o cheiro do meu suor. Pallas tinha ido na frente para pegar minha bolsa e voltou com a camisola que eu não usara o verão inteiro, quatro calcinhas, meias, uma camiseta limpa e short, escova de cabelo, escova de dentes, tudo numa sacola plástica.

— Não se preocupa com nada, tá? Vai dar tudo certo — disse ela assim que me sentei no banco do passageiro do Plymouth.

Assenti, embora não soubesse se ela se referia à minha perna ou à peça. Sabia que ela estava ansiosa para ir embora. Tinha tanta coisa para fazer, e estava animada — e devia estar animada, não devia? Tinha esperado muito tempo por aquilo e com certeza não iria querer que eu a visse assim. Duke e Pallas ficaram parados lado a lado e acenaram enquanto saíamos do estacionamento, como se fossem meus pais me entregando para o mundo.

Abaixei o vidro, minha mente notavelmente vazia. Entendia o que estava acontecendo, mas não que aquilo estava acontecendo comigo. As cerejeiras do Tom Lake estavam desfolhadas e não tinham muitos frutos; eram cerejeiras silvestres, sobras de alguma outra época. Ninguém ligava para colher as cerejas, muito menos para podá-las.

— O que é que você sabe sobre tendão de Aquiles? — perguntei para Sebastian.

— Você consegue flexionar o pé para trás e para a frente?

Não conseguia.

Ele assentiu, como se aquilo encerrasse o assunto.

— Joguei duplas mistas uma vez com uma mulher que jurou que eu tinha partido a parte de trás da panturrilha dela com a raquete, apesar de eu nem ter chegado perto dela. Pelo que me disseram, é como se alguma coisa explodisse dentro da sua perna.

— É isso.

— Eles religam o tendão, e depois de um tempo você vai andar de novo, e depois de mais um tempo você vai jogar tênis de novo. — Ele olhou para mim.

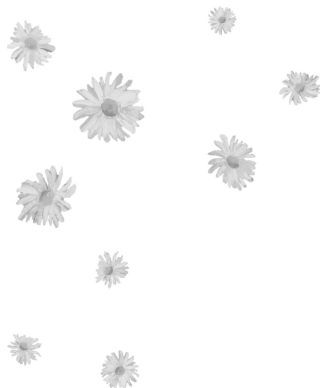
— Se quiser jogar tênis de novo algum dia. Vou dizer uma coisa, você estava arrasando hoje.

— Droga — digo, fechando os olhos.

— O quê?

— Esqueci de desejar boa sorte para Pallas hoje à noite. Quer dizer, não “Boa sorte”, mas “Quebre a perna”.

— Você quer dizer “Rompa seu tendão de Aquiles”— disse ele, e nós dois rimos, porque, bem, o que mais poderíamos fazer?



16

— O papai teria levado você ao hospital — comenta Nell nessa noite durante o jantar.

Ela não vai deixar essa reviravolta de lado.

— O papai com certeza teria levado você ao hospital — diz Joe.

Ele está cansado. É grato pelos ovos temperados, pelas vagens e pelo peixe. Todo ano, desde que chegamos à fazenda, ele se pergunta como vamos tirar as cerejas das árvores a tempo, e agora parece que todos os medos anteriores foram apenas uma preparação para este ano, quando estamos sem dezenas de pessoas da equipe da colheita, o que quer dizer que vamos estar sem dezenas de pessoas para extrair as cerejas ácidas das árvores daqui a algumas semanas.

— Talvez vocês tenham passado um pelo outro na estrada — sugere Emily.

— O papai vindo de Traverse City, a mamãe a caminho do hospital. Talvez. Estariam indo para o norte na 196.

— A gente passou *mesmo* por você! — digo, cheia de lembranças. — Eu te disse isso.

— Com certeza não passou.

Joe enfia metade de um ovo na boca.

— Comentei com o Sebastian. Falei: “Olha, lá vai o Diretor de Cena a caminho do ‘trabalho’.”

Eu me lembro de quanto fiquei com vontade de pedir a ele que voltasse. Minha perna era só uma dor generalizada naquela altura. Sentada no banco enorme do Plymouth, era fácil acreditar que tudo não tinha passado de um certo drama bobo da minha parte.

— Como as pessoas sobreviviam sem celular? — pergunta Maisie.

— A gente sobrevivia superbem.

Joe assente.

— Pode acreditar. Todos os nossos relacionamentos eram assim naquele tempo.

— Dois carros passando um pelo outro no fim da tarde — digo.
— Você foi visitar ela no hospital? — pergunta Nell.
— Só fiquei lá duas noites — explico.
— Fui — diz ele.
— Não, não foi. — Eu me viro para ele. — Foi?
— Depois da peça, no caminho de volta para cá.
— Não me lembro.
— Não se lembra porque estava dormindo. Tinha acabado de sair da cirurgia.

— Você foi depois da peça? Devia ser tarde demais para visitas. Deixaram você entrar?

— Falei que era seu irmão e que tinha ido para lá o mais rápido possível. A enfermeira me deixou ficar sentado ao lado da sua cama.

Joe nunca mente, mas podia mentir com facilidade quando era necessário.

— Você deixou um bilhete? — pergunta Maisie.

Ele faz que não com a cabeça.

— Se tivesse deixado um bilhete, ela saberia que fiquei sentado ao lado da cama dela que nem um esquisitão, pensando em como era bonita dormindo.

Ah, Joe, trabalhando o dia inteiro na fazenda, fazendo uma viagem de carro para interpretar o Diretor de Cena e depois ir até o hospital ficar sentado numa poltrona de vinil e me ver dormir. E eu nem tinha visto que ele foi me visitar.

— O Sebastian não ficou?

Emily soa desapontada. Precisa saber que Sebastian era melhor que isso.

Sebastian foi o melhor de todos. Estacionou o carro e me carregou até a Emergência, e tudo isso enquanto eu pensava quanto teria sido romântico se tivesse sido Duke a me carregar. Mais romântico mas menos prático, já que Duke teria agido como se aquilo fosse uma comédia-pastelão ou um drama hospitalar, enquanto Sebastian contou ao médico o que havia acontecido com tanta especificidade que devem ter pensado que ele era médico.

— Ele ficou até me colocarem num quarto, mas depois falei que podia voltar. Sabia que ele queria ver a Pallas e sabia que ela iria querer que ele estivesse lá.

— Como a Pallas se saiu? — pergunta Nell ao pai, sem conseguir se segurar.

— Se saiu bem — responde ele, diplomático.

— Ela foi excelente — afirmo.

— Você estava com medo? — pergunta Maisie para mim.

— Da Pallas?

Maisie revira os olhos.

— De estar *no hospital*, da cirurgia.

Não existe nenhuma possibilidade de uma das nossas meninas estar no hospital sem a gente. Daríamos um jeito de chegar lá, e elas sabem disso. Mas eu era a garota que deixara a faculdade para ir viver em Hollywood, que tinha morado sozinha em um apartamento mobiliado em Los Angeles, que tinha se oferecido para dormir com a pessoa errada em um esforço para conseguir um

papel em uma peça e que havia chegado a Michigan com duas malas. Nunca me ocorreu ligar para meus pais e dizer o que tinha acontecido. Era adulta, no fim das contas, e com um bom plano de saúde, graças ao sindicato dos atores.

— Fiquei com medo depois. Não fiquei com medo naquele momento.

— Você ficou com medo da Pallas? — pergunta Nell.

— Depois — respondo.

★ ★ ★

Acordei de manhã com um maciço telefone bege de disco tocando na mesa de cabeceira. Não sabia onde estava nem o que o telefone fazia ali. Não tinha telefone no meu quarto no Tom Lake. Quando finalmente pensei que o único jeito de fazer aquilo parar era atendendo, eu o tirei do gancho.

— Ripley?

— Acredite se quiser.

O quarto estava ensolarado. As persianas, abertas. A segunda cama, felizmente vazia.

— Ripley, estou no hospital.

— Por que acha que estou ligando para o hospital?

— Por que está ligando?

— Um dos conselheiros no Tom Lake disse que você sofreu um acidente.

— Eles conhecem você?

— Não.

— Então por que telefonaram?

— Lara, você está dopada?

— Provavelmente. Acabei de acordar.

— Acordar? São nove horas aí.

Virei a cabeça de modo a olhar para a mesa de cabeceira. Não havia relógio.

— Acho que passei por uma cirurgia ontem. Seja gentil.

— Eu sou gentil. Por isso estou telefonando.

Meu tornozelo estava envolto em um monte de gesso e estendido sobre uma pilha de travesseiros duros. Tudo nele parecia um adereço, digno de filme.

— Ainda não entendo por que ligaram para você.

— Você me colocou como a pessoa a quem deviam contatar.

Eu tinha feito aquilo? O formulário não devia ser muito claro, porque, sério, por que o tio Wallace mencionaria a segunda esposa?

— Devo ter pensado que se referiam a contato profissional, como se tivessem me oferecido um grande papel e precisassem falar com alguém.

Será que foi isso que eu pensei?

— Bom, estou comovido. Você está bem? — perguntou Ripley.

— Acho que sim. — Por que o gesso era tão grande? Eu só tinha caído numa quadra de tênis. — Rompi o tendão de Aquiles.

— Você não vai querer passar por isso — disse ele, como se tivessem me oferecido um papel em um filme de terror adolescente que em última instância

iria arruinar minha carreira.

— Bom, queria que você tivesse ligado ontem de manhã para me dizer isso.

— Você não é a pessoa mais fácil de ser contatada por telefone.

— Você tentou?

— Não, mas ia. Tem um belo acaso nisso.

Apertei o botão na grade de proteção que fazia a cabeceira da cama subir. Segurei-o até atingir o ângulo que chamei de Elyse Adler.

— Quero saber como meu tendão de Aquiles rompido vai funcionar a seu favor.

— Preciso que volte para Los Angeles.

Planejava voltar a Los Angeles no outono, quando o festival de verão tivesse acabado. Duke e eu iríamos juntos, mas por algum motivo, ao ouvir Ripley dizer aquilo, não quis mais ir. Olhei pela janela do quarto do hospital para o outro lado do estacionamento, para uma fileira de árvores. Até o estacionamento tinha árvores! Pela primeira vez, me dei conta de que não queria ir embora de Michigan.

— Tenho um contrato.

— Certo. Um: é um contrato com um festival teatral de verão. É relativamente fácil cuidar disso. Dois: você não consegue andar, o que significa que não tem utilidade para eles. Vão ficar felizes de riscar você da folha de pagamento.

— Se esses foram o um e o dois, mal posso esperar para ouvir o três.

— Três — continuou Ripley, fazendo uma pausa dramática. — O três é que seu filme está para sair.

— *Singularidade?*

— A menos que você tenha feito outro.

Pensei que aquilo fosse lavagem de dinheiro, uma dedução de impostos para alguém.

— Ah, Ripley, isso é ótimo. Fico feliz por você.

Tinha levado tanto tempo.

— Fique feliz por si mesma. O editor do filme se apaixonou por você. Quando montou tudo, te transformou na grande estrela.

— Não sou a estrela.

— Espere só para ver. É uma obra impactante, menina. Você está fantástica. Preciso de você aqui para a divulgação. Divulgação tem tudo a ver com ficar sentada, sabe? Ou seja, a lesão faz de você alguém confiável. Como isso aconteceu?

— Tênis.

— Tênis no verão em Michigan. Lindo.

Meus dedos dos pés estavam saindo do gesso, uma fileira pálida de cogumelinhos. Conseguia mexê-los, o que considereei um bom sinal.

— É sempre bom ser pitoresca.

— Você já se perguntou quando é que as coisas iriam mudar? — perguntou Ripley. — Bom, agora mudaram. É isso.

Não tinha me perguntado quando as coisas mudariam. Tinha me perguntado quando as coisas iriam parar de mudar.

— Ripley, estou no hospital. Me deram Demerol. Não vou virar as costas para o meu compromisso.

Não sabia se tinham me dado Demerol, mas parecia possível. Definitivamente tinham me dado alguma coisa.

— Você está me ouvindo? Você não consegue andar e não tem nenhum compromisso em Michigan. Tem um compromisso com esse filme.

— A enfermeira está aqui — falei, porque, se havia passado das nove horas, é claro que uma enfermeira estaria ali a qualquer minuto.

— Não seja evasiva comigo.

— Não estou sendo evasiva. Tenho que desligar.

— Vou ter que ir buscar você?

— Ripley, me escuta. Estou desligando agora. Diz tchau.

Eu me despedi, mas não dei a chance de ele fazer o mesmo. Desliguei antes.

O anúncio de Ripley de que eu não iria atuar com um pé só foi meu primeiro vislumbre do futuro. O segundo veio na forma do médico que fazia as visitas matinais. Ele me disse que eu não aguentaria nenhum peso por no mínimo seis semanas. Tinha levantado a cama para poder ficar sentada, pensando que era mais educado.

— O que isso significa, exatamente?

Queria que houvesse alguém ali comigo para que eu mesma não precisasse fazer todas as perguntas cretinas.

— Significa que o gesso — ele se deteve e apontou para o gesso com a caneta — não pode tocar o chão por no mínimo seis semanas. Você tem uma cadeira de rodas?

Fiz que não com a cabeça.

— Certo. Vou pedir a alguém da fisioterapia que venha até aqui e mostre como usar muletas, como se locomover.

— Vou para outro hospital?

Ele fez uma pequena pausa, olhando para meu prontuário.

— Certo. Então. Locomover significa entrar e sair do carro, se sentar e se levantar de uma cadeira, entrar e sair do banho. Você faz essas coisas de forma diferente quando está tentando manter o pé longe do chão.

Foi só quando o médico saiu que me dei conta de que ele tinha me tomado por uma idiota.

Nunca pensava em New Hampshire naquele período, embora sentisse saudade da minha avó. Escrevia cartões-postais para ela, e vez ou outra ela me mandava um vestido. Às vezes colocava biscoitos de melado na caixa, biscoitos consistentes e confiáveis, que eram ideais para serem enviados pelo correio. Eu me ofereci para mandar uma passagem de avião para ela algumas vezes, quando estava em Los Angeles, mas minha avó não confiava em aviões, pelo menos não para uso pessoal. Ela era de New Hampshire e planejava morrer lá, como sempre dizia. Queria que ela estivesse comigo no hospital. Aposto que teria

dado um jeito de ir até Michigan se eu falasse que precisava dela. Aposto que meus pais também teriam ido, ou algum dos meus irmãos. Ainda que não fôssemos uma família particularmente unida, eram pessoas decentes. Teriam cuidado de mim. O problema é que não podiam fazer isso apenas por intuição, e eu não tinha intenção de telefonar e deixá-los preocupados. Na verdade, não podia telefonar e deixá-los preocupados, porque o telefone estava configurado apenas para ligações locais e internas. Podia telefonar para o paciente no quarto ao lado, mas não podia telefonar para minha mãe, para quem, de qualquer forma, não telefonei durante todo o verão. Eu estava bem. Eles me ensinaram como me locomover, a ir sozinha ao banheiro. Uma garota com um avental listrado cor-de-rosa apareceu com um carrinho de livros, e encontrei um exemplar de *A ponte de San Luis Rey*, de um certo Thornton Wilder. Imagine só. Era sobre uma ponte que se parte e causa a morte de um grupo de estranhos. Nunca havia lido.

Tive uns problemas de inchaço, e o médico queria se certificar de que eu não precisaria trocar o gesso, então não me deram alta por mais uma noite. Pensei em todo o tempo que passei sentada no apartamento em Los Angeles, nos dias em que não havia nada para fazer, e em como aqueles dias tinham me preparado para ficar sozinha com meus pensamentos. Eu levava jeito para isso, nem todo mundo leva. Comi o jantar em uma bandeja, li o romance que havia escolhido e fui e voltei do posto de enfermagem com muletas para treinar. Olhei pela janela enquanto o sol se punha e me dei conta de que Pallas estaria em cena naquele momento. A sra. Webb e a sra. Gibbs estariam chamando os filhos para o café da manhã em lados opostos do palco. Repassei toda a cena na minha cabeça. Eu me perguntei se Pallas estaria nervosa, mas então pensei nela dançando naquela cadeira com o maiô vermelho. Não conseguia imaginar Pallas ficando nervosa com alguma coisa.

Como não podia telefonar para minha avó, liguei para o Tom Lake e perguntei se podiam mandar alguém para me buscar de manhã. Jeanne, a enfermeira da manhã, lavou meu cabelo enquanto eu ficava sentada em um banquinho no chuveiro, com o pé engessado embrulhado num saco plástico. Fui escovada e trançada, e estava pronta para ir quando Sebastian chegou.

Sebastian!

— Achei que você tivesse ido embora! — gritei, e com isso quero dizer que meus olhos se encheram de lágrimas quando o avistei.

Se pudesse pular da cama e abraçá-lo, teria feito isso.

— Telefonei para o clube e disse que minha transmissão tinha sido interrompida — explicou ele. — Estou numa tremenda enrascada.

— Tremenda enrascada por minha causa? Você podia ter mandado seu irmão.

— Digamos apenas que o restante do time não estava em condições de dirigir. A última coisa de que a gente precisa é do Peedee amassando meu carro numa árvore enquanto tenta levar você do hospital para casa.

— E a Pallas?

Ele deu umas batidinhas no bolso da frente da calça jeans.

— Peguei as chaves dela.

Então Pallas já era a Mae. Era necessário tirar as chaves do alcance da Mae. Ela estava bebendo o dia inteiro com os homens. Por mais que estivesse chateada por perder minhas últimas semanas como a Emily, aquilo quase valia a pena quando pensava que nunca mais seria a Mae. Nunca mais teria que suportar a decepção de Cody, minha atuação horrível nem minha incapacidade de rechear o vestido vermelho. Pallas podia usar o vestido.

— Como vão os ensaios?

Sebastian alegava gostar mais dos ensaios do que do produto final.

— Não me deixam entrar.

Estava sentada na cama, usando a roupa que Pallas tinha pegado do meu quarto na pressa de sair: short cáqui e a camiseta da Disney que nunca mais serviu direito. Meu pé estava para cima. Tinham me dito para mantê-lo elevado sempre que possível.

— Quando era eu você via.

Sebastian deu de ombros.

— Parece que o problema é que meu irmão precisa beijar minha namorada. Eles dizem que isso deixa os dois acanhados.

Conseguia sentir tão nitidamente Duke deitado em cima de mim no palco, segurando minhas mãos contra o chão. Duke como o Eddie, e eu como a Mae. Duke como o Eddie, Pallas como a Mae. Parei ali.

— Vão deixar você assistir à peça?

— Não podem me impedir de assistir à peça. Comprei ingressos.

Jeanne passou pela porta com uma cadeira de rodas e parou de repente. Chegou a corar quando viu Sebastian.

— Você é o ator — disse ela.

Eu havia contado tudo a respeito de Duke a Jeanne enquanto ela lavava meu cabelo.

— Sou o irmão — respondeu Sebastian.

— Ele é seu *irmão*? — perguntou ela para mim.

Agora estávamos todos rindo.

— Dá para acreditar? — repliquei.

Jeanne me levou até o elevador na cadeira de rodas, com minhas muletas, meus analgésicos, o antibiótico e sete páginas de instruções datilografadas. Lá fora, fez com que eu mesma me locomovesse da cadeira de rodas para o carro a fim de ter certeza de que eu sabia o que estava fazendo, então ficou ali parada e acenou enquanto saíamos. Abaixei o vidro da janela para acenar de volta.

— Aliás, aprimoraram sua situação — contou Sebastian. — Mudaram você para o chalé.

— Para o chalé do tio Wallace?

— Ele não vai voltar e você não pode subir escadas, então assim fica melhor.

Apesar de tudo, havia a banheira, a cozinha pequena. Tentei não ficar animada, já que tudo isso fora o resultado de um desastre.

— Duke levou minhas roupas?

Ele fez que não com a cabeça.

— Mandaram uns estagiários. A coisa toda levou dois minutos.

Mesmo que Duke estivesse ocupado, poderia ter tirado dois minutos, sobretudo quando as roupas dele também tinham que ser levadas para lá. Ele iria para um quarto melhor, pois a vodca, eu apostava, ainda estava no freezer. Agora eu tinha que pensar em estagiários não remunerados vasculhando minha gaveta de roupa íntima.

— Espera, espera! Pallas foi a Emily. Como ela se saiu?

— Conflito de interesses — disse Sebastian.

— O que isso significa?

— Significa que você era a Emily e era ótima, e a Pallas é minha namorada.

— Você sabe que não sou a única pessoa que já interpretou a Emily, né?

— Você foi a única pessoa que já vi interpretando a Emily até a noite passada. Você é o padrão-ouro.

— Sebastian, sério, como ela se saiu?

Então ele sorriu, um sorriso enorme e cheio de dentes como eu nunca vira. Ele tinha uma única palavra: *espetacular*.

Fato: eu tinha visto apenas uma produção de *Nossa cidade*, e foi quando estava no sétimo ano. A escola a exibiu e achei *espetacular*. Cada fala da peça era nova para mim. Não fazia ideia de que a Emily morria no terceiro ato. Chorei tanto quando o Diretor de Cena a levou de volta para a cozinha da mãe, que precisei cobrir o rosto com as mãos enquanto minha avó procurava lenços de papel na bolsa. Tudo isso para dizer que você não vê uma peça quando está nela. Você pode ver partes, mas não sabe como aquilo funciona a distância, quando tudo se junta. Além da Emily que vi na sétima série e das Emilys que vi fazendo testes anos depois no ginásio do colégio, não sabia como outras pessoas desempenhavam o papel. Naquela noite, veria Pallas em *Nossa cidade*.

Sebastian estacionou na rua e deu a volta para me entregar as muletas. Andei heroicamente metade do caminho carregando aquele enorme presunto natalino que era o gesso atrás de mim, até que não tive escolha a não ser parar. Meus braços tremiam.

— Lara, é sério — disse ele, com a mão estabilizadora nas minhas costas. — Deixa que eu levo você.

Uma coisa era ser carregada para fora da quadra de tênis ou para o hospital, outra, muito diferente, era simplesmente ser carregada para lá e para cá. Estava suando enquanto olhava para o declive íngreme da entrada. Tinha feito aquilo comigo mesma. Tinha bebido a tequila que sabia que não devia beber, joguei a partida de tênis que não queria jogar. Podia não parecer grande coisa, mas me custou tudo.

Sebastian me pegou, deixando as muletas caírem no chão. Ele me lançou para cima a fim de me ajeitar nos braços e mais uma vez envolvi o pescoço dele como se fosse uma noiva.

— Sorte a minha que meu irmão caiu de amores por uma garota pequena

— comentou ele.

Amor, ele disse. Foi a única menção àquela palavra durante meu relacionamento com Duke.

Foi assim que entramos naquele chalé ensolarado, Sebastian usando o pé para abrir a porta, Sebastian me levando direto para a cama e me deitando, Sebastian usando os travesseiros sobressalentes para elevar meu pé. Alguém havia cortado um ramo de papoulas e colocado num copo na mesa de cabeceira, mas não perguntei quem tinha feito aquilo por medo de que as flores fossem dele também.

— Vou arranjar uma cadeira de rodas para você — falou ele.

— Não preciso de uma cadeira de rodas.

Precisava de uma soneca.

— O teatro fica longe. Realmente vou ter que voltar para o trabalho agora, e o Duke e a Pallas não podem vir aqui e levar você. É o único jeito de você assistir à peça hoje à noite.

Sebastian foi buscar minhas muletas e as apoiou no pé da cama. Colocou meus remédios e meu livro na mesa de cabeceira. Beijou minha testa com gentileza, do mesmo jeito que meus irmãos faziam quando eu era criança. Iria pegar uma cadeira de rodas para mim. Iria se certificar de que alguém me levaria para assistir à peça. Acho que eu já estava dormindo quando ele foi embora, e depois acordei com Duke me beijando, o gosto forte da tequila enchendo minha boca. Devia ter ido direto do lago para a minha cama. Ele me cobriu com sua umidade generalizada.

— Você ficou uma eternidade fora — disse ele, tirando as algargatas.

★ ★ ★

— Duke foi ver você antes da peça? — pergunta Emily, a testa franzida de preocupação.

Joe tinha ido ver as cabras enquanto eu e as meninas lavávamos a louça. Cerejas, comida, cabras, louça, o passado. Os dias eram intermináveis e as semanas voavam.

— Foi. — Eu me inclino na direção da frigideira para raspar pedaços de peixe. — Entre o ensaio e a apresentação.

Maisie balança a cabeça.

— Nossa, que esforço, Duke.

— Eram dias cheios — digo.

— Não tão cheios — sugere Nell.

Sorrio.

— Não, você está certa. Não tão cheios.

— Sua namorada está prostrada na cama — comenta Maisie.

— E não consegue terminar a temporada de *Nossa cidade* — completa Nell.

— Na verdade, ela nunca mais interpretará a Emily — digo, me juntando a elas por um instante e falando de mim na terceira pessoa.

Nell já havia chegado a essa conclusão, mas dá para ver que Emily e Maisie não.

— Nunca mais? — pergunta Emily.

Balanço a cabeça.

— É tipo o tio Wallace — diz Nell, então se dá conta. — Não quis dizer isso. Não tem nada a ver com o tio Wallace.

Emily pousa o pano de prato.

— Nunca mais interpretou a Emily ou nunca mais fez nada?

— Parei de atuar depois disso.

— Aos 24 anos?

— Vinte e cinco. Fiz 25 no hospital.

— Não dá para acreditar nisso — diz Maisie.

— Isso redefine a crise de um quarto de vida — aponta Emily.

— Redefine o quê?

— A crise de um quarto de vida — repete Nell. — Sua vida desmorona quando você tem 25 anos, mais ou menos. A pandemia é nossa crise de um quarto de vida.

— Ah.

— Mas seu caso era bem pior — diz Nell.

— Não voltar a atuar em *Nossa cidade* não é pior do que a pandemia — argumento.

— Você realmente foi ver ela fazendo a Emily? — pergunta Emily.

— Claro que fui. Todos os meus amigos estavam naquela peça. Tinha que prestigiar eles.

Não consigo me lembrar se isso é verdade, se essa é a pessoa que eu era na época ou a pessoa que me tornei com o tempo. Com certeza pregamos isso para as meninas quando eram crianças: trabalhe pelo bem do coletivo, torça pelo time, supere o ego.

— Você foi numa cadeira de rodas?

Ninguém está lavando a louça agora, e bato as mãos do jeito que o pai delas faz para as engrenagens das três voltarem a funcionar.

— Fui numa cadeira de rodas. Um dos suplentes de *Cabaret* foi me pegar. Isso não é um romance do Dickens.

— E como a Pallas se saiu, afinal? — pergunta Nell.

Essa é a pergunta para a qual todas as três querem resposta: como Pallas se saiu?

Digo a verdade. Pallas foi espetacular.

★ ★ ★

Conhecia Chan do lago. Era fácil conviver com ele, um bom nadador que tinha uma sólida ligação com um cara que vendia maconha de excelente qualidade em Detroit. Ele fez parecer que estava passando pelo chalé com uma cadeira de rodas vazia para o caso de eu querer dar uma voltinha, já que ele

estava indo mesmo para o teatro. Não há tanta gente no mundo que faça esse tipo de boa ação. O céu ficava cor-de-rosa à medida que ele me conduzia pela trilha, o que restava da luz do dia brilhando feito ouro no lago.

— As pessoas estão dizendo que você devolveu o saque e que foi magnífico — disse Chan enquanto rodávamos alegremente. — Custou sua perna, mas você conseguiu.

— Não é verdade — falei.

— Não importa. O que importa é o que as pessoas dizem. Ei, quer algumas cerejas? Não queremos ser os primeiros a chegar.

Eu queria, sim, algumas cerejas.

Ele abaixou o freio para que eu não saísse rodando para trás, colina verdejante abaixo e lago adentro.

— Achei essa árvore semana passada. Cerejas doces. Não sei o que está fazendo aqui. Quer dizer, alguém deve ter plantado e ido embora. Dá para imaginar trazer, uma muda para cá sem ninguém para cuidar dela? *Boa sorte, arvorezinha*. Talvez tenha sido algum tipo de arte performática — disse ele, e foi até uma árvore e colheu alguns punhados, depois voltou e colocou as cerejas no meu colo.

A ideia de que as árvores eram coisas que necessitavam de cuidados era nova para mim.

— Você está bonita. — Ele recuou a fim de olhar para mim na luz dourada. — Mas não bonita demais. Não como se tivesse pensado muito nisso. Está bonita do jeito certo.

Esse era o visual que eu queria, e exigiu muito esforço, levando em conta quanto era difícil pôr uma roupa com um pé engessado. A parte que não tinha levado em conta era que outras pessoas saberiam. Chan saberia, mas não podia fazer nada a respeito. Comi cerejas durante todo o caminho até o teatro.

Chegamos bem cedo, todas à procura dos assentos. A cortina estava aberta, e Joe estava sentado no palco lendo um livro. Havia degraus conduzindo às fileiras de assentos, então Chan me estacionou atrás da última fileira e saiu em busca de um programa para mim. O cabelo de Duke já devia estar com gel e grampos àquela altura. Ele devia estar lendo as anotações maníacas do editor Webb pela centésima vez e depois fumaria um cigarro e plantaria bananeira. Dois pedaços de papel anunciavam a mudança no elenco: o papel do Diretor de Cena seria interpretado por Joe Nelson e o papel da Emily Webb seria interpretado por Pallas Clarke. Dobrei-os e os coloquei no bolso. *Estou pronta, estou pronta, estou pronta*, disse a mim mesma, até que por fim as luzes se apagaram e não importava se eu estava pronta ou não.

— Esta peça se chama *Nossa cidade* — começou Joe, quer dizer, começou o Diretor de Cena. Só faltava erguer uma lanterna, porque sabíamos que o seguiríamos. Você ouvia o tio Wallace porque ele era hipnotizante, mas ouvia Joe porque ele estava contando o que você precisava saber. Pensei no nosso primeiro dia de ensaio, que parecia ter sido anos antes, e em como naquela época tinha sido a mesma coisa. Sabíamos que ele era confiável. Joe vira a

história inteira e a costurara para nós. E então lá estava ele como o Diretor de Cena, fazendo a mesma coisa. — Esta peça se chama *Nossa cidade*.

Emily não aparece por um tempinho, e quando aparece só tem uma fala. Eu conseguia visualizar Pallas dançando no coral do Kit Kat Klub, a perna se erguendo e passando por cima do encosto da cadeira e então se sentando rapidamente. Consequia visualizá-la no lago, rindo, mantendo a cabeça fora da água. Consequia visualizá-la estirada em um cobertor na margem do lago, as árvores acima dela, a cabeça no colo de Sebastian. Mas não conseguia visualizá-la como a Emily, porque quando pensava na Emily ainda via a mim mesma. Se eu tivesse uma faca, teria serrado o gesso da minha perna ali mesmo. Teria conseguido concluir a temporada sem ele. Só mais três apresentações depois daquela. Teria dado um jeito.

E então todas as crianças entram — George e Rebecca Gibbs tomando café da manhã do lado esquerdo do palco, que representa a casa deles, Emily e Wally Webbs tomando café do lado direito do palco, que representa a casa deles. Pallas tinha mais de um palmo de altura que eu, e era negra, mas Pallas era a Emily. Acreditei nela desde o momento em que fez a entrada, quando se sentou à mesa da mãe, dizendo que era a menina mais inteligente da escola na idade dela. Cada frase pronunciada estava alojada na minha boca.

Aprendi tantas coisas no Tom Lake naquele verão, mas teria aberto mão da maioria dessas lições alegremente. A mais difícil nada tinha a ver com Duke, planos ou amor. Estava me dando conta de que eu não era mais a Emily. Mesmo que tivesse conseguido representar o papel na Broadway com Spalding Gray, ainda chegaria o momento em que estaria acabada e outra pessoa assumiria o papel. Muitas outras pessoas poderiam fazer isso tão bem quanto eu. Bastava ver Pallas, que na sua segunda noite era tão boa quanto eu depois de anos de prática. Dia após dia, ela me observava ensaiando, e então tomara a decisão de fazer o papel do jeito dela. Batia os pés às vezes, encontrava momentos para rir em que eu nunca tinha reparado. Beijou o pai, que também era meu namorado, e quando ele disse em resposta que nunca recebera um beijo de uma senhorita tão incrível antes ele estava falando sério. Quando Pallas compareceu à audição no Tom Lake, queria cantar e dançar, mas também queria interpretar a Emily. Pessoas que sabiam cantar, dançar, atuar, tocar ukelele e plantar bananeira existiam aos montes em um festival de verão. Era impossível nadar no lago sem esbarrar em alguém assim. Pallas praticou e estudou muito. Com exceção de Lee, os substitutos estavam no mesmo nível que os atores principais. A única decepção que o público teve foi quando alguém como o tio Wallace não deu as caras. O nome dele era a atração, mas o público não diferenciava uma Lara de uma Pallas. Então, quando a primeira Emily foi embora, por que simplesmente não deram o papel à substituta?

— A Emily não é negra — disse nitidamente a mulher na minha frente para o marido no primeiro intervalo.

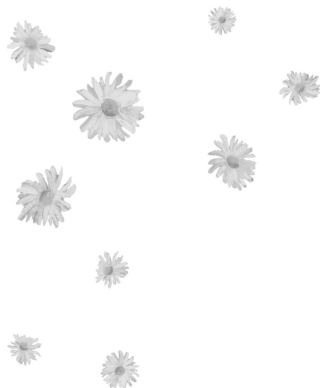
Programas farfalhavam por toda parte, um murmúrio coletivo como vento batendo nas folhas. Onde estava o pedaço de papel que caíra dos programas? O

que dizia?

Todas aquelas horas que ela me aguentou, dia após dia, enquanto assistia do fundo do teatro, todas aquelas falas que queria dizer por si mesma.

Você não vê a peça quando está nela, e perde totalmente o burburinho dos intervalos. *Nossa cidade* tem um intervalo depois dos dois primeiros atos, e o segundo parecia uma pausa em um comício político ou uma pregação evangélica. Os descrentes estavam começando a se inclinar para a frente. Escutando. A mensagem não fazia sentido a princípio, mas a Emily estava minando a noção deles do que era correto. O dia do casamento não foi interpretado com erotismo, mas medo. Ela não queria sair de casa, fazer tarefas domésticas, preparar refeições e aguentar a dor do parto, porque o parto iria matá-la. Queria ser a garota do papai, a aniversariante dele. Crescer era uma coisa terrível — um caminho claro para o terceiro ato. Emily nos mostrou isso, todos aqueles momentos da vida que havíamos perdido e aos quais nunca mais voltaríamos.

Quando o terceiro ato chegou, os poucos que tinham conseguido sustentar a crença de que a Emily não podia ser negra estavam destruídos. Todos estávamos. Quando ela voltou para a cozinha da mãe, chorei como se nunca tivesse visto a peça. Chorei porque ela era excelente. Chorei porque nunca mais interpretaria a Emily. Chorei porque havia amado muito aquele mundo.



17

Não paramos por causa de neve no norte de Michigan. As escolas abrem, os ônibus circulam. Ceder diante da neve significa condenar-se a um populacho sem instrução. Joe se levanta cedo para dirigir o trator com o soprador acoplado pelo caminho esburacado, e eu retiro a neve acumulada nos degraus com a pá. Durante muitos anos, tirei as meninas da cama, uma de cada vez, e as levei depressa para a cozinha quente para começarem a colocar as camadas de roupas, meia-calça vermelha por baixo dos shortinhos cor-de-rosa. Que diferença aquilo fez? Entupia as três de aveia, dava chocolate quente, dava o toque final com toucas, luvas e botas e então as mandava para a ventania. Se estivesse nevando hoje de manhã, estaríamos no pomar agora, arrancando cerejas congeladas das árvores.

Mas nesta manhã de julho está chovendo, imensas cortinas brancas de água caem por todos os lados da casa. Os relâmpagos disparam feito um estroboscópio, enchendo a cozinha com um único segundo de cintilação ofuscante antes de voltar a se apagar. Aguardamos o estrondo do trovão, contando *um, dois, três* antes que chegue. Trabalhamos sob a chuva, mas todos os membros da nossa família têm o bom senso de não ficar debaixo de uma árvore quando há relâmpagos, o que significa que os relâmpagos, pelo menos por uma hora ou duas, são nosso clima favorito da vida.

— Olha só isso — diz Nell.

Olho bem a tempo de ver um raio irregular dividir o céu ao meio, folhas arrancadas das árvores disparando para os lados.

— Você tem que parar bem na frente da janela? — pergunto à minha mais nova.

Ela junta as mãos atrás das costas, uma pequena silhueta recortada na moldura.

— Acha que os relâmpagos vão me atingir?

— Não, mas talvez as pereiras sejam. Você não disse uma vez que de alguma

forma as pereiras ficam agitadas com os relâmpagos? Elas não atravessam os vidros das janelas?

Durante o ano inteiro olhamos por aquela janela — as flores finas feito tecido, os pássaros, as cerejas e as maçãs, o outono vermelho vivo, a neve soprando, a lama que fica depois e as flores de novo. O impressionismo francês é uma coisinha à toa, na nossa opinião. Instalamos a janela quando ampliamos a cozinha e construímos a sala de estar para a família. Os agricultores de Michigan gostam de casas que conseguem manter aquecidas, por isso debatemos durante meses a questão do calor *versus* a beleza e, no fim, a beleza venceu. Os vizinhos entram nesta sala e balançam a cabeça diante de tamanha decadência.

— Você é terrível — acusa Nell, se afastando. — Seu tornozelo avisa quando vai chover?

— Está falando do meu tendão de Aquiles? Não. Ele não tem a habilidade de prever o tempo.

— Dói?

Balanço a cabeça.

— Nunca. Posso passar uma década sem nem lembrar que ele existe.

Maisie está deitada de barriga para baixo diante do sofá, um lado do rosto apoiado no chão.

— Hazel. Querida — suplica ela, e estende o braço sem sucesso. Diz que a cachorra está toda enrodilhada, obstinada e trêmula no canto mais afastado, onde ninguém consegue alcançá-la sem tirar os móveis do lugar. — Alguém pode me trazer um pedaço de queijo? — pergunta Maisie, sem erguer a cabeça.

Deixo a costura de lado e vou até a geladeira. Joe e Emily com certeza estão no celeiro, selecionando, empilhando, consertando. Vão ficar sentados no escritório do celeiro, que é cheio de aranhas e feno, organizando pedidos e preenchendo cheques. Sabem como aproveitar uma hora de relâmpagos, e nós também, mas fazemos uso dela de maneira diferente. Eu vou fazer os remendos. Nell vai preparar uma torta de espinafre para o jantar. Maisie vai continuar tentando persuadir a cachorra a sair de baixo do sofá.

— Então, quando o Duke começou a dormir com a Pallas? — pergunta Nell, pegando as tigelas.

Rio. Maisie se senta ereta, batendo a cabeça na quina da mesa de centro ao se levantar.

— Ui! Você está bem? — pergunto.

Ela esfrega a cabeça e confere se há sangue nos dedos.

— Vocês duas estão conversando sem a gente?

— Não. — Nell se aproxima para olhar a cabeça da irmã sob outro clarão de relâmpago. — Mas você sabe para onde as coisas estão se encaminhando.

— Juro para você, não faço a menor ideia de para onde as coisas estão se encaminhando.

— É para isso mesmo que estão se encaminhando — digo.

— Não achei nem que a Pallas *gostasse* do Duke.

— Às vezes isso torna a coisa mais interessante.

Nell assente em concordância e começo a pensar que, quando isso terminar, e está bem perto de terminar, cada uma das minhas filhas deveria ser obrigada a falar do próprio e breve passado.

— Bom, não podemos falar disso quando a Emily não está aqui. Nós prometemos — explica Maisie.

— Com certeza não podemos falar disso com ela por aqui. Ela não vai querer ouvir nada de ruim sobre o Duke — retruca Nell.

— Como sabia disso se a mamãe não contou para você? O papai contou? — pergunta Maisie.

Nell grunhe.

— Essa é uma ideia horrível — digo.

— Sei que o Duke estava dormindo com a Pallas porque é assim que as coisas funcionam. — Nell passou batom vermelho hoje de manhã, ainda que de jeito nenhum eu seja capaz de entender o porquê. — O cara gosta da estrela do espetáculo. Depois não gosta mais dela porque ela é a estrela do espetáculo. Aí tem um novo espetáculo com uma nova estrela, e ele se dá conta de que a nova é melhor.

— Para constar, eu não sabia de nada disso na época.

Corto com os dentes a linha da camisa que estou remendando.

— E você quer ser atriz? — pergunta Maisie a Nell.

— Até parece que é muito diferente na faculdade de veterinária — retruca Nell.

Agora Maisie fica em silêncio. Recentemente, o namorado dela a distância falou que precisava de espaço, como se tivesse havido alguma falta de espaço ultimamente. Nell tinha me confidenciado isso. Maisie não havia me dito nada. Ela volta a ficar de braços.

— Hazel? — diz ela.

— Emily não entende nada de como o mundo funciona. Benny está apaixonado por ela desde que ela tinha 3 anos — argumenta Nell.

— Fielmente apaixonado — acrescenta Maisie.

— Ela fica falando “Vocês são tão sortudas. Saem com várias pessoas. Podem ter experiências, mas eu, tudo que sempre vou ter é o Benny”.

Maisie estica mais o braço, com o queijo na palma da mão.

— O que equivale a ligar para um fuzileiro naval no Afeganistão e dizer que você também quer combater.

Nell balança a cabeça.

— Ela só se apaixonou pelo Benny e pelo Duke.

— Então talvez seja importante saber que o Duke foi infiel — sugere Maisie.

— Talvez a gente não tenha que falar disso. Para mim está ótimo. Duke ficou com a Pallas por um tempo. O que mais há para contar? — digo.

— Fico tão mal pelo Sebastian — lamenta Maisie.

— Fico tão mal pela Pallas — emenda Nell.

Sorrio ao pensar que nenhuma delas se sente mal por mim, porque aqui estamos nós, juntas nesta casa apertada, com a chuva chicoteando as árvores.

— Aconteceu rápido? — pergunta Maisie.

— Não sei. O que é rápido? — Afinal, ainda estávamos no período do festival de verão. Restavam quatro apresentações de *Nossa cidade* quando voltei do hospital e *Fool for Love* estreava quatro noites depois do encerramento de *Nossa cidade*. Diria que nos primeiros cinco minutos de *Fool for Love* eu sabia que eles já tinham transado e pretendiam transar de novo assim que as cortinas se fechassem. Eu sabia, Sebastian sabia, a plateia sabia. Quando ela virou a garrafa de tequila, deu para ver o líquido descendo pela garganta. Quando ele a atirou no chão e a cobriu com o corpo, deu para ouvir as pessoas ofegarem. Sebastian e eu ofegamos. — Acho que no momento em que *Fool for Love* estreou, as coisas tinham mudado — digo, diplomática. — Não tenho certeza. Eles nunca me contaram.

— O que quer dizer com eles nunca te contaram?

— Estou dizendo que numa noite o Duke estava ali e na noite seguinte não estava. Não podia exatamente sair e procurar por ele. Ter um gesso gigantesco no tornozelo realmente reduz o potencial de alguém poder caçar o namorado por aí. Já não se fazem mais gessos para rupturas do tendão de Aquiles, sabiam disso? Colocam você numa bota ortopédica que pode ser retirada no banho.

Aquilo aconteceu antes de *Fool for Love*? Aconteceu quando eu estava no hospital? Teria acontecido se meu tornozelo não tivesse inchado e eu tivesse ficado internada apenas uma noite, em vez de duas? Duas noites eram uma noite a mais do que Duke conseguia passar sozinho. Você nem sequer fica uma noite no hospital hoje em dia. É uma cirurgia ambulatorial. Eram nessas coisas que eu pensava antes, em como, com uma leve mudança das circunstâncias, o desfecho podia ter sido outro. Então me dei conta de que as coisas teriam de todo modo tomado essa direção. Depois parei de pensar nisso.

— E o que você fez? — pergunta Nell.

Ela deixa a torta de espinafre de lado antes de começar a prepará-la, saindo da cozinha para se sentar à minha frente em uma cadeira verde enorme. O batom vermelho a faz parecer francesa. Maisie se levanta do chão e se deita no sofá. Quando a próxima rodada de trovões sacode as tábuas do piso, Hazel dispara para fora e choraminga para pedir colo.

Olho para minhas meninas, minhas jovens e brilhantes mulheres. Quero que pensem que eu era melhor do que fui, e também quero dizer a verdade no caso de a verdade ser útil. Esses dois desejos não coexistem ordenadamente, mas é neste ponto da história que estamos.

★ ★ ★

Eu me agarrei a *Nossa cidade* quando tinha 16 anos e continuei a segurar firme até a hora em que Pallas subiu ao palco e disse as falas que eu considerava

minhas. Depois disso, a coisa toda simplesmente desapareceu. Ripley pensou que um bom terapeuta poderia me fazer mudar de ideia, mas nunca tentei. Minha confiança tinha se espatifado e me deixado autoconsciente, semiconsciente. Não achei que houvesse grande coisa a ser feita em relação a isso. Precisava bolar um plano, não necessariamente para minha vida, só para aqueles dias, algo que justificasse minha estada no Tom Lake até que pudesse caminhar com os dois pés novamente.

Empurrei a cadeira de rodas até o setor de figurino para falar com Cat. Ela era a pessoa mais ocupada que conheci naquele verão. Fazia os figurinos, reformava os figurinos, consertava os figurinos, e fazia isso com metade da equipe de que precisava. Fez o vestido de morim que usei no primeiro e no segundo atos e o vestido de noiva branco do segundo e terceiro atos, depois fez réplicas para Pallas, no caso de eu romper o tendão de Aquiles na quadra de tênis. Uma vez, quando eu estava fechando o zíper do vestido, Cat me disse que tinha passado metade da noite em claro recolocando os paetês nas peças brilhantes do figurino de *Cabaret*. Disse que não importava quanto apertasse as lantejoulas na hora de costurá-las, o elenco iria arrancá-las durante as coreografias de novo.

Eu achava que o Tom Lake fosse mais esclarecido que a média das pequenas cidades de Michigan, mas quanto mais tempo passava lá, mais percebia como aquilo funcionava igualzinho ao restante do mundo. Os diretores e coreógrafos eram homens. Os homens escolhiam as peças, estabeleciam os horários e controlavam a iluminação. As mulheres faziam a comida, estilizavam as perucas e colavam cílios postiços em pálpebras. Cat era a mulher com a agulha e a linha.

Três degraus levavam à enorme sala repleta de máquinas de costura e manequins onde ela trabalhava atrás da oficina. Tentei calcular um jeito de sair da cadeira de rodas para o chão e depois subir as escadas de costas, mantendo o gesso mais ou menos no ar. Foi quando uma garota de camiseta listrada passou, não parecia ter mais que 12 anos, e perguntou se eu precisava de ajuda.

Por onde começar?

Cat e eu não nos conhecíamos havia muito tempo, mas a ajuda prestada por ela foi inestimável. Ainda mando um cartão de Natal para ela todo ano. Da parte que lhe cabia, Cat alegou que a fantasia dela sempre foi a de que um dia alguém iria bater na porta e se voluntariar para fazer consertos nas roupas. Para o conserto de roupas, eu tinha credenciais. Sabia ajustar e cortar moldes e copiar coisas simples sem moldes, embora não conseguisse fazer nada disso sem ficar de pé. Remendar, porém, era um trabalho para se fazer sentada. Ela montou uma cesta com itens de costura para mim na hora, colocando um lindo par de tesouras Fiskars como as que minha avó tinha. Juntou os figurinos num cesto de roupas, colocou o cesto de costura no cesto de roupas, depois colocou o cesto de roupas no meu colo e me empurrou até em casa na cadeira de rodas.

— Puseram você no chalé? — perguntou ela, olhando ao redor maravilhada

com quanto era bonito.

— Desde que isso aconteceu. — Olhei para meu pé. — O tio Wallace estava aqui, mas dizem que ele não vai voltar.

— Acho que não. — Cat, claro, estava lá naquela noite. Ela se sentou no sofazinho de chita. Não sabia que idade tinha, talvez tivesse a idade da minha mãe, mas naquela altura da vida pensava em todas as mulheres com mais de 30 como se fossem da idade de minha mãe. Cat tinha olhos verdes tristes e um cabelo que devia ter sido loiro quando ela era jovem. Não diria que era bonita, mas tinha uma qualidade sonhadora, alguma coisa suave. — Já estive aqui antes — falou, puxando uma almofada bordada com violetas para o colo. — Faz muito tempo.

— Com o tio Wallace? — Quis fazer uma piada, mas ela assentiu.

— Ele sempre ficava no chalé. Em nenhum outro lugar. Nos primeiros anos em que veio ao Tom Lake, ele me convidava para vir aqui às vezes, talvez uma ou duas vezes por semana. Sempre dizia que precisava que eu fizesse bainha nas calças dele. Me chamava de “senhora do figurino”. Eu adorava esse apelido.

Sorri porque queria que Cat achasse que eu entendia as coisas do mundo. A libertinagem prolongada de uma pessoa era o adorado romance de verão de outra.

— Era um homem adorável — continuou ela, como se ele já estivesse morto.

Todos os dias eu pegava uma mixórdia de fios puxados e rasgos e voltava a transformá-los em roupas. Achei o trabalho extremamente satisfatório, pois imagino que Rumpelstiltskin teria curtido transformar toda aquela palha em ouro. Os atores destruíam tudo em que tocavam? Cat trouxe mais uma cesta de manhã, e à tarde eu já tinha terminado. Às vezes, quando sobrava um tempo, ela trazia uns sanduíches e me contava histórias envolvendo Albert Long, histórias legais sobre o senso de humor e a gentileza dele, nunca coisas de que eu não queria saber. Disse que quis visitá-lo no hospital depois do desastre esofágico, mas estava com medo. Depois daqueles primeiros anos, ele nunca parecia lembrar quem ela era, quem havia sido para ele, mesmo quando Cat estava de joelhos, prendendo a bainha das calças dele com alfinete. Conteí sobre o encontro com Elyse Adler, e ela ficou feliz por não ter ido. Elyse era a esposa que o tio Wallace andava traindo naquela época.

Pedi a Duke que abrisse todas as cortinas antes de ele sair de manhã. Adorava costurar no chalé, a luz era muito boa. Podia ficar sentada na cama com o pé para cima e a montanha de remendos e conseguir evitar o pânico por horas a fio, a mente tranquilizada pelo trabalho que tinha nas mãos.

— Quando você vai retornar as ligações do Ripley? — perguntou Duke, antes de sair para o ensaio.

Tinha se barbeado no banho, como sempre fazia. O cabelo pingava ao pé da cama, onde ele se empoleirou, nu. Talvez eu o amasse mesmo.

— É impossível conseguir um telefone por aqui.

— Tem telefone em tudo que é lugar. Ele continua deixando recados para

você no escritório.

Eu havia cometido o erro de contar a Duke que Ripley telefonara para o hospital. Ele via o filme como a resposta para tudo: a perda da Emily, o fato de eu estar pulando num pé só.

— Por que eu deveria ligar para ele se ele nunca me escuta?

— Se você estiver dizendo algo idiota, é melhor que não escute mesmo.

— Não sei o que vai acontecer — falei.

— Bem-vinda ao mundo real. Seu filme está sendo lançado. Não é hora de começar a fechar portas.

Toquei o braço dele, a pele sedosa esticada sobre o músculo. A cicatriz redonda e vermelha onde havia apagado o cigarro ainda tinha um derradeiro vestígio de casquinha.

— Pode me fazer um favor?

— Qual?

— Acha que conseguiria colocar algo tipo uma tábua de passar roupa em cima da cama?

— Como assim?

— Quero passar os remendos a ferro. É assim que se finaliza o trabalho. Mas não posso passar se não puder ficar de pé. Se tivesse uma tábua de passar em cima da cama, uma pequena...

Estava pensando na tábua de passar roupa da Veit com sucção e saída de ar com que minha avó e eu sonhávamos. O que estava pedindo não era nada daquilo. Tinha acabado de costurar a faixa de um avental de musselina que sabia que pertencia à sra. Gibbs. Queria que ficasse bonito.

Ele afastou meu cabelo da testa com a palma da mão.

— Você está ficando maluca, grilo.

Olhei para ele, para sua beleza enlouquecedora.

— Vai — falei, com gentileza.

Duke estava tão feliz por *Nossa cidade* estar quase no fim, por ser o Eddie praticamente o tempo inteiro, por levar Pallas de volta para o quarto que um dia tinha sido meu depois de nadarem no lago. Eu não sabia dessa última parte na época, mas sentia que tudo estava mudando. Duke estava a caminho do topo e eu estava a caminho da saída. Nenhum dos dois era capaz de pronunciar essas palavras, mas nós sabíamos.

Pallas foi me ver, mas achou o piso do chalé escaldante. Por mais que tentasse, não conseguia ficar de pé ali por mais de um minuto. Chegou do refeitório com uma garrafa de refrigerante Orangina e um saquinho de pretzels: pequenas oferendas a serem depositadas no altar da culpa. Obviamente se torturava, e eu era boba o suficiente para pensar que se sentia mal por pegar meu papel — os dois papéis! Uma tênue névoa de tequila a envolvia.

— Quando o Sebastian volta? — perguntei.

Estendi o saquinho de pretzels na direção dela, mas Pallas balançou a cabeça. Ela era magra, e estava ficando mais magra ainda. Eu sabia disso porque já havia pegado o vestido vermelho que ela usaria em *Fool for Love*. Sebastian era

basicamente meu herói naqueles dias, e eu ficaria muito mais feliz quando ele voltasse. Se Sebastian estivesse ali, os times ficariam equilibrados: dois atores e dois não atores.

Pallas inclinou a cabeça, mordeu o lábio.

— Ele tirou muitas folgas. Está com problemas do trabalho. Vai ficar ocupado durante um tempo, compensando as aulas que perdeu. — Ela se balançava, quase levantando os pés para evitar que queimassem. — Tenho que ir. Tenho muitas falas para decorar — disse ela, o rosto radiante.

— Ensaie aqui! — Dei batidinhas no espaço vazio do meu lado, onde Duke dormia. — Você pode subir na cama grande e macia e podemos passar as falas.

Ah, Pallas, uma atriz tão boa, e ainda assim não conseguiu disfarçar de modo a me levar a pensar que estava tudo bem, que era minha amiga e que voltaria. Quase saiu correndo para escapar de mim.

Em retrospecto, minha incapacidade de ligar os pontos era uma espécie de dádiva. Em breve iria compreender o que eles estavam fazendo e depois, finalmente, compreender o que eu tinha feito com Veronica. Veronica desempenhou um papel tão pequeno na história, mas eu a amava mais do que a todos no Tom Lake juntos. Ela permaneceu comigo depois que o restante deles havia desvanecido, talvez porque nos lembremos das pessoas a quem magoamos com muito mais nitidez do que das pessoas que nos magoaram.

Assistir às três apresentações restantes de *Nossa cidade* foi uma prova de resistência. Observava o George e a Emily subindo as escadas, falando do dever de casa, da lua. Eles diante da máquina de refrigerantes conversando sobre o futuro. Os dois na cerimônia de casamento, e Pallas pedindo a Duke que a levasse embora. Ele não vivia dizendo que ela era a garota dele? A próxima coisa que acontece é que, no terceiro ato, ela está sentada no cemitério com o restante dos mortos. A despeito de todas as vezes que estive na peça, acho que nunca entendi por completo quanto ela se desenrolava rápido. Chan, de forma muito gentil, voltou ao chalé e me levou para as três apresentações, mas depois daquela primeira noite falei que ele não precisava ficar. Podia pedir a qualquer estranho que empurrasse a cadeira de rodas pelo *campus* do Tom Lake quando a noite estivesse escura e estrelada. Com o tempo, eu ganharia mais confiança com a cadeira de rodas, mas o lugar era muito acidentado e a ideia de tombar no breu quando estava sozinha e quebrar um ombro ou um joelho me dava um medo danado. Duke adorava me colocar sentada na escada da frente do alojamento da companhia, tarde da noite, quando chegava em casa, e então disparar por ali na minha cadeira de rodas, fazendo-a girar em círculos malucos. Em seguida descia nela colina abaixo, indo cada vez mais rápido, até que erguia as mãos e gritava, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados. Eu não aguentava aquilo. Não aguentava observá-lo, então fechava os olhos.

A parte desta história em que eu morava no chalé e costurava para Cat, a parte em que *Nossa cidade* ainda estava em exibição e *Fool for Love* ainda estava nos ensaios e Duke ainda estava na minha cama não pode ter durado muito mais do que uma semana, oito ou nove dias no máximo. Mas foram dias

longos, dias de festival de verão. Para mim, pode muito bem ter sido uma era geológica.

São Sebastião voltou para a estreia de *Fool for Love*. Ah, como eu tinha sentido saudade dele! É tão óbvio para mim agora que ele era o melhor entre nós. À primeira vista, qualquer um pensaria que Duke ocupava a órbita, com Sebastian, Pallas e eu como as luas circundantes. Mas era Sebastian o essencial. O interesse dele no que dizíamos nos tornava interessantes, disfarçava nossas falhas. Eu sentia falta de nós quatro e dos lugares onde tínhamos estado juntos — o lago, a quadra de tênis, o carro. Minha mente sempre retornava àquele dia na fazenda dos Nelson.

— Olha só para você! — Sebastian estendeu os braços para mim quando fui mancando com as muletas até a porta aberta para encontrá-lo.

Olha só para ele, isso, sim, com a camisa Oxford branca engomada e passada e o blazer azul-marinho. Sem dúvida era a mesma camisa e o mesmo blazer que usava no bar do Grosse Pointe Iate Clube, mas nessa noite os usava para Pallas, para a estreia da peça estrelada pelo irmão e pela namorada.

Sebastian trouxe a cadeira de rodas e se ajoelhou para colocar meu gesso no apoio para os pés.

— Vai ficar bem mais fácil para ela agora — explicou ele, com o pensamento em Pallas. — Quando era *Nossa cidade* uma noite, depois *Cabaret* na noite seguinte e depois o ensaio de *Fool for Love* o dia todo, eu pensava que ela não iria dar conta.

Por que eu não tinha pensado por esse lado? Toda a pressão que Pallas estava sofrendo por minha causa, o namorado dela que tinha que ficar no trabalho por minha causa. Não era de se admirar que mal suportasse ficar no meu quarto.

— Pallas é mais durona do que a gente — argumentei, e com isso me referia a Duke e a mim mesma, não a Sebastian.

— Foi por isso que ela me disse para não vir aqui por um tempo.

— Ela disse para você não vir?

— Eu entendi. Ela não tinha tempo. Quer dizer, com os horários dos compromissos, não sobrava um minuto. Queria ver tudo em que ela está. Juro. Queria muito ver ela atuando em *Nossa cidade* de novo, mesmo que tivesse que dirigir até aqui, fazer o retorno e dirigir de volta depois do espetáculo, teria feito isso, mas ela disse que era demais.

Ele era extremamente cuidadoso, evitando quaisquer obstáculos ou buracos no caminho enquanto empurrava minha cadeira de rodas até o teatro.

— Teria sido incrível.

— Joe fez isso.

Joe Nelson! Não tinha me despedido dele depois da última apresentação. Esqueci que não iria vê-lo de novo.

— Talvez a gente possa visitar a fazenda dos Nelson de novo, todo mundo — sugeri, pensando que podia ter uma segunda chance.

Podíamos reviver aquele dia inteiro de novo! Almoço com Maisie e Ken, os guardanapos, Sebastian e Pallas de mãos dadas enquanto andávamos pelo

bosque, Duke correndo pela praia, Duke que havia se deitado na grama espessa do cemitério para fumar. Queria tudo aquilo.

— Podemos ir aonde você quiser, desde que ela chegue aqui antes de as cortinas se abrirem.

Ela, disse ele, não *ele*. Até pouco tempo antes teria sido nos horários de Duke que Sebastian ficaria de olho.

— Vamos almoçar no iate clube. Nós três poderíamos ir no carro da Pallas e encontrar você lá — falei.

Duke adorava falar do iate clube, adorava dizer a palavra *iate*, falar de como Sebastian governava o mundo com as roupas brancas de tênis.

Sebastian se deteve no lugar em que havia a melhor vista para o lago, o lugar onde havia uma curva para pegar o caminho até o teatro, o lugar por onde corríamos dia após dia enquanto descíamos a encosta verdejante no calor da tarde para nos atirar na água.

— O clube não é lugar para se ir — respondeu ele.

Uma garça varreu a superfície do lago no momento em que observávamos, molhando a ponta dos pés e subindo sem pegar nada.

— Olha só isso! — exclamei.

Estávamos os dois muito entusiasmados por ver a ave. Poderia ter perguntado o que havia de errado em almoçar no iate clube, mas já sabia. Sebastian queria protegê-la de tudo, inclusive do lugar onde trabalhava.

Diferente de Chan, que me deixava estacionada atrás da última fileira, Sebastian me pegou no colo e me carregou pelos degraus. Para ser justa, nunca tinha me passado pela cabeça que Chan pudesse se oferecer para me carregar no colo para algum lugar, e acho que ele também não pensou nisso, mas era reconfortante estar nos braços de Sebastian de novo.

— Você sabe que eu não faria isso se você fosse uma pessoa de tamanho normal — comentou ele e eu ri, pela primeira vez feliz por ser pequena.

Aquela era a grande noite, e chegamos cedo para ter o privilégio de nos sentar no centro da segunda fileira.

As luzes ficaram mais fortes quando o teatro começou a encher. Falei a Sebastian das costuras que estava fazendo e das coisas que encontrava nos bolsos das pessoas. Ele perguntou onde eu havia aprendido a costurar, e então falei da minha avó e de como ficava na oficina dela desde tempos imemoriais. Ele me contou das aulas da semana e de um garoto de 14 anos chamado Andy, com uma esquerda ágil, que era o melhor aluno que já tivera. Os pais do menino tinham virado sócios do iate clube só para que ele pudesse ter aulas com Sebastian. A emoção na voz dele quando falou desse garoto me comoveu. Mais de uma vez, Sebastian me disse que Andy era o melhor.

Acho que Sebastian e eu não tínhamos falado muito a respeito de nada antes de ele me levar para o hospital, mas estávamos diferentes, nos considerávamos amigos. Fiquei, nos poucos minutos que restavam, feliz apenas por estar com ele. No futuro, quando eu pensasse no São Sebastião, pensaria sempre naquele momento no teatro antes de a cortina se abrir, na camisa branca e no blazer

azul-marinho, no sorriso dele ao se inclinar para sussurrar algo a respeito da mulher parada no corredor reclamando que todos os bons lugares estavam ocupados quando faltavam menos de cinco minutos para a peça começar.

Fool for Love tem apenas um ato. Sam Shepard, em sua infinita sabedoria, sabia que, se interpusse um intervalo, um monte de gente iria correr para a porta. Não estou querendo dizer que a peça era ruim. Por mais que a odiasse, sabia que não era ruim, mas deixava a pessoa acabada, tanto os atores quanto o público. Mesmo que você não fosse uma das duas pessoas sentadas no meio da segunda fileira se dando conta de que tinha perdido tudo aquilo que amava, era difícil de assistir. Quando Eddie e Mae começaram a se beijar, Sebastian cobriu meu pulso com a mão e a manteve ali pelo resto da apresentação, os olhos voltados bem para a frente. Havíamos perdido Duke e havíamos perdido Pallas, e tudo que podíamos fazer era continuar sentados lá e esperar a peça terminar.

Mas enquanto esperávamos assistimos aos dois. Compreendemos que nunca houve de fato um mundo no qual Pallas teria ficado com um professor de tênis de East Detroit, nem qualquer mundo no qual Duke ficaria com quem quer que fosse. Fazíamos parte da plateia, e eles eram deuses esbeltos, brilhantes e aterrorizantes. Iluminavam o lugar com a dor embriagada e o amor extravagante deles. Como é que poderiam chegar ao fim daquele espetáculo sem ir para casa e jogar um ao outro na parede, no chão, na cama? Com certeza alguns atores do passado tinham conseguido, aqueles que trocaram a tequila pela água, mas Duke e Pallas eram só crianças. Crianças prodigiosamente talentosas.

Quando aquilo finalmente terminou, o público se pôs de pé para aplaudir e Sebastian abriu caminho pela fileira e foi embora. Seria a última vez que o veria. Continuei sentada, com o vestido azul-claro que minha avó tinha feito e meu gesso enorme, e esperei. Não tinha entendido que Pallas e eu estávamos numa competição, mas estávamos, e ela venceu. A mistura de dor, humilhação e desejo atingiu meu coração com tanta violência que tive certeza de que senti o músculo se romper. Quando as pessoas perguntavam se precisava de ajuda, eu dizia que não, que meu amigo voltaria logo, mas, depois de mais meia hora, depois que todas as outras pessoas tinham ido embora, precisei admitir que nem mesmo o bom e velho São Sebastião viria me buscar. Foi aí que percebi como os encostos dos assentos do teatro poderiam oferecer um meio de locomoção estável. Fiquei de pé e segurei um e depois o outro e o outro, saltando para o corredor e então subindo as escadas, fileira após fileira, até onde a cadeira de rodas estava. Usei a cadeira como andador, empurrando-a pela porta até sair, então me sentei e voltei para casa bem devagar no escuro. Curiosamente, acabou sendo isso que me salvou: a certeza de que eu poderia voltar sozinha.

A tempestade está praticamente no fim, os trovões se deslocaram para um lugar tão distante que nem mesmo Hazel está mais alarmada. Agora é só uma chuva moderada, e não um dilúvio arrebatador. Maisie e Nell estão olhando para mim, embriagadas de decepção.

— Sebastian simplesmente... — Maisie engole em seco. — Não voltou?

— Ele foi ao camarim encontrar os dois. Houve algum tipo de briga.

— Quem contou para você?

— Cat veio com os remendos de manhã.

— Você teve que costurar as roupas deles?

O caso de amor de Nell com o verão da mãe dela no festival de verão dá o último suspiro.

Balanço a cabeça.

— Cat nunca teria pedido que eu costurasse o figurino deles. Sabia o que estava acontecendo. Disse que tinha havido um bocado de gritos, empurrões e acusações. Falou que a coisa toda parecia uma peça do Sam Shepard. Sebastian deu um soco na cara do irmão.

Será que tinha rasgado a camiseta de Duke também? Tudo era possível.

— E a Pallas? — pergunta Maisie.

— Aparentemente ela não tinha bebido tanto no ensaio, e então na noite de estreia foi com tudo. Cat teve que carregar ela do camarim.

— Os dois irmãos estavam se digladiando por ela, e ela perdeu tudo?

— Deve ter perdido.

Cat disse que Pallas estava caída de cara naquele sofá amarelo nojento de calcinha e sutiã, chorando de se acabar. Não deixava Cat voltar a vesti-la. Sebastian saiu furioso, Duke ficou no chão e o D.A. estava caçando um saco de gelo para colocar no rosto dele. Então o D.A. disse que ele iria precisar de uns pontos e levou Duke para o hospital. Pallas estava bêbada demais para se sentar. Duke era categórico sobre o consumo de álcool ser uma questão de prática,

mas talvez ela não tivesse prestado atenção. “Sei que não devia estar dizendo isso para você”, disse Cat, “mas senti pena dela. Queria que o jogador de tênis tivesse pegado ela e colocado no carro. Talvez a perdoasse mais tarde. Essa menina não serve para o Duke”.

Quis perguntar se ela achava que eu servia para Duke, mas qualquer que fosse a resposta não seria útil.

— E quando você viu o Duke? — pergunta Maisie.

Balanço a cabeça.

— Não vi ele.

— Como assim? — indaga Nell, parecendo uma francesinha zangada. — Ele deu um perdido em você?

— Não tínhamos essa terminologia, mas, sim, essa é a ideia geral.

Maisie cobre os olhos com as mãos.

— Filho. Da. Puta. Quero de volta todas as horas da minha infância que passei assistindo a *O rei da pipoca*.

Fico de pé. *O rei da pipoca*. Que ideia.

— Assim termina a história do verão em que a mãe de vocês namorou um famoso astro de cinema. Conte para a sua irmã o que achar melhor. Não vou fazer esse papel de novo.

— Mas ele *não era* um famoso astro de cinema — corrige Nell, lutando para controlar a voz. — Não naquela época. Só era um ator cuzão como todos os outros atores cuzões.

Dou de ombros.

— Alguns atores eram bacanas. Seu pai era muito bacana.

— Foi por isso que virou um agricultor que planta cerejas.

Maisie ainda está sentada ali, com a cachorra adormecida no colo.

— Quero matar ele — diz ela.

— Bom, você não tem como fazer isso, ele está morto, e de qualquer forma isso aconteceu faz muito tempo.

A raiva se dissipou com o amor, e tudo que restou foi uma história. Peter Duke está morto, e estou contando a elas minha pequena versão do que aconteceu.

— Então você foi embora de lá? — pergunta Nell.

Paro diante da janela. Até mesmo a chuva chegou ao fim. O sol brilha em toda parte.

— Vamos lá. De volta ao trabalho.

— Você vai nos contar, né? — insiste Nell. — Promete?

Digo que sim, que prometo, mas que ela não vai gostar.

Maisie e Nell pegam os respectivos chapéus e o repelente e saem para o imenso mundo gotejante usando galochas. Fico para trás com o objetivo de preparar o almoço, que devia ter adiantado enquanto falava durante esse tempo todo. O passado não precisa ser tão envolvente a ponto de nos tornar incapazes de preparar uma salada de ovos. O passado, se eu fosse passá-lo a limpo, soaria desastroso, mas, independentemente de como terminou, tivemos todos vários

dias bons. Nesse sentido, o passado é muito parecido com o presente, porque o presente — esse desastre sem paralelo — é o momento mais feliz da minha vida: Joe e eu, aqui nesta fazenda, nossas três filhas crescidas que haviam partido e então regressado, todos nós trabalhando juntos para colher as cerejas das árvores. Pergunte àquela garota que deixou o Tom Lake o que ela queria da vida e ela nunca, nem em um milhão de anos, teria dito a fazenda dos Nelson em Traverse City, Michigan, mas no fim das contas isso era tudo que ela queria.

Assim que termino de preparar os sanduíches e ponho os saquinhos de biscoito e batatas chips em uma mochila, passo pela horta. As mudas de alface e tomate e as zínias já estão se recuperando da surra que levaram. Aquelas minúsculas borboletas pervinca estão fazendo as rondas. Para onde as pervincas vão durante uma chuva daquelas? Não é que eu não tenha consciência do sofrimento que assola o mundo e do sofrimento que em breve aumentará, é que sei que o sofrimento mora ao lado da grama molhada e de um céu azul brilhante recém-varrido pela chuva. A beleza e o sofrimento que assola o mundo são igualmente verdadeiros. *Nossa cidade* me ensinou isso. Tinha decorado as lições antes de entender o que significavam. Não importa há quantos anos parei de interpretar a Emily, ela ainda está aqui. Tudo em Grover's Corners está em mim.

Quando deixo a comida no celeiro e beijo meu marido, as meninas já colocaram o cesto no pescoço como cavalos prontos para arar um campo. Já estão imersas no trabalho.

— Ele deixou você! — grita Emily quando me vê chegando.

— Ela já sabe tudinho — explica Maisie, da escada.

Hazel encontrou uma bola de tênis imunda, Deus sabe onde, e a traz para mim. Lanço-a o mais longe que já lancei uma bola de tênis, e Hazel sai em disparada pelas fileiras de árvores — ela, que não consegue subir nem as escadas.

— Optamos por uma versão resumida — diz Nell.

— Você devia ter me contado isso anos atrás — emenda Emily.

Não sei exatamente o que as irmãs contaram a ela, mas está miraculosamente indignada por mim, todo o ser de minha filha mais velha tremendo de empatia e raiva.

— Você teria ficado do lado do Duke — argumenta Maisie, mas com delicadeza.

Emily se aproxima e me abraça.

— O que você fez? Você continuou lá?

Hazel está de volta com a bola de tênis, e, depois de uma rápida performance de alteração e rosnados, eu a lanço de novo. Ela não é um filhotinho. Isso não vai durar o dia inteiro.

— Não continuei.

— Você vai fazer a gente adivinhar? — pergunta Maisie, empoleirada bem no alto.

Começo a dizer que não, não há como adivinhar essa, quando Nell ergue a mãozinha como uma aluna em sala de aula.

— Ripley foi buscar você.

— Não! — grita Emily.

Olho incrédula para minha filha mais nova. Nell, com seu batom, tinha descoberto.

— De que outra forma você iria embora? Sem conseguir andar. Sem carro e, mesmo se tivesse um, é seu pé direito, então não dá para dirigir. Não contou para a família. Acabou de dizer que não viu mais o Sebastian.

— Espera, você não viu o Sebastian? — Emily ergue o olhar para Maisie. — Você não me contou essa parte.

Sebastian. Esse é um tópico desconfortável sobre o qual tentei ser evasiva, mas já que menti decido deixar a mentira assentar. Reservei um único dia de privacidade à luz desse interrogatório impiedoso.

— Achei que o Sebastian iria levar você embora, mas não levou. Cat não pode largar o Tom Lake no meio da temporada. Elyse Adler não vai voltar. E acho que o Chan não vai levar você embora, mas aposto que estava apaixonado por você.

— Para de atuar — sugere Maisie à irmã. — O FBI precisa de você.

— E Ripley quer você de volta para fazer a divulgação. Quer dizer, ele realmente precisa que vá a Los Angeles, então está contando com você de alguma forma. Você é a estrela do filme.

— Não sou a estrela do filme.

— Já assistimos cem vezes. Você é. Então Ripley fica ligando e Duke está pegando os recados no escritório. — Ela faz uma pausa para pensar nas coisas e a aguardamos em silêncio. — Ah, meu Deus, o Duke ligou para ele, não foi? O Duke ligou para o Ripley e disse que ele fosse buscar você. É por isso que Ripley foi ao Michigan. Caso contrário, teria mandado a garota, a... Qual é o nome dela? Ashby. Teria mandado ela pegar um voo e levar você de volta.

— Por que não podia ter sido a Ashby? — pergunta Emily. — Não faz sentido que o Ripley faça isso.

Emily, de quem tínhamos tanto medo, está tentando juntar as peças.

— Não seja tão idiota — diz Nell.

★ ★ ★

No dia seguinte à estreia de *Fool for Love*, fiquei na cama o dia inteiro, com o pé sobre os travesseiros, fumando, costurando lantejoulas e bebendo a vodca congelada com gosto de xarope que tinha no estoque. Havia tantos motivos para chorar que eu poderia ter dividido em segmentos: das nove às dez, chorar pela traição de Duke e Pallas; das dez às onze, chorar porque o queria de volta; das onze ao meio-dia, me dividiria entre a perda de Sebastian e a perda de Pallas, sentimentos muito diferentes e ainda assim emaranhados; do meio-dia à uma, pela perda da Emily e pelo fim da minha carreira de atriz; da uma às duas,

pela frustração de não conseguir andar até o banheiro; das duas às três, pelo pavor do que fazer da minha vida, e me referia ao dia seguinte e a todos os outros dias. Isso levava de volta à traição, o que reiniciaria o ciclo. Adormecia, mas não conseguia dormir por muito tempo; não comia; espetava os dedos com agulha o tempo inteiro nos meus esforços para costurar e chorar, o que significava ir aos pulinhos até a pia para esfregar pequenas manchas do meu sangue no tecido. Quem sabe quanto tempo teria suportado esse estado se Ripley não tivesse chegado, ainda que meu palpite fosse muito tempo. Peguei um dos lenços de papel que estavam espalhados por toda parte e assoei o nariz.

— Por favor, diz que você não está aqui — falei para ele.

— Olá para você também.

Ripley ficou parado na soleira da porta do chalé, avaliando o desastre.

— Sério. Não estou no meu melhor momento agora. Não consigo negociar.

— Bom, tudo bem, porque não estou aqui para negociar. Você faz alguma ideia da distância até esta droga de lugar? De qualquer ponto de partida? Peguei um avião até Detroit, a porra do pior aeroporto já construído. Levei uma hora para caminhar do portão onde pousamos até o portão onde peguei um voo para um lugar chamado Traverse City num avião minúsculo. Odeio aqueles aviões minúsculos. Então seu namorado maníaco me busca no aeroporto num Honda sem a terceira marcha. Ele me disse que tem que mudar direto da segunda para a quarta e que não era para eu pensar que ele não sabia que devia usar a terceira, era só que a terceira não estava funcionando. Alguém bateu nele, aliás, tenho certeza de que você sabe disso. O olho direito dele está fechado de tão inchado, esse seria o olho com o qual ele me olharia no carro. Levou pontos no canto. Três marchas no carro e só um olho e o trajeto leva uma hora e meia, e durante esse tempo ele não consegue calar a boca.

— Ele disse que era meu namorado?

Passei a ponta do lençol sob os olhos. Não tivera nenhuma notícia de Duke além do que ouvira de Cat.

— Isso é o que você quer saber?

— Só me diz o que ele falou.

Ripley balançou a cabeça, sem dúvida enojado com meu estado precário.

— Ele disse que você precisava ir para a Califórnia, foi isso que ele disse.

— É bacana que vocês dois concordem.

— Bom, você está indo para a Califórnia. Não vim aqui pela minha saúde. Seu namorado disse que, depois que quebrou o pé e perdeu o papel na peça, você está um caco. Falou que este lugar não tem mais nada para você, o que entendi como um sinal de que ele terminou com você e de que gostaria que fosse embora, mas isso não é da minha conta.

Recebi mal aquilo, e Ripley fez o possível para desviar o olhar.

— Quem pensou que seria uma boa ideia colocar um teatro no meio do nada? — perguntou ele, olhando da janela para o pátio e as papoulas.

Funguei e enterrei a cabeça em um travesseiro.

— É bonito aqui.

— É bonito em Santa Barbara. Se você organizar um festival de verão em Santa Barbara, as pessoas conseguem achar o lugar.

— Ripley, é sério. Sinto muito que tenha vindo de tão longe, mas preciso que me deixe em paz.

Ele pareceu magoado, embora eu achasse que Ripley não fosse capaz de ficar magoado. Talvez estivesse cansado. Então ele se sentou na beirada da minha cama, batendo de leve no gesso com os nós dos dedos.

— Eles não economizam gesso por aqui, né?

— Não é possível que faça alguma diferença eu dar entrevistas. Ninguém sabe quem eu sou.

Esfreguei o rosto com o lençol.

Ripley deu tapinhas na minha perna, no espaço entre o joelho e a parte de cima do gesso.

— Você precisa dar entrevistas. É um bom filme. Você vai ver. Vai ser bom para você.

— Não vou mais ser atriz.

— Você tem 12 anos, não sabe o que vai ser, mas tem que voltar e terminar o que começou.

— Você pegou um voo até aqui para me dizer isso?

— Você não retornava as merdas dos telefonemas, e, de qualquer forma, tenho uma sensação de, não sei... — Ele se deteve para assimilar a montanha cintilante de figurinos que cobria a cama. — Qual é a das roupas?

— Estou fazendo consertos para o setor de figurinos.

Ele pegou a ponta de um *collant* prateado e o deixou cair.

— Sinto que tenho certa responsabilidade em relação a você, como o seu namorado pirado me explicou ao telefone. No mínimo, tenho a responsabilidade de tirar você daqui, e isso vai ser bom para nós dois.

Um fio de clareza penetrou no meu cérebro embotado, um raio de luz. Duke tinha planejado aquilo.

— Ele quer que você veja a peça. É por isso que você teve que vir aqui.

Ripley fez que não com a cabeça.

— Ele nem tocou no assunto da peça.

Uma hora e meia no carro e nenhuma menção a Sam Shepard. Duke sabia que se conseguisse levar Ripley ao Tom Lake, eu iria levá-lo para ver *Fool for Love*. Mesmo que eu o odiasse, ele sabia que iria superar esse ódio, porque sabia que eu era exatamente esse tipo de otária. Duke seria um astro de cinema, mas para ser um astro de cinema você tem que encontrar alguém que esteja disposto a cuidar de você. O brilhantismo dele não se mostraria de imediato num currículo, numa foto, num teste de três minutos. Precisava ser visto em uma peça, naquela peça em particular e na íntegra. Ele era tão bom quanto qualquer ator de Michigan, então o truque era se certificar de que alguém que não fosse de Michigan soubesse disso.

Ripley foi ver *Fool for Love* sem muita convicção. Ver peças era o que ele

fazia. Ele me chamou para ir, mas eu disse que, se iríamos embora no dia seguinte, eu precisava fazer as malas. Eu era como um daqueles corvos espertos que podiam usar um graveto como ferramenta. Eu me sentei na cadeira de rodas e derrubei coisas do suporte do armário com a muleta. O que eu tinha trazido não era nada mais significativo do que o tio Wallace trouxera: uma quantidade modesta de roupas, alguns livros que eu já lera, um relógio. Deixei meus roteiros no congelador junto com a vodca que Duke e eu ainda não tínhamos conseguido terminar. Tomei um banho cuidadoso, terminei os remendos e escrevi um bilhete para Cat. Ripley pediu à secretária que providenciasse um serviço de transporte pela manhã, dizendo que com certeza não voltaríamos para Traverse City naquele Honda dos infernos.

— Com certeza naquele Honda dos infernos, não — confirmei.

Enfiei as duas roupas de banho no canto da mala. Tudo no Tom Lake estava terminado para mim. Apesar de todos os meus protestos, entendi que havia tido muita sorte de alguém, qualquer pessoa, ter ido me tirar de lá.

Na manhã seguinte, Ripley carregou minhas malas para o carro enquanto eu mancava de muletas atrás dele depois de ter deixado a cadeira de rodas no chalé, já que pertencia ao setor de cenografia. Nós nos sentamos no banco de trás em silêncio, ambos absortos em pensamentos que envolviam a mesma pessoa, por razões totalmente distintas. O motorista pôs as muletas no porta-malas juntamente com a bagagem. Eu mal podia acreditar que não tinha me despedido de ninguém, e com isso queria dizer Duke. Não havia me despedido de Duke, que não tinha ido se despedir de mim.

Adeus, teatro. Adeus, cerejeiras, cigarros e vodca. Adeus, lago.

— Até que ponto esse cara é pirado? — perguntou Ripley quando já estávamos no carro havia quase uma hora.

Eu estava olhando pela janela, provavelmente pensando em como nunca mais veria Michigan.

— Pirado — respondi.

— Mas pirado pra valer?

Ele não estava querendo saber da minha vida amorosa, mas era difícil não pensar nisso nesses termos.

— Você viu ele.

— Como é o rosto dele quando não está arreventado?

Falei que era um rosto muito bonito.

Ripley voltou a ficar em silêncio por mais quinze quilômetros, mais ou menos.

— Não gosto de trabalhar com gente pirada — concluiu ele.

— Ninguém gosta, mas se você se livrar dos pirados, não sei quem vai sobrar.

Ripley assentiu.

— Suponho que vocês dois não terminaram numa boa.

— Não.

— E que isso teve alguma coisa a ver com a garota na peça.

Como eu disse, a verdade estava bem evidente.

— Ela também era boa — comentou ele, distraído.

— Ela é muito boa, e ela dança.

Não sei o que estava tentando vender, apenas que passara o longo verão maravilhada com a glória tanto de Duke quanto de Pallas. Não fazia a menor ideia de como parar de sentir isso num piscar de olhos.

— Talvez tenha um papel para ele.

Ripley não perguntou se eu me importava.

Assenti, me perguntando se haveria algum prazer nisso no futuro, na ideia de que havia contribuído para algo que estava de algum jeito destinado a acontecer. Fui um fio condutor no início da carreira meteórica de Peter Duke, uma engrenagem única e brilhante.

— Não amei o jeito como ele fez isso. Me arrastando para o caralho de Michigan para ver ele — disse Ripley.

— De que outro jeito você veria?

— Não sei. Acho que ele podia ter se dado ao trabalho de ir para Los Angeles como qualquer outra pessoa. Com exceção de você. Tive que ir a New Hampshire para encontrar você.

Tudo tinha sido planejado para a máxima inconveniência de Ripley.

Quando chegamos à saída em direção a Traverse City, comecei a pensar que poderia ligar para Joe Nelson do aeroporto e me despedir. Contaria a Joe como os perdi, Duke, Sebastian e Pallas, todos de uma só vez.

— E quanto à Pallas? — perguntei a Ripley.

— Quem é Pallas?

— A garota.

Ele balançou a cabeça.

— Não preciso de uma garota. Já tenho garotas demais.

E lá se foi Pallas, levada pela brisa enquanto Duke nos acompanhava. Entendi o que ele estava me dizendo e não falei mais nada sobre o assunto.

Ripley me colocou na casa da piscina. À tarde, eu me sentava em uma espreguiçadeira sob um guarda-sol com meu maiô e lia romances. A casa de Ripley continha um número infinito de romances. Ele disse que os agentes os mandavam em caixas, esperando que os livros fossem transformados em filmes.

— Se você se deparar com algo decente, escreva um pré-roteiro. Pode ganhar a vida assim.

— Já estou ganhando a vida.

Ashby ainda estava na folha de pagamento, ainda esperava ser atriz. Ela me levou para pintar as unhas, tirar a sobrancelha e fazer umas luzes sutis nos fios de cabelo que emolduravam meu rosto. Havia um *stylist* e um instrutor de mídia que me ensinaram a participar de programas de auditório e dar entrevistas em jornais. Tinha sido preparada para entrar no ramo e seria preparada para sair.

— Você não vai sair — falou Ripley.

— Parece uma frase de um filme de terror.

— Tenho certeza de que é. Então o que vai fazer da vida se não fizer isso?

— Não existe *isso*. Isso já era. Sem sacanagem. Só estou aqui para fazer um favor a você, porque você me fez um favor. Quando a gente terminar, talvez eu volte para New Hampshire e trabalhe com consertos de roupas. Talvez termine a faculdade. Queria ser professora, antes de você aparecer.

Ele revirou os olhos.

— Dá um tempo.

Durante o mês que passei lá, Ripley e eu começamos uma amizade estranha. Nunca ouvi a história da vida pessoal dele, mas, de todo modo, ele não parecia ter uma. No entanto, ele foi bom para mim, apesar dos meus humores. Nunca soube se era porque sentia pena de mim ou se estava grato por causa de Duke, ou se porque sentia que precisava ficar de olho em mim até o lançamento do filme. Talvez ele fosse simplesmente um homem decente. Passei a pensar nele como meu tio, como Charlie dissera que ele era no Algonquin tantas vidas atrás. Ripley saía e comprava saladas em um ou outro restaurante chique, e comíamos juntos à noite, bebendo Chablis. Algumas vezes assistíamos a um filme. Ele gostava de jogar *honeymoon bridge*, e eu sabia jogar. “A única mocinha em Bel Air que joga *honeymoon bridge*”, dizia ele enquanto eu embaralhava as cartas. Eu sempre queria um cigarrinho depois do jantar, mas o tabaco tinha sido varrido daquela propriedade. Todos que trabalhavam para Ripley foram instruídos a não comprar cigarros para mim.

— Você parece uma aluninha do nono ano quando fuma. Não é atraente — comentou ele.

E foi assim que parei. Não me importava tanto, já que fumar me deixava com saudade de Duke. Ripley não falava comigo a respeito de Duke, mas eu sabia que as coisas estavam se encaminhando. Ele tinha mandado um diretor de elenco para o Tom Lake a fim de ver a peça, e na semana seguinte uma pilha de fotografias foi deixada no balcão da cozinha depois de uma reunião e Duke estava lá, apenas mais um garoto bonito em uma grande pilha de garotos bonitos. Levei a foto de volta para a casa da piscina e chorei. Vivia pensando que ele talvez viesse atrás de mim. Devia saber onde eu estava, e aparecer de surpresa era o tipo de coisa que ele faria, entrando na casa da piscina no meio da noite, ainda mais a casa da piscina que era propriedade de Ripley. “Cadê minha garota? Cadê minha aniversariante?”, gritaria ele.

Ripley me dizia para deixar a porta trancada, mas nunca fez isso.

Meu agente marcou uma consulta para mim com um grande especialista em mãos e pés da Califórnia, que cortou o gesso, tirou raios X do meu tornozelo, examinou a incisão e relatou, não com pouca admiração, que tudo parecia bem. Ele substituiu o gesso comum por um mais leve de fibra de vidro e me deu um andador, o que me fez sentir como se tivesse nascido de novo. Usava muletas nas entrevistas porque, como Ripley explicou, as muletas eram atraentes e juvenis e os andadores eram andadores.

Depois de dois ou três dias, Ripley organizou uma exibição no estúdio e assistimos a *Singularidade* junto com alguns amigos dele, pessoas do estúdio e

outras pessoas do filme, exceto a atriz famosa, que estava filmando no Quebec.

— Ela não está no Quebec — contou Ripley, sem se preocupar em abaixar a voz. — Ela só descobriu quanto você é boa.

Eu era boa, ou a pessoa no filme que se parecia um bocado comigo era boa. Ela havia acabado de interpretar a Emily na produção de *Nossa cidade* da Universidade de New Hampshire. Havia tirado uma licença da faculdade quatro semanas antes de concluir o terceiro ano e ainda tinha toda a intenção de voltar. Nunca ouvira falar de Duke, Sebastian ou Pallas, não sabia da existência do Tom Lake. Ver o filme me fez pensar que não seria tão difícil voltar àquele ponto. Três anos não era tanto tempo assim.

Dei as entrevistas de muletas e todos ficaram encantados. Fui ao *The Tonight Show* usando um vestido rosa-choque sem mangas, o pé bom numa sapatilha, os braços cheios de músculos e tendões. Atravessei o palco com movimentos charmosos e cadenciados e me sentei na cadeira ao lado de Johnny Carson. Carson já estava velho naquela época, cansado do trabalho, mas minhas muletas e o gesso despertaram algo nele.

— Uau! Olha só para ela! — exclamou ele.

Então sorri e acenei. Tinha acertado antes mesmo de abrir a boca.

Na manhã seguinte, quando telefonei para minha avó, ela começou a chorar ao telefone.

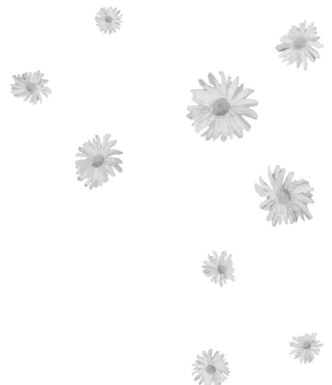
— Todo mundo está telefonando *para mim*. Como se eu tivesse feito alguma coisa — disse ela.

De fato ajudei o filme, Ripley tinha razão nesse ponto. Mesmo que não tenha sido o grande sucesso daquele verão, se saiu melhor do que qualquer um esperava, e eu recebi os créditos, eu e meu tendão de Aquiles rompido. Todos os entrevistadores queriam falar do meu jogo de tênis, perguntar se planejava enfrentar Steffi Graf assim que o elenco fosse dispensado, e toda vez eu ria como se ninguém tivesse feito essa piada antes. A divulgação foi a maior atuação da minha vida e não ajudou em nada a me dissuadir da ideia de que para mim estava acabado. Não queria ninguém enrolando ou alisando meu cabelo ou me dizendo que olhasse para cima enquanto aplicava um delineador. Eu não queria ninguém me tocando. Todas as coisas que parecem razoáveis quando você está tentando ser atriz parecem insuportáveis quando decide parar. Jane Pauley comentou que eu era uma filha dos Estados Unidos, e respondi que isso era bom, porque estava indo para casa.

O próprio Ripley me levou ao aeroporto no MG. Estava sendo nostálgico. Ele nunca dirigia o MG. Estacionou o carro e me acompanhou, expondo ideias por todo o caminho até o portão de embarque.

— Você está cometendo um grande erro.

Essa foi a última coisa que me disse. Não sabia se ele estava falando sério ou se só estava solitário. Sabia que gostava de me ter por perto, mas certamente podia encontrar outras atrizes para a casa da piscina. Para mim, estava tudo acabado. Dei um beijo nele e saí mancando apoiada nas muletas em direção ao pôr do sol.



19

Uma brisa fresca agita as árvores e varre a chuva que aderiu às cerejas e às folhas. O pomar está cintilando, e para mim já chega. Expus todo o passado no Tom Lake com faixas bônus de ambos os lados. Ofereci às minhas meninas a versão do diretor.

Nell mexe os pés na grama molhada.

— Você nunca se pergunta se cometeu um erro? — indaga ela.

— Ah, por favor. Depois disso tudo você ainda acha que eu deveria ter sido atriz?

— Acho que ser atriz parece um pesadelo — diz Emily.

Nós três olhamos para Maisie, esperando o desempate.

— Fico com a bezerra com caganeira sem pestanejar — comenta ela.

Então convenci duas das minhas meninas. Quanto à terceira, ela acha que todo mundo anseia pelos palcos, mesmo que não admitam.

— Ripley acabou conseguindo um trabalho para o Duke? — pergunta Nell.

— *Baluarte!* — Emily sempre se mostra estupefata com a profundidade da nossa ignorância, embora eu soubesse essa resposta. — Era o seriado do Ripley. Ganhou dez Emmys.

— Duke ganhou? — Maisie quer saber.

Emily balança a cabeça.

— Duas indicações, nenhum prêmio. Ninguém entendia ele na época.

Eu me lembro de assistir à premiação com minha prima Sarah em New Hampshire, nós duas sentadas na cama da minha avó porque a melhor televisão ficava no quarto dela. A câmera ficava voltando para Duke. Mesmo num lugar cheio de astros e estrelas da televisão, ele era aquele que cintilava.

“Ele!”, apontei para a tela. “Esse é o cara que namorei.” Eles o mostravam de perfil, rindo, o smoking ajustado e imaculado, a gravata desfeita.

“Então quem é a garota que está com ele?”, perguntou minha prima, como se Duke tivesse sido pego no flagra.

“Não estamos namorando *agora*. Não faço a mínima ideia de quem seja.” É uma criatura de beleza inestimável, quis dizer. É o que ela é.

— O que quero saber — começa Nell, o cesto em volta do pescoço cheio de cerejas até a metade — foi o que aconteceu com você.

Ela está lutando contra a ideia de que me foi dado tudo que ela sempre quis e de que abri mão de tudo.

Emily e Maisie olham para a irmã e em seguida para mim.

— Como assim, o que aconteceu comigo? Eu me casei com seu pai. Viemos para cá. Tivemos vocês três.

— Mas como? Sempre achei que você e o papai tinham se apaixonado no Tom Lake, que você tinha dado um pé na bunda do Duke para ficar com ele e que aí vocês dois foram embora. Mas você foi embora de Michigan sem nem telefonar do aeroporto para o papai. Quando você foi para Los Angeles, ele ficou aqui?

— Ele ficou o resto do verão ajudando a Maisie e o Ken, depois foi para Chicago dirigir a peça.

Será que era Chicago?

— Você escreveu para ele? — pergunta Emily.

Faço que não com a cabeça. Não tinha discernimento suficiente para escrever para Joe naquela época.

— Quanto tempo demorou até ele encontrar você? — pergunta Maisie.

Algo na forma como a pergunta foi construída me comove, como se Joe tivesse batido de porta em porta, procurando por mim o tempo inteiro.

— Três ou quatro anos — respondo.

New Hampshire era um universo inteiro, assim como Nova York. Não contei aqueles dias.

— Então conta para a gente de quando você voltou para New Hampshire — pede Emily, diante da perspectiva de novos capítulos. — Conta de Nova York. Conta de quando você encontrou o papai de novo.

— Não, é sério, para mim chega.

As três estão me fazendo lembrar dos anos em que eram pequenas e eu ficava sozinha com elas na casa debaixo de toda aquela neve, Joe no celeiro tentando consertar um trator sem saber como fazê-lo e eu com a sensação de que as crianças iriam me devorar viva. Nell estava me devorando, ainda no seio, e as outras duas corriam para se arrastar até meu colo sempre que eu me sentava. Eu pensava: *Joe vai chegar e encontrar as três montando uma casinha de brinquedo com meus ossos*.

— Você disse que não era uma história sobre um homem famoso — lembra Nell. — Era para ser uma história sobre você.

— Era uma história sobre mim, sobre a coisa toda. Mas não posso contar cada minuto da minha vida. A gente morreria de tédio.

Maisie olha para o longo corredor de árvores, cada uma delas coberta de cerejas.

— A gente vai morrer de tédio de qualquer maneira.

Seria capaz de colher eu mesma até o último pedacinho de fruta para não voltar a essa história.

— Uma frase — pede Nell, como se essa fosse uma aula de improvisação. — Começa com algo pequeno. E aí você vê até aonde vai.

Penso nisso. Aqueles anos podem, de fato, ser resumidos em uma única frase, então tento.

— Voltei a New Hampshire e fiquei com minha avó até ela morrer.

★ ★ ★

Eu era a favorita dela e ela era minha favorita. Minha avó se casou com meu avô quando tinha 18 anos e teve a primeira filha, minha mãe, aos 19. Meu avô trabalhava na ferrovia e ela sabia costurar. Juntando os dois, havia o bastante para seguir em frente. Tiveram cinco filhos, o quarto dos quais era sonâmbulo. Brian saiu da cama certa noite quando tinha 6 anos, atravessou o corredor, desceu a escada e saiu pela porta da frente para a noite de nevasca. Mesmo dormindo, sabia fechar a porta. Quando minha avó foi acordar todo mundo de manhã, Brian não estava na cama. Ela procurou o menino pela casa inteira e depois saiu sem casaco. Ela o encontrou no fim da entrada da garagem, perto da caixa de correio, morto de frio. Os quatro que restaram cresceram bem. Ao longo dos anos, trouxeram catorze netos do hospital para casa. Pode nos procurar pelo sobrenome — Kenison —, estamos por toda parte. Meus pais se conheceram no ensino médio e também se casaram jovens, todos se casavam jovens naquela época. Tiveram dois meninos logo depois: Heath, a quem chamavam de Hardy porque era robusto, e Jake. Essa era a família. Era isso que eles queriam. Mas, quando minha mãe tinha 35 anos, eu apareci. Trinta e cinco anos não parece nada agora, parece a mocidade, mas estar grávida quando já tinha dois meninos crescidos, um deles jogando futebol no time do colégio, a deixava mortificada.

Não tenho nada a dizer contra meus pais nem meus irmãos. Eles foram bons para mim, mas desde que consigo me lembrar sempre existiu o entendimento de que eu morava principalmente na casa da minha avó, a seis quarteirões de distância. Meu avô havia morrido de enfisema e todos diziam que ela necessitava de companhia, e uma criança muito pequena pode ser considerada uma companhia. Acho que não morei cem por cento com ela, mas passava a maior parte do tempo lá, brincando com retalhos de tecidos e com linhas enroladas em carretéis enquanto ela trabalhava. A loja de consertos de roupas tinha um pequeno sortimento de agulhas e linhas porque não tínhamos um armarinho na cidade. Quando fiquei mais velha, minha mãe me observava tricotar um suéter à mesa do café da manhã e dizia que lamentava não ter prestado mais atenção às tentativas da própria mãe de ensinar as coisas para ela. Tentei ensiná-la eu mesma centenas de vezes, só que minha mãe parecia um border collie. Não conseguia ficar parada.

Mas minha avó e eu éramos mestras absolutas da quietude. Ela me ensinou a

jogar *honeymoon bridge* e a assistir a filmes enquanto acompanhava em silêncio a contagem de pontos do tricô. Aqueles eram os tempos anteriores ao surgimento dos audiolivros, e ela pedia que eu lesse em voz alta ler enquanto ela costurava, seguindo minha progressão de *Uma casa na floresta* até *Moby Dick*, que eu nunca teria terminado se não fossem os pedidos insistentes dela para ouvir outro capítulo. Todos os livros que tive que ler na escola, e todos os que li por prazer, eu lia para ela. Essa foi provavelmente a razão de eu ter começado a atuar, pois me lembro de a minha avó dizer para eu ser um pouquinho mais interessante e, logo adiante, para ser um pouquinho menos interessante. Quando interpretei minha primeira Emily no ensino médio, ela me ajudou a decorar as falas e eu a ajudei a fazer os figurinos. Cada uma de nós tinha uma cópia da peça e a liamos no café da manhã, no almoço e no jantar.

— Ela é igualzinha a você — dizia minha avó. — A menina mais inteligente da turma.

Minha avó tinha sido a menina mais inteligente da turma também, todo mundo comentava, mas não havia muito o que fazer com aquela distinção, já que ela se casou no sábado seguinte à formatura. Cinco filhos para uma vida plena, e então quatro filhos que fizeram o melhor que puderam para tornar a vida plena. A matemática de minha avó era precisa, tinha que ser, para criar padronagens e administrar um negócio. Mantinha na mesinha de cabeceira, onde qualquer outra mulher poderia guardar uma Bíblia, o dicionário encadernado em couro vermelho que o marido tinha dado a ela de presente no primeiro aniversário de casamento. Queria que eu fosse para a faculdade e, posteriormente, para a Califórnia e me tornasse atriz. Queria que eu tivesse tudo que nunca pensei em querer.

— Olhem só para ela, subindo naquele palco como se não fosse nada — disse ela para as amigas.

Fui para a Universidade de New Hampshire e depois peguei um avião para a Califórnia e me hospedei sozinha em um quarto de hotel. Eu a surpreendia.

Nem uma única vez ela fez com que eu me sentisse mal por ter ido embora. Não sei se eu teria ido se achasse que ela se sentiria sozinha. Mas ela estava contente com tudo, feliz por mim. Tinha ainda muitos familiares no entorno e conhecia todo mundo na cidade, então fui embora. Não me arrependo. Ela nunca teria desejado que eu estivesse por perto só por causa dela. Queria que eu aproveitasse a minha vida, o tipo de coisa que ela mesma não tinha conseguido fazer. Mas quando penso no que aqueles anos de distância significaram, preferiria tê-los passado com ela.

Minha avó fechou a Pontinhos mais ou menos na época em que me mudei para Los Angeles. Sentia dificuldade para enxergar mesmo quando usava a luz mais forte, o que acabou por se revelar degeneração macular em estágio inicial. Ela não conseguia mais dar os pontos, embora conseguisse fazer diversas outras coisas. Mesmo sem a loja, as pessoas levavam as roupas para ela consertar. Minha avó manteve a fita métrica amarela pendurada no pescoço e trabalhou enquanto pôde, porque acreditava que esse era o papel dela na nossa cidade.

Nenhum dos meus irmãos ficou em New Hampshire depois da faculdade, e então meus pais se mudaram para a Flórida porque minha mãe sofria muito com a artrite no inverno. Chamaram minha avó para ir junto, mas isso nunca iria acontecer. Existiam outros filhos, que tinham filhos, e alguns desses filhos tinham filhos. Quando voltei, com o pé ainda enfiado no gesso de fibra de vidro, exatamente como estava na televisão, ficou claro para todo mundo que eu era a pessoa que minha avó queria. Por que não ficar? Eu tinha dinheiro e não tinha planos. Voltei para o meu quarto, que passara a abrigar duas máquinas de costura, o caseador, os suportes de linha e a overloque da Juki, que, depois de mim, era o orgulho da minha avó. Eu a ajudava com a costura. Ela me explicava tudo que precisava ser feito, caso não conseguisse fazer sozinha. À noite eu lia em voz alta. Falei para Ripley pedir à secretária que me enviasse todos os livros com os quais ele não quisesse lidar, e ela os despachava em caixas. As pessoas me paravam na rua para me falar como eu tinha feito um bom trabalho no filme. Era fácil me identificar: as muletas, o gesso de fibra de vidro. Pensavam que eu era famosa e ficavam surpresas por ter voltado para casa. As folhas foram ficando vermelhas. O gesso de fibra de vidro foi retirado. Tinha certeza de que houvera algum erro terrível, já que começara a sentir uma dor excruciante o tempo inteiro. Não conseguia apoiar o pé no chão, mas o médico explicou que aquilo iria acontecer, e depois de um tempo aconteceu. Comecei e terminei a fisioterapia. Meus suéteres saíram do baú de cedro. Encontrei as botas. Eu me perguntava o que tinha acontecido com Duke, Pallas e Sebastian, convicta de que os três haviam seguido caminhos separados. Mais do que tudo, me perguntava se alguma vez se perguntavam o que havia acontecido comigo. Tentei encontrar Veronica, mas ela havia sumido. Veronica, a mãe, os irmãos, todo mundo. Aquela era a época em que as pessoas podiam se mudar para longe e nem sequer os Correios sabiam onde encontrá-las.

Minha avó sugeriu que eu reabrisse a Pontinhos, haveria muito o que fazer. Eu acreditava na parte de que teria o que fazer, só não sabia se estava pronta para me comprometer com uma vida costurando em New Hampshire. Então, certa noite, passou no noticiário uma reportagem sobre câncer de mama, toda a coisa sobre mamografia e diagnóstico precoce, mulheres falando que encontraram um caroço no seio. Estávamos preparando o jantar. Sempre desligávamos a televisão quando nos sentávamos para comer, mas podíamos assistir enquanto cozinávamos. Era a regra.

— Tenho um desses — disse minha avó, olhando para o televisor.

— Você tem uma mamografia?

Ela balançou a cabeça. Não olhou para mim.

— Um caroço.

Estava cortando um brócolis, mas larguei a faca e lavei as mãos.

— E o que é que você fez?

— Não fiz nada.

— O que o médico disse?

Ela olhou para mim.

— Eu morria de medo disso tudo.

— E o que aconteceu?

Meu cérebro insistia em ouvir aquilo conjugado no pretérito perfeito, *Tive um caroço no seio uma vez*. Não conseguia entender que isso era uma coisa que estava acontecendo.

— Pensei em esperar você voltar para casa — explicou ela. — Você é sempre tão boa em dar um jeito nas coisas.

— Faz três meses que estou em casa.

Mas ela havia notado um caroço fazia um ano e colocado uma gaze sobre ele quando começou a verter líquido. Quando voltei a olhar para ela, percebi uma discrepância na estampa do vestido que usava. Esse era o tamanho do problema.

Assim que começaram as rodadas desesperançadas de consultas com oncologistas, o passado foi embora. Todas as coisas que pensava a meu respeito antes — *sou atriz, não sou atriz, estava apaixonada, fui traída* — se desintegraram e sumiram. Preparava tigelas de mingau que ela não comia e as jogava no lixo quando esfriavam. Administrava os horários das pessoas que queriam ir vê-la, os dois filhos e as duas filhas — uma dessas filhas era minha mãe —, meu pai, meus irmãos, todos os meus primos, todos os amigos dela. Eu me certificava de que ninguém ficasse muito tempo. Eu me sentava ao lado dela na cama e lia. Li *Nossa cidade*, interpretando todos os papéis, e choramos no fim, quando o Diretor de Cena falou do planeta se esforçando para fazer algo por si mesmo e de como estávamos todos tão cansados. Contei do tio Wallace para ela, não que ele tinha morrido, mas do Diretor de Cena maravilhoso que havia sido. Ela segurou minha mão e depois segurei a mão dela. Naquela época, eu a chamava de Nell, que era o nome dela, porque ela só respondia assim.

— Sabe quem está aqui? — perguntou Nell, com os olhos fechados.

Ele havia dormido a tarde inteira e eu estava sentada fazendo bainhas, porque, inacreditavelmente, as pessoas levavam as costuras até lá, pensando que isso a ocuparia enquanto morria. Ela queria que eu as concluísse.

— Quem?

Tantas pessoas entravam e saíam.

— Brian. Ultimamente, sempre que acordo, vejo ele sentado ao pé da cama.

— Isso é bom — respondi.

— Ele não mudou. Sempre me perguntei se ele iria crescer, mas não cresceu.

Ela estava olhando pela janela, para a neve do lado de fora, ou talvez não estivesse. Os olhos estavam turvos.

— Quer o remédio agora?

Ela assentiu de leve, e servi um copo d'água e a ajudei a se sentar. Quando adormeceu de novo, fui à cozinha e telefonei para minha mãe com o intuito de perguntar quem era Brian, e ela me contou a história do irmão que havia morrido na neve. Aqueles anos todos, e eu nunca tinha ouvido falar dele.

— Foi triste demais — disse minha mãe.

Encontrei Brian no cemitério assim que soube dele, mais um Kenison entre vários. Enterramos Nell ao lado do filho. Fiquei muito tempo em New Hampshire depois disso. Havia coisas das quais cuidar, claro, e eu não tinha para onde ir. A família levou o que queria: uma máquina de costura, uma lata com motivos de Natal repleta de botões, o conjunto de jantar. Dei fim no resto. Encontrei os cinco exemplares do *Monitor* no fundo do baú de cobertores dela com a resenha da peça, minha foto como a Emily no ensino médio. Os primos vieram e pintamos a casa cômodo por cômodo, consertamos o piso do banheiro, pagamos alguém para arrumar o telhado e alguém para remover o carvalho meio morto que estava inclinado de forma precária sobre a varanda dos fundos havia tantos anos. Fizemos tudo que deveríamos ter feito enquanto ela ainda estava viva. Estava bem com minha família e recebi muitos convites para ficar depois que a casa dela finalmente fosse vendida, mas quando a casa se foi tudo acabou. A única pessoa do Tom Lake com quem eu mantinha contato era Cat, e Cat conhecia uma cliente em Nova York que estava procurando uma costureira. Depois que consegui o emprego, um dos meus tios ajudou minhas coisas no carro e me levou até lá.

Dos anos passados em Nova York, não há nada a ser dito. Trabalhei duro. Tinha alguns amigos. Às vezes ia aos ensaios com o designer para tirar as medidas dos atores, com a fita métrica amarela no pescoço. Fazia figurinos, reformava figurinos, conseguia ingressos para peças se houvesse lugares disponíveis uma hora antes da abertura. Costurei milhares de miçangas. Pensei em estudar à noite ou até mesmo em voltar para a Universidade de New Hampshire. De vez em quando, alguém na fila da *delicatessen* me olhava com atenção e perguntava se eu não era a garota de *Singularidade*. Respondia que não. Dizia que me faziam essa pergunta o tempo todo.

Então um dia estava num teatro alinhavando longos pedaços de tule no cós da saia de uma jovem porque a figurinista queria ter uma noção de como as coisas seriam vistas dos fundos da plateia se a saia fosse mais cheia, quando ouvi uma voz dizer “Emily?”.

Tirei os alfinetes da boca e os coloquei na almofada que usava no pulso. Não consegui ver nada porque a plateia estava escura e as luzes do palco estavam acesas. Não sabia quem era nem com quem estava falando. Até onde eu sabia, a garota em cuja saia eu estava prendendo os alfinetes se chamava Emily.

— Emily — disse ele de novo, mas dessa vez não foi uma pergunta.

Então eu soube, e nunca fiquei tão feliz em ouvir o som de uma voz me chamando por um nome que não era o meu.

★ ★ ★

— Dessa vez você soube na hora que amava ela? — pergunta Maisie.

Joe tinha vindo no Gator pegar os tonéis. Assim que se dá conta de que não estamos mais falando do Tom Lake, ele desliga a ignição e fica.

— Dessa vez, sim. Na hora — responde ele.

Concordo com a cabeça. Na cidade em que as pessoas pensavam que eu talvez fosse a garota de um filme, Joe Nelson havia me encontrado, a única pessoa que realmente me conhecia, a única pessoa que eu conhecia. Naquela tarde, quando saímos juntos do teatro estávamos rindo. Ele me disse que o haviam chamado até lá na semana anterior para tentar salvar uma peça ruim. Eu contei que minha intenção nunca tinha sido trabalhar com teatro, estar com os atores, mas que precisava de um emprego e que foi para aquele lugar que Cat havia me mandado. A sensação era de que estávamos retomando algo que havia começado muito tempo antes. Mas não tínhamos começado, não é? Contei que poderia facilmente estar tirando medidas para algum outro espetáculo ou prendendo um tule na parte inferior dos vestidos de noiva em uma loja de vestidos de festa. Ele disse que deveria ter voltado para Chicago, mas que então nunca teria me encontrado. E o que teria acontecido? Teria sido uma vida diferente, que nunca vou conseguir imaginar. Uma vida sem Joe e sem a fazenda, sem Emily, Maisie e Nell.

— Você voltou para Michigan depois disso? — pergunta Emily.

Estamos todos sentados na grama, e ninguém se importa com o fato de que ela esteja molhada.

— Não tão rápido — responde Joe. — Não fiz o convite a ela. Vivia com medo de assustar a mãe de vocês.

— Quando voltamos a Michigan, no verão seguinte, para ver a Maisie e o Ken, eles fingiram que eu era a namorada do seu pai aquele tempo todo, como se estivéssemos juntos fazia anos. Meu Deus, ela era tão boazinha comigo. Colocou na mesa aqueles guardanapos que eu tinha levado.

— Você ficava na casinha? — pergunta Emily.

Olho para Joe.

— A gente ficava, não? A gente dormia na cama de casal desnivelada da qual o Benny e a Emily se livraram. Mantinha as janelas abertas. A gente acordava no meio da noite por causa do barulho dos sapos e depois voltava a dormir com o mesmo barulho.

— Você chegou a colocar a contabilidade em ordem? — indaga Maisie.

— Nunca cheguei a colocar a contabilidade em ordem — confessa Joe.

— Seu pai deu dinheiro para os dois não quebrarem. Deu todo o dinheiro que tinha, e, como não foi o suficiente, dirigiu uns comerciais bem lucrativos de manteiga de amendoim.

— Não conta isso para elas — pede ele.

— Ele dirigiu comerciais icônicos de manteiga de amendoim para levantar fundos e poder pagar as contas da Maisie e do Ken.

Fundos esses que, ao longo do tempo, fez com que Joe comprasse a participação deles na fazenda, embora essa nunca tivesse sido a intenção. Ken mantinha um registro de cada centavo, e então um dia telefonou para Joe e disse que ele era o dono de tudo.

— Qual manteiga de amendoim? — pergunta Nell.

— Skippy. Ele fez um para a crocante e um para a cremosa — conto.

Elas assentem, um reconhecimento silencioso dos dons do pai. Olhando para tantas árvores carregadas de cerejas, é fácil entender como tudo poderia ter acontecido de outra forma.

★ ★ ★

— E se não fizéssemos mais isso? — perguntou Joe, certa manhã, quando estávamos sentados numa lanchonete na West Thirty-Eighth Street comendo panquecas.

— Parei de fazer isso faz muito tempo — falei.

★ ★ ★

— Eram minhas contas também — explica Joe às meninas. — Meu pai era dono de metade da fazenda, mesmo que não trabalhasse nela, então se você herdasse a fazenda herdaria as contas também. Lá por volta de 1995 nós já éramos donos do lugar. Esse foi o ano que varreu as pessoas daqui. Durante todo o verão foi perfeito... As temperaturas perfeitas, a quantidade perfeita de chuva, nem uma única praga em nenhuma árvore de nenhuma fazenda. A colheita foi enorme, ninguém jamais tinha visto algo assim em décadas, e os preços despencaram. Fiquei feliz que o Ken e a Maisie já estivessem no Arizona.

— Se seu pai já não tivesse pagado todas as contas e guardado o restante do dinheiro, teríamos perdido a fazenda — digo, mas Joe lança um olhar para mim e me detenho.

Não falamos de perder a fazenda.

E não vamos falar do nosso reencontro naquele teatro, dos anos que passamos namorando, morando juntos, tomando a decisão de nos casar, nos mudando para Michigan. Joe acionou a alavanca que conduz o trem do amor ao declínio vertiginoso dos preços das colheitas. Ele se certificou de que, quando fosse embora, estivéssemos mais preocupadas com as cerejas do que com o nosso namoro, o que é justo, porque o namoro é só nosso, e há trabalho a fazer e já perdemos metade do dia para uma tempestade com raios.

— Tenho que voltar ao trabalho.

Joe se levanta, rígido, com a parte de trás dos jeans suja de lama e molhada. Então todas nós nos levantamos e começamos a içar os tonéis até o Gator. Os vizinhos nunca imaginaram que um casal de artistas de teatro de Nova York pudesse vir para assumir a fazenda. Joe Nelson e a esposa tinham vindo. Joe Nelson, que está aqui desde que era menino.

E, graças aos esforços dele, a fazenda que assumimos estava em melhores condições do que esperávamos, e quero dizer em melhores condições financeiras. A casa principal, a casinha, o celeiro, os trailers em que os trabalhadores ficavam durante o verão, as cercas e as árvores, tudo isso estava

em graus variados de abandono e decadência. Ken e Maisie pegaram o que era deles e foram embora para o Arizona, para viver perto da filha. Depois que Ken morreu, Maisie passava os verões com a gente e ajudava um bocado. “A pessoa só aguenta o sol até certo ponto”, dizia ela para mim enquanto estávamos as duas uma ao lado da outra na cozinha, as meninas engatinhando, cambaleando e andando à nossa volta.

— Então o papai salvou você — conclui Emily.

Continuo colhendo. Não vou parar pelo resto do dia.

— Acho que salvou. A menos que eu tenha salvado ele. Talvez eu tenha salvado ele também.

— De todo modo, é uma boa história — diz Maisie. — E pensar que se não fosse pelo Duke talvez nunca teríamos perguntado...

— Eu não teria perguntado porque achei que já soubesse — comenta Nell. — Mas eu tinha entendido tudo errado.

— Para falar a verdade, eu simplesmente nunca tinha pensado nisso — emenda Emily. — Quer dizer, pensava na parte do Duke, mas não acho que já tenha chegado a me perguntar sobre você e o papai.

— Não éramos particularmente interessantes — digo.

Bons casamentos nunca são tão interessantes quanto casos passageiros fracassados.

— Vocês chegaram a voltar ao Tom Lake? — pergunta Nell.

— Você quer dizer se já fomos até lá para assistir a alguma peça?

— Uma peça ou, sei lá, se já deram uma caminhada pelo lugar em nome dos velhos tempos.

Não explico que “pelos velhos tempos” remete a uma nostalgia afetuosa.

— Nunca fomos. Você sabe como são as coisas no verão.

— Acho que o Duke também nunca voltou — diz Maisie.

Ela nunca esteve tão interessada em Duke quanto as irmãs. Não se incomoda em deixá-lo partir.

— Duke ficou famoso demais para voltar ao Tom Lake depois daquele verão — reflete Emily.

Ela tem razão nisso.

— A caminho do topo ou da saída.

— Então você nunca mais viu ele.

Emily estava em paz com isso, e cogito seriamente deixar por isso mesmo, tendo em vista que a paz é um bem difícil de se encontrar neste mundo. Mas falta uma coisa: a parte da história que não teria contado quando ela era mais nova porque não teria havido contexto para tanto, a parte da história que não poderia ter contado quando ela era adolescente porque ela a teria apresentado como prova contra mim. E então guardei isso comigo durante todos esses anos, a coisa aleatória que ela mais gostaria de acrescentar à coleção de coisas efêmeras que ela mantinha.

— Uma vez — respondi.

Ele veio fazer uma visita aqui em casa em outubro de 1997. É fácil me lembrar das datas do fim do século passado com base na estação do ano e em qual gravidez eu estava, nesse caso a de Nell, que nasceria dentro de algumas semanas. Maisie tinha 2 anos e Emily, 4. Eu gostava de estar grávida. Era boa nisso. Joe e eu tínhamos decidido que dois era o número correto de filhos, mas depois das meninas quisemos ter mais. Mais um bebê, sussurramos um para o outro quando a neve começou a derreter, mais um nos estertores, uma extravagância terrível a que não podíamos de forma alguma nos permitir, mas à qual nos permitimos mesmo assim. Voltamos para a cama.

Não havia uma época melhor no norte de Michigan, apenas a época que melhor convinha a alguém. Eu tinha uma quedinha pelo outono porque gostava da pungência do ar e do brilho da luz nas folhas. A cozinha ainda era pequena naquele tempo, e deixei as meninas lá comigo enquanto descascava batatas para o jantar. Elas estavam fazendo torta de geleia, ou seja, estavam espalhando geleia nos cabelos. Peguei Maisie no colo quando ouvi a batida na porta, oferecendo a ela minha barriga como assento. Emily, minha garotinha mais crescida, seguiu atrás sozinha. Sempre havia alguém batendo, uma vizinha precisando que eu cuidasse de seu bebê por uma hora ou uma vizinha trazendo uma torta porque eu havia cuidado do bebê dela no dia anterior, um dos trabalhadores da colheita precisando de Band-Aids ou ovos ou manteiga ou sal, ou um estranho passando por ali de carro querendo saber o preço das maçãs porque a barraca de frutas estava fechada.

O enorme SUV preto com vidros fumê parado diante da casa me fez pensar em chefões das drogas, policiais federais e astros de cinema. Duke tinha batido na porta e então recuado para admirar o canteiro de abóboras que Joe plantara para as meninas. Os óculos escuros eram de aro de tartaruga, redondos. Se o tempo havia marchado para o restante de nós, tinha deixado Duke em paz. Ele estava exatamente igual, ou mais adorável, a tez toda perolada e rosada, o cabelo se enrolando suavemente na altura da gola do casaco azul-marinho de lã. Acho que tinha se passado muito tempo desde o seriado policial. As circunstâncias ditariam que eu deveria ter ficado surpresa, porém Duke tomou a honra para si. Não tinha a menor ideia do que eu estava fazendo ali. Quando abri a porta de tela e disse o nome dele, Duke olhou para trás como se tivesse tomado o caminho errado para o passado, depois olhou para mim de novo, e então para minhas meninas, não diria *horrorizado*, porque não era horror exatamente o que se via no rosto dele, era mais um desconforto agudo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele, por fim.

— Eu moro aqui.

Fosse qual fosse o motivo da vinda dele, não era eu.

— Essa é a fazenda dos Nelson?

Ele estava mais magro ainda? Mais alto, de alguma forma? Era possível que cada parte dele tivesse sido polida?

— Duke, isso é esquisito. Por que está aqui?

Ele tirou os óculos escuros e vi a pequena cicatriz no canto do olho direito onde o irmão o havia acertado. Ele semicerrou os olhos e depois os cobriu com a mão, como se esperasse que ao afastá-la do rosto eu talvez já tivesse sumido. Usava uma aliança de casamento.

Eu continuava ali.

E então tentou rebobinar o momento, começar de novo.

— São suas? — perguntou ele

Maisie pressionava o rosto pegajoso na lateral do meu pescoço. Eu a levantei para reajustar seu corpo em cima do bebê dentro de mim. Emily passou um braço em volta da minha coxa e com a outra mão deu um aceno encantador para Duke. Fiz as apresentações, e ele repetiu os nomes delas em voz alta, curvado na altura da cintura. Ainda fazia filmes infantis naquela época, ou estava no fim daquela fase, não conseguia me lembrar, mas tinha um sorriso que encantava as crianças, um sorriso totalmente diferente daquele que me era familiar, ou talvez fosse apenas porque tinha consertado os dentes. Aqueles dentes lindos e tortos haviam sido arrancados e substituídos.

Ele se endireitou.

— Um casal costumava morar aqui, os Nelson.

Assenti.

— Ken e Maisie. Eles se mudaram para o Arizona, foram morar com a filha. Bom, o Ken morreu alguns anos atrás, mas a Maisie volta todo verão.

— Conheci os dois há muito tempo, e estava só... — Ele parou para olhar os campos de novo, como se a palavra que lhe escapava estivesse lá. — Estava nas redondezas.

— Você conheceu eles junto comigo.

Maisie estava ficando pesada, então a coloquei no chão. As meninas desceram os degraus na mesma hora e começaram a chutar folhas.

— Lembra? Você, eu, Sebastian e Pallas? Viemos de carro até aqui para almoçar.

Ele pensou nisso por um tempo e então vi a luzinha se acender. Era como se tivesse acabado de voltar ao corpo.

— Você queria parar e comprar alguma coisa para eles. Nadamos em um lago.

— Isso — falei.

— E você mora aqui agora?

Confirmei com a cabeça. Estava me perguntando se ele iria juntar as peças, mas duvidava. Não teve nenhum incentivo.

— Posso dar uma olhada lá dentro?

— Claro. — Segurei a porta aberta, virando a barriga de lado. Quando passou por mim, eu esperei alguma coisa, um beijo na bochecha, talvez? Ele foi direto para a cozinha. — Está uma bagunça. Estou fazendo o jantar! — gritei, então fiquei irritada comigo mesma por qualquer coisa que parecesse um pedido de desculpas.

“Que merda é essa, Duke?” Isso é o que eu deveria ter dito. Fiquei na soleira, de olho nas meninas. Conseguia vê-lo, a mão em uma cadeira, processando tudo.

— Está igual — disse ele, embora talvez estivesse falando consigo mesmo.

— Eu me lembro dessa mesa.

— Queremos ampliar a cozinha.

Ele voltou em um minuto.

— Não faz isso. É perfeita. Você comprou o lugar?

— Eu me casei com ele.

As meninas estavam rolando e parando para agitar os braços e as pernas. Estão encenando um espetáculo de folhas, o que requer uma plateia.

— Me casei com o sobrinho do Ken e da Maisie.

— Ah — disse ele.

Não consegui entrever nada naquela reação. Nem decepção, nem alívio, nem surpresa.

— Você veio ver a Maisie?

Minha filha, a quem chamávamos de Pequena Maisie nos verões em que a Maisie Grande estava ali, ergueu a cabeça dourada.

— Foi um dia tão bacana — declarou ele. — Quando vim aqui. Alguém me disse anos atrás que eu sempre devia ter em mente um lugar onde conseguiria me imaginar feliz, então quando não estivesse tão feliz eu poderia ir para lá. Enfim, esse é o lugar para onde eu vou.

— Eu também — concordei.

— É engraçado, esqueci que você estava com a gente.

— Compreensível — respondi.

Ele balançou a cabeça.

— Não quis dizer isso. Estou cansado, é só isso. Tenho andado muito cansado ultimamente, então venho muito aqui, sabe? Na minha cabeça. Só estava me perguntando se a fazenda ainda estaria aqui. Pensei em comprar o lugar, só para me certificar de que nada mude.

— Nada mudou. A menos que você leve em conta a esteira que pusemos no celeiro para poder selecionar as cerejas.

Ele balançou a cabeça de novo.

— Não conto isso.

— Não acho que meu marido venderia — falei.

Não acho que meu marido venderia o pomar nem se você oferecesse todo o estado da Califórnia.

— Seu marido está aqui?

Assinto. Imaginava que seria estranho se visse Duke novamente. Não imaginava que seria estranho dessa forma. Cada frase que me vinha à cabeça começava com “Você lembra?”, mas ele claramente não se lembrava.

— Talvez eu tente encontrar com ele. Você se importa se eu andar por aí?

O cabelo dele brilhava como em um comercial da Pantene, e ele passou os dedos pelos fios. Tinha certeza de que o cabelo de Duke nunca tinha sido tão

sedoso antes, mas na verdade acho que ele nem usava xampu quando o conheci. Acho que xampu era uma das coisas em que não acreditava.

As meninas estavam sentadas no gramado atirando punhados de folhas no ar e então deixando essas folhas grudarem na geleia. Riam feito hienas.

— Não me importo nem um pouco, mas, sério, você pode esperar só um instante? Não vejo você há muito tempo. Me conta alguma coisa.

— O que quer saber?

De repente ele pareceu tão cansado quanto dizia estar. De repente minha cabeça estava vazia de perguntas.

— Tem uma pessoa no carro? — perguntei.

Os vidros eram tão escuros que se tornava impossível saber, mas o motor estava ligado.

Duke assentiu.

— Devemos convidar ele?

Duke fez que não com a cabeça.

Então me lembrei da coisa que queria saber, a pessoa a respeito da qual me perguntara durante anos.

— Como está o Sebastian?

Os olhos dele estavam vagando, mas então se voltaram para mim e ele sorriu.

— Sempre achei que você era apaixonada pelo Sebastian. Pelo menos no fim.

— Óbvio que era apaixonada pelo Sebastian. Todo mundo era. — Pallas era, eu queria dizer, mas não conseguia pronunciar o nome dela sem soar vingativa ou magoada, e nada disso era o caso. Eu era a pessoa mais sortuda do mundo. — Sebastian ainda está dando aulas? Ainda está em East Detroit?

— Não existe mais East Detroit — respondeu Duke. — É Eastpointe agora.

— Não sei por que nunca me lembro disso.

— O Sebastian trabalha comigo. Gerencia a produtora. Chega de aulas de história.

— Mas ele ainda joga tênis.

Não era uma pergunta. Óbvio que jogava.

Duke assentiu.

— Jogamos, nós dois. Sebastian é constante. Tudo muda, menos o Sebastian.

Por um breve e terrível momento me perguntei se era Sebastian no carro, se Sebastian o havia trazido até aqui, mas isso não era possível.

Ele se virou e olhou para minhas meninas estiradas em uma pilha de folhas vermelhas e douradas.

— Alguma de vocês sabe onde fica o cemitério? — perguntou para elas.

Emily saltou como um fantoche.

— Eu sei!

— É lá que quero ir. Consegue andar assim? — perguntou ele para mim, uma referência à minha barriga.

— Consigo.

Duke desceu os degraus e foi até as folhas. Quando se inclinou, Emily ergueu os braços para ele.

— Ah, você é um amor — disse ele, pegando-a no colo. Então olhou para mim. — Eu devia arranjar uma dessas.

— É a coisa mais fácil do mundo — respondi, com Maisie subindo nos meus braços.

Não fui com ele até o cemitério. Em vez disso, o levei na direção do celeiro.

— Vamos buscar o Joe — falei.

— Quem é Joe? — perguntou Duke para Emily, com as sobrancelhas abaixadas e a voz cheia de suspeita.

— O papai! — gritou ela, rindo de quanto Duke era hilário.

A cara que Duke fez era a de quem tentava resolver mentalmente uma questão de matemática particularmente difícil. Então encontrou a resposta.

— Meu Deus. Joe Nelson?

— Joe Nelson — afirmei.

— Você se casou com o Joe Nelson?

— Com quem na fazenda Nelson acha que eu me casei?

Maisie pôs a ponta da minha trança na boca e começou a mascar.

— É isso mesmo. A família dele era proprietária da fazenda. Esqueci essa parte. Joe Nelson. — Ele balançou a cabeça. — Faz mais sentido agora. Ele ainda dirige? Não ouço o nome dele faz anos.

Fiz que não. Joe e eu não devíamos explicações a Duke.

— Vocês moram aqui o tempo inteiro?

— Moramos — respondi, uma decisão que fazia com que me sentisse melhor a cada minuto.

— Você vai vir morar com a gente? — perguntou Emily.

Duke começou a andar.

— Não fui convidado.

— Eu convido! — disse ela, alegre. — Você pode dormir no meu quarto. Tenho meu próprio quarto.

— Você tem filhas absurdamente simpáticas.

Ele sacudia minha menina na cintura, o andar virando justo o tipo de galope exagerado que elas sempre me imploravam para fazer.

Conseguia ver Joe a distância. Estava do lado de fora do celeiro, limpando as mãos em um pano sujo e enorme. Acenei. Nunca amei ninguém tanto quanto amei Joe Nelson naquele momento.

— Olha só quem veio fazer uma visita! — gritei para ele.

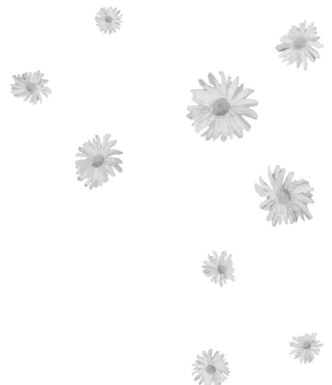
— Como você sabe — disse Duke para Emily —, seu pomar de cerejeiras vai ser vendido para quitar suas dívidas; o leilão está marcado para o dia 22 de agosto, mas não se preocupe, minha querida, apenas durma em paz, existe uma saída. Eis o meu plano. Por favor, me escute.

Tchékhov deixou de ser engraçado depois que nos tornamos os proprietários do pomar, mas Duke não tinha como saber. Joe corria na nossa direção, metendo o pano no bolso.

— Nelson! — gritou Duke para ele, a voz transbordando de contentamento. — Salve, salve, grande companheiro.

Estava apertando a mão de Joe enquanto Joe tirava Emily dos braços dele.

Anos depois, Joe me contou que achou que o coração dele iria parar quando viu Duke no meio da estrada, segurando Emily.



20

Do modo como Emily está sentada na grama, com a cabeça nos joelhos, me pergunto se vai passar mal. Maisie está de um lado da irmã e Nell, de outro.

— Eu devia ter te contado isso quando você tinha 14 anos? — pergunto. — Devia ter dito “Duke não é seu pai, mas ele veio à fazenda uma vez e achou que você era a criança mais linda do mundo, balançou você por aí e recitou Tchékhov para você”? Isso teria deixado as coisas mais fáceis ou mais difíceis, porque eu realmente não sei. Talvez eu tenha feito justamente a coisa errada.

É verdade que ela o encontrou uma vez e ficou enfeitiçada por ele, e é verdade que ele, pelo menos durante aqueles minutos, ficou enfeitiçado por ela. Duke tinha olhado bem nos olhos dela, no fim das contas. Mesmo que Emily tivesse apenas 4 anos, aquilo deixou uma marca.

Emily puxa a camiseta e seca o rosto.

— Não teria acreditado em você — diz ela, por fim. — Falaria que ele tinha vindo me buscar e você se recusou a me deixar ir. Teria surtado.

— Impossível — retruca Maisie, passando a mão em movimentos circulares nas costas da irmã.

— Eu teria me recusado a deixar você ir — afirmo. — Mesmo que fosse filha dele, que não era.

— Talvez você se lembre dele — sugere Nell à irmã.

Emily reflete, sondando a própria memória em busca de Duke.

— É como assistir a um filme. Consigo ver a coisa toda agora que você nos contou. Então, sim, eu me lembro do Duke, mas também me lembro de você e da Veronica sentadas àquela mesa cadastrando as pessoas para as audições, e me lembro do Ripley parado na beira da piscina, e me lembro da sua avó. Quer dizer, não é a mesma coisa.

— Mesmo assim. É alguma coisa — conclui Nell, encorajadora.

— Não é. Não é nada. — Os lindos olhos de Emily ficam cheios de lágrimas de novo. — Só gostaria que ele voltasse a ser o astro de cinema

famoso que eu quis que fosse meu pai quando eu era adolescente. Queria que ele tivesse aguardado o fim da pandemia num iate em Capri.

— Todo mundo queria — afirmo.

Maisie toma a trança de Emily nas mãos.

— Mas aí teríamos passado o resto da vida pensando que o Duke interpretou o George em *Nossa cidade* e que a mamãe deu um fora no Duke para ficar com o papai. A gente nunca iria saber que o nome da mamãe costumava ter um “u”, nem que ela quis ser veterinária por uma semana no ensino médio, nem que rompeu o tendão de Aquiles. Nunca iria saber que o papai interpretou o Diretor de Cena. Não estou dizendo que o Duke precisava se afogar para a gente passar os fatos a limpo, só que não me arrependo de ficar sabendo de tudo. A verdade é que nunca tive cem por cento de certeza de quem era seu pai e agora tenho. Quer dizer, sabia que provavelmente era o papai, mas parte de você não achava que a paternidade seria a grande revelação?

Olho para Maisie, horrorizada.

— Você está falando sério?

Ela dá de ombros.

— A única coisa que ela me dizia quando eu era criança era que o Duke era o pai dela.

— Ela me dizia a mesma coisa e nunca acreditei — retruca Nell. — Você nunca viu a Emily no celeiro com o papai? É como se fossem a mesma pessoa.

Joe começou a levar Emily com ele para o trabalho depois que Nell nasceu, pelo menos por algumas horas pela manhã, me proporcionando o luxo de ter apenas duas crianças com menos de 5 anos em vez de três. Ele mostrou quais plantas verdes eram ervas daninhas e a ensinou a arrancar essas ervas daninhas pela raiz. Plastificou uma pequena foto do temido besouro gorgulho da ameixa para ela guardar no bolso e ficar alerta. Emily sempre foi de Joe.

Emily se levanta e ao mesmo tempo puxa as irmãs para ficarem de pé, uma em cada mão.

— Tem mais alguma coisa que precisamos saber sobre o passado?

De volta ao trabalho, é o que ela está nos dizendo.

— Acho que isso é tudo.

— Então conta o que aconteceu quando o Duke morreu — pede Emily.

Emily, Emily, pare. Balanço a cabeça.

— Você já conhece essa história.

Falar de Duke como eu o conhecia quando estava vivo o manteve vivo ao longo de toda a semana passada. Preferiria parar por aí.

Por uns bons dez minutos trabalhamos sem conversar, o que pode ser o novo recorde familiar, mas então Maisie desaba logo depois de esvaziar o balde.

— Eu estava na casa dos Mintie. Lauren Mintie me ligou no meio da noite porque a Ramona estava em trabalho de parto e ela estava latindo e choramingando.

— Todas as coisas vivas choramingam durante o trabalho de parto, não? — pergunta Nell.

— Lauren disse que tinha medo de que algo saísse errado e as crianças acordassem de manhã e a cachorra estivesse morta, os cachorrinhos estivessem mortos e elas ficassem traumatizadas. Como se as cachorras nunca tivessem feito isso sem supervisão humana antes. Mas como os partos são uma boa experiência, falei que iria até lá. Além disso, ela disse que a Ramona estava na banheira no andar de baixo e que deixaria a porta aberta e as luzes acesas, mas que todos ficariam no andar de cima para que eu não tivesse que ver ninguém além da cachorra.

— Parto sem contato — diz Emily.

— Ramona é uma boa cachorra — comenta Nell.

Maisie assente.

— Ela foi ótima. Teve sete cachorrinhos, então levou um bom tempo. Deixei as janelas abertas e liguei o ventilador de teto. Vocês não acreditariam como os cachorrinhos fedem.

— Tudo que você faz fede — emenda Nell.

Maisie ignora isso.

— O terceiro saiu de lado, então vai saber, talvez fosse uma coisa boa eu estar ali. Esse morreu. Achei um saco na cozinha para colocar ele e o trouxe comigo.

— Não precisa contar essas partes — pede Emily.

Eu me pergunto se há um cachorrinho no congelador em algum lugar.

Maisie continua:

— Estava só passando a mão nos cachorrinhos, tentando estimular eles a mamar, tentando fazer com que pegassem as tetas. Quando a Ramona terminou e eu limpei a sujeira da banheira e coloquei as toalhas sujas na máquina de lavar, já era muito tarde. Lauren deixou toalhas extras do lado de fora e fiz uma cama nova na banheira, depois levei um pouco de comida e de água para a Ramona. Deviam ser duas da manhã quando saí de lá. Voltei para casa com os vidros abertos porque estava puro fedor de cachorrinho. Subi a colina no breu total e vi a Duquesa, parada no meio da estrada iluminada pelos meus faróis. Juro por Deus, se tivesse virado a cabeça por um segundo, eu teria matado ela.

Emily se vira.

— O quê?

— Duquesa estava no meio da estrada.

— Você não me contou nada disso — digo a ela.

— Nem pensei na hora, mas quais são as probabilidades de isso acontecer?

— Se você estava saindo da casa dos Mintie, então ela estava bem longe de casa — comenta Emily.

— Né? E se ela simplesmente ficasse parada na estrada no escuro, alguém iria atropelar ela. Então encostei e coloquei a cachorra no carro e ela ficou praticamente no meu colo, lambendo meu moletom, enlouquecida por causa da gosma de filhotinho. Ela não é uma cachorra pequena. Levei ela de volta para a casa dos Whiting e a deixei no quintal. Eu estava tensa. Quando olhei o

celular depois de tomar banho, já eram três horas. Foi quando vi a notícia sobre o Duke. — Maisie olha para mim. — Não sei por que te acordei. Você tinha trabalhado o dia todo. Devia ter deixado você dormir.

— É óbvio que você deveria ter me acordado.

Ela balança a cabeça.

— Ele ainda estaria morto de manhã.

Naquela noite, quando abri os olhos, Maisie estava sentada do meu lado da cama no escuro, mexendo no celular. Foi a luz do celular que me acordou. “O que está fazendo?” sussurrei.

Ela passou a mão pela minha perna, por cima da colcha de verão, e soube que se tratava de uma notícia ruim. Joe estava adormecido a meu lado. Perguntei onde as meninas estavam. Ela balançou a cabeça. “Estão todas bem.” E então me contou que Duke estava morto e, por um segundo, pensei que ela estava falando da cachorra, porque Maisie vivia saindo no meio da noite por causa de um ou outro animal. Só depois entendi.

“Como?”, sussurrei.

“Ele se afogou. Estava num barco em Capri e se afogou.”

Ela se referia tanto ao ator famoso quanto ao jovem que eu havia conhecido cem anos antes, aquele que não passava pela minha cabeça fazia muito tempo. Os dois morreram juntos. Lembrei como ele me acordava com gentileza às quatro da manhã, a mão subindo pelo meu braço no emaranhado dos lençóis. “Acorda, acorda”, dizia ele. “Hora de fumar um cigarro.”

— A mamãe e eu descemos para a cozinha e ficamos olhando o celular. Não tinha nenhuma atualização no noticiário, mas a internet estava inundada de fotos dele. Devia ter mil fotos, e eu disse que um dia desses ela teria que contar para a gente o que aconteceu.

— Eu estava com medo de você descobrir — digo a Emily. — Falamos de ir até a casinha, mas não queríamos acordar você.

— Decidimos ir até lá assim que amanheceu, mas naquele momento você já tinha visto o celular.

Maisie está se desculpando. Aquilo era um peso para ela.

— Você ficou preocupada comigo? — pergunta Emily. — Conheci o sujeito por... o quê? Vinte minutos quando eu tinha 4 anos de idade, e de algum jeito fui capaz de transformar a história inteira em uma coisa que aconteceu comigo.

Emily ergue o cesto de cerejas do pescoço e o vira no tonel vazio na grama. Depois de todos aqueles anos implorando para que ela deixasse Duke de lado, mal consigo acreditar que esse momento chegou. Emily sabe de tudo agora, e para ela já chega.



E para mim também, exceto que: vi Duke mais uma vez, e a respeito dessa vez não vou dizer nada às minhas meninas. A breve reaparição dele ocorreu no

período posterior à morte de minha avó, mas antes da volta de Joe. Foi anos e anos antes daquele dia em Michigan, quando ele apareceu na nossa varanda. Foi quando eu morava sozinha em Nova York e costurava para um cliente. Ele me telefonou às sete da manhã. Não é um horário típico de Duke.

— Grilo. Aqui é seu passado — disse ele.

Foi na época de *Baluarte*, e Duke já era famoso. Não o tipo de famoso que se tornaria, mas qualquer pessoa que o visse não tirava os olhos da tela. Eu não tinha televisão, mas um bar de esportes no quarteirão em que eu morava tinha vinte, e o barman não se importava em me deixar assistir à pequena TV que mantinha ao lado da máquina de gelo. Nas noites de quinta-feira, eu chegava lá um pouco antes das nove, mesmo tendo prometido a mim mesma que não iria fazer isso. Não que importasse. O bar estava cheio de pessoas que tinham prometido a si mesmas que não voltariam a dar as caras por lá.

— Esse cara — dizia o barman, balançando a cabeça. — Alguém me explica isso.

Mas eu não tinha que explicar nada, porque metade do tempo ele estava inclinado por cima da minha cerveja, assistindo.

Duke me disse que estava em um hospital nos arredores de Boston.

Se tivesse dito que estava em um restaurante na mesma rua que eu e me perguntado se poderia encontrá-lo para o café da manhã, talvez eu desligasse o telefone. Mas diga a palavra *hospital* e tudo muda.

— Você está bem? O que aconteceu?

— O que aconteceu — começou ele, e então ficou em silêncio. — Essa é uma longa história. Uma vida inteira, talvez.

Então não era o tipo de hospital que eu estava imaginando.

— O que estava me perguntando é se você poderia me fazer uma visita. Temos duas horas de visita todos os dias, toda tarde antes do jantar. Temos que escrever uma lista das pessoas que queremos ver. É uma missão, eles são excelentes em missões por aqui, e estou tendo uma baita dificuldade em encontrar uma resposta. Pensei em você e em como você sempre foi um tipo tão normal de garota, muito sensível. Tenho uma lembrança de você costurando.

— Você precisa que eu costure alguma coisa?

— Telefonemas são limitados e breves aqui nessa região, então não vamos desperdiçar nossos minutos discutindo o passado e nos sentindo mal. É basicamente uma situação binária, sim ou não. Só pensei que seria bom ver alguém que me conheceu antes. O Reino Mítico do Antes. Você me conhecia, não?

— Como você me encontrou?

— Seu tio — respondeu Duke.

Meu tio. Óbvio. Não havia tido contato com Ripley desde que saíra de New Hampshire, mas ele conseguia encontrar a agulha num palheiro, ou conseguia pagar alguém para encontrar a agulha para ele.

— Você poderia, por favor, me dizer “sim” ou “não”, porque estou um

pouquinho desesperado para encerrar este telefonema antes de mudar de ideia. Falaram que era importante ter uma visita, terapeuticamente falando.

— Eu moro em Nova York.

— Sei disso.

E então respondi que sim, porque *sim* era a única palavra que tinha para Duke. *Sim* era a única palavra que eu conhecia.

Os ônibus eram mais baratos que os trens, então tomei um em Port Authority com destino a Boston, onde entrei no ônibus para Belmont, onde peguei um táxi. Este era exatamente o tipo de coisa que teria deixado minha avó chocada: fiz tudo sozinha. O hospital não era de jeito nenhum um hospital, pelo menos não segundo minha experiência com hospitais. Parecia mais um *campus* universitário charmoso na Nova Inglaterra, locado para filmar um longa sobre a faculdade. A sinalização era enlouquecedora de tão discreta, mas consegui encontrar o prédio da administração e disse à mulher da recepção, que não era a recepção de um hospital, mas a recepção de uma faculdade, que estava lá para ver Peter Duke. Era o tipo de lugar onde poetas e acadêmicos iam se desintoxicar e/ou trabalhar suas tendências suicidas. Deviam admitir atores em número suficiente para preencher uma cota, porque a mulher na recepção claramente não estranhava os famosos. O nome Peter Duke não a deixou nem um pouquinho nervosa, ela simplesmente abriu um arquivo e perguntou meu nome.

— Lara Kenison.

Mas enquanto ela percorria a lista com o dedo eu já sabia que não estaria ali. Duke teria esquecido ou mudado de ideia. Já tinha me dito que estava prestes a mudar de ideia. Ela chegou ao fim e depois voltou para verificar novamente.

— Sinto muito — disse ela.

Estava frio lá fora, e a luz já entrava oblíqua pelas janelas de vitrais. A viagem de ônibus fora longa e irritante e eu teria que fazer a mesma viagem de volta, quando estaria escuro demais para ler.

— Você não poderia ligar e perguntar se ele deseja me ver?

Ela balançou a cabeça.

— Há diversas regras sobre visitas.

Minha bolsa pesava no ombro, o exemplar de *Middlemarch* depositado no fundo feito um tijolo. Eu me perguntei se conseguiria voltar a pé até o ponto de ônibus e economizar a corrida do táxi. Estava prestando atenção. Não estava prestando atenção. Duke não tinha me levado ao hospital nem me visitado, nem me levado para casa. O irmão dele tinha feito tudo isso porque Duke estava muito ocupado com seu trabalho importante, além de estar bêbado, e o hospital ficava a quinze minutos de distância.

— Emily Webb — falei.

— Perdão?

A mulher na recepção me achava simpática. Eu sabia disso. Ser pequena às vezes ajuda.

— Emily Webb. É assim que apareço na listagem. Atuamos em *Nossa cidade*

juntos.

E, como era um hospital psiquiátrico e um centro de tratamento para os aristocratas e literatos nos arredores de Boston e não ficava tão longe de New Hampshire, ela não me disse que nessa vida as pessoas só têm uma chance. Conferiu a lista mais uma vez e fez uma marcação com o lápis.

— Senhorita Webb. Vamos precisar ver o conteúdo da sua bolsa.

Então ela me deu um mapa e disse que faria uma ligação para que soubessem que eu estava a caminho.

Duke estava instalado numa mansão imponente de tijolos com escadarias amplas e portas de carvalho. Mesmo com a gravidade da situação, não pude deixar de notar que os bordos que ladeavam a trilha estavam no auge. Só mesmo Duke poderia desmoronar no dia mais lindo do outono em Massachusetts. Ele me telefonou dois anos depois que parei de esperar pelo telefonema dele, mas eram tempos difíceis, e ele estava deprimido e eu estava lá.

Toquei a campainha da porta da frente, que estava trancada, e quando a voz no interfone perguntou meu nome respondi “Emily Webb”, em seguida a porta emitiu um clique e um zumbido e entrei. Só que aquilo não era exatamente o lado de dentro, eu estava em um aquário de dimensões humanas, um cercado de vidro grande o bastante para conter um. Observei pessoas desmazeladas e de olhos tristes vagando só de meias, fumando cigarros. Tentei abrir a porta de vidro à minha frente, mas estava trancada, e a porta atrás de mim também havia se trancado. Alguns internos ergueram a mão para acenar. A visão que eu representava não era nova para eles. Uma mulher com uma prancheta passou depressa e, quando dei batidinhas no vidro, ergueu um dedo.

— Um minuto — disse ela, ou pareceu dizer.

Não dava para ouvir direito. Esperei porque esperar era a única opção. Um homem de barba escura se inclinou para aproximar o rosto do meu e então abriu a boca. Virei as costas diante da visão da língua se contorcendo contra o vidro.

Isso nunca aconteceria comigo. Na verdade, acho que uma pessoa não pode dizer isso, mas eu disse mesmo assim. *Nunca vou ficar assim.* Achei o pensamento reconfortante.

Uns bons dez minutos se passaram antes que um membro da equipe chegasse com um segurança para liberar minha entrada. Minha bolsa foi revistada uma segunda vez e então conferiram meus bolsos e sapatos. Assinei o registro de visitas e fui levada para uma sala ampla cheia de sofás surrados e mesinhas. Era como uma daquelas velhas mansões lindas que são destruídas por anos de mau uso de uma fraternidade. Duke estava sentado no chão em um círculo de homens, e havia uma garrafa de dois litros de refrigerante diet de framboesa e gengibre no centro do grupo, com copinhos de papel ao redor. Da última vez que o vi, ele estava no palco, atuando em *Fool for Love*. Usava esporas. Ele disse: “Vou demorar só um segundinho. Vou dar uma olhada e já volto. Tudo bem?” Não quero estragar o fim da peça, mas ele não volta.

— O grilo chegou! — Ele acenou para mim, então deu tapinhas no carpete para que me sentasse ao lado dele. — Alex estava nos falando agora mesmo de um centro de reabilitação em Illinois onde encontrou um amigo em Jesus.

Alex não olhou para cima, mas assentiu. Continuei de pé.

— Escutamos as histórias uns dos outros — explicou Duke.

— Estou vendo — respondi.

Não sabia quanto tempo fazia que Duke estava lá, mas a aparência dele era melhor que a dos companheiros, o que provavelmente tinha mais a ver com o fato de ele ter chegado com uma aparência melhor. Era um famoso policial à paisana na televisão e eu era costureira, e muito provavelmente a maior imbecil já criada por Deus. Eu me perguntei se seria mais fácil sair daquele aquário do que havia sido entrar.

— Precisamos encerrar — disse ele, como se estivessem realizando uma cirurgia com os copinhos de papel.

— Trouxe um livro.

Fui até um lugar livre em um sofá do outro lado da sala.

— Ela sempre tem um livro — contou Duke aos amigos, e quando me virei a fim de olhar para ele vi que os homens no círculo observavam meu afastamento com tristeza, tragando os cigarros enquanto Alex retomava sua história de amor.

A sala estava enfumaçada e cheia de pessoas encurvadas nos cantos, tentando trocar frases sem serem ouvidas. Era o bar mais triste do mundo, onde não serviam bebida alcoólica e todos esperavam a conta para poderem acertar tudo e voltar para casa. Duas mulheres com pranchetas circulavam, fazendo perguntas e marcando as pessoas. Revistas estavam empilhadas em todas as superfícies, e peguei uma porque ninguém conseguiria comungar com George Eliot naquelas circunstâncias. A legenda abaixo da foto da famosa modelo na capa dizia que ela estava em busca de honestidade. Sob a única luminária de chão da sala, folheei as páginas que já haviam sido folheadas até virarem um veludo fininho: uma matéria sobre um ex-astro infantil que passava por tempos difíceis; uma matéria sobre uma cadela beagle que amamentou um esquilo órfão junto à própria ninhada de cachorrinhos; uma foto de Peter Duke no pier de Santa Monica, tomando um sorvete de casquinha e de mãos dadas com uma pessoa chamada Chelsea, identificada como esposa dele. A única fofoca que sabia sobre Duke, descobri quando estava no caixa do supermercado. Não comprava as revistas porque não me faziam bem, mas uma certa quantidade de informação entrava na minha consciência por osmose. Por algum motivo, Chelsea milagrosamente não tinha aparecido. Fechei a revista, fechei os olhos.

— Você podia ter sido mais simpática.

Duke se jogou a meu lado, pegando minha mão.

— Eu podia ter sido... — comecei, então fechei a boca, esmagada de repente pela consciência de que iria chorar.

Ele se inclinou e me beijou, errando minha boca por vários centímetros. Que fique claro que a última pessoa que havia me beijado com intenções

românticas fora aquele mesmo homem. Apesar das propostas diárias que recebia enquanto caminhava para as provas de figurino na Times Square, continuava sozinha.

— Fico contente que tenha vindo — sussurrou ele.

Eu não podia dizer que estava contente. Duke pareceu entender isso.

— Quer fumar?

Fiz que não. Perguntei como andava o casamento.

Ele tocou minha meia-calça com os dedos, por cima do joelho, com gentileza.

— O casamento não existe mais. Os advogados cuidaram disso, ou estão cuidando. — Ele inclinou a cabeça. — Cadê minha garota? Cadê minha aniversariante? — disse ele, baixinho.

De verdade, não achei que fosse sobreviver.

Ele me puxou do sofá.

— Vamos, vou mostrar o lugar para você. O *tour* completo de centavos.

Não tirou o braço do meu ombro, me pressionando contra o peito como se quisesse me manter segura. Voltamos para a área da recepção. Um homem que parecia o pai triste de alguém estava agora no aquário, e quando nossos olhares se encontraram, ele olhou para outro lado. Duke parou em frente a uma sala vazia com um círculo de cadeiras dobráveis amarelas e um enorme quadro-negro.

— É aqui que fazemos os encontros. Muitos e muitos encontros. E essa é a despensa de lanchinhos. — Ele apontou para um armário amplo. — Eles são muito generosos com os lanches, mas não podemos pegar um por conta própria. Temos que pedir, para que tudo fique devidamente inventariado e registrado. Quero um saco de salgadinhos Cheez-Its, por favor.

Ele me conduziu de volta pelo saguão até pararmos do lado de fora da porta aberta de um quarto grande e escuro, onde sete camas de solteiro estavam dispostas sem nenhuma ordem.

— É aqui que os anões dormem. Sou o Feliz, mas só em comparação com os outros seis. Não podemos entrar no quarto antes da hora de dormir. Não podemos colocar o pé ali. Dormir durante o dia não é indicado para quem sofre de depressão. Sabia disso? Também não podemos fechar a porta porque não tem porta.

Um grito veio do cômodo do qual a gente tinha acabado de sair e fiquei contente por não estar lá para ver de quem era.

— Este é o banheiro. — Ele apontou para uma porta branca. — Não tem tranca aqui também, mas as pessoas respeitam essa coisa de bater. Faça uma anotação mental disso.

Ele me conduziu num círculo lento de volta para a recepção.

— Você tem que ficar aqui? — perguntei, quando o que queria dizer era “Eu preciso ficar aqui?”.

Duke assentiu energicamente.

— Ah, sim, sim. Se não ficar, perco o emprego. Perco o contrato. Não vou

poder entrar no seguro, o que significa que o filme não pode começar, o que significa que não posso estar no filme. Vou ser astronauta. Já contei para você? Vou usar uma roupa branca enorme e uma bolha de vidro na cabeça, flutuando na escuridão. Cada dia parece um laboratório para isso. As pessoas começam a levar você a sério depois que se torna astronauta. Já notou isso? É um rito de passagem. Quer dizer que você realmente conseguiu algo.

— Nunca pensei nisso.

— Bom, você precisa voltar. Precisa voltar a campo. Tem muitos papéis bons para mulheres no espaço hoje em dia, mas vai precisar ser vista.

— Para mim já chega — falei, mas imagino que o alcance dessas quatro palavras se perdeu para ele.

Ele balançou a cabeça.

— Vi *Singularidade*.

— Viu?

Não conseguia imaginar isso.

— Você está muito linda, grilo, e com isso não quero simplesmente dizer que é bonita, o que você é. Você tem uma beleza real que se mostra na tela. *Pá*. Acho hipnotizante. Acho você hipnotizante.

Ele estava me puxando mais para perto, se segurando em mim como a uma boia. Era eu que o mantinha à tona.

— Vamos voltar e nos sentar no sofá — sugeriu ele, com a mesma voz baixa usada por todos os ocupantes da sala que não estavam gritando. — Em dois minutos, você vai se levantar e ir até o banheiro e eu vou ficar onde estou. Eles vêm checar o que estamos fazendo a cada quinze minutos. Está quase na hora. Assim que checarem o que estou fazendo, encontro você lá.

Olhei para Duke apavorada, mas ele ignorou. Obviamente era uma emoção cuja expressão perdia o impacto naquele lugar.

Ele apertou meu braço com suavidade.

— Faça isso por mim.

Havia urgência na voz dele. Então Duke voltou para a sala. Suponho que eu poderia ter me dirigido até a porta de vidro e batido nela com os punhos até alguém me deixar sair, mas fui ao banheiro e tirei a meia-calça. Pensei naquele primeiro dia, em que ele disse que iria me mostrar o lago, e então entrei no lago e nadei, cada vez mais para longe, até não conseguir ouvir mais ninguém.

Fiquei em pé de costas para a pia, para o espelho. Não havia recipiente com preservativos no banheiro. Aposto que nunca há nesses lugares. Para essa ocasião, contei com o método anticoncepcional preferido de todas as mulheres em tais circunstâncias: sorte. Funciona talvez na metade das vezes.

Um minuto depois, Duke entrou no banheiro e me levantou para me colocar sentada na pia. Estava de frente para o espelho. Eu não conseguia parar de pensar nisso. Ele estava olhando para si mesmo.

— Não foi lá tão divertido — disse ele, assim que terminou.

Beijou o topo da minha cabeça e depois se apressou para a próxima checagem, que seria feita dentro de quinze minutos. Eu me ajeitei o melhor

que pude e encontrei uma mulher com uma prancheta para me deixar sair do prédio.

A luz tinha mudado durante o tempo que passei lá dentro, e eu estava tentando me orientar, tentando abrir espaço na cabeça para os horários dos ônibus, mas minha cabeça continuava vagando até Duke, tentando fazer uma lista de pessoas para quem ele poderia ligar e que poderiam vir para a Nova Inglaterra numa noite fria de outono e transar com ele no banheiro destrancado de uma enfermaria trancada. Pallas? Que ideia sem sentido. Chelsea? Não a conhecia, mas por que viria se já havia advogados envolvidos? Tantas atrizes, maquiadoras e figurinistas para escolher, tantas fãs, e ainda assim eu era a única pessoa com quem ele podia contar cem por cento.

Minhas mãos tremiam e pensei que fosse por causa do frio, então vasculhei a bolsa à procura das luvas. Uma luz alaranjada espetacular refletida nas janelas do prédio à minha frente fazia o vidro parecer feito de chapas de cobre batidas. Um homem de macacão juntava as folhas com um ancinho e outro as punha num saco e colocava na traseira de um John Deere Gator estacionado ali perto. Quis abrir todos os sacos e despejá-las. Será que não sabiam que as folhas eram a parte boa? Fiquei ali, inspirando o ar cortante e esperando a sensação se dissipar para passar por eles sem falar nada. Outro homem se sentou num banco de parque do outro lado do gramado aberto e ficou me observando enquanto eu olhava para eles. Talvez ele tivesse privilégios. Então o homem se levantou e me lembro de ter observado que era muito alto.

— Lara? — perguntou ele.

Havia dois caminhos a seguir: sair correndo ou ir até ele, até os braços dele. Estava chorando quando caí nos braços dele.

Sebastian estava na lista de visitantes, mas cheguei lá primeiro, e um paciente só podia receber um visitante por vez. A noite estava fria e clara, e ele usava um casaco quente. O trânsito vindo de Boston, onde passava o mês, estava ruim, então decidi simplesmente se sentar e esperar para ver quem saía. Sebastian visitava o irmão todos os dias.

— Você quer entrar? — perguntei. Estávamos sentados no carro alugado dele no estacionamento. — Posso esperar.

Não era verdade, não podia esperar, mas podia ir embora enquanto ele estivesse lá dentro, e no fim das contas essa talvez fosse a melhor decisão a se tomar. Tinha parado de chorar e estava tentando me controlar a duras penas.

Sebastian fez que não com a cabeça.

— Estou com fome. Você está com fome?

Estava faminta. Ele dirigiu bastante: saiu da pequena cidade onde ficava o hospital e foi até a pequena cidade seguinte, como se estivéssemos nos livrando de tudo que era indesejado. Quando entramos no restaurante, um velho de camisa branca de manga curta e gravata preta sorriu ao nos ver. Ele pegou dois cardápios da prateleira e nos levou até um salão escuro.

— Tenho uma bela cabine nos fundos. Todos os jovens namorados querem uma mesa nos fundos — disse o homem.

Sebastian estava com a mão no meu ombro, mas então a afastou. Rimos como um casal de lunáticos, mas ficamos contentes com a cabine, contentes com a privacidade, contentes sobretudo por estarmos juntos em um restaurante italiano em uma cidade cujo nome eu não sabia.

— Um brinde à bebida.

Ele ergueu a taça de vinho para mim. O velho tinha sido rápido com o vinho. Ele o havia levado sem que pedíssemos.

— À bebida — falei, e encostei minha taça na dele.

Estava desesperada por uma bebida.

— Tem algo naquele lugar. Parece que absorvo o desejo de todo mundo por álcool e carrego isso comigo porta afora.

Bebi metade do que me fora servido e deixei o calor se espalhar pelo meu corpo. Nunca sentira tanto frio, nem mesmo em New Hampshire. Sebastian voltou a encher meu copo.

— A lista das coisas que sinto que não posso perguntar para você — falei, balançando a cabeça. — Nem saberia por onde começar.

— Vamos ver aonde consigo chegar sem você perguntar. Nunca voltei ao Tom Lake. Não vi a Pallas de novo, nunca mais tive notícias dela. O Duke e a Pallas, não sei quanto tempo durou. Sei que quando o Duke foi para Hollywood com uma passagem que seu amigo Ripley pagou, ela não foi junto. Assim que *Baluarte* foi filmado, Duke começou a se meter numas coisas. Andava de carona com policiais de verdade à noite e continuava fazendo amizade com os caras na parte de trás do carro, os criminosos. Duke queria que eu fosse visitar ele, mas eu estava dando aula e ainda estava... — Ele se deteve. — É muito difícil encontrar palavras para isso. Duke é meu irmão, e eu amo ele. Você acha que aquilo que machucou você vai machucar para sempre, mas não é assim.

Ele olhou o cardápio porque não conseguia mais olhar para mim. Acreditei que fosse meu verdadeiro amigo.

— Berinjela à parmegiana — sugeri.

Ele concordou.

— É boa.

— Como sabe que é boa?

— Este é o meu lugar. Sempre que vou para uma nova cidade, arranjo um lugar.

Painéis de madeira até a metade da parede, fotografias em preto e branco de Frank Sinatra, Robert De Niro e Jimmy Durante. O lugar dele.

— Você sente falta de dar aulas?

Ele não respondeu. A pequena vela ardia entre nós num globo de vidro vermelho irregular.

— Sabe no que eu vivo pensando?

Balanço a cabeça.

— Não importa.

— Importa, sim. — Ele pegou uma caixa de fósforos e bateu com ela na

mesa. — Estava na estrada de volta para casa fazia uma hora quando pensei em você sentada lá, esperando que eu te carregasse de volta escada acima.

— Eu dei um jeito.

Ele assentiu.

— Você era a inteligente do grupo.

Ah, Sebastian, se você soubesse, embora tenha estado lá desde o início. Talvez soubesse. Abri as mãos.

— Olha aonde isso me trouxe — comentei.

Tivemos a oportunidade de tornar as coisas muito piores, Sebastian e eu, e ninguém teria nos culpado, apenas Duke, e Duke nunca teria ficado sabendo. A chama daquela pequena vela permaneceu entre nós pelo resto da noite, mas, graças a um carinho sagrado que sentíamos um pelo outro, deixamos que se apagasse. Ele me levou de volta para Nova York, quatro horas de carro que foram meio caminho andado para consertar minha vida. Conteí da morte da minha avó e do meu período em New Hampshire, como ficara ali por tempo demais e me tornara vergonhosamente proficiente na máquina de monogramas. Falei de não ser mais atriz. Ele me falou de não jogar mais tênis, ou de não jogar mais tênis profissionalmente. Ainda gostava de jogar. E gostava da Califórnia. Disse que Ripley foi bom para ele. Estava colocando Sebastian para trabalhar em projetos que não tinham nada a ver com Duke.

— Está tentando garantir que eu fique por perto.

— Aposto que sim.

— Cara, ele já foi apaixonado por você.

— Duke?

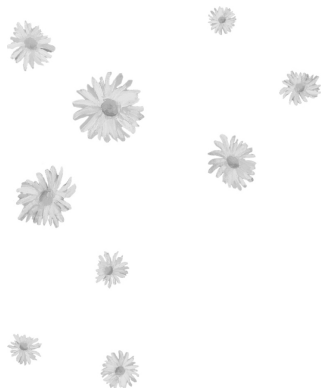
Sebastian me encarou, tirando os olhos da estrada só por alguns segundos.

— Perdão, não. Ripley.

Eu ri.

— Estou falando sério. Talvez não devesse ter dito nada. Ele me disse uma vez que estava esperando você crescer, sabe? Para não parecer tão esquisito.

Mas tudo era esquisito, tudo exceto eu e Sebastian no carro, com as luzes de Connecticut passando por nós. Tínhamos escolhido não tornar uma coisa difícil ainda mais difícil, o que tornou tudo um pouco mais fácil quando fiz as contas seis semanas depois e me dei conta de que minha sorte tinha terminado. Ainda tinha dinheiro suficiente na conta-poupança, que sobrou da época em que ganhei dinheiro de verdade. Não precisei telefonar para ninguém. Não tive que pedir permissão ou ajuda. Uma enfermeira ficou do meu lado e segurou minha mão, e posso dizer que não senti nada além de gratidão. Sempre haveria uma parte da história que não contaria a Joe nem às meninas. O que fiz foi algo só meu. Rasguei a página do calendário e a joguei fora.



21

Há sempre quatro ou cinco dias em que a colheita da última cereja doce se sobrepõe ao início da retirada das cerejas azedas, e é quando as coisas ficam tão caóticas que você não sabe onde pôs a própria cabeça. Os trabalhadores dos quais mantivemos distância neste verão, os trabalhadores que mantiveram distância de nós, se aproximam quando trazemos o vibrador de tronco mecânico gigantesco. Juntos, desenrolamos as lonas sob a árvore e depois acoplamos o vibrador de tronco. Dez violentos segundos depois, todas as cerejas estão no chão. As lonas são então enroladas, despejando as cerejas numa esteira comprida e móvel para que toda a operação possa avançar — desenrola, chacoalha, enrola —, árvore após árvore, hectare após hectare. Quando a esteira se enche, as cerejas seguem para um tanque imenso cheio de água. Subimos até o topo e usamos nossas velhas raquetes de tênis para tirar os galhos e as folhas que caíram. Não há conversa por causa do barulho, nenhum momento extra para se lembrar do passado ou examinar nossos sentimentos a respeito de qualquer coisa. Há trabalho, e só trabalho, e com muita ajuda conseguimos terminá-lo.

Lá pelo fim da primeira semana de agosto, depois de todas as variedades de cereja terem sido colhidas e enviadas para o processamento, passamos um dia no lago — eu, Joe, Emily, Benny, Maisie, Nell e Hazel — nadando um pouco, mas basicamente dormindo nas toalhas porque estamos muito cansados e no dia seguinte vai começar a poda. Temos seis semanas para terminar antes da temporada das maçãs e há um ano de manutenção na fazenda para fazer. Há um casamento a planejar.

É durante esse período de manutenção que Maisie sai do trabalho no fim da tarde e vai para casa com o propósito de participar de uma reunião por videoconferência com o orientador. Dez minutos depois ela volta, com um homem alto e grisalho ao lado.

— Mãe! — grita ela, e me viro em sua direção.

Seis semanas se passaram desde que Duke se afogou no mar Tirreno, quatro semanas desde que terminei de contar às meninas a história de quando o conheci. Não há visitantes no pomar, ninguém além das pessoas que trabalham com a gente, mas ao me aproximar vejo que é ele.

— Sebastian! — exclama Maisie, acenando animada.

Ela podia muito bem estar dando pulinhos de alegria. Consigo ver que Sebastian tem intenção de parecer acanhado, mas não está, está feliz, e vou direto para os braços dele.

Ele leva as mãos às laterais da minha cabeça e olha meu rosto. Estamos ambos muito mais velhos agora, e estamos vivos.

— Não pensei que você fosse estar por aqui — diz ele.

— Sempre estou aqui — falei.

Ele sorri.

— Conheci a Maisie.

— Ele estava no balanço da varanda — conta Maisie. — Sentado lá. Eu sabia exatamente quem ele era.

— Ela abriu a porta e disse “Sebastian Duke?”.

Olho para trás. Emily e Nell ficam paradas feito crianças tímidas. Apresento minhas meninas.

— Emily! Meu irmão costumava dizer: “Algum dia vou viver num pomar em Michigan e ter uma filha chamada Emily” — conta ele.

— Não é tudo isso que dizem — retruca ela, com as bochechas vermelhas.

— Sabiam que a mãe de vocês foi a maior Emily de todos os tempos? Seu pai foi um Diretor de Cena muito bom, mas essa aí não tinha concorrentes.

— Ele baseia essa opinião em duas Emilys — digo às meninas, porém estou grata, admito.

Sebastian faz que não com a cabeça.

— Tive uma vida inteira depois que conheci você. Não faz ideia de quantas atrizes eu vi.

— Ela devia ter continuado — comenta Nell. — A gente diz isso para ela o tempo todo.

— Parece que sua mãe se saiu muito bem — afirma Sebastian.

— Uma de vocês, vai buscar seu pai — peço a elas. — Avisem a ele sobre quem está aqui.

Mas miraculosamente todas vão, porque em certo sentido são mulheres crescidas que compreendem a situação.

Duke tinha 60 anos quando morreu, o que dá a Sebastian 61, o que me dá 57.

— Olho para você e consigo ver tudo de novo, você e o Duke em cima do palco, o tio Wallace. Você ainda é aquela garota — diz ele.

Balanço a cabeça.

— Sinto muito. Pensei em você todos os dias desde que fiquei sabendo, mas não fazia a mínima ideia de como te encontrar.

O que é verdade, mas também nunca me ocorreu tentar. Fazia muito tempo

que não nos víamos.

— Duke amava este lugar — continua Sebastian, olhando as árvores. — Vivia falando do dia em que todos viemos aqui e almoçamos com a tia e o tio do Joe. O lugar não mudou.

— Poderia listar todas as mudanças, mas você tem razão, essencialmente é a mesma fazenda.

— Você sabia que ele tentou comprar o lugar? Achei vários outros pomares ao longo dos anos, mas ele sempre recusava. Este era o lugar que ele queria.

Mesmo agora é uma ideia tão estranha, Duke colhendo cerejas na fazenda Nelson.

— Ele apareceu um dia num carro preto enorme. As meninas eram muito pequenas, na verdade Nell nem tinha nascido.

Sebastian assente, e compreendo que ele sabe todas as histórias que envolvem o irmão. Vê Joe e as meninas saindo do celeiro e acena, e então começamos a caminhar em direção à minha família.

Gerações de Nelson derrubaram as árvores, aplainaram as tábuas, arrancaram as raízes e as pedras enormes e plantaram o pomar. Cuidaram das cerejas e das maçãs, dos pêsegos e das peras. Não estavam dispostos a vender este lugar para ninguém. Ele ligou ao longo dos anos com ofertas e, depois de tantas recusas educadas, sugeriu um acordo: venderiam um lugar no cemitério? Só um lugarzinho debaixo do carvalho, pediu ele. Afinal, Duke seria cremado. De quanto espaço precisaria? Quem sabe só uma pequena lápide com o nome dele, mas talvez nem isso. A privacidade o atraía — isso, a lembrança e a vista. Duke disse a Maisie e a Ken que, se não pudesse viver aqui, pelo menos gostaria de ter o direito de morrer aqui. “Por que você está pensando nisso?”, perguntara a Maisie Grande. Ele era tão jovem! Mas ela gostava do seriado de televisão dele e, mesmo sabendo que aquilo não era real, havia muitas pessoas atirando em Duke e o empurrando para fora de carros em alta velocidade. Aquilo devia consumir um homem depois de um tempo, fazer com que pensasse na própria morte. O preço que ele ofereceu por um cantinho no cemitério se revelou superior ao lucro que Ken e Maisie haviam obtido nos cinco anos anteriores somados. O dinheiro os salvou. Duke os salvou, e nunca ficamos sabendo disso. O advogado foi até a casa com um cheque e um acordo de sigilo. Disseram que Duke gostaria de ir até lá passar um tempinho de vez em quando, se não se importassem, e é óbvio que não se importavam. Ficariam encantados com a visita, que ele ficasse para o jantar, dormisse no quarto de hóspedes. Era bem-vindo. Foi o que Duke disse a Sebastian. Os Nelson gostavam dele. Entretanto, depois que ele comprou uma parte do cemitério, não tiveram mais notícias dele, e Duke nunca mais veio visitar, exceto naquela vez.

Estamos todos sentados para o almoço enquanto Sebastian explica isso. Ponho a mesa com os pratos e os guardanapos bons.

— Nunca soube como conseguiram. Como apareceram com o dinheiro para dar o fora daqui — comenta Joe.

— Então ele vai ser enterrado no cemitério?

Emily está tentando encontrar um lugar para essa informação, mas não há nenhum.

Sebastian assente.

— Não havia muitos lugares onde ele se sentisse confortável.

Ken e Maisie estão aqui agora, as cinzas juntas sob uma única pedra. Sinto saudade deles. Sinto saudade sobretudo dos verões, quando Maisie vinha, as meninas ainda eram pequenas, e de como enchíamos uma mochila com sanduíches e subíamos até o cemitério para nos sentar e observar as nuvens ondeando no céu. Às vezes preferíamos passar a noite do lado de fora, em sacos de dormir, e acordar no meio da madrugada para ver as estrelas. Tento imaginar Duke aqui com Maisie e Ken, e então tento pensar se isso importa. Não importa, e isso não tem nada a ver comigo. Sempre teve a ver com a fazenda, com como ele imaginava que seria ficar aqui levando em conta apenas um único dia. Todos quisemos ficar: eu, Pallas, Sebastian, Duke e Joe. A diferença era que Joe era um Nelson, e ele trabalhou para se certificar de que sempre haveria outros Nelson, um Nelson ou outro, nesta terra. A diferença era que tive o bom senso de me casar com Joe.

— Duke não tinha filhos? — pergunta Nell a Sebastian. — Sinto que astros de cinema sempre têm filhos, sabe? Com todas aquelas esposas.

Sebastian faz que não com a cabeça.

— Ele se via como um risco.

— O que quer dizer? — pergunta Joe.

— Ele só pensava que seria melhor não estender a linhagem.

Emily está sentada ao lado de Sebastian à mesa.

— Todo mundo tem suas razões — diz ela.

Então Sebastian põe o braço em volta do ombro da minha filha, como se a conhecesse desde sempre.

— Sempre pensei o mesmo.

★ ★ ★

— Você já foi apaixonada por ele? — pergunta Joe naquela noite, quando estamos na cama.

Acomodamos Sebastian no quarto de Emily, na cama de solteiro sob o teto inclinado cheio de adesivos de planetas e estrelas. Ele planejava ficar em um hotel na cidade, tinha reservado um quarto, mas as meninas o venceram pelo cansaço. Era nosso por enquanto. Elas falaram isso para ele.

— Por Duke?

Joe dá uma risada, balança a cabeça.

— Sei que você foi apaixonada pelo Duke.

— Fui, e depois nem um pouco.

— O que não responde a minha pergunta.

— Se fui apaixonada pelo Sebastian?

— O irmão melhor.

O irmão melhor, de fato, mas eu era jovem, e isso foi anos antes de eu conseguir enxergar os méritos da gentileza.

— Não. Não fui. Estava apaixonada por você — respondo.

— Você não estava apaixonada por mim na época.

Joe me puxa para mais perto e coloco a cabeça no peito dele, descanso na velha camiseta azul que ele usa para dormir.

— Mas é o que sinto agora, em retrospecto. Hoje acho que sempre fui apaixonada por você.

Depois que Joe adormece, fico acordada pensando em Capri, no mar, no barco, em Duke e na lua refletida na água. É um lugar que nunca vi e ainda assim ele me vem com tanta nitidez, a luz, a escuridão e o mar calmo, e como ele salta da proa com os pés primeiro, reto feito uma faca, e como as centenas e os milhares de minúsculas bolhas rompem-lhe a pele, o cabelo flutuando. Ele se deixa afundar antes de começar a subir em direção à superfície, e então nada para longe do barco, para longe de mim e para longe de Sebastian. Penso em como deve ter sido difícil para ele não se virar, mas continuou nadando o máximo que conseguiu. Eu o deixo ir. Não que algum dia tenha sido meu, mas ainda assim o deixo ir.

Emily carrega uma pá e Benny, aquele gênio, traz uma escavadeira. Hazel acompanha. Sebastian carrega o que sobrou do irmão. Escolhe um ponto sob o carvalho vermelho e em seguida, juntos, preparamos um lugar para ele. As margaridas resistiram durante todo o verão, virando um emaranhado selvagem que cobre todos os túmulos. Sebastian vira o recipiente no buraco e então compacta a terra com as mãos. Joe pronuncia as falas a respeito da terra exaurida e de como a cada dezesseis horas todos nós temos que nos deitar e descansar. Depois disso, todos nós nos sentamos. Nell se senta a meu lado e em seguida se estica, com a cabeça no meu colo. Ficamos muito tempo no cemitério pensando em Duke, e depois começamos a falar de outras coisas, sobretudo do casamento. Emily e Benny prometem escolher um dia, talvez o primeiro do mês, porque assim sempre se lembrarão da data.

— Vocês vão se lembrar de qualquer jeito — diz Joe aos dois, e é verdade, pelo menos no que diz respeito a ele.

Joe nunca esquece. Nós nos casamos na casa que posteriormente se tornou nosso lar. Ken e Maisie eram unitaristas, e disseram que o pastor deles poderia vir no dia seguinte depois do almoço e que ficariam conosco, então nós aceitamos, e foi assim que enfim decidimos nos casar. Joe, a maior sorte da minha vida, nossas três filhas, esta fazenda, vejo tudo isso e me agarro a essas coisas enquanto posso, a mão na cabeça da Nell. Penso no tio Wallace segurando minha mão, e então em Duke de novo, com os longos cabelos penteados com gel e presos com grampos, esperando eu sair do palco para que a gente pudesse tirar os figurinos e nadar no escuro. Assim como o tio Wallace, Duke teve três esposas e, como o tio Wallace, no final não estava casado com nenhuma delas. Apesar de toda a glória, ele fica com a gente, com o vasto céu

azul e as nuvens brancas no alto, a linha das árvores que se estende em direção ao bosque escuro e, então, do outro lado, o lago. Podemos ver tudo daqui. Diria que nunca houve um dia tão lindo, mas falo isso o tempo todo. Consigo ver que Duke estava certo. Só precisava de um pouco de espaço. Há espaço aqui para todos nós, para mim, para Joe, para as nossas filhas, para os companheiros e filhos delas, porque esta é a questão com a juventude: você muda de ideia. Apesar de tudo que sabemos, ainda pode haver crianças vivendo nesta fazenda, e algum dia elas vão ser enterradas aqui conosco. Sebastian também pode vir. Vou me lembrar de dizer isso a ele depois. Joe vai dizer. Onde mais ele estaria no mundo senão com o irmão, aqui com a gente?

Sobre a autora



© Emily Dorio

ANN PATCHETT é autora de romances, obras de não ficção e livros infantis. Ela recebeu vários prêmios, incluindo o Prêmio PEN/Faulkner de Ficção, o Women's Prize de Ficção no Reino Unido e o Book Sense de Livro do Ano, além de ter sido finalista do Pulitzer com o romance *A casa holandesa*. Seu trabalho já foi traduzido para mais de trinta idiomas e a revista *Time* elegeu Patchett uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Ela mora em Nashville, Tennessee, onde é proprietária da livraria independente Parnassus Books.